



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Natália de Andrade Rocha

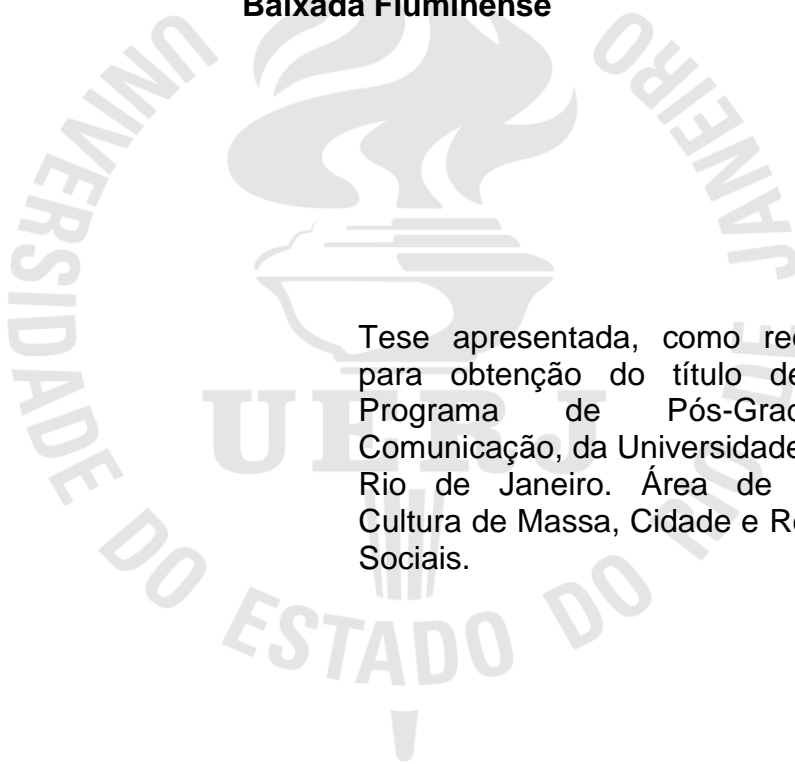
**Das vezes que fui à Lama: reflexões sobre comunicação e territorialidade na Baixada Fluminense**

Rio de Janeiro

2023

Natália de Andrade Rocha

**Das vezes que fui à Lama: reflexões sobre comunicação e territorialidade na  
Baixada Fluminense**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cultura de Massa, Cidade e Representações Sociais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Cíntia Sanmartin Fernandes

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

R672 Rocha, Natália de Andrade.  
Das vezes que fui à Lama: reflexões sobre comunicação e territorialidade na Baixada Fluminense/ Natália de Andrade Rocha. – 2019.  
234 f.

Orientadora: Cíntia Sanmar.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação.

1. Comunicação – Brasil – Teses. 2. Territorialidade humana — Teses. 3. Baixada Fluminense – Teses. I. Sanmar, Cíntia. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação. III. Título.

bs CDU 316.77

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

---

Assinatura

---

Data

Natália de Andrade Rocha

**Das vezes que fui à Lama: reflexões sobre comunicação e territorialidade na  
Baixada Fluminense**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cultura de Massa, Cidade e Representações Sociais.

Aprovada em 17 de junho de 2019.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Cíntia Sanmar (Orientadora)

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

---

Prof. Dr. Ricardo Ferreira Freitas

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Patrícia Rebello da Silva

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

---

Prof. Dr. Micael Maiolino Herschmann

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Ana Lúcia Enne

Universidade Federal Fluminense - UFF

Rio de Janeiro

2019

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus amados filhos, Catarine, Lucas e Caio. Eles são a minha força e inspiração.

## AGRADECIMENTOS

Gratidão é a palavra que define a minha experiência no doutorado. Foram quatro anos difíceis, marcados por mudanças a nível pessoal e profissional. Nestes anos, comecei a lecionar nos cursos superiores, aumentando a cada semestre o nível de trabalho e de responsabilidade. Eu separei, casei novamente e tive mais um filho. E, na intensidade das transformações, com todas as incertezas que elas trazem consigo, a vida acadêmica foi o meu refúgio. Uma sensação de preenchimento, prazer e renovação, como a que sentimos ao comer nossa comida predileta, me invadia a cada aula que eu participava, a cada autor que eu descobria, a cada interação com colegas e professores nos cafezinhos da UERJ. Aos professores do PPGCOM UERJ, Gratidão! Aos amigos caminhantes da saga acadêmica, principalmente aos que ouviram minhas lamúrias como Cláudia Domingues, Márcio Andrade e Patrícia da Glória, Gratidão!

Foram anos difíceis para a Educação também, e a UERJ sofreu com os cortes de bolsas, com a falta de pagamentos de funcionários, com os banheiros lotados de lixo, com a necessidade de brigar para que a vida, naquele espaço gerador de sonhos e construtor de realidades, continuasse a existir. Os professores foram fortes! Apesar da desmoralização, a cada dia maior, eles foram e são exemplos de resistência e amor à profissão. Foram muitas aulas em suas casas, nas ruas, nos bares para que a geração de conhecimento não cessasse. Aos professores, não só da UERJ, mas aos professores deste país, Gratidão! Às funcionárias da secretaria do PPGCOM, sempre solícitas nos meus “desesperos”, Gratidão! Aos funcionários terceirizados, que foram bravos na luta e solidário conosco, Gratidão!

Diante das nuvens cinzas que têm atormentado o nosso fazer acadêmico, o afeto e a solidariedade se apresentam como luzes, dissipando os medos. Na UERJ eu aprendi a andar por novos caminhos teóricos, mas também aprendi a abraçar a vida como forma de conhecimento. E aprendi que a humanização das relações de trabalho através do afeto, contribuem para formar uma pessoa inteira! Os nomes das minhas luzes: Prof. Dr. João Maia, que hoje não está neste mundo, mas cuja alegria e vivacidade continuam presentes em nossas vidas. Prof. Dr. Robson Braga, amigo afetuoso e debochado, que encarava as coisas com simplicidade. Prof. Dr. Ricardo Freitas, incentivador dos alunos naqueles momentos em que achamos que não tem

como “dar conta”. Profa. Dra. Cíntia Sanmartin Fernandes, exemplo de orientadora dedicada e amiga, que me ensinou a “viver com” e que confiou no meu potencial apesar das dificuldades que surgiram. Gratidão! Gratidão! Imensa Gratidão!

Compor uma banca para avaliar o trabalho não é uma tarefa fácil, sempre buscamos aquelas pessoas que podem contribuir com a discussão, intelectualmente e sensivelmente. Compor uma banca para falar de Baixada, de cultura popular, de imaginários e identificações na construção do território, numa perspectiva interdisciplinar é ainda mais complexo no meio do retrocesso intelectual que estamos vivendo. Agradeço aos que aceitaram com carinho o convite, pessoas que admiro e cuja opinião vale muito para esta pequena pesquisadora iniciante. Gratidão aos que me acompanharam desde o início Prof. Dr. Michael Herschmann, da UFRJ, e Prof. Dr. Ricardo Freitas, da UERJ. Gratidão às professoras que acolheram esta tese, Profa. Dra. Ana Lúcia Enne, da UFF e Profa. Dra. Patrícia Rebello da Silva, da UERJ.

Aos professores amigos que passaram pela minha vida e deixaram suas marcas de ternura e carinho, parte do que sou devo aos seus ensinamentos. Gratidão, Profa. Dra. Cláudia Pereira e Prof. Everardo Rocha, minhas aulas sempre têm um pouco de vocês! Gratidão também ao Prof. Dr. José Carlos Rodrigues, cujos escritos sempre me inspiram!

Buscar documentos e pesquisas sobre a Baixada Fluminense não é tarefa das mais fáceis! Gratidão, Adriano, pelas conversas sobre a Baixada e por me apresentar o RIMA - Repositório Institucional do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Gratidão, Malu, por me acolher, pelas dicas e pelos e-mails trocados. Gratidão, Profa. Dra. Lúcia Silva, por se dispor a me ajudar, pelos escritos sobre a história da Baixada, que me abriu o horizonte para pensar o território. Vocês foram fundamentais para a consistência desta pesquisa!

Amizades tornam a vida mais leve, os amigos nos ajudam a enxergar a luz no fim do túnel. Eu tenho a sorte de ter amigos que são colegas de trabalho, amigos que me abrigaram em suas casas para que eu tivesse um espaço para escrever, que me enviaram referências, que me incentivaram a não desistir. Gratidão aos meus amigos José Antônio, Leandro Souza, Alba Valéria, Luiz Fernando, Ana Lattanzi, Inês Azevedo e a todos meus companheiros das lutas diárias da Universidade Estácio de Sá e da Universidade Castelo Branco.

Aos meus alunos queridos, com os quais aprendo a ver a vida com outros olhos. Gratidão! Vocês são minha recompensa pelas noites sem dormir e finais de semana

sem curtir. Gratidão por ouvir minhas histórias tristes sobre o quanto estava sendo difícil escrever, por perguntarem diariamente e torcerem comigo para eu terminar. Thiago Accacio e Jéssica Pontes, a presença de vocês nas ruas comigo foi fundamental para a pesquisa. Gratidão pelas risadas compartilhadas, pelos olhares curiosos, pelos comentários interessados. Igor Lima, gratidão pela linda capa!

A todos os que se dispuseram a compartilhar seus sentimentos e opiniões na Rua da Lama, Gratidão! Vocês me revelaram um pouco mais sobre esta terra que eu amo! Gratidão por me acolherem na Lama, a generosidade de vocês me deixou à vontade para continuar. Gratidão pelas conversas intermináveis e entrevistas concedidas!

Gratidão à minha família linda, que me lembra todos os dias que o amor é a força capaz de transformar o mundo! Idileide Nogueira, Imileide Nogueira, Janete Nogueira, gratidão pelo acolhimento, cafezinhos, comidinha gostosa nos dias em que me refugiei aí para escrever. Gratidão minha irmã, Nielle Rocha, pela preocupação e amor a mim direcionados. E minhas meninas, Julinha e Aninha, pelos abraços e sorrisos! Gratidão tia Mere e tio Cláudio, na ausência de minha vózinha Laurita e minha mãe super guerreira, Clarice, que papai do céu levou, vocês me fortaleceram! Gratidão à minha sogra Marcia, pelos finais de semana me ajudando a cuidar dos meus para que eu pudesse escrever. Gratidão meu amor, Michel Silva, por cuidar de mim e me amar como eu sou! Gratidão filhinhos: Catarine, Lucas e Caio, vocês são tudo para mim, desculpa pelas ausências! Amo vocês!



— O meu ideal seria uma música, cujo maior fascínio consistisse na ignorância do bem e do mal, uma música, trêmula como nostalgia de marujo. Como qualquer sombra dourada, por qualquer lembrança terna, uma arte que absorvesse em si mesma, de uma grande distância, todas as cores de um mundo moral que declina, de um mundo tornado quase incompreensível e que fosse hospitaleira e profunda o bastante para acolher em si os fugitivos tardios.

*Friedrich Nietzsche*

O que faz sobressair bem a erótica social é que por trás da razão chicaneira existe uma força instintual: o poder da vida.

*Michel Maffesoli*

## RESUMO

ROCHA, Natália de Andrade. **Das vezes que fui à Lama**: Reflexões sobre comunicação e territorialidade na Baixada Fluminense. 2019. 234f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

A Baixada Fluminense abriga 1/3 dos moradores do Estado do Rio de Janeiro, mas é conhecida como uma região periférica, cidade-dormitório. Por muito tempo, a região carregou o estigma de ser um território violento e carente. E, embora a partir dos anos 90, sua imagem tenha sido remodelada para ganhar o *status* de consumidora, não foi possível desconstruir as marcas deste estigma. Mas a Baixada é muito mais, é local de celebração, de festa, de encontros e desencontros cotidianos que ajudam a construir o território. Por isso, esta tese se dedica a discutir a construção identitária do território, através do imaginário criado pela mídia, pela história e pelas práticas cotidianas de grupos e atores que dele fazem uso. O *lócus* de análise foi a Rua da Lama, em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense! Alguns afirmam ser a Lapa da Baixada, outros afirmam estar muito aquém de uma Lapa. A Rua da Lama não é um território reconhecido oficialmente, não há uma Rua da Lama nos registros da Prefeitura. Este é o apelido de um trecho da Rua Luís Sobral, que compõe uma região cheia de bares e casas noturnas bem no coração de Nova Iguaçu, no lugar onde a Baixada nasceu. Não há um consenso sobre a origem do nome, mas todas as indicações levam a perceber a polissemia que envolve a construção de um território. Lugar da perdição, da violência, do povão, da diversão! A Lama é tudo, sujeira e remédio! À Baixada violenta e carente, acrescenta-se a Baixada que também é mistura de gostos, costumes, cores e sons. A pesquisa foi realizada misturando técnicas etnográficas de observação e entrevistas com os diversos atores do local, e a cartografia sensível, através da deambulação do pesquisador no local.

**Palavras-chave:** Comunicação. Territorialidade. Baixada Fluminense. Nova Iguaçu. Rua da Lama.

## ABSTRACT

ROCHA, Natália de Andrade. **About times I went to Mud Street**: Reflections on communication and territoriality in the Baixada Fluminense. 2019. 234f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

One-third of the residents of the State of Rio de Janeiro live in the Baixada Fluminense. However, the region is seen as a peripheral one. For a long time, the region has carried the stigma of being a violent and needy territory. And although from the 90's, its image has been remodeled to get consumer status, but it has not been possible to deconstruct the stigma' marks. The Baixada is much more of a peripheral region. It's place of parties, of meetings and daily clashes that build of a territory. This thesis discusses the identity construction of the territory through the social imaginary created by the media, by history and by daily practices of groups and actors. The locus of analysis was Rua da Lama, in Nova Iguaçu, Baixada Fluminense! Some people say to be the Baixada's Lapa, others people claim to be far behind one. The Mud Street isn't an officially recognized territory, there's no street with this name in the records of the City Hall. This is the nickname of a Luís Sobral Street, in the region full of bars and nightclubs right in the heart of Nova Iguaçu, in the place where the Baixada was born. There's no consensus about the name's origin, but all the indications lead us to perceive the polysemy that involves the construction of a territory. Place of perdition, of violence, of common people, of fun! The Mud is everything, dirt, and medicine! More than violent and poor the Baixada is also a mixture of styles, customs, colors and sounds. This research was carried out by mixing ethnographic techniques of observation and interviews with the different actors of the place and the cartography sensitive through the ambulation of the researcher in the place.

**Keywords:** Communication. Territoriality. Baixada Fluminense. Nova Iguaçu. Mud Street.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Mapa do Município de Iguassu em 1840 .....	93
<b>Figura 2:</b> Grande Iguassu de 1840 a 1940 .....	94
<b>Figura 3:</b> Baixada Fluminense “histórica” .....	112
<b>Figura 4:</b> Região Metropolitana do Rio de Janeiro 2019 .....	114
<b>Figura 5:</b> Capa do Facebook do Cineclub de Buraco do Getúlio .....	142
<b>Figura 6:</b> Sarau Poetas Compulsivos no Buteco da Juliana em N. Iguazu ..	152
<b>Figuras 7:</b> Rua da Lama vista de cima .....	157
<b>Figuras 8:</b> Rua da Lama .....	158
<b>Figuras 9:</b> Folheto Arubar .....	159
<b>Figura 10:</b> Pracinha .....	174
<b>Figura 11:</b> SiteClub .....	184
<b>Figura 12:</b> “Segunda sem Lei”, Pão e Pizza Matriz .....	186
<b>Figura 13:</b> Fractal Music Beer.....	192
<b>Figura 14:</b> Rei da Picanha .....	198
<b>Figura 15:</b> Bar da Bárbara .....	199
<b>Figura 16:</b> Churrasquinho do Jorge .....	202
<b>Figura 17:</b> Rua da Lama, a lama mesmo .....	203
<b>Figura 18:</b> Luis Sobral, “parte de cima”, de manhã .....	215

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Evolução da população da Grande Iguaçu 1779-1940 .....	97
--	----

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
1	<b>RUAS QUE COMUNICAM</b> .....	22
1.1	<b>Eu faço a rua ou a rua me faz?</b> .....	24
1.2	<b>O que São João me disse</b> .....	43
1.3	<b>No limiar das identificações</b> .....	64
2	<b>IGUASSU, TÚ ÉS BAIXADA?!</b> .....	87
2.1	<b>Um lugar chamado Maxambomba</b> .....	91
2.2	<b>A Baixada Polissêmica</b> .....	109
2.3	<b>A Baixada Cultural</b> .....	135
3	<b>DAS VEZES QUE FUI À LAMA</b> .....	153
3.1	<b>Relatos de um encontro</b> .....	154
3.1.1	<u>A primeira vez que fui à Lama</u> .....	156
3.1.2	<u>Mais uma vez na “Rua da Lama”</u> .....	160
3.1.3	<u>A terceira vez que vou à Lama</u> .....	164
3.2	<b>Afundando o pé na Lama</b> .....	170
3.2.1	<u>O “pica” do bairro e a boate gay</u> .....	172
3.2.2	<u>Entre a ordem e a desordem</u> .....	185
3.2.3	<u>Amanhecendo na Lama</u> .....	195
3.3	<b>A Baixada da Lama</b> .....	208
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	218
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	224

## INTRODUÇÃO

Este corpo de lama que tu vê, é apenas a imagem que sou.  
 Este corpo de lama que tu vê, é apenas a imagem que é tu.  
 Que o sol não segue os pensamentos, mas a chuva mude os sentimentos.  
 Se o asfalto é meu amigo eu caminho, como aquele grupo de caranguejos,  
 ouvindo a música dos trovões

*Corpo de Lama, Chico Science*

Às margens da Rodovia Presidente Dutra, em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense<sup>1</sup> do Rio de Janeiro, num bairro habitado por nordestinos imigrantes, há um lugar de festa e diversão para o povão que habita esta região rebaixada à periferia, por vezes ignorada pelo poder público, estigmatizado pela violência. Este lugar é chamado de Rua da Lama, considerado a “Lapa da Baixada” por alguns, um lugar de “perdição” para outros, o mais comum mesmo é ouvir dizer que é o lugar do “povão”. Nova Iguaçu, assim como outros municípios da Baixada, possuem muitos locais de festa e diversão, mas este é emblemático. Ele fica no coração de onde nasceu a “nova” Iguaçu, conta a história da proletarização do espaço, dos conflitos urbanos-rurais, das resistências, da cultura, auxiliando a desvendar este território ainda pouco explorado. Precisamos falar da Lama, com sua complexidade de um multiterritório de cores, sons, sabores, sensações, afetos e simbolismos.

Para Maffesoli (2008), com a saturação dos valores modernos, ressurgem na cena social os arcaísmos, estabelecendo novas maneiras de ser e estar no mundo. Valores arcaicos integrados às novas tecnologias - o tribalismo, a animalidade, o hedonismo existencial, o presenteísmo, o nomadismo - transbordam na política, na economia, no mundo do trabalho, na cultura, na vida. O espaço, esse espaço concreto, que é mistura de corpo e terra, volta a ganhar soberania sobre o tempo. Se o tempo abstrato, linear, tudo ordena e leva a um fim, o tempo subordinado ao espaço é o tempo sentido, é o “instante eterno”. As tribos existem em seus espaços, ainda que transitórios e os espaços comportam múltiplos territórios.

Entender um território é entender as múltiplas relações e materialidades que o atravessa (SANTOS, 2006). A identidade atribuída a um lugar - sempre tendo em mente que ela não é fixa - é constituída a partir das leituras que fazemos de tudo o que nos é apresentado sobre ele. Neste ponto, a comunicação é fundamental, pois

---

<sup>1</sup> A definição geográfica da Baixada Fluminense será discutida no capítulo 2.

cria o território simbólico a partir da construção de um conjunto de imagens tomadas do imaginário coletivo. O que sabemos de um território, o modo como o entendemos e o utilizamos, é fruto de uma mistura de tudo o que ouvimos, vemos e sentimos sobre ele. O que produzimos de comunicação sobre um território é ancorado nas materialidades, nas experiências e nos imaginários. Quanto menos envolvido o corpo, mais damos margens aos recortes do imaginário sobre o “outro”, distante do vivido.

A Baixada Fluminense, outrora Recôncavo da Guanabara, foi significada e ressignificada conforme os projetos políticos e econômicos que remodelavam o território, material e simbólico, para alcançar a modernização do espaço. De território de passagem, paraíso dos laranjais, sertão sem lei à terra de oportunidades, sua imagem foi sendo criada pelas autoridades que inscreviam sua história nas cartas e documentos oficiais, e pela imprensa que, corroborando com os projetos socioeconômicos, disseminavam a violência, as carências e as possibilidades da região. Todavia, como todo o território resiste ao projeto, a Baixada é muito mais do que aquilo que se apresenta. A Baixada é composta de multiterritórios que se interpõem. A Baixada é polissêmica (ENNE, 2002). Seu rebaixamento à condição de periferia do Rio de Janeiro, veio acompanhada da história de seu “repovoamento” pelos pobres proletários, imigrantes nordestinos, que se instalaram nos lotes dos antigos laranjais e nas margens de suas rodovias e linhas férreas na década de 60.

Se hoje conhecemos uma imagem melhor da Baixada, é porque, a partir da década de 90, a imagem deste “outro” nordestino imigrante que vivia em um local pobre e violento foi trocada pela imagem do consumidor numa terra de possibilidades para o investimento empresarial. A propagação da imagem da Baixada consumidora aumenta em 2008, quando a Fundação Getúlio Vargas - FGV, criou a categoria social “nova classe média” - NCM. A existência social destas pessoas e do território como terra das possibilidades passa pelo potencial de consumo. Consumo hedonista, exagerado, de massa. A FGV criou a NCM com base em um critério puramente econômico, correspondendo ao modo como as classes sociais são definidas no país<sup>2</sup>. Mas, tal fato gerou ampla repercussão no jornalismo televisivo e impresso, o primeiro celebrando o consumo e o segundo evidenciando as “carências” da “nova classe média brasileira”. Observando analiticamente, o que se percebe é uma tentativa de

---

<sup>2</sup>Sobre o Critério de Classificação econômica Brasil, consultar: ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa <<[http:// www.abep.org](http://www.abep.org)>>



enquadramento, de definir quem somos “nós” e quem são “eles”, que ultrapassa a questão econômica para entrar no terreno dos comportamentos e valores.

Essa reverberação motivou academicamente novo debate sobre a questão das classes sociais, buscando compreender quais hierarquias se impõem além dos ganhos materiais. Marx, Bourdieu, Weber figuram na lista dos mais citados neste esforço de reposicionar as classes sociais no Brasil. Todavia, um pequeno estudo qualitativo revelou que a definição em termos de classe não foi suficiente para abranger os laços sociais que nos une na contemporaneidade. Na pesquisa realizada em Nilópolis, na Baixada Fluminense<sup>3</sup>, com um grupo de pessoas que se enquadrariam na nova categoria foi possível observar a dificuldade em responder as perguntas: Quantas classes sociais existem no Brasil? A qual classe social você pertence? (ROCHA N, 2013)

Estas entrevistas revelaram que há uma diferenciação reconhecida entre ricos e pobres, sendo “rico” aquele que “gasta sem preocupação” e “pobre” aquele que “tem que fazer contas”. Junto a estas classificações são acionadas imagens da frieza dos ricos em um ambiente cheio de arrogância, ganância e toda sorte de sentimentos aliados ao individualismo, contraposto ao calor do viver gregário e afetivo dos pobres. E para reforçar a importância da ligação com o grupo, para os entrevistados, “ser alguém na vida” está além dos ganhos econômicos, mas possui relação com o lugar afetivo da pessoa no grupo, com o reconhecimento pelos favores prestados, pelas qualidades pessoais, pela abertura à solidariedade, pelo estar junto, conforme demonstra o depoimento abaixo:

É ser uma pessoa melhor, dar o seu melhor para o outro, é você fazer o outro feliz, muitas das vezes você esquecer um pouco de você mesmo olhar em sua volta e tentar ajudar o outro, o seu próximo, isso para mim é ser alguém, alguém melhor, alguém que ajuda, que se doa. (ROCHA N, 2013, p.87)

Estas imagens, que na prática social apresentam uma série de contradições, permitem identificações que são forjadas diariamente nos atos comunicativos que os atores desempenham na cidade. Moderna e arcaica, conservadora e liberal, violenta e celebrativa, carente e luxuosa, assim é a Baixada Fluminense e seu povo.

---

<sup>3</sup>De acordo com a CEPERJ - Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro, sob o enfoque político-institucional a Região da Baixada Fluminense é composta pelos municípios de Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica

São estes tensionamentos de contradições construídas – ter dinheiro ou ter amigos verdadeiros – possibilitados por uma razão que opera além das dicotomias e engloba uma dimensão sensível que possibilita o nascimento de novas formas a partir dos fragmentos do caos ilimitado que configura nosso tempo (MAFFESOLI, 1998). Para entender o imaginário, que permite a formação de imagens sobre um território e seu povo, compreendendo na prática quais ligações são operadas nas identificações, faz-se necessário ver de perto, realizar uma cartografia afetiva, que permita acessar a cultura em seu aspecto mais interessante, quando acontecem as apropriações, em que se tecem os códigos, os imaginários e as representações.

É no enfiamento do cotidiano que percebemos o momento em que a comunicação cumpre seu papel fundamental de ligar, ou religar o indivíduo à sociedade e ao mundo (FERNANDES, 2008). É este o momento de construção, de desconstrução e reconstrução das imagens que perpassam a vida social e servem para nos identificar e intermediar as relações que estabelecemos com o “outro”, com o macro e o microcosmo. Esta aproximação sugere um movimento contrário ao pensamento do “sempre fora assim”, que procura legitimar fatos socioculturais marcados no tempo pela sua generalização através da história. Conforme demonstra Homi Bhabha (1998), é preciso contestar as “grandes narrativas” através das pequenas e contraditórias “contra-narrativas” das minorias.

Embora a *polifonia* (BAKHTIN, 2002) de nossa sociedade exija este tipo de abertura, do olhar livre de pré-conceitos, ainda é uma prática diária comum na mídia o discurso monolítico, conforme aconteceu com a “nova classe média brasileira”. Resumindo em quatro palavras, esta categoria generalizante foi reduzida aos adjetivos: exagerados, extravagantes, hedonistas e consumistas. Uma *Pobreza da Moralidade* evocada por Miller (2004) traçando um paralelo com a *Pobreza da Teoria* de Thompson (1978), ambas fundamentadas pela falta de um mergulho no mundo capaz de abrir o pensamento a novas formas.

Porém, não obstante o estudo do cotidiano tenha entrado na ordem do dia das pesquisas sociais, as universidades continuam repletas de amantes das teorias generalizantes, que relegam o cotidiano a uma instância de baixo valor para a reflexão do social. Como afirmou a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009), é preciso escapar do “perigo de uma história única”. O imaginário social produzido pela modernidade foi saturado e não compreende o politeísmo de valores que nos envolve

(MAFFESOLI, 1998). É pela interação e suas contradições que se compreende o social.

Por muito tempo, a Baixada Fluminense carregou o estigma da violência e da carência, e, embora outras possibilidades tenham surgido a partir da imagem da Baixada “consumidora”, não foi possível desconstruir tais marcas (ENNE, 2002). Considerada região periférica e cidade-dormitório, a Baixada contraria sua imagem através dos grupos que viram a noite no bar da esquina, das festas que tomam as ruas a partir dos pátios das Igrejas, do som alto nos churrascos que acontecem nas lajes e nas calçadas. A Baixada é um lugar de celebração, o que para uns é periferia para outros é o centro. Muitos nem saem da região, ali moram, trabalham e se divertem. A noite na Baixada também é repleta de pontos de luz, lugares que são perdição e remédio.

É o caso da Rua da Lama, protagonista desta tese. Numa pesquisa prévia, constatei tratar-se de uma espécie de Lapa da Baixada, ponto de encontro noturno de diversas tribos, gostos e estilos. Concentrando pessoas de cidades vizinhas, é um espaço de celebração, de fuga da rotina de trabalho, de confirmação da pertença, de negociação das identidades e de composição da cultura. Um lugar onde, em torno da música, da dança, da comida, é possível observar seus moradores em momentos de lazer e sociabilidade. É, portanto, um objeto de pesquisa que possibilita investigar as identificações, as representações e o imaginário social que compõem este território marginalizado.

Esta tese é, portanto, motivada pelo desejo de compreender a constituição do território a partir do cotidiano, levando em consideração a composição das dinâmicas identitárias contemporâneas. Para tal, busquei um olhar que não utilizasse enquadramentos binários e predeterminados, mas que entendesse como a alteridade se forja na socialidade (MAFFESOLI, 1998). E que compreendesse a composição do território através das imagens partilhadas e dos usos que dele se faz no cotidiano. A Baixada Fluminense possui mais de 3,5 milhões de habitantes, correspondendo a 22,84% da população do Estado do Rio de Janeiro (SEBRAE, 2015). Apesar de ser um território grande, populoso, e importante para o Estado, faltam pesquisas que o explorem em todos os sentidos.

A pesquisa, portanto, buscou romper com a dicotomia centro/periferia, quebrando o paradigma da Baixada como uma região periférica. A pretensão da pesquisa foi a de desmistificar o território baixadense como um espaço vazio,

destinado à violência, resgatando sua memória cultural, incentivando a realização de novas pesquisas e a criação de projetos que privilegiem os modos de sociabilidade de seus moradores. Em suma, a tese possui caráter interdisciplinar, destina-se prioritariamente aos leitores da área de comunicação, mas seu objeto traz contribuições relevantes às demais áreas das ciências sociais e humanas.

O objetivo deste trabalho é investigar as identificações, as representações e o imaginário social que compõem o universo de moradores da Baixada Fluminense, através da observação dos processos comunicativos que envolvem as práticas de socialidade na Rua da Lama, em Nova Iguaçu. Nova Iguaçu pode ser considerado o coração da Baixada, uma vez que, historicamente, é da Velha Iguassu que se derivam os municípios da Baixada geopolítica (SILVA L, 2013). A Rua da Lama é emblemática, pois situada às margens da Rodovia Presidente Dutra no sentido Rio-São Paulo, num bairro habitado por nordestinos imigrantes, lugar de diversão do “povão” que reúne público de toda a Baixada e de outras regiões.

A hipótese 1 desta pesquisa é que a identidade atribuída à Baixada Fluminense é fruto de projetos políticos e econômicos, ratificados pelas imagens disseminadas pela mídia, e, das histórias contadas por memorialistas, acadêmicos e grupos socioculturais que atuam no território. A hipótese 2 é a de que “Altos Lugares” como a Rua da Lama, em Nova Iguaçu, são importantes *lócus* de pesquisa para entender a formação identitária do território, por revelar as contradições encobertas pelas narrativas e projetos que constroem o espaço moderno abstrato. Entramos pelas janelas para observar o território em uso.

E, por fim, a hipótese 3 é a de que desconstruir o estereótipo de um território requer o engendramento de forças políticas, econômicas, acadêmicas e socioculturais para a formação de novas significações e simbolismos, como o que acontece na constituição de cidades criativas que ressignificam o território a partir da música, da gastronomia, da festa. Todavia, faltam estudos e iniciativas na Baixada que sejam capazes de romper com o estigma da região.

A metodologia utilizada foi o levantamento bibliográfico e documental sobre a Baixada Fluminense, concomitante à pesquisa de campo na Rua da Lama, misturando elementos da etnografia e da cartografia sensível<sup>4</sup>, a fim de observar as dinâmicas de

---

<sup>4</sup> Explicação da mistura dos métodos no subcapítulo 1.3.

uso do território e as identidades e imaginários acionados para identificação da região e de seus moradores.

A coleta de dados no campo se deu em dois momentos: O primeiro momento foi de imersão cultural através da observação participante e de conversas informais com o público que frequenta o território. Durante este período, foi realizada a ambientação do pesquisador no local, para o reconhecimento das materialidades do espaço e do perfil do público que o compõe. Após essa imersão inicial, para aprofundamento dos usos do espaço, foram realizadas entrevistas com moradores, comerciantes, artistas e frequentadores e a experimentação do espaço pela deambulação, cartografando com o corpo cada pedaço, seguindo o ritmo da noite.

Nem todas as entrevistas puderam ser gravadas, pois alguns moradores permitiram apenas as anotações no diário de campo. Foram gravadas as entrevistas com informantes dos estabelecimentos *Fractal Music Beer, Pão e Pizza Matriz e Churrasquinho do Jorge* e as entrevistas de três moradores antigos da região. A escolha dos entrevistados se deu através da própria imersão, seguindo o método “bola de neve”<sup>5</sup>. A base para as entrevistas foi um roteiro semiestruturado com as questões norteadoras do estudo, mas, tendo como premissa a interferência mínima do pesquisador.

Após a investigação dos modos de partilha do espaço a partir da observação, dos discursos e da experimentação, foi realizada uma descrição detalhada<sup>6</sup> desta experiência, tendo como base o que é observado na aparência, interpretada com base nas formas de organização intrínseca do espaço e das referências contextuais da história, da memória e das imagens disseminadas sobre a Baixada Fluminense. A produção textual, longe de querer reter nas letras a complexidade do território, se coloca na perspectiva do “raciovitalismo”, tal como apresentado por Maffesoli (1998), englobando as incertezas e contradições da condição humana, razão e sentimento.

Maffesoli (2014), Fernandes (2012; 2015), Lefebvre (2006) e Santos (2006) foram fundamentais para pensar o entrelaçamento entre os corpos e o espaço na constituição do território. A Baixada tem valor, porque há um comum que é partilhado, que gera a identidade do local e das pessoas que dele participam. Por isso, a necessidade de aproximação com o território, uma vez que o comum partilhado só pode ser compreendido com um olhar desprovido de preconceitos. Só assim para

---

<sup>5</sup> No qual o primeiro entrevistado indica o outro

<sup>6</sup> Capítulo 3.

entender o consumo da cerveja, do *funk*, do pagode, do churrasquinho... para entender o sentido do local, da dança, das andanças, do barulho. Enfim, para entender a importância da festa e das desordens que ela provoca nas construções e reconstruções do sujeito e do espaço que ele habita.

O capítulo 1, “Ruas que comunicam” faz uma reflexão sobre a construção social dos territórios, numa perspectiva transdisciplinar entre a Comunicação e a Geografia Humana. Trabalha o conceito de territorialidade, ou seja, como a identidade do território é gerada pela inter-relação entre os fluxos e fixos que o compõe. Dedicava uma parte a falar da função da festa, ou dos momentos festivos, como espaços diferenciais dentro do espaço moderno, proporcionando a religação dos corpos pela força dos arcaísmos pós-modernos. Também reflete sobre o conceito de cultura, sobretudo cultura popular, entendendo que é uma categoria sempre acionada quando se fala em Baixada Fluminense. Por fim, aborda a necessidade de ultrapassar os dualismos modernos ao pensar a identidade e a importância da etnografia e cartografia neste processo.

No capítulo 2, “Iguassu, tú és Baixada?!”, é retratado um breve histórico sobre a origem de Nova Iguaçu e as diversas transformações que viveu, do Brasil colônia ao século XXI. Aborda as fragmentações do território, através dos processos de emancipação que criou parte dos municípios que compõe a Baixada Fluminense. Objetiva também revelar as várias faces da Baixada Fluminense, polissêmica como diz Enne (2002): a baixada geográfica, histórica, imaginada e cultural.

A multiterritorialidade da Baixada é demonstrada pela contextualização através de estudos que demonstram a violência e as carências que marcam a história da Baixada; a face da Baixada “Classe C”, repleta de consumidores que necessitam de atenção; as iniciativas em prol do amor ao território; a busca de resgate da história da região por memorialistas e acadêmicos; a luta dos movimentos culturais engajados, por melhores imagens da Baixada; a importância do líder marginal para a resolução de problemas.

O Capítulo 3, “Das vezes que fui à Lama”, apresenta os relatos das incursões na Rua da Lama, contando com detalhes a experiência da pesquisadora no espaço. A primeira parte corresponde ao período de imersão, na qual são mapeados os bares que constituem o espaço e a observação dos corpos, das músicas, das comidas, das bebidas, das roupas e dos diversos públicos. A segunda parte discorre sobre o aprofundamento nos modos de uso do território, identificando espaços prescritos e

interditos, fluxos de movimentação entre os bares, estratégias utilizadas pelos comerciantes e a relação dos diversos públicos com o espaço. A terceira e última parte discute sobre a constituição da identidade do território, a partir das memórias e imagens da Lama, refletindo sobre a necessidade de criação de novas materialidades e símbolos que reforcem a importância desta Lapa da Baixada.

## 1. RUAS QUE COMUNICAM

Oh! Sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, epiléticas, esnobes, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue.

*João do Rio*

Sou nascida e criada em Nilópolis<sup>7</sup>, na Baixada Fluminense. Passei minha infância nas ruas do bairro, brincando de bola, pulando muros de casas abandonadas, conversando por horas com amigos na esquina. Aliás, a esquina era um problema! Minha melhor amiga morava numa rua perpendicular à minha, então a esquina era o melhor ponto de encontro para colocar o papo em dia enquanto olhávamos a vida acontecer nas ruas: brigas de vizinhos, “puladas de cerca”, pessoas carregando água, criança correndo, carros passando. Lembro que minha mãe sempre ficava muito brava por eu ficar na esquina porque era um lugar “carregado” de energias negativas.

As esquinas são repletas de simbolismos, é lá que os caminhos se cruzam, são as encruzilhadas! É o lugar das possibilidades também das dúvidas, das escolhas. Nas encruzilhadas são deixados os despachos para os Exus<sup>8</sup>, as entidades da comunicação e do movimento, caracterizados pela religião cristã como o diabo. Era comum ver os “trabalhos” arriados nas esquinas, com cachaça, charuto, cigarro e perfumes, que sorrateiramente nós pegávamos para zombar das entidades e das pessoas que faziam os despachos. Mas aqueles “trabalhos” escondiam conexões, sonhos, desejos, medos, caprichos que não erámos capazes de dimensionar.

---

<sup>7</sup>Nilópolis possui uma área de apenas 19,3 km<sup>2</sup>, sendo apenas 9 km<sup>2</sup> ocupados. Segundo dados do SEBRAE (2015), a cidade possui aproximadamente 158 mil habitantes, sendo a maioria com idade entre 30 e 49 anos. “É uma típica cidade de classe média”, conforme a classificação econômica, com 28,5 % de sua população na classe C1, ou seja, com renda familiar mensal entre R\$ 1.400 e R\$ 2.300. Seguida pela classe B2 com renda até R\$ 4.600. Sempre foi considerada a “Zona Sul” ou “princesinha” da Baixada, destacando-se na mídia pela famosa Escola de Samba “Beija-Flor”, vendedora de inúmeros carnavais.

<sup>8</sup>Rufino (2015), ao defender a pedagogia das encruzilhadas para uma produção de conhecimento pluralista explica que na cultura Yorubá, o Exu é o orixá primordial, que guarda em si o axé. É o orixá do movimento, da fertilidade, das possibilidades, da criação, da liberdade, das astúcias. Foi associado ao diabo pela mitologia cristã, revelando a dominação racionalista sobre as outras formas de conhecimento. Na Umbanda, o Exus são entidades mensageiras. Pomba-giras, ciganos, malandros, povos de ruas que fazem as coisas acontecerem.



Em Nilópolis, dificilmente nos sentíamos sozinhos, sempre havia olhos nas janelas, cabeças nos muros, pessoas sentadas nas calçadas. Tínhamos uma espécie de “jornal informal” local, de intensa atividade. Coisas que fazem falta, como aquela vizinha que ficava dia e noite no portão, em dias de chuva ou de sol e sempre sabia nos informar sobre tudo o que acontecia na rua. Quando ela não estava lá, a rua não era a mesma. Ela fazia parte da paisagem e fazia as coisas acontecerem. Arrisco-me a dizer que, se há uma coisa que caracteriza a Baixada Fluminense é o uso das ruas como extensão do quintal de casa. As cadeiras sempre estavam no portão, junto com as caixas de som e a vontade de se integrar àquele espaço, sem deixar escapar nenhum movimento.

Nas ruas, descobríamos a vida, experimentávamos os afetos, vivenciávamos as paixões. Nas ruas aconteciam festas, almoços, reuniões. Mesmo quando as festas começavam dentro da casa, elas terminavam nas ruas, com som invadindo as casas e as pessoas ocupando os portões alheios. A vida mostrava-se intensa nas ruas. Não ir para a rua era uma forma de castigo imputada pelos pais. Ficar em casa trazia um sentimento de vazio, como se a vida acontecesse sem a nossa participação. Deve ser, mais ou menos, a mesma sensação que sentem os jovens quando ficam sem Internet. Havia os que achavam as ruas o local da perdição, os que não queriam ter nada a ver com aquele território, os que se achavam bons demais para aquele lugar e para aquelas pessoas.

Havia rivalidade entre as ruas, que se materializava nos times de futebol que jogavam nas quadras do bairro, na competição entre os blocos de carnaval, nas frases “aquele povinho da rua de baixo” ou “aquele pessoal que mora no escadão”. Cada bairro possuía uma personalidade, marcada por suas histórias e pela configuração territorial que apresentavam. Para mim, que morava no Cabuis, o Centro era o lugar das festas, do movimento, do trabalho. Havia os bairros tidos como perigosos, com casas inacabadas, vielas e pontos de drogas. Na verdade, os pontos de drogas existiam em todos os bairros, mas eram destes que vinham as histórias mais tenebrosas.

Tinha Olinda, um dos Distritos da cidade de Nilópolis que, por sua independência, era visto como algo a parte. Cada município da Baixada também tinha sua alma. Se a Baixada fosse um organismo, o centro de Nova Iguaçu seria o coração, tudo acontecia lá! Nilópolis era o rostinho bonito, a “princesinha da Baixada”. As ruas eram chamadas por seus apelidos, por suas referências. Não era a Rua Fernando

Gonçalves de Almeida, mas a Rua do “Papa Tudo” (o bar), a rua do brejo (foi um brejo num passado remoto). Fica próxima às ruas da Creche do Anísio, da Igreja, da Praça, do Cristal (mercado). Vivíamos estas coisas sem perceber, e cada narrativa contada, cada experiência, nos revelava um pouco de nós mesmos e um pouco do “outro”, mas as fronteiras não eram nítidas e fixas, elas eram borradas no cotidiano.

A Baixada misturava carroças e carros, asfalto e barro, fábrica e plantações, poder e afeto, competição e solidariedade de uma maneira tão natural que o contraditório não nos afetava. Lembro bem quando foi a primeira vez que entendi que meu espaço me constituía e era diferente: quando entrei para a faculdade na Gávea. Foi quando me contaram sobre minha condição de periferia, sobre a minha carência cultural, sobre meu status de “ser de outro mundo”. Depois disso, novo choque aconteceu quando eu saí do meu lugar para habitar em Campo Grande, Zona Oeste do Rio, foi quando ouvi que “o Japeri<sup>9</sup> só tem gente feia!”, que “a Baixada é muito longe”, embora ficasse à 40 min de distância.

### 1.1 Eu faço a rua ou a rua me faz?

Caminante, sontushuellas  
elcamino y nada más;  
Caminante, no haycamino,  
sehacecamino al andar.  
Al andar se haceelcamino,  
y al volver la vista atrás  
sevela senda que nunca  
se ha de volver a pisar.  
Caminante no haycamino  
sino estelas enla mar

*Antonio Machado*

Se o corpo é mesmo a morada da alma, como enunciava Aristóteles em *De Anima* (2006), e mais tarde defenderia Descartes ao subjugar o corpo à razão, seria o corpo o primeiro território<sup>10</sup> que habitamos. Partindo desta dualidade e seguindo as

---

<sup>9</sup>Ramal de trem da Supervia, no Rio de Janeiro, que transporta trabalhadores da Baixada para o Centro e outros locais de trabalho e comércio, em cujo interior é possível encontrar diversos ambulantes, vendendo uma variedade de coisas: comida, utensílios para o lar, bijuterias, *gadgets*, etc.

<sup>10</sup>A definição de território é polissêmica e sofreu transformações ao longo das últimas décadas. Para a Geografia Clássica, de cunho positivista, o território é a porção de terra determinada, a matéria ou

premissas filosóficas e cristãs, de um corpo que deve ser orientado e construído pela mente evoluída, livre das ilusões dos sentidos e paixões da carne, somos levados a enxergar este território primeiro, o corpo, como objeto a ser transformado pelo sujeito que nele habita. Assim, tomaríamos por certo que é a alma/mente quem define os limites e os usos do corpo. Tarefa esta, que afirma nossa mitologia cristã, não ser tão simples, pois os desejos da carne são, por vezes, mais fortes que a ideia de uma vida plena que está por vir, com um corpo e um espaço transfigurado.

Ao elucidar sobre as bases epistemológicas sobre as quais afirma repousar a pós-modernidade, Maffesoli (2008) relembra as características que marcaram o imaginário ocidental, moderno e judaico-cristão, que ainda orientam, em grande parte, a nossa forma de pensar o mundo e agir sobre ele: são a unidade, o longínquo e a separação. É um modelo que nos leva a caminhar para a totalidade, solapando a multiplicidade de saberes, à espera de uma vida em outro espaço enquanto vivemos esta vida separados do mundo, da terra, do território sobre o qual agimos sob o prisma do projeto, para o qual tudo deve ter um fim. Esse imaginário, que no entender do autor é o cimento social <sup>11</sup> no qual o corpo coletivo mergulha, têm sofrido transformações que alteram a forma como lidamos com o nosso corpo e com o espaço. Guiado pelo imaginário pós-moderno, pautado por um novo tribalismo, o corpo volta à cena para ser sentido, experimentado e construído nas relações.

Autores que se propuseram a explicar as transformações sociais decorrentes da mudança do homem para as cidades, como Richard Sennet (2003), enxergaram a íntima relação estabelecida entre a “carne e a pedra”, entre as vivências corporais e a disposição dos elementos no espaço. O projeto da modernidade ao mesmo passo que aglomerou corpos estranhos em um mesmo lugar, os distanciou pelas configurações do espaço: as vias libertavam o corpo para o movimento em detrimento da percepção da copresença, os muros e espaços confinados selecionam o público passível de convivência.

---

natureza bruta transformada pela ação humana. Para Milton Santos (2006), autor influente de uma Geografia Crítica e Humana, território é o espaço apropriado, regulado, uma relação entre agentes e lugares, enquanto o espaço compreende a dialética entre a sociedade, a política e a técnica, é um sistema de objetos e de ações.

<sup>11</sup> Para Maffesoli (2008), o imaginário é como a aura para Walter Benjamim, é uma atmosfera na qual a coletividade está imersa e que fornece elementos para o vínculo social, ele alimenta a cultura e orienta nossa forma de ser e agir sobre o mundo.

Mas as ruas...ah as ruas! Elas revelam os ditos e interditos, como proclama João do Rio (1908), elas possuem alma, são humanas e fazem o indivíduo que dela participa. Não a alma no sentido de uma essência única e imutável, mas pelo fato de a rua ser mais que a sua materialidade e moldar o indivíduo que nela habita assim como por ele é moldada. A rua é a escola da vida, na qual o corpo experimenta o cotidiano e vive por vezes dentro das normas urbanas pensadas nos projetos políticos de produção da cidade, por vezes reapropriando-se do espaço, inventando o cotidiano pelas “artes do fazer” como nos faz crer Certeau (2007). O arcaico e o moderno encontram na rua o espaço de convivência.<sup>12</sup>

Entender a relação entre o homem e o mundo, entre mim e o outro, é uma questão que atravessa a vida humana no Ocidente, com maior ou menor intensidade, e sempre foi uma das minhas obsessões. Uma das formas de compreender o ordenamento do mundo e o sentido das relações é através da religião, outra forma, que também foi importante na minha caminhada, é através dos estudos de caráter científico, e, dentre tantas narrativas, mediações e interconexões possíveis para nos situar no mundo, também é possível aprender vivendo. Por “vivendo”, quero dizer, misturando as orientações apreendidas em nosso processo de socialização e experimentando o cotidiano entre ações ordenadas e desviantes. Essa talvez seja a forma mais difícil porque cheia de contrariedades e despida de orientações certas, mas também é aquela que abre um leque de possibilidades porque, experimentando o cotidiano, a vida se constrói no processo.<sup>13</sup>

Todavia, a experimentação do cotidiano também é orientada pela compreensão da relação entre o nosso corpo e o espaço, o nosso corpo e o corpo do outro. Filmes como *Avatar* (2009), com receita da ordem dos bilhões, demonstram um imaginário pautado pela filosofia oriental de continuidade entre o corpo humano e a natureza e a intensa conexão entre os corpos vivos, o que se contrapõe ao mito da miséria

---

<sup>12</sup> Para Maffesoli (2008, p.9), houve uma saturação dos valores modernos do individualismo, progressismo e o racionalismo e o ressurgimento de arcaísmo que marcam a pós-modernidade: “o retorno de Dioniso (dimensão hedonista da existência), a tribo (modo de estar-junto a partir do gosto compartilhado) e o nomadismo (sedentarização da existência, retorno da animalidade, do bárbaro e do selvagem)”.

<sup>13</sup> Para Martín-Barbero (2004) só é possível entender as diversas configurações comunicativas-culturais-políticas na América Latina através do estudo das mediações que as atravessam: as estruturas sociais, as lógicas de produção, as dinâmicas culturais e as gramáticas discursivas.

original (RODRIGUES, 2008)<sup>14</sup>. Ao narrar a constante luta entre o corpo humano e a natureza pela sobrevivência, separando a natureza da cultura, o mito da miséria original ratifica toda nossa tradição filosófica, política e sociológica que individualiza e separa os corpos. Neste projeto, que continua tão vivo como no século passado, a natureza é algo que devemos combater e modificar, interna e externamente. Deve ser transformada para garantir que a plenitude da civilidade se materialize e gere as condições para o progresso.

Permitam-me trazer uma trajetória pessoal de transformação das relações do meu corpo com o mundo e com o corpo do outro para que se entenda o processo de descoberta e o lugar do qual partem minhas reflexões e enunciações. Acredito que segui trajeto análogo ao percurso no qual a Geografia<sup>15</sup>, avançando na interdisciplinaridade com os campos da Sociologia e da Comunicação, fez nascer novas reflexões, considerando as agências que tornam os territórios geográficos, espaços sociais.

Ou seja, as reflexões a seguir também consideram a mudança de perspectiva do próprio conceito de território, que passa de um território objeto a ser transformado conforme a razão para um território sujeito que transforma ao mesmo tempo em que é transformado. Deixo claro que, de forma alguma pretendo generalizar minha individual e microscópica experiência como expressão de verdade, mas apenas ilustrar o quanto a relação entre corpos e espaços são direcionados pelas narrativas e mediações que se apresentam como orientações para o viver

Durante quinze anos imersa na Umbanda, o corpo, receptáculo das entidades, era um corpo guiado pelas regras dos Orixás que me acompanhavam. A Umbanda, como uma religião brasileira sincrética, um híbrido de matriz afro com características do Cristianismo, deixava o corpo livre para sentir os prazeres da vida como beber e amar, não havia pecado, embora existisse o mal! Ao mesmo tempo, deveria engrandecer o espírito pela prática da caridade e das orações. O corpo é carne, matéria, mortal enquanto o espírito é imortal. O corpo deveria ser fechado contra as

---

<sup>14</sup>Para Rodrigues (2008, p.78), o mito da miséria original funciona como base para a cultura Ocidental, segundo o qual o homem, diferentemente dos demais animais, necessita lutar contra a natureza para sobreviver: “[...] os homens teriam vindo da penúria e da miséria, de um estado em que mal teriam podido prover à própria subsistência, escravizados à ditadura da natureza e às imposições das necessidades orgânicas.”

<sup>15</sup>Da Geografia Clássica, que separava natureza e cultura, para a geografia Humana que considera o espaço como fato e fator social (SANTOS, 1978)

influências negativas. Desta forma, o que definia a relação com o outro era a maneira com a qual as energias se conectavam. A relação com o mundo, tal como no Cristianismo, era de desapego, mas sem demasiada austeridade imposta a carne. O mundo é uma das minhas moradas, na qual devo me esforçar para alcançar a plenitude e assim viver em um mundo espiritual.<sup>16</sup>

Ao ingressar no Cristianismo, pela vertente Católica, novas maneiras de ser e estar no mundo se apresentam, através das quais o corpo vai se adequando, sem, contudo, deixar de resistir. O corpo é a morada do espírito, mas não um espírito incorporado, é o espírito para o qual devo me elevar. O corpo é a morada do sagrado que fez o homem à sua imagem e semelhança. Este corpo deve ser preservado do pecado, das alegrias proporcionadas pela carne, uma vez que ele ressurgirá na vinda do Salvador. Os olhos de Deus tudo alcança, por isso o corpo deve estar sempre em vigilância, combatendo seus desejos. A relação com o outro deve ser a do amor em Cristo, os conflitos e diferenças devem ser aplainados para que o amor triunfe, o que envolve “dar a outra face”. O mundo é passagem e vale de lágrimas, com o qual não devo me apegar sob o risco de perder a alma. Mas é também o mundo que será reavivado, reconstruído em um devir pelo qual devo esperar.<sup>17</sup>

As narrativas antropológicas, que fizeram parte de minha formação acadêmica, contribuíram para entender que o mundo é repleto de “mundos” e que a relação que mantemos com os territórios em que habitamos, o corpo em primeiro lugar, são orientados pela teia de significados tecidas pelos diversos grupos que habitam a terra (GEERTZ, 1989). É a partir do momento em que o olhar se desloca da narrativa do “um” para as múltiplas narrativas, que as possibilidades entram em cena. O meu corpo é um mundo de possibilidades atravessadas por diversas narrativas e experiências com as quais componho o que chamamos de identidade.<sup>18</sup> É aí que entra a

---

<sup>16</sup>Para conhecer um pouco mais do universo da Umbanda de Barbosa Júnior, “O livro essencial de Umbanda” (2014). Disponível em: <<<http://cabana-on.com/Ler/wp-content/uploads/2017/08/O-Livro-Essencial-de-Umbanda-Ademir-Barbosa-Junior.pdf>>>. Acesso em: Janeiro de 2019.

<sup>17</sup>A experiência Cristã Católica tem como fundamentos a Bíblia Sagrada e o Catecismo que contém os dogmas (verdades absolutas inimizáveis) da Igreja. Para uma leitura rápida do Catecismo, sugiro a leitura do “Pequeno Catecismo da doutrina cristã”. Disponível em: <<<https://www.igrejacatolica.org/pdf/catecismo-da-doutrina-crista.pdf>>>. Acesso em: Janeiro de 2019.

<sup>18</sup> Para Maffesoli, em tempos das Tribos (1998), a identidade, expressão do indivíduo que exerce uma função no contrato social, dá lugar a identificação, que é múltipla e guiada pelo afeto. A identidade (sexual, nacional, individual) é determinada enquanto a identificação tem caráter indeterminado e transitório. Para Hall (2006), as concepções de identidade sofreram transformações que partem da unicidade para a fragmentação. A identidade enquanto essência de um sujeito ou coerência narrativa

importância do cotidiano como lócus privilegiado de estudo para entender o que as grandes narrativas obliteram<sup>19</sup>. As categorias, os conceitos, os discursos midiáticos, históricos, religiosos e políticos ocultam, em sua pseudocoerência, os conflitos, as negociações, as experiências corporais cotidianas que escapam às molduras de tais enquadramentos.

Não é à toa que os últimos anos têm aproximado os campos de estudo da Comunicação e da Geografia. Para entendermos os processos identitários que orientam, ainda que provisoriamente, a nossa relação com o mundo e com o outro, é preciso considerar os fluxos comunicacionais que perpassam os territórios. Na Geografia Humana, que divide com a Comunicação a preocupação da formação de identidades, mais do que pensar as condições naturais oferecidas pela “porção de terra” para o “trabalho humano”, deve-se pensar a relação que o humano estabelece com a materialidade e com o simbólico ali encontrados. É o “território usado” que, para Santos (2006, p.12), equivale ao “espaço geográfico” enquanto um “conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”. Indissolúvel, porque para o autor, não há como separar o meio técnico, através do qual o homem transformaria o espaço, do meio geográfico<sup>20</sup>.

De fato, dizemos nós, não há essa coisa de um meio geográfico de um lado e de um meio técnico do outro. O que sempre se criou a partir da fusão é um meio geográfico, um meio que viveu milênios como meio natural ou pré-técnico, um meio ao qual se chamou de meio técnico ou maquinico durante dois a três séculos, e que hoje estamos propondo considerar como meio técnico-científico-informacional. (SANTOS, 2006, p.24)

O espaço real é produto da relação conflituosa entre a materialidade do território (sistemas de objetos) e a vida que o anima (sistema de ações). A composição arquitetônica dos imóveis, os elementos naturais e toda ordem de materialidades percebidas em um território (paisagem) nos dão a dimensão das superposições

---

que o torna estável passa para um “jogo” de máscaras que utilizamos conforme somos interpelados culturalmente.

<sup>19</sup>Ao estudar a cultura no pós-colonialismo, Bhabha (1998), demonstra o quanto as categorias modernas não subsistem a um exame empírico, pois aplainam as diferenças e contrariedades existentes na dinâmica social. Só percebemos as negociações identitárias se colocamos diante das fronteiras das grandes narrativas com as histórias mínimas.

<sup>20</sup> Para falar da inseparabilidade entre meio técnico e meio geográfico, Santos (2006) conversa com a tese defendida por Simondon em “Du Mode d’existence des objets techniques” (1958), na qual aparece a ideia do objeto técnico como a união entre meio técnico e geográfico, pressupondo ainda um dualismo e a separação destes meios.

históricas que dele fazem parte, ou seja das forças políticas, sociais e culturais que dele participaram. Essa configuração territorial, acrescida da dimensão simbólica que gera a identidade do lugar, influencia as novas relações que ali se estabelecem e, ao mesmo passo, cada grupo que do território participa, o modifica à medida que insere novos objetos e modos de uso. A “alma” da rua é, a partir de tais premissas, o produto deste processo de construção permanente entre os corpos e os espaços, um constituindo o outro.

Para termos um exemplo, podemos utilizar a “Lapa”, cartão postal da cidade do Rio de Janeiro, famosa por seus aquedutos, consagrada como um espaço da boêmia carioca e sempre usada pelo povo baixadense como comparação para a Rua da Lama. Alessa Silva (2014), ao realizar a análise dos processos de construção, desconstrução e reconstrução da Lapa através da Literatura, demonstra o quanto o imaginário lapiano é fruto de uma série de modificações ocorridas no território, em sua materialidade e nos modos de apropriação deste espaço por diversos grupos sociais. A autora nos relata que o processo de povoamento da Lapa inicia-se com a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil no início do século XIX. No século anterior, a configuração espacial e os usos deste espaço são apontados como aspectos desmotivadores da ocupação da área, pois ficava entre morros e próxima à *Lagoa do Boqueirão*, utilizada como lugar de despejo de dejetos. Mas também é o século no qual são construídos *A Igreja de Nossa Senhora da Lapa do Desterro* e os *Arcos da Lapa*, símbolos que conferem materialidade ao lugar.

Ao estabelecer-se no Rio de Janeiro, que se torna a sede da metrópole, a Família Imperial e sua corte ocasionaram uma série de transformações na arquitetura e nas configurações políticas, econômicas e culturais da região. Casarões foram erguidos para receber a corte que traziam consigo outros padrões de comportamento e consumo. Todavia, essas transformações, em prol de uma modernização do território, conflitavam com as contradições já existentes na região. “Caótica” é o termo utilizado para descrever a cidade do Rio de Janeiro, devido às relações multiculturais estabelecidas entre a grande massa de africanos que habitavam a região e a nobre corte imperial com seus padrões europeus de vida.

Outra transformação importante, ocorreu, segundo a autora, no meado do século XIX, quando a iluminação a gás possibilitou que a vida noturna desabrochasse. Ou seja, a invenção de novos aparatos técnicos, os modos de vida dos novos habitantes e as transformações na paisagem urbana modificaram as dinâmicas no



cotidiano da cidade. Acrescenta-se a isso a onda de imigração de camponeses para a cidade em busca de melhores condições de vida e trabalho, fato que praticamente quadruplicou o número de habitantes no decorrer do século. Tais imigrantes procuravam estabelecer-se em áreas próximas ao Centro do Rio e, sem recursos para pagar os caros aluguéis, habitavam em precárias moradias erguidas. Cortiços, estalagens e vilas populares atribuíram nova configuração ao espaço urbano, levando à evasão da elite em direção à Zona Sul.

Ao final do século, o Rio de Janeiro, agora capital do país, sofreu novas transformações urbanas, desta vez, fruto de um projeto político de “higienização da cidade”, através das mãos do então prefeito, Pereira Passos. O Rio seria transformado em Paris. Ruas largas com edifícios imponentes no lugar de vielas estreitas e cortiços. Novos elementos juntam-se à paisagem carioca como a Biblioteca Nacional, o Teatro Municipal e a Escola de Belas Artes. As ruas passaram novamente a pertencer às elites burguesas e aristocráticas. Não só a configuração territorial e a paisagem são modificadas, mas também o comportamento aceito nas belas avenidas recém-inauguradas. A moralização burguesa europeia atingia o caótico território do Rio de Janeiro.

Alessa Silva (2014, p.25) enfatiza que é a partir da expulsão dos pobres do Centro da cidade que ocorre o processo de “favelização” e a criação de um “cinturão de pobreza” no entorno. A Lapa, compondo este “cinturão”, tendo seus palacetes e sobrados ocupados pelos pobres expulsos do Centro, torna-se “o refúgio de boemia, jogatina e de prazer para aqueles que frequentavam o centro político e cultural do então Distrito Federal.” Prostitutas e malandros dividiam o território com artistas e políticos. Aos modos civilizados impostos pela elite político-econômica, impunham-se modos alternativos e desviantes de vida, e a Lapa torna-se um lugar de fuga para a vida racionalizada imposta pela burguesia. Durante o dia, a Lapa era o território das residências familiares, à noite território do pecado.

Apesar de ser tornar um território povoado pelo “pecado”, a Lapa continuava resguardando a sua faceta diurna inocente, com seu convento, seus pequenos armazéns, farmácias, barbearias e pensões familiares. Ao apagar das luzes, as pessoas reuniam-se para beber, comer, dançar, brigar, amar e então a inocência cedia espaço às lâmpadas vermelhas que se acendiam no interior dos quartos. (SILVA A, p.27)

A vida literária na Lapa aconteceu nos anos 20 pela apropriação do espaço pela geração intelectual modernista e é consolidada na época seguinte. Bares e cabarés dividiam o território e o público que dele participava. A boemia tentava construir uma imagem “sadia, incorruptível e imaculada.” (SILVA A, 2014, p.20) do território enquanto lugar de discussão literária, ao passo que, homens importantes gozavam a vida nos cabarés de atmosfera francesa. A prostituição ganhou espaço, de meretrizes francesas à prostitutas “rameiras”, que tomavam as ruas do Rio para seu ganha pão, cada qual em seu pedaço de chão, estabelecendo diferentes territorialidades. O imaginário lapiano se constrói então entre a orgia e a arte.

É no combate à prostituição que acontece o processo de decadência da Lapa enquanto berço da boemia carioca. A Era Vargas, marcada pela força policial empregada na moralização dos costumes, modificou o local ao fechar prostíbulos e combater a prostituição. Ao mesmo tempo, marinheiros da frota norte-americana que havia se instalado no Rio, modificaram a fisionomia do lugar. Vitrolas automáticas tomaram o lugar das músicas tocadas ao vivo. Os boêmios mudaram-se para a cosmopolita e moderna Copacabana. Já os anos 60 e 70 foram marcados pelos projetos políticos de revitalização do território, com demolições em massa dos edifícios e casas existentes para criação de avenidas. A paisagem modificada descaracterizou o lugar do qual só restava o imaginário, materializado nas poesias e canções, a Igreja e os Arcos.

O processo de reconstrução do território inicia-se nos anos 90, numa articulação entre comerciantes e o poder público. Projetos cunhados pelo governo, tendo em vista a preservação do patrimônio cultural, e, mais tarde, a ressignificação do espaço como forma de atrair investimentos, ajudaram na revitalização do espaço apoiando-se no imaginário boêmio criado na década de 20. A cultura, a gastronomia e a memória são ativadas para publicizar o “novo” local e atrair frequentadores, a música com um papel primordial neste quesito. A “nova Lapa” recebe um tipo diferente de boemia, jovens elitizados que buscam de uma tradição perdida. (HERSCHMANN, 2007; TROTA, 2006 apud SILVA A, 2014). O samba raiz aparece como a alma do lugar, mas uma alma criada no presente, uma vez que a Lapa do passado não era reduto do samba. As últimas décadas, apresentam a Lapa mercadológica, mas com resistências dos grupos que foram excluídos ou invisibilizados pelos projetos públicos (FERNANDES; HERSCHMANN, 2018).

Cabe, neste momento, evocar o conceito de “territorialidade”, definido por Raffestin (1993, p.158) como “a multidimensionalidade do ‘vivido’ territorial pelos membros de uma coletividade e pelas sociedades em geral”. A vivência de um território é perpassada pelas relações de poder, existenciais ou produtivistas, que ali se estabelecem. Cada vivência é marcada pela tentativa de modificar as relações naturais e sociais estabelecidas no território, ao mesmo tempo que, os atores envolvidos se automodificam. Para o autor, as relações com o território mediatizam as relações entre os homens, e as relações estabelecidas com o espaço abstrato da política, da economia e da cultura.

Sendo assim, a territorialidade implica relações que se estabelecem “num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo”, implica inclusões e exclusões. As territorialidades são “tessituras, nodosidades e redes” que “criam vizinhanças, acessos, convergências, mas também disjunções, rupturas e distanciamentos” (RAFFESTIN, 1993, p. 161). No caso da Lapa, vimos que cada novo ator que entra em cena estabelece uma relação com o território e o modifica nas dimensões naturais, políticas, culturais e econômicas.<sup>21</sup> Também, novas formas de socialidade e novas identidades entram em cena como a figura do boêmio, o avesso complementar da figura do burguês.

A figura do boêmio é interessante para entender o quanto a rua se torna importante *locus* na tessitura de novas identidades. Cada rua, com sua alma, fruto das múltiplas relações que nela se estabelecem, tem o potencial para criar formas de ver e sentir o mundo, de pensar e agir sobre ele. Conforme sublinha Alessa Silva (2014), as ruas criam a unanimidade e a diversidade. Na cidade, palco da modernidade nascente, nasce o burguês com sua identidade estável, regrado moralmente pelos valores da família, da Igreja, do trabalho, orientado pela razão para a civilidade e o progresso.

---

<sup>21</sup> Haesbaert (2004), ao discutir o conceito de território, entende que ele é considerado em três dimensões: a jurídico-política, como espaço delimitado e controlado por determinado poder, geralmente político-estatal; a simbólico-cultural, que diz respeito à apropriação do grupo e valorização do espaço vivido; e a econômica, o território visto como fontes de recursos no qual se estabelecem as relações entre capital e trabalho e onde acontece a luta de classes. Acrescenta também a dimensão natural, que evoca a relação entre sociedade e natureza. Para o autor, o território é multidimensional e deve ser considerado em suas dimensões simbólicas, de identidade que confere controle simbólico sobre o espaço, e em sua dimensão concreta política-econômica-disciplinar, no qual o espaço é ordenado como forma de dominação dos indivíduos.

Nas ruas, onde a força do cotidiano revela as ambiguidades e contradições, nasce o boêmio, guiado pelo prazer. O boêmio é oposto do burguês, ao negar o valor do dinheiro e aceitar a pobreza enquanto condição de uma vida livre para criar e para amar. O boêmio é o ser noturno, guiado pelo desejo, que usa das bebidas, das drogas e do sexo, sem constrangimentos. Mas, paradoxalmente, o boêmio também é o burguês, que transita entre o espaço do trabalho e da moral e o espaço do prazer e do pecado. A boemia carioca era amante das artes e do ócio, mas distante dos vícios. Era uma boemia que se encontrava no “entrelugar”, fruto do “choque de contrários”. (SILVA A, 2014, p.34).

Sobre a construção social do espaço, Lefebvre (2006) argumenta que é preciso pensá-lo de forma total, considerando físico, o mental e o social. Autor de base marxista, tem como tese central que “O modo de produção organiza – produz – ao mesmo tempo que certas relações sociais, seu espaço (e seu tempo).” (p.8). O projeto de produção capitalista procurou ordenar o espaço-tempo e as relações sociais no espaço para alcançar seus fins: progresso econômico e tecnológico por meio de uma relação de transformação da natureza em produto. Mas, tal projeto não agiu sobre um terreno inerte, vazio. Havia relações já constituídas, materialidades naturais e técnicas existentes.

O terreno reage ao projeto. As transformações que vão acontecendo, de forma lenta ou brutal, revelam as contrariedades e ambiguidades do programa capitalista, principalmente quando este se lança em uma escala global. Para o autor, temos uma sobreposição de espaços. De um lado, o espaço hegeliano lógico-matemático, resíduo do tempo histórico que caminhava para um fim. Do outro, o espaço nietzschiano prático-sensível, espaço do trágico, do cíclico e da diferença.

Somente Nietzsche manteve o primado do espaço e a problemática da espacialidade: repetição, circularidade, simultaneidade do que parece diverso no tempo e nasce do tempo diverso. No devir, mas contra o fluxo do tempo, toda forma definida luta para se estabelecer, para se manter, que ela assinala do físico, do mental, do social. O espaço nietzscheano nada mais tem em comum com o espaço hegeliano, produto e resíduo do tempo histórico. (LEFEBVRE, 2006, p.28)

A fim de elucidar a construção do espaço social pelo capitalismo e a existência das contradições que o impedem de alcançar uma totalidade, Lefebvre (2006) aponta para três construções espaciais: o “espaço absoluto”, o “espaço abstrato” e o “espaço diferencial”. O espaço absoluto é fruto das relações orgânicas entre o humano e a natureza, um espaço “biomórfico” e “antropológico”. É o espaço no qual as relações

sociais transformam a “natureza primeira”, na “natureza segunda”, natureza técnica. É o “território usado” do qual Santos (2006) fala, mas num momento em que não havia um projeto totalizador.

É o espaço das relações imediatas e pouco abstratas entre os grupos, os membros de um grupo e entre o ser humano e a natureza, mediadas pela consanguinidade, pelos mitos e ritos, pela linguagem sem conceito, pela religião e pela vivência política. Espaços dos quais temos conhecimentos através dos tratados de antropologia, mas sem a dimensão do vivido, apenas através da mediação da representação deste espaço. Os “espaços absolutos” eram “espaços do vivido”, direcionados aos corpos e não ao intelecto. Ele produzia seu próprio tempo através das relações das forças naturais e energias sociais que o compõem.

Ao “espaço absoluto”, sucede-se o espaço abstrato, histórico e relativizado, fruto do estabelecimento de espaços de acumulação de bens, tecnologia, conhecimentos e símbolos. Para o autor, o não-histórico desaparece com o não-cumulativo, pois em determinado momento as sociedades cessam de despender seus excedentes em festas, guerras, monumentos. É o momento em que o “Logos” e o “Cosmos” ressurgem para subordinar o “mundo” e suas “forças subterrâneas”, agora malditas, e estabelecer as relações contratuais. Isso acontece na Europa Ocidental do séc. XII, quando as práticas mercantis se estabelecem nas praças.

A lógica dos mercados e as novas espacialidades ganhariam território através das redes de trocas e de comunicações, entrando em enfrentamento com as dinâmicas espaciais já constituídas. A partir de então, o “espaço abstrato” - das relações de produção, da história (tempo-espaço) linear e progressiva, da racionalidade organizando os modos de vida e as configurações territoriais - consegue violentamente impor sua força. É o que vemos acontecer no século XVIII, com movimento Iluminista que, contra as trevas das dinâmicas socioespaciais da Idade Média, aclamavam a razão como fonte legítima de autoridade. E com a consolidação dos Estados-Nação impondo sobre as terras demarcadas, um projeto político, econômico, social e cultural.

Lefebvre (2006) entende que o “espaço abstrato” é constituído por três elementos formantes: o geométrico, o ótico e o fálico. Geométrico porque tratado como um “espaço euclidiano”<sup>22</sup>, homogêneo, ao qual são reduzidos o espaço natural

---

<sup>22</sup> Da geometria euclidiana estabelecida pelo matemático grego Euclides em 300 a.C. É dele o postulado: dados dois pontos distintos, há um único segmento de reta que os une.

e o espaço social. O mapa, o plano, os projetos de ocupação e organização do espaço, aplainam a multidimensionalidade que ele possui.<sup>23</sup> Ótico porque o visual passa a ter predominância sobre as demais formas de sentir<sup>24</sup>. O olhar, objetivo e distante, transforma o território em um objeto passivo. O real é reduzido, aplainado pelo olhar e transformado numa imagem. O olhar tudo examina, vigia, controla, denuncia. Por fim, o fálico é o elemento que “preenche” o espaço vazio gerado pelas abstrações das relações. É o símbolo da violência da ação do poder político do Estado, materializado nas relações verticais de poder, na elaboração arquitetônica urbana. O espaço abstrato não é homogêneo, mas impõem a homogeneidade, sem êxito porque, como diria Santos (2006), há “rugosidades” no caminho.

O terceiro espaço, do qual Lefebvre (2006) fala, nasce das velhas e novas contradições do espaço abstrato, criado pelas práticas econômicas e políticas capitalistas. É no cotidiano, nos usos e apropriações do território, nas negociações entre o “espaço abstrato” e o “espaço social” que se origina o “espaço diferencial”. Ele nasce como resposta ao achatamento social e cultural promovido pelo Estado, que neutraliza as contradições e conflitos, castrando-os através da imposição de leis e do ordenamento pela força. É um espaço de resistência das forças que não cessaram de ferver no “espaço vivido”.

À violência totalitária sucede a violência subversiva, trazendo à cena a tragédia humana vislumbrada por Nietzsche. “As diferenças jamais disseram sua última palavra. Vencidas, elas sobrevivem. Elas se batem, às vezes ferozmente, para se afirmar e se transformar na adversidade” (LEFEBVRE, 2006, p.29). Ao negar as diferenças relega aos simbolismos todo conteúdo sensual, sexual e sensorial. As contradições do espaço abstrato engendram seu fim. A juventude é a propulsora deste espaço diferencial, uma vez que não aceita como a criança, a viver num espaço indiferente à idade e ao sexo. É na revolta que buscam as diferenças, o gozo, os afetos afastados do “espaço vivido”.

Ao abordar o processo de globalização desordenada que toma conta do planeta, Santos (2001) aponta para a esquizofrenia produzida no confronto e

---

<sup>23</sup> Santos (2006) considera que os espaços são repletos de “rugosidades”, heranças físicas e socioterritoriais que interferem nas relações novas que se apoderam do território.

<sup>24</sup> O ensaio “Uma paixão cega pelos meios visuais” de José Carlos Rodrigues (2006), demonstra o quanto a valorização da imagem é uma característica da sociedade ocidental moderna, que se dedica a desenvolver técnicas e tecnologias associadas à visão.

justaposição entre movimentos planetários globalizantes e os movimentos particulares dos fragmentos das nações:

Mas o território não é um dado neutro nem um ator passivo. Produz-se uma verdadeira esquizofrenia, já que os lugares escolhidos acolhem e beneficiam os vetores da racionalidade dominante, mas também permitem a emergência de outras formas de vida. Essa esquizofrenia do território e do lugar tem um papel ativo na formação da consciência. O espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente. (p.39)

Absoluto, abstrato ou diferencial, a criação social do espaço compreende a relação dialética de três dimensões: o “espaço percebido”, o “espaço concebido” (representações do espaço) e o “espaço vivido” (espaços de representação). A maior ou menor coerência entre as dimensões é o que determina a experiência do sujeito. Maior é a esquizofrenia, quanto mais distanciado o espaço concebido for das práticas sociais. Influenciado pela fenomenologia francesa, Lefebvre (2006) define o espaço percebido como a prática espacial, que implica a materialidade das relações sociais estabelecidas no espaço. Para o autor, a prática espacial neocapitalista envolve uma realidade cotidiana que diz respeito ao emprego do tempo, e uma realidade urbana, a dos percursos que ligam os lugares de trabalho e de lazer.

O “espaço concebido” ou a “representação do espaço”, por sua vez, é espaço imaginado, representado pelos discursos, imagens, projetos, teorias científicas. É o espaço dominante, intelectualmente elaborado, que organiza o território e lança as lentes pelas quais o percebemos. O “espaço vivido” ou “espaço de representação” é a dimensão simbólica, na qual há a atribuição de significação a materialidade do espaço. É o espaço experimentado, mítico, é o espaço do afeto e das contradições. Na impossibilidade de reduzir as práticas-sensíveis e socioespaciais ao espaço concebido, o projeto da modernidade aflora um “caos espacial” no planeta. Ou seja, o espaço criado pela modernidade, com seu tempo linear e abstrato, guiado pela história que caminha rumo ao progresso e evolução do homem, cuja relação de produção divide, analisa e distribui os corpos no espaço, é incoerente com a vida fervilha em cada canto e não se enquadra no que foi engenhosamente concebido.

A vida acontece, negociando nas fronteiras com o que é estabelecido, inventando caminhos que fogem ao que é imposto. Conforme indica Certeau (2007, p.97) somos “inventores de trilhas nas selvas da racionalidade funcionalista [...]”, traçando “trajetórias indeterminadas, aparentemente desprovidas de sentido porque

não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam”. Contra as estratégias deste espaço concebido como projeto, aparecem às táticas ou “modos de fazer” que alteram este mesmo espaço, conforme o desejo, utilizando a astúcia.

É do caos, gerado pela incoerência entre as dimensões do vivido e do concebido, que nasce o “espaço diferencial”. Enquanto nova construção espacial, este espaço é produzido pela acentuação das diferenças. É um espaço que une, nas práticas sociais, o que a modernidade separou, e ao mesmo tempo discerne o que o “espaço abstrato” confunde, como o gozo e a fecundidade biológica. Enquanto o “espaço abstrato” é repleto de interditos, visivelmente nos muros e grades, mas invisivelmente na vitrine que permite olhar e não tocar, na entrada em lugares que exigem um comportamento, nos lugares elitizados que constroem o “invasor” de ali entrar e/ou permanecer; o espaço diferencial os suspende.

Para Lefebvre (2006), o espaço é composto por lugares fragmentados, alguns determinados e outros interditos. Há o espaço para o trabalho e o lazer, um espaço diurno e um espaço noturno. É no fim do dia, quando a rotina de trabalho cessa que o corpo e o prazer entram em cena, os interditos são suspensos em lugares determinados - vimos o caso da Lapa, mas também é o caso da Lama. Como diz o autor, é nesse momento que “A ruptura do espaço se acentua: os bairros de “festa” se iluminam à noite ao passo que os bairros “de negócios” retornam ao vazio e à morte. Na noite, bem esclarecidos, os interditos dão lugar às *pseudo* transgressões rentabilizadas” (LEFEBVRE, 2006, p.250).

De um viés diferente, Maffesoli (2014, p.14) vai além e acredita que “a sombra de Dionísio”, o deus grego da libido, tem avançado em todos os setores após a saturação dos valores modernos. Ainda que transpassados por dinâmicas mercadológicas, as práticas sociais estão repletas do erótico, do “amor mundi” que transborda para as múltiplas dimensões que compõem um território: política, econômica, cultural. “Paixões, sonhos, festas, jogos coletivos, não é isso que está em posição privilegiada? A política sofre com isso. A empresa fica toda balançada. As lutas sociais são, sem isso, incompreensíveis”. O emocional prevalece de forma oficiosa na sociedade da razão. Novos territórios surgem para dar espaço às pequenas “utopias intersticiais”.



Na anatomia<sup>25</sup>, o interstício acaba de ser descoberto como o novo órgão do corpo humano. É o espaço entre os tecidos, preenchido pelo fluído intersticial, composto por nutrientes e elementos variados, responsável pelas trocas entre as células dos tecidos e o sangue. É uma espécie de liga elástica que interconecta os espaços. Falar em “utopias intersticiais” é falar na busca de um espaço onde as coisas se conectam de modo orgânico, ou seja, não pautado pela razão. Para o sociólogo, sobretudo a juventude, tende a criar estes espaços utópicos intersticiais para estar juntos à toa. Sobre a incompreendida geração jovem ele afirma:

Eles são o que eu chamo "a sociedade oficiosa": a sociedade au noir, na sombra, escondida, que não se sente mais representada. Mas que não vai afrontar a sociedade oficial. E vai criar os seus próprios espaços, que eu chamo utopias intersticiais: um lugar para se encontrar, cantar, eventualmente protestar, tirar proveito das reuniões para estar junto. O tripé dos valores modernos da sociedade oficial é: razão, trabalho e progresso. A nova geração acentua não o trabalho, mas a criação. Não o progresso, mas o presente. Não a razão, mas a imaginação. Há um fosso, pelo menos por enquanto, entre o oficial e o oficioso (MAFFESOLI, 2013, s/p).<sup>26</sup>

O potencial da juventude de criar espaços, conectando as múltiplas dimensões compartimentadas pelo espaço moderno, através das “comunhões emocionais” (MAFFESOLI, 2014), é, por vezes, visto como algo agressivo, subversivo e imoral. À noite, quando “famílias” saem para jantar e saem também os jovens para curtir, os espaços de lazer tornam-se multiterritórios, nos quais o racional e o emocional se misturam, a moral e o imoral se inter cruzam, o social e o animal coabitam. Durand (2012) acredita que há dois regimes do imaginário: o “regime diurno” e o “regime noturno”. O primeiro que tem o cetro e o gládio (espada) como símbolos primordiais, o cetro como representante da verticalidade ascendente rumo a uma “reconquista de uma potência perdida” (DURAND, 2012. p.145).

Na busca desta ascensão iluminada pela razão, a espada corta, separa, purifica. Já o regime noturno tem como símbolo a taça e a descida, é quando o corpo volta a ser considerado sem culpas. Em vez da potência viril, o regime noturno

<sup>25</sup> Reportagem da BBC News Brasil: INTERSTÍCIO, o 'novo órgão' do corpo humano que a ciência acaba de descobrir. **BBC News Brasil**. 28 de Março de 2018. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43577663>> Acesso em: Janeiro de 2019.

<sup>26</sup> Entrevista cedida ao Jornal Zero Hora: SOCIÓLOGO Michel Maffesoli fala da retomada de manifestações juvenis. Cultura e Lazer. **GaúchaZH**. 12 de Abril de 2013. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2013/04/sociologo-michel-maffesoli-fala-da-retomada-de-manifestacoes-juvenis-4105060.html>> Acesso em: Janeiro de 2019.

representa o engolimento, digestivo e vaginal, a descida quieta e íntima. Nestes novos tempos, o regime noturno tem se estendido sobre as áreas iluminadas da vida, ligando pelas emoções o que era separado pela razão. Viver por viver. Não na luta contra o tempo, o Cronos, para alcançar algum tipo de plenitude, mas cocriando no espaço novos sentidos para a existência.

Contra a “desordem” causada pela vivência de um “regime noturno do imaginário”, no qual a esquizofrenia ganha da iluminação, e a descida sobrepõem-se à transcendência; projetos político-econômicos se impõem, mas não conseguem contê-la totalmente. Ordem e desordem se intercalam, muitas vezes se sobrepõem. Utilizando novamente as transformações acontecidas na Lapa (SILVA A, 2014), é fácil perceber o quanto a força dos projetos políticos buscou limpar o espaço das “rugosidades”, imputando novas configurações territoriais - derrubando casas e abrindo avenidas - e ordenando as relações, através de um processo de inclusão e exclusões. Mas as “rugosidades” insistem em ficar, elas são parte do território.

O projeto de retomada da Lapa, enquanto espaço cultural do Rio de Janeiro, utilizou-se destas rugosidades físicas e sociais que o território apresenta. A pureza (Igreja) e a sujeira (Boqueirão) do local se desdobravam nas múltiplas ocupações (africanos, Corte Imperial, imigrantes, boêmios, políticos, executivos, prostitutas, bandidos, marinheiros americanos) e lugares (bares, puteiros, casarões, vielas, avenidas) que engendraram ordens e desordens guiadas por decisões governamentais, econômicas e socioculturais.

Há pouco mais de uma década, a aliança entre comerciantes e lideranças importantes, e mais tarde com o Governo Estadual, fizeram ressurgir a Lapa como um polo Cultural, ganhando o *status* de “cidade da música” (HERSCHMANN, 2007). Herschmann e Fernandes (2014), enfatizam o quanto a música de rua é capaz de ressignificar os lugares. Em torno da música, artistas e fãs constroem “territorialidades sônico-musicais”, espaços afetivos, mais ou menos temporários, de intensa socialidade, cujos fluxos e fixos geram cartografias acústicas da cidade. A “musicabilidade”, ou socialidade pela música, cria pertencimentos ao mesmo tempo que gera a diferença. O avanço de práticas musicais “espontâneas engajadas” sobre ruas, galerias e vielas dialoga com os projetos urbanos racionalizantes, criando “múltiplas territorialidades”<sup>27</sup>. O importante para os autores é que a criação destas

---

<sup>27</sup> Conceito trabalhado por Haesbaert (2004) que acredita que os territórios são multidimensionais e as práticas desenvolvidas pelos atores formam territórios diferentes que se sobrepõem.

territorialidades parte de uma experiência ética e estética da cidade, exercício de cidadania numa perspectiva intercultural cancliniana.

O território se constitui nas trocas identitárias, econômicas, comunicacionais que misturam as forças locais e globais. A ocupação musical das ruas e as territorialidades criadas são consideradas como forma de “ativismo musical de rua”. Bailes *black*, encontros de jazz, rodas de samba, concertos e fanfarras ocupam o espaço, criando momentos de festa gratuita, nos quais o corpo reencontra-se com o mundo e com o corpo do outro. Com a dança, os gestos e as roupas, o corpo ganha espaço e comunica, transgrede, modifica e cria. Como Herschmann e Fernandes (2014) sublinham, é o momento em que o corpo coabita o mundo sensível e inteligível - sentido maffesoliano de “ética da estética”. Nem o espaço hegeliano, nem o nietzschiano, mas algo no entre-meio, com uma infinitude de possibilidades dentro da finitude da configuração territorial.

Assim como acontece com a música, que cria territorialidades, e, portanto, novas maneiras de ocupar e experimentar o espaço, outras expressões artísticas também recriam a *urbe* através da apropriação dos lugares. Para Parisi (2015), a rua é o lugar do “outro”, é o lugar das incompatibilidades - culturais, sociais, políticas e estéticas. A cidade possui lugares especializados, com suas funções determinadas, mas há espaços heterotópicos. Esses espaços numa visão foucaultiana, são espaços de alteridade, com múltiplas camadas de significação, espaço físico, mas também mental. A reunir dois espaços, o concreto e o imaginário, as artes urbanas criam lugares heterotópicos.

O grafite assim o faz, ao inscrever uma identidade em não-lugares. No cimento de viadutos, muros e prédios utilizados como tela, adentra-se num mundo imaginário repleto de significações que criam espaços de conhecimento e novas identidades. Reação espontânea das minorias marginalizadas que requerem nestas inscrições reconhecimento individual e social. Sua inutilidade vai na contramão da razão utilitarista e do viés econômico. Ele revela o lugar comum, ao transfigurar o cotidiano urbano para a arte, aproximando o objeto estético e o objeto real.

E, como as forças globais do mercado dialogam com a multidimensionalidade dos territórios, o grafite também é transformado em *práxis* urbana institucionalizada nos festivais. Novos territórios, ainda que menos revolucionários, nascem desta

---

disseminação do grafite como modo cultural de experimentar a cidade. Negociando com o mercado, artistas deixam suas marcas em grandes muros sob encomenda, mas também picham fachadas, exportam, de todo modo, símbolos que serão utilizados para compor pensamentos, sentimentos, identidades, comunhões e separações. O espaço grafitado do muro contém mais lugares do que podemos imaginar.

Partindo desta coleção de lugares que compõem um território, percebemos que, mais do que um simples somatório de indivíduos, um território é construído a partir de redes locais que se estabelecem em seu bojo, da ocupação de seus espaços e das características que assume como consequências destas ações. Para Haesbaert (2004), todo território possui uma dupla conotação, material e simbólica. Território tem relação com o poder tanto no sentido político quanto no sentido da apropriação, pois é um “espaço-tempo vivido”, experimentado por uma diversidade e multiplicidade de corpos que o transformam.

O autor enfatiza que este território, enquanto “espaço-tempo vivido”, contrapõe-se à visão moderna de território enquanto unidade “unifuncional”, que não admite a transposição de territorialidades. Os espaços são socialmente construídos a partir das múltiplas relações de poder que nele se estabelece: o Estado, as empresas e os diversos grupos sociais que os dividem. A territorialidade diz respeito ao modo como os territórios são utilizados e significados pelas pessoas que dele fazem parte. Podemos visualizar estas divisões em espaços de lazer como a Lapa, vista anteriormente, ou a Rua da Lama que é meu objeto de pesquisa.

Se a territorialidade é a dimensão simbólica ou identitária do território, compreendê-la a partir da observação e da experiência é um passo para romper com os estigmas que alguns territórios carregam em função do discurso oficial e midiático sobre eles criado. À história contada e à imagem disseminada, devem ser contrapostas as memórias coletivas tecidas pela comunidade afetiva (HALBWACHS, 1990) e as experiências do pesquisador cartógrafo, que se coloca a dialogar com as dinâmicas socioculturais do território. Todo e qualquer projeto político-econômico-cultural para a geografia urbana deveria levar em consideração uma compreensão sensível das relações já existentes no território e das “múltiplas territorialidades” que o compõe. Consideradas cidades-dormitórios, os municípios que integram a Baixada Fluminense também sofreram transformações de ordem urbana que modificaram, durante as décadas, a dinâmica das relações que os constituem.

O projeto moderno de construção do espaço procurou abstrair do vivido as formas de nos relacionarmos a fim de alcançar seus objetivos. Calcado nos valores do individualismo, do progressismo e do racionalismo (MAFFESOLI, 2008), esse espaço abstrato foi construído em cima de costumes, práticas e materialidades que não pode destruir totalmente. O espaço abstrato, planejado pelo intelecto, não consegue abstrair totalmente o corpo, que vive, que sente, que conhece e que transforma. No confronto entre corpo e intelecto, o espaço diferencial surge, com toda as contrariedades que implica a vida.

A identidade da região, e de cada um dos treze municípios fluminenses, é resultado de uma mistura da história contada pelos acadêmicos e memorialistas<sup>28</sup> das imagens disseminadas pela mídia e das experiências cotidianas num espaço cheio de “rugosidades”. Terra de fazendas de cana e atividades pluviais, terra de plantio de laranjas, periferia da metrópole do Rio. Implantação da linha férrea, construção de rodovias, chegada de imigrantes nordestinos, emancipações, higienizações, descaso público, rede de resolução de problemas popular. Território da pobreza, da violência, da “nova classe média brasileira”.

Todas estas questões e uma série de outras, que é impossível dimensionar em poucos trabalhos acadêmicos, atravessam a construção das múltiplas territorialidades de cada pedacinho da Baixada Fluminense. Um pedacinho é o que aparece nas páginas a seguir, um pedacinho esquecido, cujas práticas socioespaciais revelam a sedimentação de territórios (fixos e fluxos) e o potencial de criação de novas territorialidades.

## 1.2 O que São João me disse

O Homo festivus não é mais uma simpática figura a colocar sob a rubrica de um bom velho tempo passado, mas torna-se (ou volta a ser) um elemento importante, até primordial, da vida quotidiana que, sem isso, é completamente incompreensível.

*Maffesoli*

---

<sup>28</sup> A tese de Ana Lúcia Enne, "Lugar, meu amigo, é minha Baixada: Memória, Representações Sociais e Identidades" (2002), é elucidativa a este respeito.

Tudo começou como uma reunião de bar. O falecido “Seu Wilson”<sup>29</sup> era conhecido e amado naquele pequeno pedaço de uma Rua de Nilópolis, na Baixada Fluminense. “Seu Wilson” cozinhava bem, conhecia a todos, tinha um bar no qual grande parte dos moradores se reunia no final de semana para beber e conversar.

Ele costumava guardar um caderninho com a anotação de todos os aniversários dos frequentadores do bar, e assim se deu início ao costume de fazer um jantar para comemorar os aniversariantes do mês. Cada morador trazia à mesa sua contribuição e a pequena festa não tinha hora para acabar. Era um momento capaz de fortalecer (ou romper) relacionamentos. Desta celebração à mesa, a qual moradores fazem memória, surgiu outro costume que já atravessou décadas, o de realizar festejos juninos naquela rua.

Na época, estes festejos eram comuns na região, todos os bairros (ao total quinze) da pequena Nilópolis organizavam uma festa. Era comum ver as ruas fechadas para passagens de carros, com barracas de ripas ornamentadas com chita e folhas de coqueiro e bambu, um espaço para fogueira e outro para quadrilhas que vinham de todos os bairros e de outras cidades para se apresentar. Donas de casas ensaiavam as quadrilhas com dois ou mais meses de antecedência e nós, crianças, aguardávamos ansiosamente o momento das apresentações.

Nilópolis possui quatro paróquias e as festas em honra a São João, Santo Antônio e São Pedro também eram costume nos átrios das Igrejas e em seu entorno. Essa conversa entre o sagrado e o profano, da qual Maffesoli (2009) enfatiza o aspecto de “religação” propiciada por estes momentos de “socialidade”, é o que dá a estes moradores o sentido de pertencimento, de “viver com”. São momentos importantes, não porque permitem manter uma “tradição”, mas porque permitem o sentir-se vivo. Nas palavras de uma moradora: “quer coisa melhor do que comemorar com quem a gente gosta, mesmo sem ser Natal? A gente se sente vivo [...]!”.

Os momentos festivos suspendem a temporalidade moderna e a medida do tempo torna-se a medida emoções, a medida do momento. A festa revela os arcaísmos presentes na ordem social e, por mais que seja planejada para alcançar objetivos determinados, mergulha a todos no tempo mágico do prazer. O que anima os participantes da festa é o “elã vital”, ou a força criadora da vida, para a qual não há

---

<sup>29</sup> Para a escrita deste subcapítulo foram entrevistados dois organizadores da festa junina em questão, além da observação participante.

explicação racional. Sente-se vivo porque as amarras da racionalidade, que individualiza e separa, se desprendem, possibilitando “ser o que é”, com “a sensualidade animal que foi escorraçada, por muito tempo, pelo ascetismo judaico-cristão, depois, dentro da mesma lógica, pelo moralismo moderno” (MAFFESOLI, 2014, p.35).

Se, submersos nas rotinas de trabalho, morremos um pouco a cada dia; imersos no tempo da festa, a vida reaparece. Porque no cotidiano, a racionalidade empurra: devemos estudar, trabalhar para alcançar as condições adequadas para viver. Não era o homem pré-histórico que lutava cotidianamente por sua subsistência, é o homem moderno que o faz. Mas a festa não nos obriga a produzir algo, a contar as horas no relógio, a submeter o corpo a uma rotina disciplinante. Contra a pressão limitadora de *Chronos*, a festa apresenta a temporalidade do *Kairos* “[...] isto é, da oportunidade, da aventura, sucessão de instantes centrados na intensividade do momento, a jubilação do efêmero, a alegria de viver e de gozar do que se apresenta aqui e agora”. (MAFFESOLI, 2014, p.17-18).

É fato que não se encontra hoje o mesmo número de festas nas ruas Nilópolis. Ademais, é comum que os moradores mais antigos reclamem da mistura que tornou conta dos festejos juninos, que além das cantigas tradicionais, hoje toca *funk*, pagode e axé. Em vez de quadrilhas, muitas vezes apresentam-se meninas das academias de dança da região ao som de um *pop music*. Também é comum que reclamem da perda da simplicidade que encarece as festas e faz com que a “tradição se perca”, como nos conta uma organizadora: “você começa com uma caipira comum e básica e termina com uma quadrilha que tem que comprar conduíte para fazer anágua”. A tecnologia também é apontada como fator de desagregação social que reflete na falta de entusiasmo para organização das festas e manutenção dos costumes, como relatado: “Na minha época não tinha toda esta tecnologia, as pessoas iam pras ruas conversar.”, ou, “Essa geração não tem a simplicidade dos antigos. As meninas querem *laptop* e não vestido pra dançar quadrilha!”.

Esta diferença entre as gerações na manutenção do costume é abordada por Thompson (1998 p.23) ao comentar sobre a importância da comunicação oral para perpetuação das tradições. O autor afirma que “as gerações sucessivas já não se colocam na condição de aprendizes umas das outras”. Neste momento, ele também está fazendo referência às questões econômicas, de um capitalismo que é capaz de remodelar necessidades e expectativas, utilizando, entre outras estratégias de

controle, a força da comunicação escrita. Todavia, apesar das inovações nos modos de vida trazidas por um novo modelo econômico, o autor deixa claro sua preferência pelo olhar do “não econômico” e sim pelo confronto (negociação) entre uma “economia de mercado inovadora” e a “economia moral da plebe”. É preciso olhar por outras janelas para entender o que associa os homens, a festa é uma destas brechas.

Apesar das críticas acerca das transformações sofridas pelos festejos juninos na região, as festas persistem e existe uma geração nova que está disposta a manter o costume. O fato de inserirem novas dinâmicas e elementos indicam o que já foi percebido por pesquisadores de festa como Miguez (2012) e tantos outros que afirmam ser a cultura algo dinâmico e não estanque. Para o autor, o gosto do brasileiro pelas festas advém de nossas raízes. Indígenas e portugueses dançaram juntos no Brasil nascente. A inclinação para as festas fez com que os catequistas as utilizassem como forma de ensinar o evangelho aos índios.

Ao contrário da austeridade da ética protestante, a nossa ética Católica era a do ócio, era um dever participar das festas sagradas de dia santo. A festa para os africanos escravizados era um modo de reterritorialização e resistência, na qual reconquistavam a posse do corpo pela dança e quebravam a lógica do processo produtivo que os escravizava. Entender as transformações como negociações entre culturas e projetos, é crucial para entender a sociedade.

O que resulta dessa mistura desses potentes e vastos repertórios festivos é um país com um mosaico de festas e celebrações que em um trânsito intenso, denso e sempre tenso entre o sagrado e o profano, vão configurar a trama cultural brasileira, constituindo-se como a mais viva e brilhante expressão da nossa diversidade cultural, vista como uma espécie de “prova dos nove” do modo de vida brasileiro. (MIGUEZ, 2012, p.209)

Os festejos juninos nas ruas das cidades, cuja origem remonta uma série de festejos diversos, e que utiliza símbolos que não são próprios da nossa vivência urbana (a fogueira, as roupas caipiras, as comidas), são apropriados e transformados segundo as relações que estabelecem com cada lugar, com as territorialidades que dele fazem parte. Conforme visto anteriormente, os costumes são produtos de uma sedimentação de práticas sociais transmitidas de geração para geração através da oralidade. Eles são heranças as quais se aprendem na condição de escuta.

A troca da cultura oral pela cultura escrita faz com que, aos poucos, as novas gerações não se coloquem na posição de aprendizes das gerações mais antigas, fazendo com as tradições percam a força (THOMPSON, 1998). Outros costumes,



frutos da negociação entre os grupos sociais que convivem numa determinada cultura, se colocam no lugar das velhas tradições, talvez com maior fragilidade, devido a velocidade das transformações que ocorrem a partir das práticas capitalistas.

As novidades tecnológicas, informacionais, institucionais e comportamentais não se colocam na *práxis* social sem resistências. E a tradição oral, capaz de construir uma “memória coletiva” (HALBWACHS, 1990), é apontada como a fonte de resistência às novas formas de ser e estar no mundo. Se levarmos em conta a discussão anterior sobre a construção do espaço ou de territórios, não apenas a tradição oral cria resistência ao modo de vida racionalizante moderno, mas também as “rugosidades” do território, enquanto processos e materialidades geradas pelas práticas sociais anteriores. É assim que a Lapa é retomada enquanto espaço da boemia carioca, a partir das rugosidades simbólicas e materiais do território. E embora reorganizada pelo comércio e pelo Estado numa lógica mercadológica, a Lapa continua possuindo múltiplos territórios, expressões culturais diversas e formas de uso, que fogem do controle desenhado.

A relação entre a *plebe* e a *gentry* da Inglaterra do século XVIII, analisadas por Thompson (2005), é elucidativa do problema. O autor demonstra o quanto a *plebe* resiste à imposição de novos modelos de comportamento, que tem como base a racionalidade econômica do capitalismo nascente. Longe da passividade e da inconsciência da própria condição dentro das estruturas políticas, econômicas e sociais que se impõem, o povo utiliza tudo o que pode a seu proveito, cedendo às pressões a fim de evitar retaliações, ao mesmo tempo em que consegue favores, e ludibria as leis e a moral vigente. As festividades populares, são um exemplo destas negociações não formais, pois, enquanto a Igreja perdia as rédeas sobre os festejos da *plebe*, cada vez mais “pagãos” e revolucionários - com orgias e invasão de fazendas, por exemplo - a “elite” tornava-se condescendente destas “imoralidades”, a fim de manter algum controle sobre o povo.

Parte das análises acadêmicas enfatiza a apropriação mercadológica da cultura como razão principal pela diminuição ou extinção das festas, em seu sentido mais orgânico, cultural e revolucionário. Todavia, este não é o motivo apontado pelos organizadores do festejo junino na pequena Nilópolis; para eles o elemento transformador é o confronto de gerações. O fator econômico está presente, principalmente na visão mercadológica imputada a festa por estes jovens organizadores, mas não se trata simplesmente da morte das tradições pelas

apropriações do mercado. Para os velhos organizadores, a mudança apontada é de ordem cultural - também engendrada pelo modelo capitalista moderno - nos valores que regem as vidas de seus filhos: o individualismo, o desapego ao lugar, a falta de um sentido de comunidade, a vontade de romper com a tradição, são citados.

Nesta tese, as palavras “costume” e “tradição” estão sendo utilizadas com proximidade, entendendo a tradição simplesmente como um conjunto de costumes, algo que conserva uma relação com o passado. Há decerto uma etimologia importante acerca das palavras e discussões acaloradas sobre os conceitos, mas que não cabem, por hora, a esta análise. Todavia, a ideia de “tradição inventada” de Hobsbawn e Ranger (1997), que o autor contrapõe ao sentido do costume, é interessante. Na visão do autor, o costume (no singular) não possui o sentido engessado da “tradição inventada” e mantém uma relação “mais natural” com o passado, no sentido de um compartilhar de ideias e atitudes que são tecidas sem deliberação ou manipulação.

O costume é mutável como a vida. Ao passo que a “tradição inventada” é construída com a intenção de manutenção de um passado apropriado, mascarando o fato de que tal passado é uma visão do presente. É significativo notar que ambos, costume ou “tradição inventada”, são construções que nasce, a partir de modos diferentes de relacionar o presente com o passado. A última, com intuito de solapar as transformações que proporcionadas pelo tempo, seja para coesão social, legitimação de *status* ou imposição de comportamentos. O capitalismo nascente cria sua moderna tradição no conflito com os costumes existentes.

Na prática, é bastante difícil enquadrar movimentos como a festejo junino que é o objeto de análise deste subcapítulo como um costume ou tradição autêntica ou uma “tradição inventada”. A iniciativa de realizar o festejo se dá em uma mesa de bar, uma imagem muito simbólica do tipo de ligação que faz com que exista uma comunidade ou uma tribo no sentido maffesoliano (não fixa, mas pelas quais as pessoas transitam). Não houve uma intenção de preservação de passado ou memória, mas apenas de um “estar junto com” que caracteriza a “socialidade” apresentada por Maffesoli (1987).

Todavia, não há como deixar de mencionar que, além das transformações decorrentes das adaptações à vida dos organizadores e aos novos tempos, muitos aspectos foram acrescentados à festa de forma deliberada, para delimitar uma “tradição”, para uma cara ou uma imagem mais sólida ao evento (como nomeá-lo) a fim de atrair pessoas e angariar fundos. Recursos arrecadados que servem para

preparação de outra festa, a festa das crianças, também costume na região e que nasceu na mesma mesa de bar. Aliás, após um tempo, passou a ser a festa das crianças a motivadora para realização dos festejos de São João.

A festa das crianças começou a ser realizada na década de 90 para alegrar e unir os filhos dos moradores da rua. Ao som de músicas do momento, ocorriam brincadeiras do tipo amarelinha, corrida do saco, corrida do ovo na colher e eram distribuídos lanches, doces e brinquedos. Conforme me foi relatado, cada morador contribuía com o que pudesse, quem tinha uma bicicleta antiga doava, quem costurava doava roupas... E a festa de São João servia para arrecadar recursos para compra de brinquedos e lanches. Com o tempo, a festa das crianças aumentou de proporção, unindo crianças de outras ruas e bairros e com isso os gastos aumentaram. Igualmente, o interesse das crianças também foi transformado, como dito “antes elas se contentavam com amarelinha riscada no chão, agora temos que ter pula-pula, e mais de um para dar conta [...]”.

Esta necessidade de adaptação levou à preparação de outros momentos de celebração para angariar mais dinheiro como bingo, festa do boteco, festa da primavera e nos últimos anos um luau, ideia da nova geração de organizadores que deu um nome ao evento – *Luau BDM* (Bom De Mais). Nome que começou a ser utilizado em todos os demais eventos, acrescido de mudanças estruturais (palco, convite de bandas, administração dos custos x lucros, cortes em eventos não lucrativos) que causaram estranhamento nos velhos organizadores, mas que foram acolhidas como transformações naturais.

O que mais preocupa a antiga geração é que a próxima geração deixe morrer a tradição, uma vez que “os mais jovens querem sair, não tem a mesma ligação com o lugar que a gente, nós conhecíamos todo mundo [...]”. Esta característica de desligamento do território da nova geração já havia sido detectada em estudo anterior<sup>30</sup> sobre a Baixada Fluminense. Consoante depoimento de uma família da região:

Nós temos um sonho, embora nós estejamos gastando aqui, o nosso sonho é ou uma casa ou um apartamento, em Nilópolis mesmo. Mas a minha filha tem outra mentalidade, ela é viajada, já foi para o Uruguai, pra Argentina, passou carnaval em Foz do Iguaçu, as metas dela são outras. (ROCHA N, 2013, p.88)

---

<sup>30</sup> Pesquisa realizada em 2012, para o Mestrado de Comunicação Social, para a qual foram entrevistadas oito famílias de Nilópolis com intuito de captar características comuns que marcassem uma identidade.

Para Miguez (2012), a festa é um território marcado por diversas disputas e tensões. São territorialidades que se entrecruzam: múltiplas expressões culturais, misturadas com a lentidão ou rapidez de transformação dos territórios diante das forças globais. Além das negociações entre manifestações culturais de diversas ordens, o território da festa é construído no conflito com a lógica mercadológica de produção cultural pelas indústrias do entretenimento e do turismo. A festa que antes nascia na comunidade, agora é institucionalizada, racionalizada, projetada e propagada para alavancar a economia.

Sendo assim, a força dionisíaca subterrânea estaria sendo colocada sob a lógica apolínea da razão mercantil-empresarial. Por isso, o autor defende que haja políticas públicas capazes de reconhecer os aspectos simbólico-culturais das festas, defendendo as diversas expressões culturais, dos apelos puramente comerciais. Também defende a realização de pesquisas multidisciplinares, capazes de compreender as festas em sua complexidade e não a partir de um reducionismo econômico que subordina as práticas socioculturais ao valor do capital. Dos megaeventos aos pequenos encontros diários, as festas abrem a possibilidade de reinvenção da própria vida.

Carvalho (2012) acredita que a institucionalização e apropriação mercadológica são responsáveis pela “morte” da festa em seu caráter transgressor e imprevisível, de fuga do cotidiano, que teria marcado outras épocas. O título de seu artigo seja sugestivo, “Vitória de Dionísio”, trazendo para discussão o embate traçado por Nietzsche (1992) entre razão e emoção através das imagens dos deuses gregos Apolo e Dionísio. Mas, fica claro que esta vitória existe em latência, num convite que o autor faz de retomada do cunho violador da festa. Para o autor, o excesso de organização e a lógica espetacular do mercado tiram a dimensão criativa da festa, o que reitera ao comentar sobre festejos de São João:

As quadrilhas se transformaram em microempresas, obrigadas – se quiserem contar com patrocínios de governos ou prefeituras – a terem CNPJ e responsáveis para a assinatura de contratos e papéis, os chamados “donos”, que passam a ser referência no universo da organização e não da festa. (CARVALHO, 2012, p. 39)

Analisando as festas de São João, o autor menciona que as quadrilhas espetaculares devem manter algum aspecto de tradição a título de preservação, como

o casamento matuto e os passos tradicionais de quadrilha. Exemplo em Nilópolis, são as “quadrilhas estilizadas”, formadas por profissionais que ensaiam quase o ano inteiro e necessitam de dinheiro para roupas caras, transporte e cenários. Uma das organizadoras entrevistada conclui, “agora parece Carnaval, eles têm tema para trabalhar [...]”. Mas em nenhum momento estes grupos profissionais são encarados como ameaça as desajeitadas quadrilhas que são formadas na hora nos festejos de rua. Também assim acontece no Carnaval, para o qual há profissionais que trabalham o ano inteiro para garantir o espetáculo com gastos acima dos seis dígitos, há os grandes e pequenos blocos organizados, e os grupos que se juntam quase ao acaso e tomam as ruas.

Os grandes e pequenos festejos são considerados importantes e capazes de promover, em maior ou menor grau, o sentimento de união. Eles coexistem e não se anulam. Essa perspectiva se aproxima com o estudo de Miguez (2012) que coloca como desafio o confronto entre a cultura e a economia da festa, que nasce da apropriação dos festejos populares pela Indústria do Entretenimento.

Diferentemente de outros estudos, o autor defende que o desafio não deve ser encarado com nostalgia, mas com consciência das transformações e com políticas culturais que assegurem o diálogo entre os diversos modos de fazer, entre as tradições e inovações. Além disso, defende uma redefinição do se entende por “economia criativa da festa”, que seja capaz de integrar a dimensão simbólica e social de celebrar e de afastar as estratégias centradas na “propriedade intelectual”, pois as festas públicas têm base comunitária. Nas palavras do pesquisador:

O que se deve ter em conta é que, em particular, no que concerne ao multifacetado território das festas, mas não só neste, as chamadas indústrias criativas são constituídas de complexas redes sociais, tanto na esfera da produção quanto na esfera do consumo. Emergem de dinâmicas não mercantis que, frequentemente, desenvolvem-se em regiões de fronteiras entre mercados estabelecidos e redes sociais. (MIGUEZ, 2012, p. 214-215)

Para Pratt (2007), os binarismos que habitam as discussões acadêmicas sobre as “Indústrias Culturais”<sup>31</sup> banalizam e obscurecem a análise das relações que existem no processo de produção e consumo de cultura. Há negociações entre os

---

<sup>31</sup> Pratt (2004) prefere utilizar o termo “indústrias culturais” em vez de “indústrias criativas”, pois parte da premissa que todas as indústrias devem ser criativas e inovadoras em seus produtos, processos e serviços. É indústria cultura porque existem processos operacionais organizados para produção de produtos primordialmente utilizados como produtos culturais.

atores envolvidos neste processo, que uma análise puramente econômica, ou apenas pelo viés do consumo, não conseguem elucidar. A visão crítica frankfurtiana, que considerava a banalização e a perda da força emancipatória da cultura a partir das práticas industriais de reprodução e produção cultural, é contestada nos anos 90 através trabalho de Miège, que buscava analisar a organização na produção, distribuição e consumo dos produtos culturais.

Apesar dos avanços no mapeamento de processos das indústrias culturais, o autor argumenta que tais binarismos persistem e obliteram a discussão, uma vez que os estudos sobre o tema são relativamente novos e possuem foco ou no desempenho ou na recepção. Contra o reducionismo dos estudos econômicos tradicionais sobre as atividades destas indústrias, Pratt (2007) recomenda uma perspectiva multidisciplinar, principalmente econômica geográfica que permita reconhecer os fluxos geográficos e as redes sociais na produção da cultura. O autor parte das constatações de que a produção e a distribuição de produtos culturais tendem a se agrupar em partes da cidade e que o rápido desenvolvimento destas indústrias modifica as relações entre produção e consumo.

De acordo com Pratt (2007), há quatro dicotomias principais através das quais as indústrias culturais foram examinadas: Economização-culturalização, Arte e Cultura, Cultura e Criatividade, Produção e Consumo. Com relação ao binômio Economia e Cultura, o autor argumenta que, por um lado, os pesquisadores da área acreditam que a culturalização da economia se deve à necessidade do mercado por diferenciação em uma época repleta de *commodities*. O grafite, por exemplo, é utilizado como traço distintivo em marcas de roupas e calçados. Por outro lado, defende-se que há uma economização da cultura, ou seja, a cultura como mera transação econômica, destituindo o valor intrínseco das expressões culturais, artesanalmente construídas pela comunidade. Ambas as visões deixam de refletir sobre as negociações entre as necessidades simbólicas e econômicas de quem produz cultura.

Quanto ao binômio Arte e Cultura, Pratt (2007) destaca que há uma crença, herança frankfurtiana, de que experiência cultural depende da “aura” da arte, que se perde com a produção de cultura em massa. Uma perspectiva que vê a arte com um potencial emancipatório, enquanto a cultura reproduzida é alienante. Dessa forma, as artes se contrapõem às indústrias culturais formando o dístico alto-baixo, A crítica

realizada pelo autor é que, enquanto a “baixa” cultura é vendida como mercadoria, a “arte boa”, da elite, é subsidiada pelo Governo para o bem público.

Na configuração geográfica das cidades é possível visualizar essa repartição e atribuição de valor entre as culturas. Tomando o Rio de Janeiro como exemplo, é notório que há uma concentração de Museus, galerias, teatros, bibliotecas e projetos culturais no Centro (histórico) e nos bairros mais nobres. Não só as expressões culturais são selecionadas, como os locais que receberão o investimento, reforçando a divisão social velada sob características econômicas e culturais.

Quanto ao binômio Cultura e Criatividade, o autor argumenta que a criatividade se tornou um valor, visto a necessidade de geração constante de inovação. Por isso as indústrias culturais passaram a ser chamadas de indústrias criativas no sentido de concentrar pessoas com tal habilidade. Todavia, ele defende que a criatividade faz parte de todas as atividades industriais e que, ao partir do pressuposto que ela é algo intrínseco ao indivíduo, deixa-se de lado o investimento no seu desenvolvimento. Ele afirma que é necessária uma aliança mais ampla de produtores para criar uma “chama criativa sustentável”. Em outro texto, Pratt (2004) defende que a criatividade não deve ser pensada como algo localizado nos indivíduos iluminados, mas como produto de um contexto organizacional. Se há indústrias e lugares mais criativos é porque houve algum investimento para nutrir, desenvolver e transmitir a criatividade.

Com relação à dicotomia Produção e Consumo, Pratt (2007) critica o fato de, a partir dos anos 70, o foco dos estudos passar a ser a recepção dos produtos culturais e a experiência do consumidor, em detrimento das análises que englobam a produção. Os estudos culturais contribuíram para entender as apropriações do produto cultural pelo consumidor, desmistificando sua passividade. No entanto, ao focar apenas na recepção, deixou de lado as implicações políticas e econômicas que afetam as relações estabelecidas ente os consumidores, os produtores e os bens culturais. Todavia, esta tendência tem se modificado nos últimos anos, em estudos que tentam dar conta do processo inteiro.

Somente mapeando os processos é que podemos encontrar as relações que eles estabelecem. Analisar o processo é importante para entender as negociações e reações sociais envolvidas no ciclo de produção e consumo. Na Rua da Lapa, em Nova Iguaçu, que é o objeto desta pesquisa, é possível observar que a construção do espaço e da dinâmica que o faz ser o que é, depende da relação entre artistas locais, donos de bares, restaurantes e casas de show, camelôs e barraqueiros, e

consumidores de todos os tipos e gostos. É justamente na relação que observamos a tessitura das identidades e o fazer cultural. Fica claro nas diferenças dos discursos, entre o bar apontado como o dos “playboyzinhos”, o lugar da “mais social” que se contrapõe ao bar em frente, apontado como lugar “da perdição”, “da bagunça”, “onde tudo acontece”, “que não presta”, “dos favelados”.

O mesmo lugar e vários lugares. É a partir da observação das dinâmicas comunicacionais e de usos do território, que podemos entender que a dimensão cultural não se perde com a capitalização do espaço. Vemos isso observando os jovens que entram em um bar para ouvir a música que gostam e compram cerveja no bar ao lado porque é mais barato. Ou no fato de o público migrar para os bares laterais após a meia-noite quando os bares do centro fecham. Ou ainda no grupo de samba que se sente ofendido quando perguntamos se eles tocam “pagode”.

Podemos situar o que se observa na “Rua da Lama” como a “cultura das bordas” da qual fala Ferreira (2010). O autor analisa as relações existentes entre as diversas culturas em obras literárias, o que requer uma visão do conjunto para revelar as conexões ou as tramas interativas existentes. Podemos pegar o termo de empréstimo para pensar as “tramas” que se tecem neste espaço de lazer e de festa. A cultura, que não possui limites intransponíveis, mas que se produz no conflito, nas conexões entre os diferentes grupos que se encontram. Assim retira-se o foco da divisão entre cultura de massa, cultura erudita e cultura popular para pensar as “bordas” entre elas. E só é possível visualizar as bordas se nos atentarmos aos processos.

A preparação para festa é fator importante dentro desta dimensão da tessitura de relações, o que em grandes ou pequenos festejos engloba práticas comunicativas gregárias, vide as feijoadas e almoços em comunidade que antecedem o Carnaval carioca. Neste pequeno São João, a farra começa cedo, na preparação da comida e ornamentação da rua. Conforme enfatiza uma das organizadoras “tem gente que nem fala com a gente, aí no dia da festa pede vassoura, sobe o muro pra pendurar faixa e grita ‘ô vizinha, tô subindo’, e você grita ‘pode subir’[...]”. É comum que no horário da festa alguns moradores estejam bêbados, por “iniciar os trabalhos”<sup>32</sup> desde cedo, mas segundo relatado isso não gera confusão, “ninguém tem medo de pagar mico, já nos conhecemos”.

---

<sup>32</sup> Gíria que significa “começar a beber”.



Para preparar os caldos que são servidos nas barraquinhas, os amigos chegam cedo e passam o dia na cozinha conversando, ouvindo música e trabalhando. O que também evidencia e reforça a importância da comida - lembrando que a ideia das festas tem início na mesa de bar- na formação e manutenção de laços afetivos. Não há preocupação com uma tradição junina preparação dos pratos. Caldos e doces dividem espaço com açaí e churrasco, da mesma forma que no palco toca pagode, sertanejo e forró. O importante é celebrar, embora a nostalgia de uma roça, na qual nunca se esteve, permaneça para alguns.

Embora não tenha sido um aspecto bem explorado para este artigo, a questão da preparação das comidas é importante no resgate de memórias afetivas da região, porque traz à superfície marcas de identidade capazes de entender por dentro, numa lógica diferente e não menos importante do que a dos determinismos que marcaram os estudos modernos. O trabalho de Spang (2003) é inspirador neste sentido, pois permite refletir sobre um fato oficial como a Revolução Francesa a partir da perspectiva da alimentação. “A invenção do restaurante”, tema e título do livro, demonstra que transformações nos hábitos alimentares da cultura francesa, modificam os modos de circular pela cidade, gerando novas regras de convivência e fundando um novo tipo de “espaço público” em um domínio privado. Este novo espaço público é mais adepto à individuação ao centrar-se em si mesmo em mesas separadas com porção individual e conta individual também. Diferente da lógica dos banquetes públicos que pressupunham o sentido de comunidade.

Certeau (1990, p. 218) também traz uma reflexão interessante destas banalidades cotidianas que desvelam aspectos da cultura negligenciados pelas visões macro. O cozinhar, por exemplo, é assinalado pelo historiador como o “nível mais necessário e desprezado” das práticas humanas. Todavia, o ato de cozinhar retoma e requer memórias, revelando alto grau de ritualização e envolvimento afetivo. O autor relata como pode lembrar-se de fatos da infância a partir do som do borbulhar da água fervente, dos cheiros e gostos dos alimentos, e conclui que “arte de nutrir tem a ver com a arte de amar” (CERTEAU, 1990, p. 233).

A cozinha é o lugar de partilha e aconchego, também de luta contra o tempo, é lugar de vida e de morte, é o lugar do social. Sendo assim, cozinhar e comer implicam compartilhar, uma comunicação que não é verbalizada, mas não menos importante. Os segredos contados, os bastidores da festa, o local onde ela é idealizada, onde é

acionado uns “nós” que se transforma a cada celebração, que é negociado, mas que continua sendo uns “nós”.

Para Duvignaud (1983, p.62-63), manifestações culturais como os banquetes, o estar juntos ingerindo alimentos, são momentos nos quais comemos mensagens. É consumir o signo e digeri-lo numa exaltação comum. Os olhos fazem o corpo participar e reagir a cada movimento desta ingestão de signos coletiva. Ao comer, a natureza integra-se ao humano e, no curso da festa, a destruimos e regeneramos. Conforme afirma o autor, “os grandes banquetes são festas copulativas”, capazes de criar um “nós” que não fora previamente definido. O poder “destrutivo” das festas começam nos banquetes. São manifestações que possuem o potencial libertário de criar um “nós” diferente da “multidão” e das “massas”, capas de tomar consciência de si enquanto grupo e criar ações comuns. Todavia, o autor considera que diferenças entre os banquetes e as festas, porque as últimas são despidas de finalidade outras que não o festejar. O “nós” criado pelas festas advém das relações emocionais e contatos afetivos gerados pela empatia e abertura entre as consciências.

Ainda sobre a questão do “nós”, de forma não estimulada, a questão da identidade apareceu nas entrevistas, de uma maneira muito parecida com o que foi observado na pesquisa realizada para compor a minha dissertação de mestrado. Nas entrevistas com famílias da Baixada (ROCHA A, 2013), a identificação e ligação com o local estava atrelado a um “calor humano” característico da região, o que diz respeito à atitude solidária de trocar conversas, coisas, segredos, afetos. Por sua vez este “calor humano” possui ligação com o sentido de “ser alguém na vida”, que extrapola o sentido econômico para evidenciar o mérito de ser alguém querido e solidário. A este fator de identificação se opõe um imaginário antagonista que tem como local a Zona Sul do Rio de Janeiro. Este seria o lugar de pessoas frias e individualistas, que mal dão bom dia a seus vizinhos.

Ao comentar sobre as transformações dos festejos juninos na região, as organizadoras colocaram como questão a desconfiança em relação ao outro que faz com que as pessoas se escondam do mundo com fones de ouvido e com exemplo, novamente, apresenta-se a Zona Sul. Nas palavras de uma entrevistada:

A Zona Sul é feita de pessoas que não nasceram no mesmo lugar, não crescerem juntas, não se conhecem. Aqui todo mundo se conhece, mas num condomínio com mais de quatro mil pessoas? Por isso tão fazendo até reunião pra conhecer quem mora no apartamento ao lado. Eu não me identifico morando em apartamento, eu gosto de cachorro, de árvore. Aqui

“você ainda ouve um bom dia porque a velhinha da rua de trás lembrou que você é neta de fulano de tal. Eu acho que é por isso que Nilópolis não tem mais quintal (risos). Aqui você está seguro com quem você conhece, lá a vida é surreal.”

Como sublinha Duvignaud (1983, p.54), há uma forte ligação entre a personalidade manifesta e a morada, ou, “o homem arraigado a sua cultura, liga-se entes de tudo aos locais onde se manifestam os elementos que animam sua vida”. As identidades, ou identificações, são criadas a partir da relação entre as pessoas e o lugar em contraposição a lugares antagonistas. Penso ser importante identificar os imaginários e identificações presente neste antagonismo, Baixada – Zona Sul, que tem fundamento nos produtos midiáticos como as novelas. Não é difícil encontrar narrativas que demonstrem um clima de competição nas casas da “alta classe média”, em oposição a um viver gregário, cheio de dramas e humor, do “núcleo pobre” das telenovelas. Esses imaginários e identificações, longe de serem permanentes, também são negociadas nos encontros e desencontros dos deslocamentos na cidade e nos momentos festivos, nos quais este tipo de assunto entra na pauta das conversas.

Desta forma, estamos lidando com estereótipos, tipos que nos permitem rapidez no fluxo da comunicação (BERGER & LUCKMANN, 1998), mas que são reorganizados nas interações diárias, no “face-a-face” com o outro. E é relevante entender tanto suas mudanças quanto sua fixidez, porque embora não se consiga dar exemplos reais, ou seja, nomear a pessoa que eu conheço e que é tal qual se apresenta no discurso, o discurso continua, a Baixada é quente e a Zona Sul, fria. Este “ser Baixada” merece ser investigado para trazer ao debate questões além das marcas de violência e carência que sobrepujam os estudos sobre a região (ALVES, 2003), bem como os discursos midiáticos que apesar da abertura ao aspecto cultural continua a enfatizar a mesma imagem negativa (ENNE, 2004). As pistas dadas pela exploração dos imaginários presentes nos diálogos cotidianos e nos “causos” contados em momentos de celebração configuram esta mudança de perspectiva necessária.

Maia (2005, p. 78), inspirado por Maffesoli, nos fornece a indicação de que na cidade partilhada, é nas pequenas celebrações que “o sentimento de pertença local se afirmar diante de signos globais” e de que não é mais possível desprezar as micro-histórias que surgem a cada ato de comunicação-comunhão. O autor também ressalta

a importância de se distanciar da “postura ótica”, de afastamento, que não devolve ao homem a sua capacidade de tecer suas relações e associações e que a participação do homem no mundo pressupõe afeto, uma dimensão que só pode ser compreendida pelo uso de uma “razão sensível”.

A “Sociologia do Imaginário”, proposta por Legros (2007), é uma pertinente proposta interdisciplinar para identificar o momento em que o imaginário cumpre as funções de “criatividade social e individual” e de “comunhão social”. Pois, são as imagens que o compõe que configuram nossa visão de nós mesmos, do outro e do mundo e as relações estabelecidas. E quais as histórias que seguem estas imagens? Não pensando na história como um retrato estático do passado, evoluindo numa linha linear, mas nas construções que são feitas e refeitas diante de cada situação, lembrando o que Goffman (1998) nos demonstra através da metáfora da vida como teatro.

No momento da entrevista, no qual começamos a falar sobre o que identifica o morador da Baixada, uma das organizadoras relatou que era interessante quando ia para Minas Gerais e lá encontrava moradores da Região Fluminense, como Barra Mansa e Resende. Ela havia percebido quando trabalhou nesta região do Rio de Janeiro, que existia certo preconceito com quem era da Baixada Fluminense pelos “Fluminenses” (brincando com o nome), mas em outro Estado tudo mudava: “tinha que ver, tiravam onda de carioca em Minas, com carro tocando *funk* em som alto”. Ou seja, as imagens acionadas mudam conforme a situação.

Este orgulho de “ser Baixada”, que às vezes é solapado pelas carências da região, mas que persiste em se evidenciar nestes momentos em grupo na mesa de um bar e nas festas que dali surgem. É evidente que a necessidade de habitar o território moderno, regido pelas forças racionalizantes econômicas e políticas, diminui a adesão as festas comunitárias. O ritmo frenético de trabalho dificulta os ensaios de quadrilha, mas não deixa morrer a festa. De outro modo, é intrigante perceber que a busca dos recursos materiais para prover o bem-estar da família não tem primazia sobre a necessidade de estabelecer relações, de “estar juntos com”. Mesmo que não seja do jeito “tradicional de fazer as coisas”.

Neste tempo pesquisando a Baixada pude perceber que momentos de transformação da vida que merecem relato são os momentos de nascimento, casamento, conversão... e não os ganhos materiais que também fazem parte da trajetória deste povo (ROCHA, 2013). Talvez um indício mal interpretado por alguns

deste antagonismo com a Zona Sul esteja na declaração “eu queria trabalhar aqui, seria um sonho, mesmo ganhando menos, porque de que adianta ganhar dinheiro sem ter tempo para gastar”? Gastar dinheiro para comer e beber com os amigos nas festas de rua, preparar a comida, organizar a festa, pagar mico, arrecadar dinheiro para gastar em outra festa fazem parte deste “estar junto com” que dá sentido ao mundo, foi o que me disse este São João e pode dizer mais, se levar em conta que “a festa é a melhor tradução do que somos como povo e como cultura” (MIGUEZ, 2012, p.206).

Decerto, não é que os jovens - filhos dos organizadores dos festejos juninos - não queiram estar juntos. Eles estão, mas de outra forma. Em suas pequenas tribos, dentro das casas ou tomando as ruas, compartilhando o espaço com quem tem afinidade para “bater papo, ouvir música e tomar umas cervejas”. Ou, conforme foi relatado: “em casa gastamos menos e os assuntos rendem mais [...]. Em balada, procuramos open bar barato e de qualidade, pois a música boa é um fato garantido”.<sup>33</sup> Beber, ouvir música e trocar ideias e afetos é o que move estes jovens, diversos, mas ao mesmo tempo unidos pelas emoções que compartilham. É o que Maffesoli defende em “o tempo das tribos” (1998), ao afirmar que a socialidade passa a ser exercida nas micro-tribos urbanas ou “comunidades emocionais”, ligadas a partir daquilo que partilham em comum: estilos musicais, gostos, símbolos.

Talvez, a crítica que aponta o egoísmo, a perda da ligação com o território e de sentido de comunidade da nova geração não leve em consideração as novas formas de pertencimento que surgiram no cenário pós-moderno com o advento das tecnologias interativas digitais. Elas evidenciaram as multiplicidades de modos de vida e possibilitaram criar redes de afinidades. Continuam a festejar, mas não por algum tipo e obrigação social com a comunidade de nascença, e sim para ficar juntos à toa. Juntos, diariamente, nos grupos de *WhatsApp* e nas redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, estes jovens compartilham dores, alegrias, ideias e toda sorte de emoções. Para Maffesoli (2012), nesses ambientes de compartilhamento e colaboração, o sujeito se constitui sob o olhar do outro. Ali, no território virtual, estreitam os laços emocionais que os levam a festejar pelo prazer de estar na presença do outro.

---

<sup>33</sup> Resposta de dois jovens pertencentes a um grupo de amigos da Baixada que se reúne todo final de semana.

Creio que a pós-modernidade se caracteriza pela "sinergia" do arcaico e do desenvolvimento tecnológico. As tribos pós-modernas florescem, justamente, graças à expansão da internet e da tecnologia. Trata-se, em efeito, de um paradoxo, pois ao longo de todo o século XIX e de boa parte do século XX a técnica se empregava, essencialmente, para racionalizar a vida social e eliminar tudo o que pudesse ser da ordem do emocional, do afetivo e das paixões. Hoje, ao contrário, essa mesma técnica promove o retorno dos afetos. [...] existe hoje, em particular entre as jovens gerações, uma inegável vitalidade, que se exprime em novas formas de solidariedade e de generosidade. A web favorece antigas formas de hospitalidade, que foram a marca das sociedades pré-modernas. (MAFESSOLI, 2012, s/p<sup>34</sup>)

Por ser o afeto, o cimento que une as tribos pós-modernas, elas passam a ter um caráter efêmero e transformável. Os grupos são constituídos, desfeitos e refeitos com regularidade, atraindo julgamentos morais. A crítica da falta de um apego ao território não considera que novas territorialidades fazem parte das dinâmicas identitárias. A rua ou local de nascimento ou moradia é importante, mas não mais do que os locais que estes jovens escolhem para compartilhar suas experiências, sejam locais físicos ou virtuais. Ao contrário da desterritorialização, defendida como consequências das forças globalizantes modernas, Maffesoli (2014) acredita que a copertença a um lugar determinado é importante para o vínculo que se estabelece entre os integrantes das tribos. Para o autor, o projeto moderno privilegiou o tempo, que controlava as atividades e orientava as energias na obtenção de objetivos pré-definidos. Já os tempos pós-modernos, assim como a pré-modernidade, privilegia o espaço, que incentiva a “envaginação dos sentidos”, as energias são fecundadas na imersão nestes territórios estabelecidos.

Diferentemente de uma proclamada exacerbação do individual, o que se percebe é uma diluição do “eu” no outro. Em vez do “conhece-te a ti mesmo” socrático, estabelece-se o “conhece-te em mim” de Tereza de Ávila. É na alteridade que nossa existência ganha sentido, a presença do outro é importante para que eu me constitua enquanto sujeito. A divisão acontece no desenrolar cotidiano conforme os gostos musicais, esportivos, culturais, sexuais. A “irmanação” sucede ao “contrato social”. Viver a vida é viver no mundo. O sentido da vida é viver. Por isso a busca da intensidade destes momentos de festas, qualquer festa, festas sob qualquer pretexto, festas sem finalidade. Basta estar junto para que a festa aconteça, nas casas, nas ruas, nas praças, nos bares. As festas têm o poder de romper com a ordem

---

<sup>34</sup> Entrevista cedida ao Valor Econômico: CASTELLO, José. A espiral de Maffesoli. Cultura. **Valor Econômico**. 28 de Setembro de 2012. Disponível em: <<https://www.valor.com.br/cultura/2847574/espiral-de-maffesoli>> Acesso em: Janeiro de 2019.

estabelecida, romper com o encerramento individual ao qual somos relegados, a partir daí, tem o potencial de recompor a abertura pessoal para criar identificações múltiplas.

Eu me perco no outro. Ou seja, eu só existo pelo e no Socius. O festivo não sendo, em tal perspectiva, senão uma intensa copulação (mística) com esse Socius. Deve-se entender por isso que o ser pessoal só existe em relação, em correspondência com o outro. Os fenômenos festivos lembram que é a ocultação no grupo que favorece a emergência de si. Eles apenas destacam o diálogo que existe entre a vertigem (no grupo) e o reequilíbrio da integralidade da pessoa. (MAFFESOLI, 2014, p. 102)

O São João também acontece no quintal das casas das jovens tribos, e muitas vezes ganham as ruas. Todavia, não é a manutenção da tradição que os motiva e sim a vontade de festejar e o tempo cíclico do calendário oferece boas oportunidades para tal. Para Maffesoli (2014, p. 103), a festividade é a “reminiscência do primitivo, do que serve de fundamento (“arcaico”) a todo viver-junto.” A festa é um momento de “efervescência” no qual recebemos a visita do outro, ficamos à espera desta alteridade que nos confronta, que nos faz “morrer” naquilo que era certo e estabelecido, ao mesmo tempo em que nos “recria”. A festa é o espaço da copresença, do presente, do encontro: encontro de amizades, de inimizades e de amores. No quintal de casa ou na rua, a rede de contatos se expande, através do amigo, que chama o amigo, que chama o amigo...

Estas festas também são o lugar dos excessos e da intensidade. Comer muito, beber muito, a música alta, o contato dos corpos, a intensidade das emoções. A festa reativa o “regime noturno” do imaginário, cuja taça enquanto imagem convida a mergulhar no abismo para ressurgir. A festa não preserva virtudes, porque o doar-se não é uma obrigação, mas um prazer, uma necessidade arcaica. Para Maffesoli (2014), a festa é o lugar das possibilidades e das transgressões. Não necessariamente de transgressões pensadas para subverter as regras estabelecidas, mas transgrede na própria inutilidade do encontro.

Vistas por uma perspectiva econômica, a festa que estes jovens promovem continuamente é um momento de desperdício: de tempo, de dinheiro, de comida, de bens. Não à toa, muitas vezes são julgados como vagabundos ou irracionais. “Não tem dinheiro para pagar as contas, mas para beber tem!”. É difícil entender que não é

a hierarquia das necessidades<sup>35</sup> que comanda a festa. “A noite é uma criança!”, guiada por seus desejos mais orgânicos e ao mesmo tempo mais sociais.

Maffesoli (2014) vai além do pesquisar a festa enquanto momentos, e acredita que “a sombra de Dionísio” ou a vitalidade da festa têm se espalhado, contaminado mesmo, todas as instituições modernas: a política, o trabalho, a economia. Tal constatação pouco tem a ver com a espetacularização debordiana, que declara que todas as esferas da vida deixam de ser vividas e viram espetáculos aos quais assistimos de forma passiva. Ou com a releitura de Kellner (2006) de que tudo vira espetáculo, mas o espetáculo é um lugar de disputas culturais. É a *práxis* da festa, das “comunhões emocionais” que tudo atravessa. Trabalhar por diversão, protestar sem pauta objetiva, as comoções coletivas, a “gastança” despreocupada. Tudo leva a crer que a festa se espalha, o erótico adentra o político. Este é o “espírito do tempo”.

O que quer dizer que não há, por um lado, o afeto, e, por outro, o político, isto é, o poder, o saber, o prever. Mas que, ao contrário, o erótico é, estreitamente, parte integrante da vida: pública e privada. Mesmo se isso pode parecer surpreendente, nada nem ninguém está indene da petulância de um “amor” assim compreendido. O papel que exerce o emocional na ação administrativa, no jogo sindical, nas reivindicações profissionais, nas reações aos fatos corriqueiros, sem esquecer os desvios de conduta das *people* (políticos, stars diversas e midiáticas), tudo isso deveria incitar a mais lucidez quanto aos ingredientes que entram na elaboração e na permanência do elo social. (MAFFESOLI, 2014, p.111)

O Eros é prazer e sabedoria, e quando deixamos de lado a dimensão sensível amputamos algo que nos constitui. Na festa, a dimensão sensível é retomada, não eliminando a razão, mas transformando-a. O ser inteiro é fragmentado, cheio de contradições, conflitos e inquietudes que levam às paixões. A razão nos leva ao “um”, a uma inteireza coerente, a uma identidade definida. Mas o múltiplo não está apenas fora, ela nos habita. Já havíamos visto o quanto a produção do espaço moderno em vez de homogeneizar os territórios, os multiplicou. As negociações entre a cultura global e as expressões locais, multiplicaram as possibilidades de criar territórios e identidades. Entre aquilo que sou e o que gostaria de ser, existem as possibilidades. A dimensão sensível aliada a uma razão compreensiva resgata “meu

---

<sup>35</sup> Referência à Hierarquia das Necessidade proposta por Abraham Maslow, representada por uma pirâmide cuja base é composta pelas necessidades fisiológicas, seguidas pelas necessidades de segurança, necessidades sociais, necessidades de estima e de autorrealização.



duplo” e as possibilidades que o atravessam. Há múltiplas sombras entre Deus e o Diabo, e as festas as revelam (MAFFESOLI, 2004).

Di Stasi (2015), utiliza a “Love Parade”, festival de música eletrônica criado numa Berlin ainda dividida, para demonstrar as grandes festas coletivas como manifestações do neotribalismo moderno. Ao som do *techno*, as neotribos diversas entram em transe coletivo, a multiplicidade não é reduzida, mas celebrada e encaixada através do som, que é fruição pura. Através das palavras da organizadora do evento, o autor coloca a música como uma aptidão para união, pois “no palco todos se entendiam”, apesar das origens diferentes.

O evento é representativo destas formas de agregação social urbana, que demonstram a características neotribalistas do contemporâneo, heterogêneo e múltiplo. É uma expressão de celebração de uma comunidade como um todo, diferente dos protestos diretos, uma imersão numa empatia coletiva que evidencia o gozo do presente. A emoção dançante trazida pelo festival eliminou as barreiras que dividiam o espaço junto a queda do muro de Berlin - um ano após o primeiro festival. Com o tema “o futuro é nosso”, a segunda versão do festival deixou evidente este caráter festivo que o futuro é vivido no presente.

Grandes festivais; encontros nos bares, ruas e quintais; o São João mercadológico e midiático; o São João religioso dos pátios das Igrejas; o São João dos costumes mantidos pela comunidade; o São João do pretexto para encontrar os amigos e festejar... todas as festas guardam em si o potencial de renovação que o mundo do trabalho nos retira. O riso, as brigas, a bebedeira, o canto, a dança, os sexos retomam o mundo vivido, reconstróem a concretude do espaço. Na festa “sente-se vivo” porque a vida vivida é aqui e agora, com outro, com as nossas contradições, com as nossas sombras. A energia social é mobilizada para desfrutar o presente, numa “profunda inversão de polaridade”. (MAFFESOLI, 2004, p.161).

O foco no presente vivenciado, por meio de ritos e ritmos específicos, proporciona uma espécie de iluminação. É causa e efeito de uma autêntica força sagrada. Um divino não mais transcendente, mas que emana do grupo em fusão. Esses momentos de efervescência seriam parênteses na vida normal? Não se pode afirmar. O processo festivo insere-se, estruturalmente, no conjunto orgânico da vida. Não pode, assim, ser entendido como um momento separado. Ele suscita uma energia psíquica, propriamente coletiva, que posteriormente se dilui ou irriga o cotidiano. (MAFFESOLI, 2004, p.162)

Utilizadas como produtos mercadológicos, as festas atraem investimentos, fazem a roda da economia girar, mas, ao mesmo tempo mergulha a todos numa dimensão outra. Para controle? Talvez! Mas nem tudo é controlável. Mas do que pacificar, a festa revigora. Talvez não provoque uma mudança sociedade oficial, mas cria a sociedade oficiosa, na qual as táticas que ludibriam as regras são construídas. Quando demasiadamente presa nas amarras mercadológicas e na institucionalização, ela se reinventa. A festa não para, ela não pode parar!

Tanto no São João de uma pequena rua em Nilópolis, quanto nas Lamas que existem espalhadas pela Baixada Fluminense, os ânimos se renovam na cerveja, na comida, na música, na dança e na convivência que nos retiram de um cotidiano que adestra o corpo e desinflama o espírito. As regras ainda estão ali, os pré-conceitos também. Pelo menos até a meia noite, depois disso “todos os gatos são pardos”.<sup>36</sup>

### 1.3 No limiar das identificações

Os sonhos individuais e coletivos são feitos de alegrias e dores. Esses sonhos transbordam cada vez mais da vida privada e ocupam, em massa, a praça pública. Um pensamento que sabe acompanhar-lhes os meandros é, certamente, o mais capacitado a deixar entrever a emoção, o sofrimento, o cômico, que é o próprio de uma vida que não se reconhece no esquema, preestabelecido, de um racionalismo de encomenda.

*Maffesoli*

Há ricos e pobres, apenas, como sempre houve e sempre haverá. Aponte-me uma época em que os homens foram iguais...

*Sr. Wilcox (personagem de Howards End)*

Para Edgar Morin, “literatura, poesia e cinema devem ser considerados não apenas, nem principalmente, objetos de análises gramaticais, sintáticas ou semióticas, mas também escolas de vida [...]” (MORIN, 2002, p.48). De modo que, arte e sociologia devem caminhar juntas na tentativa de estudar o humano, pois a arte como sistema de comunicação inter-humana está em intenso diálogo com o meio social, um agindo e modificando o outro (FACINA, 2004).

---

<sup>36</sup> Dito popular que significa que todas as coisas são semelhantes no escuro. Após a meia-noite, na Rua da Lama, a maior parte dos públicos se mistura.

Neste sentido, o livro de Foster (1989) é elucidativo quanto à questão da modernidade, sendo o autor um grande crítico desta época. O romance apresenta as contradições e conflitos de identidades culturais deste período, em que a mobilidade social e a conseqüente mudança de identidade são o grande sonho dos menos abastados, mas, ao mesmo tempo, há uma tentativa de enquadrar tudo em seu devido lugar. Dentre as polaridades de que tanto se ocupa o tempo moderno, e que o livro de Foster explora muito bem, estão a riqueza e a pobreza.

Na epígrafe citada, vê-se o *Sr. Wilcox*, de uma identidade burguesa, racional e prática a explicar para a humanista e intelectual *Helen*, que sempre existiram ricos e pobres cada qual com seu lugar na sociedade, e não adianta brigar contra a história. Este pensamento do “sempre fora assim” que procura legitimar fatos socioculturais marcados no tempo pela sua generalização através da história, é, ainda, uma prática cotidiana na mídia e tem como objetivo finalizar ou obscurecer a discussão sobre os estereótipos que dissemina. As narrativas, midiáticas e históricas enquadram a complexidade da vida nas categorias sociais determinadas e determinantes. O que se conhece sobre a Baixada Fluminense? A história publicada e as narrativas midiáticas: lugar da carência, lugar da “nova classe média”, região dominada por “coronéis” e “justiceiros”, lugar bom para novos investimentos.

Uma das brincadeiras relatadas por Benjamin (1987b), nas memórias de sua infância, era o desenrolar das meias guardadas nas gavetas: sentir o calor da massa lanosa enrolada na profundidade daquela bolsa e perceber, surpreso, ao final, que a massa, ao ser desenrolada, não mais existia, a massa e a bolsa eram a mesma coisa. O autor faz analogia entre as meias e a “tradição”, pois, trazida à superfície das coisas, forma e conteúdo são a mesma coisa. Não há como entender o espírito das coisas prescindindo de suas materialidades. Como revela a concepção maffesoliana, o imaginário é real. Benjamin revela, assim como me revelou a Antropologia, que entender um “povo” ou um “território”, requer um “olhar” compreensivo de suas memórias e experiências

Nunca fui privilegiada pelas classificações sociais que enquadram cada grupo em uma escala do processo civilizatório. Porque *a priori*, a Baixada Fluminense é uma região habitada por um povo “atrasado”. O que representam as minorias em nossa sociedade – apesar de tantos estudos que contradizem essa lógica – senão grupos compostos por pessoas as quais faltam habilidades para viver no mundo globalizado? Não é fato difícil de comprovar, basta disponibilizar um pouco de atenção ao debate

que se iniciou, e que não é novo em seu conteúdo, sobre a questão da “nova classe média brasileira”. Criada em 2008, pela Fundação Getúlio Vargas, fez com que intelectuais logo se posicionassem nos jornais impressos em defesa do termo “classe média” para um grupo de pessoas que além de determinados bens tivessem determinado comportamento.

Neste sentido, as classificações “alta”, “média” ou “baixa” não são medidas de algo contabilizável como o dinheiro, mas de características qualitativas como comportamento, concluindo que, conforme observou Neuma Aguiar (1974), a diferenciação em classes não dissipou hierarquias. E o homem, que está no topo desta hierarquia, de acordo com os estudos de Canclini (1995), são “pequenas faixas das elites empresariais, política e acadêmicas” que conseguem se conectar a comunicação e à cultura global de forma mais ativa. Ou seja, é o “cidadão do mundo”, “moderno” e “globalizado”. No prefácio do livro de Souza e Lamounier (2010) é possível visualizar a questão: “Estão os indivíduos e as famílias que o protagonizam devidamente equipados para explorar o novo universo de oportunidades (e de restrições) que a economia globalizada oferece?” Mais uma vez confirmando a idealização de comportamentos válidos para alcançar e manter um nível de classe mais alto.

A questão da alteridade também entra em cena, trazendo à tona estereótipos que nem sempre favorecem quem se encontra do lado do consumo de informação e não de sua produção. E a experiência nos ensina o quão pode ser injusto estereotipar um grupo tão heterogêneo de pessoas. Quando dizemos os “chineses”, os “americanos”, os “africanos” temos um “tipo” em mente, no qual colocamos toda uma nação, deixando de observar as diferenças e contradições internas. É prática da “historicidade” a aplainar as diferenças, a impor uma identidade para os grupos sociais.

Por isso, Homi Bhabha (1998) afirma que as “grandes narrativas” devem ser contestadas através das pequenas e contraditórias “contra-narrativas” das minorias. Ou, como afirmou a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009), é preciso escapar do “perigo de uma história única”<sup>37</sup>. Um dos exemplos que Adichie apresenta

---

<sup>37</sup>Palestra ministrada em 2009, no TED, fundação privada estadunidense, sem fins lucrativos, que realiza Conferências na Europa, Ásia e Estados Unidos. O vídeo da palestra citada encontra-se em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story)> Acesso em Janeiro de 2019.

é sobre um menino chamado Fide, cuja família, “muito pobre”, era ajudada por sua mãe e isso a fazia sentir pena desta família. Adichie possuía uma imagem do pobre, conforme relata abaixo:

Então, num sábado, nós fomos visitar a sua aldeia e sua mãe nos mostrou um cesto com um padrão lindo, feito de ráfia seca por seu irmão. Eu fiquei atônita! Nunca havia pensado que alguém em sua família pudesse realmente criar alguma coisa. Tudo que eu tinha ouvido sobre eles era como eram pobres, assim havia se tornado impossível pra mim vê-los como alguma coisa além de pobres. Sua pobreza era minha história única sobre eles. (ADICHIE, 2009)

Essa “história única” fundamenta-se no imaginário criado acerca das diferenças e as acentua, erguendo cercas que só podem ser atravessadas através da apreensão das materialidades das coisas e na imersão nas práticas sociocomunicativas de quem está do outro lado. Benjamin (1987b) dá o exemplo da Coluna da Vitória<sup>38</sup>, construída para contar a história dos vencedores na guerra, mas que trazia implícita nos seus signos e no ouro que reluzia, as histórias dos mortos. Para as histórias que são contadas, há muitas outras que ficam invisíveis. O tempo vazio, universal e homogêneo da modernidade apaga as “rugosidades” tão caras para resgatar as histórias que não são contadas. Elas são invisíveis sob a narrativa oficial, mas estão escancaradas no dia a dia do homem comum. Basta abrir os olhos para ver os destroços deixados pelo tempo do progresso (BENJAMIN, 1987a).

No pensamento de Benjamin (1987a), a prática do decalque é importante para pensar a contemporaneidade. Recortar saberes e misturá-los aos vestígios para recompor um pedaço de história, tal como faz *Sherlock Holmes*, ao constituir a cena de um crime para desvendá-lo. Olhar os vestígios é uma maneira de conhecer as histórias. Ainda para Benjamin (1987a), a empatia é o que faz o historiador escolher um lado da história. Percebemos que na Baixada, por exemplo, enquanto os memorialistas relatam sua história através da perspectiva dos antigos proprietários rurais, os acadêmicos preferem a ótica dos “marginalizados” (ENNE, 2002). Mas a história da Baixada é mais complexa, os dois lados, e muitos outros, a compõe.

Tais reflexões reiteram a importância do olhar para o despercebido, em busca das histórias não contadas. Quando comecei a pesquisar sobre o “meu povo”, comecei pelo que estava instituído. Dados socioeconômicos (SEBRAE, 2015)

---

<sup>38</sup> Escultura de bronze que é cartão-postal de Berlim, construída para comemorar as vitórias da Prússia nas guerras contra Dinamarca (1864), contra a Áustria (1866) e contra a França (1871).

demonstravam que a Baixada era um lugar com concentração da classe socioeconômica C <sup>39</sup>, a dita “nova classe média” brasileira. “Exagerados”, “extravagantes”, “hedonistas” e “consumistas” eram as quatro palavras que resumiam o imaginário explorado acerca da “nova classe média brasileira”.

Longe de ser uma associação original, a relação entre classes médias e consumo hedonista já era destacada em estudos sobre a classe média elizabetana (MCCRACKEN, 2003). Mas foi evidenciada principalmente na referência à crescente gama de salarizados não operários, formada no século XX, num panorama de aumento da produção e consumo em massa. Edgar Morin (1969) abordou esta relação entre o consumo e o “novo salariado” do ocidente industrial, considerando que, para uma camada tão heterogênea, o consumo tornou-se o fator de integração e identificação possível. No caso do Brasil, O’Dougherty (1998, p.1) afirmou haver uma vasta literatura sobre o tema, levando a concluir que “a classe média no Brasil tem sido modelada e definida pelo consumo”.

Sobre esta mesma camada intermediária assalariada, ou pequeno-burguesa, Bourdieu (2008) apresentou os aspectos de distinção, salientando serem os gostos marcadores de classe. Segundo o sociólogo, enquanto a burguesia era caracterizada pela descrição e gostos refinados, a pequena burguesia ou burguesia “recém-chegada” era identificada por ser consumidora exagerada. Ainda que tais afirmações tenham alguma base factual, o estereótipo do “emergente” como caricatura do rico é utilizado há décadas na teledramaturgia brasileira para tipificar quem ascende na escala social. Basta lembrar-se de Rainha da Sucata (1990), trama de Silvio de Abreu, cuja protagonista Maria do Carmo (Regina Duarte), a “sucateira”, era desdenhada pelo seu mau-gosto, seu comportamento exagerado e espalhafatoso.

Embora a mídia, através dos cadernos sobre a Baixada, tenha se apropriado deste imaginário, e recorrido ao território em busca dos ávidos consumidores, a pesquisa realizada com um grupo de moradores da região (ROCHA A, 2013) demonstrou que não há interesse em se definir enquanto classe social. De forma unânime, durante as entrevistas, as mudanças na vida social foram relatadas através

---

<sup>39</sup>Comecei a estudar a Baixada Fluminense no Mestrado, realizando pesquisa com famílias de Nilópolis que se enquadravam na então “nova classe média”. Também sobre o Critério de Classificação econômica Brasil, consultar: ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa Disponível em: <[http:// www.abep.org](http://www.abep.org)>. Acesso em Maio de 2012.

de acontecimentos sociais importantes como o casamento, o nascimento dos filhos, a “conversão” ao cristianismo e não às mudanças na vida material.

Por conseguinte, há a necessidade de se entender os fatos sociais além das categorias predefinidas e generalizantes. Como salienta Bhabha (1998, p.249), a identificação cultural é negociada, as identidades emergentes se forjam nas fronteiras das grandes narrativas com as histórias mínimas. Não se configura pelo passado nem pelo discurso oficial, mas é um meio termo, negociado e em processo. Essa negociação é concebida no cotidiano, nos atos corriqueiros, no fluxo comunicativo que envolve a sociabilidade.

Fui questionada há poucos meses sobre meu objeto de estudo, a Rua da Lama, por uma pesquisadora da área de geografia urbana. Havia colocado para ela que minha pesquisa de doutorado tem como objetivo compreender as relações identitárias que surgem na Rua da Lama, em Nova Iguaçu, e fui questionada sobre se acredito que há neste lugar alguma continuidade dos espaços culturais que outrora reuniam na Baixada Fluminense intelectuais da região, uma vez que a Rua da Lama seria apenas um espaço gastronômico e de lazer do que um espaço de cultura. A perspectiva da minha interlocutora seria a de que este espaço seria a apropriação do capital de uma vivência comum da periferia, gostar de beber com os amigos, que se tornou principal opção de lazer da população de baixa renda. Não seria este um local de lazer “típico da periferia”, não guardaria dimensões culturais nem da elite iguaçuana, nem da periferia formada em sua maioria por imigrantes nordestinos.

Tais considerações revelam uma visão dicotômica entre economia e cultura, uma vez que aquilo que o capital “toca” ou se “apropria” vira um produto que é desnudado de sua dimensão cultural. Revela também a divisão feita entre cultura popular, cultura da elite e cultura de massa, como se pudéssemos colocar cada um destes mapas de simbólicos criados pelos grupos humanos em compartimentos separados que não se relacionam, não se tocam, não trocam símbolos, não dinamizam nem negociam. Por ser um complexo de bares, a “Rua da Lama” não seria a manifestação cultural espontânea de um povo. O povo da Baixada Fluminense, numa perspectiva muito semelhante ao imaginário sobre a “nova classe média”, seria a massa de consumidores cujos momentos de lazer serviriam apenas para aliviar, de forma controlada, o peso imposto pela rotina de trabalho.

Tradicionalmente, os estudos sobre a Baixada Fluminense buscam escrever a história da região, utilizando como base os documentos guardados pelos

memorialistas da região. Recentemente, alguns estudos empreendidos na região têm sido motivados por um viés econômico, pois estas pessoas ganham visibilidade enquanto consumidoras (ENNE, 2002). Mas suas crenças, seus valores, suas memórias, suas táticas cotidianas de sobrevivência num mundo que pouco as incluem ficaram submersas na avalanche de pesquisas sobre suas prioridades de consumo. Devemos analisar o território em questão em todas as suas dimensões. Para pensar um território, deve-se levar em conta suas potencialidades e particularidades, mapeando os motivos que levaram a sua construção, compreendendo de forma articulada seus “fluxos e fixos” (SANTOS, 2006).

Complexos gastronômicos e musicais são espaços de socialidade intensa (MAFFESOLI, 2005), ou seja, de solidariedade orgânica, não programada, cujos corpos unem-se por afinidades e cuja única preocupação é o prazer do presente. Estes espaços nos ajudam a desvendar o território em processo, ou seja, a territorialidade que surge da relação dos corpos com o local. A partir da disposição dos corpos no espaço, dos bens comercializados, do consumo despropositado, encontramos grupos que se formam e se transformam. São espaços do “fazer cultural”, na medida em que os imaginários se inter cruzam e alimentam a capacidade criativa de inventar novas práticas, novas ideias e novas identidades.

Lembro-me que nos primeiros anos do curso de Comunicação Social, o primeiro conceito com o qual me encantei foi o de cultura. Até então, acreditava que a “cultura” não era pra mim. Eu não conhecia nada de Belas Artes, música erudita, obras literárias clássicas. O conceito de cultura que eu conhecia era a “concepção clássica”, que Thompson (1998, p. 170) descreve como “processo de desenvolvimento e enobrecimento das faculdades humanas, um processo facilitado pela assimilação de trabalhos acadêmicos e artísticos ligados ao caráter progressista da era moderna”. Após, percebi o quão complexo e ambíguo é o conceito de cultura, até entendê-lo como o mapa que orienta uma sociedade, mas não um mapa pronto, dado de uma vez por todas, mas um mapa de sentidos construído cotidianamente.

Desta forma, cheguei ao “conceito antropológico”, que Thompson (1998) divide em concepção descritiva e simbólica. A primeira com ênfase na descrição de práticas culturais das sociedades estudadas e a segunda, seguindo a linha de Geertz (1989), na qual o antropólogo para conhecer a cultura de um povo deve reconhecer os padrões de significados atribuídos as formas simbólicas. De acordo com o autor, a produção e a troca de formas simbólicas são atividades características de todas as



sociedades humanas e sofreram uma transformação em sua natureza e abrangência com o advento da sociedade moderna, impulsionada pela economia capitalista e as novas técnicas de produção e disseminação de mensagens das quais a influência, poucas sociedades se isentam.

O autor discorre na obra sobre a intermediação entre ideologia, meios de comunicação e cultura, revisando e dando novas roupagens aos conceitos com destaque para a questão da produção, construção e disseminação de sentidos, ou seja, o “fazer cultura”. Neste contexto, a ideologia está relacionada à produção e disseminação de sentido, para a manutenção de relações assimétricas, que ocorrem não somente no terreno político, mas nas trocas que ocorrem na vida cotidiana. E os meios de comunicação surgem no cenário como mediadores da construção e difusão da cultura moderna, num processo que o autor chama de “mediação”: o mundo “atravessado por redes institucionalizadas de comunicação e em que as experiências das pessoas está cada vez mais mediada por sistemas técnicos de produção e transmissão simbólica” (THOMPSON, 1998, p.167).

É por este aparato de transmissão das formas simbólicas que, segundo o autor, envolve a “técnica”, o “aparato institucional que a gerou” e o “distanciamento espaço-temporal”, que aspectos selecionados por determinado grupo se tornam dominantes no espaço social. A partir das possibilidades comunicativas dos meios de massa, Rodrigues (1992) explica o surgimento da cultura de massa como o mapa que oferece uma “solidariedade imaginária” para uma sociedade que une diversas etnias, credos e costumes. A cultura de massa é o que une a “plateia de estranhos” no “palco” da cidade (SENNET, 1988). Há também a chamada “cultura popular”, conceito também ambíguo e complexo, que em certos momentos se antepõe e em outros se conjuga com a “cultura de massa”. E, do outro lado destas duas formas culturais, a cultura erudita, qualificada como “cultura verdadeira”.

Em determinado momento do início da minha vida acadêmica também me vi confusa sobre meu enquadramento cultural: eu pertenceria a “cultura popular” ou a “cultura de massa”? Confesso que nunca me senti como uma “massa amorfa” como julgaram alguns teóricos de Frankfurt, tampouco pesava a força da homogeneização que tanto ouvia em sala de aula, mas sentia-me como única e percebia as diferenças internas da “caixa” na qual me colocaram. Mas a cultura, por vezes, é como o ar, o qual respiramos sem perceber sua existência, e, este repertório compartilhado de

formas simbólicas são um conhecimento tácito empregados nas práticas cotidianas (THOMPSON, 1998).

Para Thompson (1998), a mercantilização das formas simbólicas, e sua transformação em “bens simbólicos” na era industrial, parecem ser a chave para entender a oposição entre a massa e o povo. A massa seria mera consumidora dos “bens simbólicos”, enquanto o “povo” seria capaz de produzir formas simbólicas originais. Na sociedade de massa os valores simbólicos e econômicos são forjados na codificação das mensagens que circulam nos meios de comunicação, que, segundo o autor, podem ou não coincidir com o processo de decodificação destas mensagens. O que remete a questão das apropriações e ressignificações destes bens gerando novas formas simbólicas. Sendo assim, posso afirmar que sou massa e sou popular, pois utilizo as referências de uma macrocultura, a de massa, em conjunto com referências regionais, religiosas e étnicas próprias.

Sabemos o quanto a publicidade opera como sistema totêmico (ROCHA E, 1995) que transforma um bem impessoal em algo dotado de sentido na vida social, assim também todos os produtos do que se denominou indústria cultural nos abastece de sentidos para nossas práticas cotidianas (MORIN, 2002). Mas estes sentidos são apropriados e reapropriados, uma vez que a cultura é dinâmica e envolve negociação. Negociação é a palavra-chave para entender a complexidade multicultural que nos envolve. Seguindo a linha de Bhabha (1998), as identidades culturais surgem numa negociação entre as culturas emergentes e a cultura imposta pelo processo de colonização e criação dos Estados-Nação.

Para Rodrigues (1992), a cultura de massa envolve um complexo jogo entre heterogeneidade e homogeneidade, pois afirmar o indivíduo como valor é o que é homogêneo em nossa cultura. E a cultura como um sistema comunicativo pressupõe uma dialética entre semelhanças e diferenças. O que nos indica que há um repertório de formas simbólicas compartilhado no macro, mas que são apropriadas no micro, formando subculturas. No macro encontramos o que Burke (1989) chama de uma “cultura oficial”, a “cultura de massa” disseminada pelos meios, que negocia e incorpora elementos dos diversos grupos para compor seu repertório de formas simbólicas.

Para Burke (1989) a “cultura popular” é a cultura da “não elite”, a cultura não oficial, que possui variações, ou seja, não é homogênea, mas possui características comuns. O autor problematiza a busca de um “purismo” na tentativa de apresentar o

popular, como se todas as formas simbólicas geradas pelo povo pudessem ser fixadas no tempo e no espaço. Culturas estas que são consideradas hoje por Rodrigues como resquícios que sobreviveram as forças homogeneizantes da sociedade industrial.

Além disso, não devemos esquecer de que a tendência histórica da sociedade industrial e de consumo se manifesta no sentido de que aquilo que efetivamente é popular seja cada vez mais um resíduo, algo que permanece apenas “ainda”, uma reminiscência que perdura apenas enquanto o sistema industrial e sua cultura não se instalam de modo completo. De uma forma ou de outra é um remanescente que cumpre a função de, aqui e ali, fornecer à cultura industrial um “outro” nostálgico: algumas vezes cúmplice; outras tantas, inimigo. E isto de certo modo acaba fazendo da “popular” um elemento integrante da cultura de massa (RODRIGUES, 1992).

Conforme afirma Burke (1989), o processo de industrialização e da geração de Estados-Nações gerou transformações profundas nas culturas locais, no sentido de padronização de formas simbólicas. Mas há de se considerar, como o autor também o faz, os espaços de negociações e de influências mútuas entre os grupos. “Não existia uma tradição popular imutável e pura nos inícios da Europa moderna, e talvez nunca tenha existido” (BURKE, 1989, p 31). Havia espaços de interação entre campo e cidade, popular e erudito, de modo que não há como medir o grau de pureza de uma cultura, e nem considerar como povo apenas aqueles que resguardam costumes primitivos. Por isso, ele considera como popular as tradições “não-oficiais”, ou utilizando o conceito de Redfield (*apud* BURKE, 1989), as “pequenas tradições”. Ainda para o autor, ao tentar mapear estas pequenas tradições esbarramos na falta de registro destas práticas e pensamentos.

Assim, ler o texto de uma balada, de um conto popular ou até de uma melodia numa coletânea da época é quase como olhar uma igreja gótica “restaurada” no mesmo período. A pessoa não sabe se está vendo o que existia originalmente, o que o restaurador achou que existia originalmente, o que ele achou que devia ter existido, ou o que ele achou que devia existir agora (BURKE, 1989, p35).

Disto isso, pode-se afirmar a importância do trabalho de registro das formas simbólicas dos diversos subgrupos que coexistem em nossa sociedade e que estão em constante mudança. Não na tentativa apenas de guardar memória, mas de fornecer opções para compor pensamentos, comportamentos, e modos de viver. Não digo, na mesma perspectiva de Burke, de historiar as “pequenas tradições” perdidas, mas também das novas formas simbólicas surgidas no conflito, do limiar das negociações entre a macro e as microculturas no cenário contemporâneo.

Porque as táticas cotidianas, de que nos fala Certeau (2007) foram excluídas por muito tempo dos registros oficiais, e ainda o são. São estas táticas, atividades banais cotidianas como falar e comer, um modo de negociação e enfrentamento da “macro tradição” ou “cultura oficial”. Nestas práticas, se reproduzem e mantêm as relações assimétricas como abordou Thompson, mas também se refaz e se desenham novos valores.

A realidade é mais complexa do que aquilo que aprendemos sobre ela. Os livros de história, os escritos acadêmicos, os documentos oficiais e as narrativas midiáticas contam apenas uma parte, com enquadramentos que lhes são próprios. Por isso, aos que se propõem estudar a sociedade, cabe reiterar um aviso há muito dado pelos pesquisadores que se atrevem a entender as relações que o ser humano estabelece com o mundo, consigo mesmo e com os outros: não há como aprisionar em nossas pobres palavras a complexidade de nossas vidas. Aquilo que é dado por certo em determinado momento pode transfigurar-se em questão de segundos. Não há como agarrar o objeto, se é que há realmente um objeto a ser observado detalhadamente por olhos atentos.

Se as dicotomias modernas não subsistem às descobertas de mundos invisíveis aos nossos olhos e nem a experimentação profunda da realidade, não há como separar sujeito e objeto. No processo de pesquisa, eles constituem-se, relacionam-se, reinventam-se e colaborativamente produzem um conhecimento que não cabe inteiro em um número finito de caracteres. A pesquisa social provoca ou deveria provocar dobras, criar problemas, desvendar caminhos que fogem da linearidade organizada da razão. Não há conceito que dê conta da vitalidade que emana dos momentos de socialidade em torno da música, da dança, da comida e dos corpos.

Por esse motivo, o resgate da “razão sensível” é importante na observação e na composição dos relatos que tentam dar conta das práticas cotidianas. Estudar o que é complexo requer caminhos complexos que não se encaixam nos métodos científicos que visam “dissecar” o objeto em busca de suas partes para compreendê-las. Requer caminhos de investigação que permitam observar um momento do pedaço do social que se pretende estudar, sem esgotar todas as possibilidades de arranjos passados, presentes e futuros possíveis, acompanhando o processo de produção das relações entre corpos, territórios e símbolos.

O modo como realizamos nossas pesquisas e estudos em prol da produção de conhecimento nas Universidades é orientado pelo entendimento de que o processo cognitivo é situado na mente, seguindo a linha da proposição filosófica iniciada em Parmênides e consolidada em Platão. A filosofia ocidental livrou o homem do mito e o aprisionou à razão. Mas nem todas as correntes filosóficas buscavam o conhecimento através da reflexão, havia os que defendiam o conhecimento a partir da experiência sensível do mundo. Em vez da busca da essência que revelaria uma “Verdade” cujos sentidos nos atrapalhariam de alcançar, tais filósofos, como os sofistas, liam o mundo a partir de sua aparência, abrindo a possibilidade de o conhecimento ser “múltiplo, relativo, mutável e derivado da retórica” (REGIS, MESSIAS, 2012).

Conhecer pela razão ou conhecer pelas sensações? Buscar uma verdade ou entender que há múltiplas verdades? Da Antiguidade aos dias atuais estas questões se misturam em teorias sobre o conhecimento que ora priorizam a razão, ora priorizam os sentidos. Durante a Idade Média, filósofos católicos uniram fé e razão em seus tratados, acreditando que seria possível encontrar a verdade escondida pelo Criador através da contemplação de suas obras. Mas à “mente contemplativa” sucede a “mente projetista”. De acordo com Regis e Messias (2012), a mente projetista é resultado das mudanças ocasionadas no conhecimento da Física, a partir do uso de artefatos técnicos, como a luneta de Galileu, que revelaria que a Terra não é o centro do universo.

Teorias filosóficas caindo e a técnica se erguendo como forma de conhecimento legítimo. Através da técnica o homem recria o mundo que é capaz de conhecer. Se a mente projetista é capaz de forjar modelos artificiais que correspondam à realidade, a natureza pode ser conhecida por meio de representações fidedignas. Conhecer, aqui, é representar. As ideias não precisam mais ser procuradas na natureza, elas são criadas na mente dos homens. A mente contemplativa é substituída pela criativa e o processo cognitivo ocorre no interior do sujeito. O relógio, invenção humana e símbolo de precisão e funcionalidade, é metáfora do universo. (REGIS, MESSIAS, 2012, p. 33)

Oliveira (2003) ressalta que a analogia estabelecida entre os mecanismos e o mundo natural é a marca do Ocidente moderno. Surge a partir deste momento, a crença de que corpos e máquinas funcionam da mesma forma. Sendo assim, tal como acontece com as máquinas, através do entendimento da concatenação entre as partes, é possível entender como o todo se comporta. Uma das consequências

enunciadas pelo autor para essa analogia entre a mecânica das máquinas e a natureza é, acreditando que a natureza é simples em sua essência, a melhor forma de conhecê-la seria através da análise.

Mas o método analítico, que propõem separar o todo para entender os atributos essenciais das pequenas partes, é por deveras reducionista, uma vez que o todo é reduzido as partes que o compõe. Conseguiríamos entender o organismo humano inteiro a partir das interações intracelulares? Conseguiríamos entender o social através do indivíduo? Esta última questão movimentou os primeiros esforços da Sociologia enquanto ciência na busca do entendimento da vida em sociedade, bem como o uso ou abandono dos métodos das ciências exatas e do rigor científico na pesquisa social.

Além de reducionista, a abordagem analítica também confere à natureza um caráter determinista. Todo o funcionamento da natureza poderia ser descrito em leis mecânicas, retirando do mundo natural o incerto, o acaso, a liberdade e as escolhas. No plano social, a busca de leis universais capazes de explicar as organizações humanas também norteou pesquisa nas áreas da Antropologia, da Sociologia, da Linguística, da Psicologia. Na tentativa de explicar “a variedade, a multiplicidade e a imprevisibilidade da organização e do comportamento dos seres vivos”, alguns pensadores, contrariando o total reducionismo e determinismo, reacenderam o vitalismo, dividindo a matéria e a vida. A vida sendo o sopro vital sobre a matéria física. Outros, como Descartes, acreditaram que, mesmos sendo os corpos vivos são submetidos às leis mecânicas, porém o pensamento possui outra natureza. Desta forma, matéria e vida, corpo e alma, matéria e pensamento são binômios que marcam a Modernidade (OLIVEIRA, 2003, p. 141).

Oliveira (2003) vê o início do século XX como uma grande virada que vai da imagem maquínica do mundo para a “imagem da complexidade”. Tal transformação acompanha ou é consequência das transformações na própria ciência, principalmente a Física. Novos instrumentos que o autor chama de “próteses de sensibilidade”, permitiram conhecer novas escalas de comprimento e durações até então invisíveis ao homem. Assim, quando o invisível foi avistado, a natureza deixou de ser monótona” (OLIVEIRA, 2003, p. 142).

Tais descobertas levariam a descobertas de três naturezas, em três escalas, a que nos é perceptível, a macro e a microescala. Em cada uma delas, comportando-se de formas diferentes e em nenhuma delas obedecendo rigidamente às leis

mecânicas, previsíveis, deterministas. Desta forma, as fronteiras entre natureza e cultura, sujeito e objeto e indivíduo e meio começam a se diluir e novas possibilidades se abrem na estrada do conhecimento.

No campo das Ciências cognitivas, experimentos realizados por pesquisadores de diversas áreas contribuíram para o entendimento de que “a mente é inerentemente corporificada” (LAKOFF; JOHNSON apud REGIS; MESSIAS, 2012, p. 24). Os processos cognitivos resultam das interações entre mente, corpo e mundo e não independem da matéria como advogavam os estudiosos cognitivistas. Com o enfraquecimento das teorias cognitivistas, que acreditavam ser a cognição sinônimo de processamento de informações, as teorias conexionistas ganharam visibilidade. Para os conexionistas, a cognição aconteceria numa lógica *bottom-up* e não *top-down*, ou seja, o conhecimento é formado pela auto-organização das partes, que ao interagirem formam um todo complexo.

É como a metáfora do formigueiro utilizada por Oliveira (2003): as formigas trabalham em conjunto, formando sistemas complexos. Seu corpo muda a cada nova interação entre elas e entre o formigueiro e o mundo exterior. Cada símbolo - nomeado pelos entomólogos aos níveis supremos de interação - como a defesa ou a reprodução são feitos de subsistemas até chegar ao corpo individual. E é no contato, no corpo que se desloca ao acaso dos acontecimentos que a estrutura é erguida, mas não permanece de uma vez pra sempre. Uma nova dinâmica entre o todo e as partes de descortina:

[...] o todo serve como meio de orientação para as partes, dirigindo formigas, times e equipes para onde sua ação seja mais requisitada. O todo-formigueiro, portanto, não apenas contém as suas partes, mas age sobre elas. Esse todo é mais do que as simples somas das partes, porque serve como meio para as partes agirem sobre si próprias. (OLIVEIRA, 2003, p. 148)

Tais perspectivas são fundamentais para os que se propõem a estudar as dinâmicas sociais. Entendendo que o corpo, inclusive o do pesquisador, participa da construção daquele conhecimento, é possível entender que o conhecimento é limitado e coproduzido. O que se pode observar quando estamos diante de pessoas que compartilham o território, como é o meu caso, é uma estrutura erguida no momento. Compreender as partes que compõe esta estrutura moldável é importante, mas compreender as interações e os grupos que a fazem ser como é naquele instante é fundamental.

Construir o caminho enquanto se caminha é uma maneira de pesquisar que requer coragem. Iniciar uma pesquisa sem uma cartilha de procedimentos, apenas com inspirações que parecem mais justas nas tentativas de entender o social é desafiador, angustiante e ao mesmo tempo prazeroso. Maffesoli defende que na compreensão da vida social devemos utilizar o “raciovitalismo”, entendendo que o mundo é feito de razão e sentimento. Devemos perceber as coisas em seu fluxo acolhendo-as como elas são e não como deveriam ser. O “raciovitalismo” é a razão capaz de unir opostos, entrelaçando o pensar a vida e o vivê-la.

O raciovitalismo opõe-se à razão impositiva, privilegiando a busca da razão interna dos fenômenos sociais e uma compreensão “a posteriori, que se apoie sobre uma descrição rigorosa feita de convivência e de empatia (Einfühlung)” (MAFFESOLI, 1998, p.46). Enquanto o racionalismo divide razão e vida, o “raciovitalismo” os une. Para tal o pesquisador deve estar aberto a utilizar “uma razão sensível” que pense e sinta a vida ao mesmo tempo. Mas, como ir à campo e deixar-se surpreender pelo novo sem encaixar a dinâmica social em nossas crenças sociológicas? O legado das pesquisas antropológicas e as cartografias podem ser inspiradoras neste sentido.

Enquanto a etnografia nos auxilia a interpretar a dinâmica social a qual nos propomos estudar, a cartografia nos oferece pistas para “representar” o processo, desenhando o caminho que é construído enquanto se caminha. Quando se pensa em mapa, a imagem que vem à tona é a da representação geográfica de um território capaz de orientar o caminhar. Varela (2001) aproxima o mapa geográfico das palavras em um papel, cujas sentenças exigem a pressuposição de que há um mundo pré-determinado que pode ser conhecido parcialmente a partir das representações que dele fazemos.

O mapa então, numa visão cognitivista, é um sistema de representação de um mundo dado que serve para orientar a ação neste mundo. Embora seja um processo complexo, representar é reconstruir “características ambientais extrínsecas e independentes” (VARELA, 2001, p. 147). O autor propõe, que para entender os processos de auto-organização dos sistemas complexos, devemos nos destituir da ideia de um mundo predeterminado para entender que o mundo é construído enquanto é pensado. Desta forma, os mapas estariam sempre se atualizando. Para Varela (2001) não há distinção entre corpo-mente e meio, eles se codeterminam.



Para Neves (2008, p. 9-10), o mapa de Varela é o mapa do “entre” que não sujeito nem objeto, nem corpo ou espaço ou experiência ou representação. Este mapa tem por características:

- 1 Estar locado entre o objetivo e o subjetivo; incorporando autor, observador e ambiente da experiência;
- 2 Não pré-determinar regras;
- 3 Incluir o movimento, o tempo e a plasticidade;
- 4 Relacionar corpo e espaço, experiência sempre mutável e representação;
- 5 Não buscar o símbolo pronto, mas a sua construção;
- 6 Na busca pela percepção, buscar mais o fenômeno em si do que seu resultado.

Mapear desta forma é colocar-se a caminhar, construindo sentidos, imagens e relações. Varela (2001, p. 178) defende a cognição como uma “ação incorporada”, ou seja, conhece-se com o corpo e o corpo em movimento. A percepção e a ação são “inseparáveis na cognição vivida”. O observador ao agir modifica a cena e a reconstrói, por isso deve se preocupar em como orientar perceptivamente a ação no mundo que observa. Em vez de representação, o autor propõe a “enação”. Para explicar o conceito, o autor utiliza a máxima do “ovo e da galinha”. A posição de cognitivistas e conexionistas que pensam a partir da representação e a “posição da galinha”. Existe um mundo predeterminado, com suas leis fixas, que lançamos para o interior através de imagens a fim de compreendê-lo. A posição oposta, a “do ovo” que fora a dos idealistas no século XVII, entende que o mundo é criação do sistema cognitivo. A “enação” é o caminho intermediário, “ovo e galinha se definem mutuamente” (VARELA, 2005, p. 102).

Ao opor a “cartografia” à “decalcomania”, Deleuze e Guattari (1995) defendem que o mapa como uma construção ancorada na experimentação do real, enquanto o decalque é a reprodução fixada. O mapa é um processo que:

[...] pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 42).

Para entender a relação entre os corpos, o espaço e as identidades, é importante cartografar sensivelmente o território e ao mesmo tempo interpretá-lo como a um livro. A cartografia e a etnografia fornecem caminhos possíveis para uma pesquisa dos “processos”. Pesquisar os processos de formação identitária através dos

fluxos comunicativos em um território de intensa socialidade, como é a proposta desta tese de doutorado, requer mais do que uma moldura na qual eu tenha que enquadrar toda a riqueza social encontrada.

O território da Baixada Fluminense, sobre o qual lanço meus olhos há alguns anos, carece de estudos que evidenciem a dimensão simbólica construída por seus moradores e adeptos. Realizar uma cartografia sensível, que considere a tessitura das relações, pode contribuir para desvelar essas riquezas culturais escondidas. Registrar estes valores, que nos fazem ter uma identificação com o local, com o outro, com o mundo é o que nos faz desconstruir a identidade determinante de uma “nova classe média”.

Através dos discursos midiáticos, o que esperamos encontrar na Baixada é uma massa voltada para o consumo exacerbado de bens ou o “popular”, com gostos, comportamentos e pensamentos típicos de pessoas incultas. Mas o que essa massa tem em comum a não ser a renda que os elevou ao patamar de uma dita “classe média”? Os elementos simbólicos da cultura industrial. Mas, não menos importante, as negociações entre diversas formas de ser/estar no mundo.

Quando você pensa na Baixada Fluminense, pensa em quê? Quando você puxa um fato marcante na Baixada Fluminense que influenciou à sua maneira de olhar para cá, o que vem na memória? Quando você tenta imaginar a Baixada daqui alguns anos, qual é a sua perspectiva?

Nascido e criado na Baixada, minha forma de entender e viver minha terra mudou ao longo dos anos, ou melhor, ao longo dos anos recentes. Me ensinaram que nasci num lugar abandonado, sujeito ao bel-prazer de prefeitos e vereadores oportunistas interessados apenas em seu bolso e nas falcatruas que administram a lei e a ordem das 13 cidades. Peraí, nem 13 me ensinaram. Porque me mostraram que Guapimirim, Itaguaí, Paracambi e Seropédica não fazem parte do pacote.

Compreendo você, leitor, que não consegue se orgulhar da Baixada.

Porque nunca te disseram que recebemos quase toda semana alguma atração de nível internacional. Não te mostraram que temos grandes festivais que atraem pessoas de toda a América Latina. Não ventilaram que existe uma cultura de rua efervescente enquanto você está chegando cansado do trabalho no Rio de Janeiro, dando seu suor pra sustentar a playboyzada da zona sul.

Eu tenho absolutamente todo o direito do mundo em sentir muito orgulho. Em vestir aquela camisa “Eu ♥ Baixada” – ela é uma verdadeira afronta, é um tapa na cara de quem não enxerga essa Baixada Fluminense vibrante que eu enxergo e vivo.<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> O Site da Baixada era um blog destinado a levar notícias positivas da região e revelar o amor ao território. O site ficou uma década no ar e foi descontinuado. O texto estava disponível em: <<http://blogs.sitedabaixada.com.br/opiniaio/2016/04/30/o-dia-da-baixada-e-pra-comemorar-sim/>>. Acesso em Junho de 2015.

O texto acima foi retirado do *Site da Baixada*, mais uma tentativa em forma de projeto para suscitar o amor pela região e o envolver os moradores em seus acontecimentos. Apesar do crescimento de estudos sobre os aspectos culturais da Baixada Fluminense, ela ainda é considerada uma região periférica e sua imagem, principalmente a construída pelos jornais, enfatizam suas carências e faltas.

A imagem que fazemos do território e o sentimento de pertença ou repulsa, ou seja, as identificações são delineadas por estes espaços de construção e disseminação de formas simbólicas. As micro-histórias que povoam a região e que a fazem rica culturalmente estão submersos por um estereótipo criado pela seleção de informações dos agentes enunciativos nos jornais, novelas, filmes.

São muitas as histórias não contadas sobre a Baixada, cuja beleza natural e a beleza humana, de pessoas que lutam e que sorriem e se orgulham de seu território, não são insuficientes. Sua programação cultural, ou algumas coisas referentes a programas culturais, consta no Mapa da Cultura do site da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro<sup>41</sup>. Mas a Rua da Lama não faz parte desta programação! Ela reúne centenas de pessoas todos os dias em seu complexo de bares não consta no Mapa da Cultura. E fica a pergunta porque um complexo de bares tão importante não aparece no mapa oficial de cultura? Beber, dançar e comer no bar não seria uma expressão cultural típica?

Muitas vezes destacada na mídia pela violência, a Baixada possui invisibilidades que somente uma “razão sensível” (MAFFESOLI, 1998) pode perceber as linhas. Para tentar contar outras histórias também me enveredei pelo que ensina a Antropologia - enxergar o outro com suas próprias lentes. O método etnográfico inaugurado por Malinowski (1976), no início do século XX, trazia uma importante contribuição no sentido de uma aproximação com o objeto de estudo através da observação participante. Malinowski vive durante três anos com habitantes das *Ilhas Trobriand*, no Pacífico Ocidental, o que possibilita o pesquisador investigar o circuito *Kula*, uma forma de comércio intercambial cuja lógica estava intimamente conectada com todas as áreas que pensamos fazer parte de uma sociedade.

A aproximação permite ver por dentro e permite vislumbrar nuances de comportamentos. Quando o antropólogo se “enturma” com os tribais, ele os humaniza, diferencia as pessoas no grupo, percebe que as pessoas são pessoas, apesar de

---

<sup>41</sup> NOVA IGUAÇU. **Mapa de Cultura RJ**. Municípios. Disponível em: <<http://mapadecultura.rj.gov.br/cidade/nova-iguacu>>. Acesso em Janeiro de 2019.

pensar e agir de forma diferente. Este movimento de se deixar enxergar o mundo com outras lentes faz com que o observador comece a questionar a própria cultura e a compreendê-la. A importância da observação do ato pode ser percebida nas palavras:

Tomemos qualquer exemplo da nossa própria cultura, quer se trate da pompa e circunstância de uma cerimônia de Estado ou de um costume pitoresco dos miúdos da rua; a sua mera «esquematização» não nos dirá se o ritual ainda vibra com vigor nos corações daqueles que o cumprem e da audiência ou se é encarado como um costume moribundo, apenas mantido em nome da tradição. Mas se observarmos e registrarmos os dados relativos ao comportamento, o grau de vitalidade do acto tornar-se-á evidente. Não há dúvida de que, do ponto de vista quer da análise sociológica quer da psicológica, em todas as perspectivas teóricas, o modo e o tipo de comportamento observado na representação de um acto é da máxima importância. O comportamento é um facto, um facto relevante, e como tal pode ser registado. Insensato seria o homem de ciência que negligenciasse toda esta classe de fenómenos, prontos a ser recolhidos, ainda que o fizesse por não vislumbrar a sua utilidade teórica! (MALINOWSKI, 1976, pp. 32 e 33)

Sendo assim, o aproximar-se, o observar e deixar a “realidade” falar, analisar as pequenas coisas é um viés de pesquisa que fornece a oportunidade para entender as identidades, não do exótico, mas do próximo que fazemos distante. É um caminho para fugir da lógica que faz os moradores da Baixada serem “nova classe média” e a “nova classe média” ser o pobre consumista, que o faz, por fim, ser inferior. Olhar para estas expressões do popular atento as interconexões estabelecidas, revela não apenas as resistências que subjazem na cultura (coisa que muito me agrada), mas a possibilidade de entender estas novas resistências criadas nas fronteiras da negociação cultural.

Um exemplo destas negociações interculturais pode ser visto no rap de MC *Marcão Baixada*, que declama o orgulho de ser Baixada apesar da marginalidade imposta ao território. Na letra, os problemas do território aparecem “a vida é dura”, a “bala” existe, o “assalto”, mas também o orgulho de ser a “ralé chique” que não é mera consumidora dos produtos de massa porque “foda-se a Kate Perry”. Os símbolos da comunicação de massa aparecem na música, numa apropriação muito original, porque estes símbolos globais em sua potência, só interessam no local, pois “na bxd, sou local”.

Aperta o rec, 'cês vão ver a Baixada em cena.  
Sem dar pileque e dos vacilão, eu não tenho pena.  
Se é moleque, melhor nem entrar nessa arena.  
Marcão no track; terror; te deixo de quarentena.  
Segura, que o meu bonde cola com a rima mais pura.  
É nós que voa, então decola, que nós já tá nas altura.  
Ou é trabalho, ou escola, porque a vida é dura.

E o inimigo sempre tá onde você não procura.  
 Se tem bala, muito cuidado onde atinge.  
 Pique trem-bala. Se tem lei, é porque tem quem infringe.  
 Eu já sabia, rimas que causam vertigem.  
 Não é xenofobia, é só orgulho da minha origem.  
 Relax no beat, sente o peso, underground.  
 E eu tô portando o kit, que o bagulho tá mil grau.  
 Tem até quem critique, mas pra mim tá legal.  
 Aqui a ralé é chique, na bxd sou local.

Sem gueri-gueri. Foda-se a Kate Perry.  
 Melhor nem falar nada, igual o ornitorrinco, Perry.  
 Então não espere, o Tom nunca pega o Jerry.  
 E quem nasceu pra Eddie Murphy, nunca vai ser Jim Carrey.  
 Marcão no tatame, uso a cabeça sou Zidane  
 Cuidado, não dá vexame, no sistema, causo pane  
 Pânico! É a zica, é o enxame  
 A rima é pica. Tsunami. e o flow é vulcânico.  
 Não fique tonto, na rua, 'cê é testado.  
 Melhor não dormir no ponto, 'cê pode ser assaltado.  
 Sem essa de desconto, é só menor revoltado.  
 Sempre pronto pro confronto, aqui na área é agitado.  
 Sem espaço pros pela e o meu time prospera.  
 No asfalto ou favela, essa é nossa era.  
 Sem dó, nós atropela. Sai da frente ou já era.  
 Reza e acende uma vela, então assiste e espera.

*Baixada em Cena*  
*Marcão da Baixada*<sup>42</sup>

Se conforme Burke (1989) relata, conhecemos o que há das culturas populares através dos mediadores, os que documentaram e os que pesquisam, as pesquisas que documentam as práticas culturais cotidianas do homem comum são fundamentais para pesquisas futuras. Ainda que saibamos das limitações em representar o real em um texto acadêmico, devemos arrumar meios de fazê-lo, não para expor um “cadáver dissecado”, mas como afirma Certeau (2007) para mostrar as artes do “fazer” cotidiano.

Atuamos numa região extremamente complexa, esquecida por séculos, saqueada, explorada. Por nossas terras passaram e passam riquezas, passaram reis e princesas, sob nossas cabeças passam aviões trazendo pessoas vindas de todo o mundo. Outrora cidade dormitório, hoje somos milhões de habitantes, que produzem riquezas dentre os mais diversos campos da cadeia produtiva, incluindo a economia criativa. Convivemos ainda, com um certo coronelismo político, um clientelismo ultrapassado, mas conseguimos ser contemporâneos, criamos modas e modos de sobreviver a esse caos diário... da nossa lama também brota arte.<sup>43</sup>

<sup>42</sup> Videoclipe disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2RBOtxjbpHc>>. Acesso em Janeiro de 2019.

<sup>43</sup> Declaração disponível no extinto *Site da Baixada*: <<http://blogs.sitedabaixada.com.br/cultura/2015/07/24/cultura-na-baixada-fluminense-gestao-e-territorio/>>. Acesso em Junho de 2015.

O que torna os estudos de “cultura popular” um “conjunto de corpos inertes” é a falta de pesquisadores que busquem dar legitimidade as operações banais e corriqueiras, no consumo de bens simbólicos, sobre os quais se tece a cultura. Se o popular é por vezes excluído da história, é porque falta reconhecimento e registro de suas práticas, expressões, pensamentos. É porque exclui-se na busca do popular aquilo que se considera massa. Se a Rua da Lama é o lugar onde as massas se entretêm, não poderia ser o lugar da “cultura”, da resistência, da arte, da política. Todavia, somos levados a entender que o cotidiano é a terra fértil para entre a vida social, uma vez que a “a profundidade está na superfície das coisas” (MAFFESOLI, 2008, p.5).

Para Rincón (2016), a ambiguidade em trabalhar com o conceito de “cultura popular” deve-se ao fato de que, neste conceito, estão implícitos experiências, processos e práticas diversas. O autor segue o pensamento barberiano de que o popular existe na memória e nos relatos e não dos discursos. O popular se encontra na vida cotidiana. A cultura popular é a que ferve nos territórios e não está organizada e não foi planejada para atingir determinados fins. O popular é corpo, sentimento e narrativa. O popular é o lugar da criação de novas formas de viver o político, o econômico, o social porque negocia o tempo inteiro com a “cultura oficial”.

Rincón (2016) critica a visão do popular como simplesmente o lugar da resistência ou a massa manipulada. O popular para ele é uma experiência bastarda. Indesejável, não-reconhecida, ilegítima e impura. São bastardas porque são “umas “degeneradas” herdeiras das boas culturas cultas (Ilustração), as tradições densas (Identidade), o folclórico (povo), o midiático (entretenimento e espetáculo), o conectivo (internet e celular) (p.31).

O filho bastardo não tem pai reconhecido, a cultura bastarda se constitui sua identidade a partir da herança de muitos pais e das características de sua mãe, essa sim declarada: a cultura local. São bastardas porque “híbridas” conforme a visão cancliniana. O popular não é o folclórico, nem o subalterno, nem o revolucionário, nem o artístico, nem o *mainstream*, mas uma mistura de todas as estéticas e narrativas que nos atravessam. Rincón (2006) enfatiza que tampouco o bastardo é intercultural, porque não consciente das relações entre culturas. O bastardo é “quilombo”. O lugar da liberdade e do conflito.

A cultura bastarda é a do jogo criativo no qual tudo serve para compor seu repertório com “autenticidade, resistências, submissões, cumplicidades, inovações e aberrações” (p.38). É uma cultura que se expressa na oralidade, no qual o “povo” narra a si mesmo nos relatos, imagens, performances, comidas, músicas. Contando a si mesma, nas negociações entre as estéticas dominantes e suas expressões próprias, ela assegura a “existência simbólica dos baixos”.

Se o método etnográfico nos inspira a “ver de perto” sem pré-conceitos e a cartografia permite traçar os caminhos das relações estabelecidas no território, desenhando seus “fluxos e fixos”, o relato nos leva a resgatar a “memória coletiva” que ajuda a compor a identidade do lugar. Por este motivo, Gripp (2015), para compreender as dinâmicas organizacionais da Rua da Lama de Vitória<sup>44</sup>, Espírito Santo, utiliza a memória e o simbolismo como eixos teóricos. Por ser um território simbólico, uma vez que inexistente enquanto endereço oficial, a Rua da Lama só pode se afirmar nas narrativas acerca do lugar. Entrevistando seus assíduos frequentadores, comerciantes e moradores, a autora traça os elementos que subsistem na memória em comum que marcam o lugar, atribuindo-lhe singularidade. Na “memória coletiva” de seus frequentadores, a Rua da Lama capixaba é caracterizada como um espaço de liberdade de expressão, e nas entrelinhas dos relatos, surge também como espaço de transgressão.

Cabe destacar que as memórias relatadas não têm a obrigação de reconstruir os acontecimentos passados de fato. As lembranças trazem o passado presentificado, e colocam-se no limite entre os pensamentos das coletividades. As “memórias individuais” são atravessadas pelas memórias de “outros”, ao mesmo passo que, a “memória coletiva” afirma-se nas lembranças que guardo em minha memória. Nisto subsiste a diferença entre a “memória coletiva” e a história.

Para Halbwachs (1990), a história começa quando termina a “tradição”, quando não há mais o suporte do grupo para a “memória coletiva”. A história seleciona os elementos considerados importantes, os classifica de acordo com regras pré-estabelecidas e a fixa pelas letras. Já a memória é vulnerável, manipulada conforme as circunstâncias, contraditória, no entanto resguardam o elemento “vivido” que a

---

<sup>44</sup> No bairro da Penha, em Vitória (ES) também existe uma Rua da Lama. Midiaticamente famosa, ao contrário da “Lama” iguaçuana, é também formada por um complexo de bares, lanchonetes e restaurantes no entorno da UFES - Universidade Federal do Espírito Santo. Embora parecida nos aspectos físicos e simbólicos, o público frequentador da Lama capixaba é basicamente composto pela comunidade acadêmica da UFES, enquanto a Lama iguaçuana é frequentada pelo “povão”.

história abstrai. A história cria pontes entre o presente e pedaços do passado descontinuado, enquanto a “memória coletiva” é um *continuum* do passado, por isso são importantes para entender a própria formação do espaço.

Assim se explica como as imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva. O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras. Como a imagem do quadro evocaria aquilo que nele traçamos, já que o quadro é indiferente aos signos, e como, sobre um mesmo quadro, poderemos reproduzir todas as figuras que se quiser? Não. Todavia, o lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Então, todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos. (HALBWACHS, 1990, p.133)

Todos os acontecimentos que constituem o grupo enquanto tal, também constituem o lugar. Modificações em um acarretam modificações no outro, é isso que se tem defendido até aqui. É o que Santos (2006) defende sobre a formação dos territórios, Lefebvre (2006) considera sobre a formação do espaço e Haesbaert (2004) entende como a constituição de multiterritorialidade. Enquanto os grupos constituídos no espaço moderno prescindem do lugar, os demais só existem por e pelo lugar. Por isso vimos que Maffesoli (2014) afirma a volta do espaço concreto como elo para as novas tribos. A construção do espaço está sempre em processo, assim como as memórias e as identidades. Reter um instantâneo deste processo, para entender a Baixada “vvida”. Como? Vivendo o território, mapeando as relações e buscando suas memórias!



## 2. IGUASSÚ, TÚ ÉS BAIXADA!?

Tairetá hoje é Paracambi  
 E a vizinha Japeri  
 Um dia se chamou Belém (final do trem)  
 E Magé, com a serra lá em riba  
 Guia de Pacobaiba  
 Um dia já foi também (tempo do vintém)

Deodoro também já foi Sapopemba  
 Nova Iguaçu, Maxambomba  
 Vila Estrela hoje é Mauá (Piabetá)  
 Xerém, Imbariê  
 Mas quem diria  
 Que até Duque de Caxias  
 Foi Nossa Senhora do Pilar

Xerém, Imbariê  
 Mas quem diria  
 Que até Duque de Caxias  
 Foi Nossa Senhora do Pilar

Atualmente a nossa velha Baixada  
 Tá pra lá de levantada  
 Com o progresso que chegou  
 Tá tudo "Olinda"  
 O esquadrão fechou a tampa  
 O negócio é Rio-Sampa  
 Grande Rio e Beija-Flor

Morreu Tenório  
 Terminou sua epopéia  
 E Joãozinho da Goméia  
 Foi Oló, desencarnou  
 Naquele tempo  
 Do velho Amaral Peixoto  
 Meu avô era garoto  
 E hoje eu sou quase avô

*Sapopemba e Maxambomba  
 Nei Lopes/Wilson Moreira<sup>45</sup>*

Outrora habitado por índios jacutingas, a Velha Iguassu (do tupi-guarani originalmente 'y-gûasu ou "rio grande" ou ainda "água grande") foi uma importante sesmaria da colônia portuguesa e sua história se confunde com a história da Baixada Fluminense. Participou dos ciclos da cana, do ouro e do café. No século XIX, a sede do município passou das margens do Rio Iguassu para as proximidades da *Estrada de Ferro Dom Pedro II*, para um local chamado Maxambomba, nome pelo qual o

---

<sup>45</sup> Música interpretada pelo cantor de samba "Zeca Pagodinho" que mantém uma relação íntima com Baixada Fluminense, local onde possui famoso sítio (em Xerém- Duque de Caxias) no qual realiza rodas de samba.

município ficou conhecido até 1916, quando foi mudado definitivamente para Nova Iguaçu (SILVA L, 2013). Iguaçu passou por uma série de desmembramentos e emancipações para chegar à configuração territorial que possui hoje.

Nova Iguaçu é atualmente o município de maior extensão territorial e é o segundo mais populoso da Baixada Fluminense (SEBRAE, 2015), com aproximadamente oitocentos mil moradores, perdendo apenas para Duque de Caxias. A Baixada Fluminense engloba aproximadamente um terço dos moradores do Estado do Rio de Janeiro. Todavia, apesar do número significativo de pessoas, a região possui uma condição de periferia em todos os aspectos: social, cultural e econômico.

Para além de um território vazio destinado à violência, a Baixada Fluminense é um centro de efervescência cultural para seus moradores. Possui espaços que permitem a ligação em torno da música e da comida, que reúnem várias tribos no sentido maffesoliano, tribos que não são fixas e possibilitam a transitoriedade entre os membros, num caos que incentiva a criação ou reformulação dos sentidos da vida e dos modos de vivê-la.

As ruas da Baixada estão repletas de vidas, compondo seus multiterritórios. O amor à Baixada Fluminense têm sido o foco de projetos de acadêmicos e de moradores, que buscam valorizar a região e mostrar suas riquezas ocultas. No extinto *Site da Baixada*, um destes projetos, havia um texto - abaixo reproduzo parte - que exemplifica bem o tipo de sentimento de amor e frustração, de necessidade de reconhecimento que existe em moradores da região:

Ainda estamos descobrindo e aprendendo a comunicar as belezas naturais da Baixada. O vulcão de Nova Iguaçu não é tão hollywoodiano quanto a Floresta da Tijuca. O Museu Ciência e Vida não é tão badalado quanto o CCBB. A feira de São João tá longe de ser a Uruguaiana. O Alto Iguaçu não é tão cult bacaninha quanto a Lapa.

Do lado de lá da Linha Vermelha, a turma do Rio eu Amo Eu Cuido tira uma onda: "O cuidado com o Rio deve ser proporcional à sua beleza". Mas é claro. Eles têm plena consciência do quão bonito é o Rio e quantas pessoas do mundo inteiro desembarcam diariamente na cidade. O Rio tem consciência da sua beleza. (SITE DA BAIXADA)

Logo no início do trecho selecionado, vemos a comparação de lugares marcantes da Baixada com os da Cidade do Rio de Janeiro, e lá está o "Alto Iguaçu", onde fica a Rua da Lama, comparado com a Lapa, que é um "alto lugar", reconhecido por moradores de todo o Estado como digno de cartão Postal. Maia (2005) lembra que, para Maffesoli, alguns lugares são como "hauts lieux", possuem um "espírito"

capaz de atrair e aglutinar as pessoas. Nesses lugares de intensa celebração são inscritas as micro-histórias que não devemos mais desprezar. Ao pensarmos que lugares são estes no Rio de Janeiro é fácil lembrar-se dos cartões postais, dos encantos da Lapa e de Copacabana. Existiriam “hauts lieux” na Baixada Fluminense?

O grande lance pra gente virar o jogo é compreender as razões para amar a Baixada Fluminense. Não adianta a gente se comparar com a cidade maravilhosa. Ao longo desses 9 anos no ar, aprendi que a verdadeira razão de orgulho pra gente não está em belezas naturais, mas nas pessoas da Baixada Fluminense. Esse lugar proporciona experiências de vida muito mais abrangentes do que a glamourosa cenografia do Rio de Janeiro. Se você, leitor, mora na Baixada Fluminense, sabe do que estou falando. Você com certeza conhece alguma história incrível de um vizinho seu que às vezes fica sentado no portão de casa. Você teve que explorar um grande território e suas experiências de vida não se limitam a uma área protegida por um Túnel Rebouças. Você teve que aprender a andar de bicicleta e andar no trânsito pra poder ir pra escola, ir à casa dos amigos, ou simplesmente dar um rolê na sua bike pela vizinhança. Todos os meus amigos têm histórias de derrotas hilárias. (SITE DA BAIXADA)

O autor do texto em ode à Baixada, propõe um reconhecimento do que há de bom na Baixada Fluminense, e dá uma pista: o material humano, suas histórias e experiências que, segundo o autor, são de “derrotas hilárias”. E na elevação deste banal, ordinário e esquecido, Ribeiro (2005) nos convida a pensar em traçar novos mapas que não levem em conta o racionalismo abstrato, mas as resistências que elaboram novas territorialidades não de uma conjunção de “eus”, mas de uns “nós-eu”.

Ou seja, a autora nos convida a fazer uma leitura sensível, levando em consideração que a construção de um território é cotidiana, e que “contra os espaços alisados, é necessário afirmar as rugosidades, como disse Milton Santos, “ver as rugas que se acumulam nos rostos das sucessivas gerações de marginalizados e espoliados” (SANTOS, 1996 *apud* RIBEIRO, 2005, p.270).

No entanto, conforme demonstrou Livia Barbosa (1998), os intelectuais brasileiros, tais como os jornalistas, os literatos, os sociólogos, os cientistas políticos, entre outros, preferem estudar a questão da identidade nacional através das dimensões institucional e formal, em detrimento da dimensão cotidiana. De modo que são privilegiadas as dicotomias moderno/tradicional, urbano/rural, desenvolvido/subdesenvolvido para explicar o país em vez das contradições e ambivalências do terreno do cotidiano e das relações que nele se estabelecem. Todavia, uma breve aproximação com os espaços de *socialidade* servem para romper

com a dicotomia centro/periferia, mostrando que a Baixada é mais do que uma região periférica, a Baixada é polissêmica.

Enne (2004), ao analisar as representações da Baixada Fluminense em jornais cariocas, observou que a imagem de uma “terra sem lei” dominante nas décadas de 70 e 80, é atenuada a partir da década de 90. Momento em que, segundo a autora, devido à percepção da região como potencial mercado consumidor, os jornais buscaram retratar o estigma da violência, mostrando sua face cultural. Após a virada do milênio, esta busca de aproximação com a Baixada Fluminense e de melhores modos de representá-la se intensificou, principalmente depois da divulgação de uma “nova classe média” que era maioria na região. A *Rede Globo*, por exemplo, inaugurou em 2011 o canal de TV 30 UHFem Nova Iguaçu, além de projetar e promover o evento Réveillon da Baixada<sup>46</sup>.

Mas, há uma Baixada que ainda fica invisível. É a Baixada dos nordestinos migrantes; dos carros de som nas ruas; do churrasco na calçada; da solidariedade entre os vizinhos; dos polos gastronômicos; das festas religiosas e pagãs; dos calçadões movimentados; do povo que resolve os próprios problemas; dos poetas, cantores e artistas que cantam o amor à região; da socialidade nas ruas. O silêncio histórico sobre a Baixada Fluminense, que passou à condição de periferia quando da metropolização do Rio de Janeiro, é emblemático das construções oficiais dos territórios, que submergem as memórias que não interessam às finalidades políticas-econômicas-sociais do projeto. Sem escuta, as memórias subterrâneas morrem com aqueles que as guardam, encontrar uma escuta é a condição para sua existência social (POLLAK, 1989).

O caso da Baixada Fluminense é ainda mais sintomático destes “esquecimentos sociais” porque são poucos os esforços que buscam construir e resgatar a sua história. Quase não há museu ou biblioteca na região. A maior parte dos centros de memória são de moradores antigos, o que torna os espaços poucos acessíveis e dificulta que trabalhos sejam realizados de forma integrada. Além do mais, a falta de investimento faz com que estes centros não resistam muito tempo

---

<sup>46</sup>Projeto realizado em parceria entre a Globo Rio, a Central Única das Favelas e as prefeituras dos municípios da região, oficializado em setembro de 2009. O primeiro município eleito para a festa de virada do ano foi Nova Iguaçu.

como o que aconteceu com o IPABH<sup>47</sup> (O Instituto de Pesquisas e Análises Históricas da Baixada Fluminense). O Instituto era a referência sobre a história da Baixada Fluminense e ministrava cursos na área para ampliar conhecimento de docentes, alunos e moradores da região. Nos cabe agora, para entender melhor a Baixada, dar um passeio pelo que se conhece de sua história e buscar, nas micro-histórias, novas significações para este território e para sua gente.

## 2.1 Um lugar chamado Maxambomba

Velha Iguassu de semblante arcaico  
 De café vespertino na simples varanda  
 Com justa atenção ao sol que se recolhe  
 E ao pequeno pássaro imponente, que num galho se acolhe,  
 Antes de seguir a voar junto às nuvens viventes  
 Antes de seguir a compor o que matinalmente canta  
 Enquanto percebo o afável e tranquilo olhar dessa gente  
 Que felicidade colhe,  
 Mas que simplicidade planta.

Novíssima Iguacu de rosto moderno  
 De refeições corridas em estabelecimentos fantasmas  
 Com justa atenção à televisão de plasma  
 E às grandes novidades do mês:  
 Uma nova boate, para enlouquecer outra vez;  
 Outra nova bebida, para realçar a embriaguez;  
 E o inútil desfile de modas  
 Que inutiliza a sensatez

*Velha Iguassu, Nova Iguacu  
 Jonatan Magella<sup>48</sup>*

Nova Iguacu é o coração pulsante da Baixada Fluminense. A Antiga Iguassu compreendia oito dos municípios metropolitanos que compõem o que chamamos hoje de Baixada: Belford Roxo, Duque de Caxias, Japeri, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguacu, Queimados e São João de Meriti. Quem não conhece a região, e acredita que estas

---

<sup>47</sup> Criado em 1997, e presidido pelo professor e historiador Genesis Torres, teve sua sede desalojada da cidade onde nasceu, São João de Meriti, no ano de 2005. Ficou aberto durante um tempo na cidade de Nilópolis até que cessou suas atividades - a última postagem da página em rede social é de 2016.

<sup>48</sup> Poesia retirada do Site “Baixada Fácil”, que se propõe a mostrar conteúdo positivo sobre a região: MAGELLA, Jonathan. Velha Iguassu/Nova Iguacu. Poesia. **Baixada Fácil**. Disponível em <<<https://baixadafacil.com.br/poesia/velha-iguassu-nova-iguacu-23L4.html>>> Acesso e. Janeiro de 2019.

terras pertencem a outro mundo, deve dar-se a conhecer que este pedaço de chão já foi considerado o Recôncavo da Guanabara<sup>49</sup>. Suas atividades econômicas e a capacidade de escoamento de mercadorias pela baía da Guanabara, através de suas terras alagadas, fizeram da região uma importante aliada para o desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro (SILVA L, 2013).

O cultivo de cana-de-açúcar e a produção de aguardente na região, exportados para a Europa e América do Norte, deu-se início em 1611. Após o desencorajamento pela corte portuguesa da exploração de pau-brasil na colônia, os portugueses buscaram no cultivo de cana uma atividade para recompensar a “empreitada da colonização”. No Rio de Janeiro, a região escolhida para o cultivo era o entorno da baía de Guanabara o que contribuiu para o seu crescimento demográfico.

Na época, a região do recôncavo era dividida em sesmarias, e uma delas, às margens do rio Iguaçu foi doada por Estácio de Sá ao primeiro ouvidor-geral do Rio de Janeiro, Cristóvão Monteiro. Após sua morte, as terras foram doadas aos monges beneditinos, que, agregando outras terras, constituíram a Fazenda Iguassu, “uma das maiores e mais antigas fazendas do Brasil” (RODRIGUES OLIVEIRA, 2006, p.23).

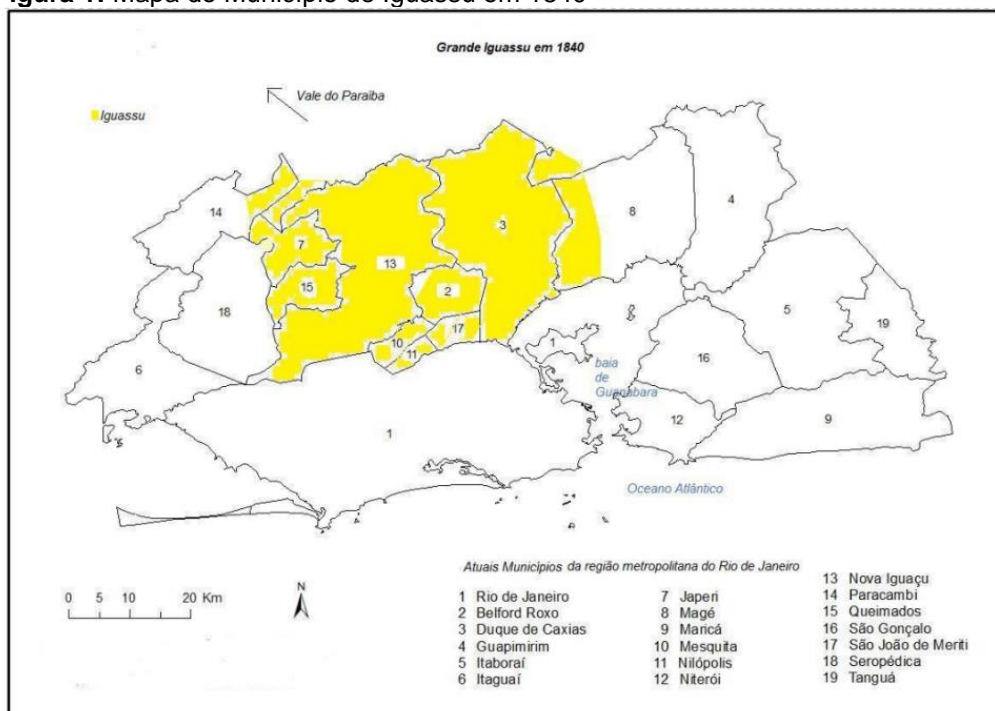
No ano de 1719, Iguassu ganhou o *status* de freguesia curada pelas autoridades coloniais, que reconheceram o potencial econômico das terras fluminenses. Iguassu era uma das muitas freguesias que compunham o Recôncavo da Guanabara<sup>50</sup>, que hoje englobaria, além dos municípios da Baixada Fluminense, os municípios de Niterói, São Gonçalo, Itaboraí, Guapimirim e Magé.

Em 1833, é fundado o Município de Grande Iguassu, compreendendo toda a região do oeste da baía de Guanabara, desmembrando a configuração do “recôncavo”. E é neste ponto que a história da região se confunde com a história da Baixada. Como dito anteriormente, o município de Iguassu era composto pela porção de terra que hoje compreende os municípios metropolitanos da Baixada.

---

<sup>49</sup> O termo não guardava a visão pejorativa da região enquanto periferia do Rio de Janeiro, mas evocava a configuração geográfica de terras em torno da Baía.

<sup>50</sup> De acordo com Lúcia Silva (2013), as freguesias que faziam parte do termo da Cidade (áreas sob sua jurisdição eram: N S do Pilar, N S de Piedade de Iguassu, N S de Piedade de Magé, N S de Marapicu, N S da Guia de Pacobaíba, N S do Amparo de Maricá, São João Batista de Meriti, S João Batista de Itaboraí, São João Batista de Niterói, São Gonçalo de Guaxindiba, S Francisco Xavier de Itaguaí, S Nicolau de Surui, S Antonio de Jacutinga e S Antonio de Sá.

**Figura 1:** Mapa do Município de Iguassu em 1840

Fonte: SILVA (2013, p.52)

O Município de Grande Iguassu era considerado um arrabalde, sem uma distinção territorial definida das demais zonas rurais adjacentes do centro urbano do Rio de Janeiro, ou seja, o município não era uma sub-urbe do Rio (SILVA L, 2013). As freguesias que compunham o município eram: Santo Antônio de Jacutinga, N. S. de Piedade de Iguassu, S. João de Meriti, N. S. de Marapicu e N. S. do Pilar. A Vila de Iguassu, situada em N.S. da Piedade, ficava às margens do rio Iguassu e era a sede municipal. Grande Iguassu possuía um pouco mais de 15 mil habitantes em 1840 e era uma região próspera produzindo cana, aguardente, arroz, feijão, milho, mandioca e, posteriormente, café e laranja. Em 1846, Grande Iguassu sofreu seu primeiro desmembramento com a emancipação de Estrela, atual Duque de Caxias. Terras que foram retomadas com a República em 1890.

Estrela se emancipou de Grande Iguaçu, dividindo as duas principais atividades da região que eram a agricultura e escoamento de mercadorias pelos portos. Estrela possuía um porto ativo, era mais próxima da baía, concentrando esta atividade. Embora a região inteira da Baixada fosse composta por muitas águas (flumens), daí o termo fluminense, o porto de Estrela possuía maior fluxo, enquanto Iguassu tinha a vantagem de estar mais próximo da Serra Mar. Na Grande Iguassu, as atividades também ficaram divididas, enquanto a Villa Iguassu além da agricultura, cuidava das

atividades de logística de exportação via transporte fluvial, a freguesia de Jacutinga, mais distante da baía, centrava-se na agricultura. E é para a freguesia de Jacutinga que a sede do município se transfere no início do século XX. (SILVA L, 2017).

**Figura 2:** Grande Iguassu de 1840 a 1940



**Fonte:** SILVA L (2017, p.417)

A freguesia de Jacutinga foi criada no século XVII com porções de terra que hoje pertencem a diferentes municípios como Nova Iguaçu, Mesquita, São João de Meriti e Belford Roxo. Situava-se entre os rios Sarapuí e Iguçu, e, às margens deste e dos outros rios que cortam a região, estabeleceram-se grandes fazendas. Era a terra dos índios Jacutingas, uma tribo tupinambá extinta pelos portugueses no século XVI por terem feito aliança com os franceses. Estácio de Sá teria sido morto por uma flecha Jacutinga, o que ocasionou a ordem do governador da província em aniquilar as tribos da região. Foi sobre sangue Jacutinga, em sua maior aldeia, que se estabeleceu uma pequena capela e a ocupação das terras fluminenses. Uma das fazendas, que não era a maior da freguesia, era a Fazenda Machambomba<sup>51</sup>, situada nos atuais bairros de Califórnia<sup>52</sup> e Vila Nova. (SILVA L, 2016)

<sup>51</sup>A grafia muda para Maxambomba em 1858, por causa da inauguração da Estação ferroviária da região.

<sup>52</sup> A Rua da Lama fica no bairro Califórnia onde se situava a fazenda maxambomba que viria a ser a sede de Nova Iguaçu na república.



Longe do centro político e econômico da Grande Iguassu, Machambomba sofreu com inundações<sup>53</sup> e falta de suporte público para resolução de problemas. Sua importância só seria reconhecida a partir da criação da malha ferroviária que cortaria o município, quebrando a atividade econômica de escoamento de mercadorias via porto. Antes da criação do município, a fazenda possuía uma casa grande e um pequeno arraial que hospedava mercadores. Lúcia Silva (2016), a apresenta a região a partir da perspectiva de Luccock, que passou pela região em 1813, relatando tudo o que via. O viajante repara na riqueza do solo para a produção, numa fazenda estabelecida em orlas de densas florestas, e na estratégia de povoamento que considera contraproducente.

Terras intocadas, mas com dono, as grandes propriedades exigiam um tipo de ocupação que o inglês considerava pouco produtiva, na medida em que garantia a posse, mas não o trabalho na terra. Para ele a solução de empregar agregados nas divisas das fazendas com agricultura de subsistência apenas para garantir a propriedade era contraproducente, principalmente porque, quando demarcada, os trabalhadores não ficavam, já que preferiam a liberdade das áreas de fronteiras. (SILVA L, 2016, 128)

A população da freguesia de Jacutinga era predominantemente composta por escravos desde a sua fundação. De acordo com Lúcia Silva (2016), em 1840, dos 6061 moradores, cerca de 64% eram de escravos que trabalhavam nas fazendas de cana, café e mandioca. A inauguração da *Estrada de Ferro D Pedro II* (Central do Brasil), em 29 de março de 1858, modificou a dinâmica econômica e a configuração territorial da região.

Lembrando o que Santos (2006) aborda sobre a interposição entre fluxos e fixos de um território, a modificação na configuração material rearranjou os sistemas políticos-econômicos-sociais das terras fluminenses e vice-versa. Maxambomba era uma das estações que compunham a nova estrada de ferro e viria se tornar lugar fundamental para o escoamento da produção de café, dinamizando a região. Com a chegada do trem, as viagens de três dias, até o vale do Paraíba, para o escoamento de mercadorias, reduziram para seis horas. Os dias da Velha Iguassu estavam contados a partir de então (SILVA L, 2016).

A Villa Iguassu, antiga sede municipal, tinha o comércio de seu porto como atividade principal, mas o porto havia se tornado obsoleto diante da malha ferroviária,

---

<sup>53</sup> Fato relatado por moradores antigos da Rua da Lama que sofrem com o problema de inundações ainda hoje.

não conseguindo absorver a demanda do escoamento de mercadorias. Para nova espacialidade criada pela linha férrea, as terras alagadas não eram mais importantes, ao invés disso, eram um obstáculo à manutenção da estrutura da Estrada de Ferro.

Daí começa a denominação destas terras fluminenses como “Baixada”<sup>54</sup>, por causa da planície embrejada que dificultava a manutenção da linha férrea (SILVA L, 2013). À implementação da ferrovia, seguiu-se a construção de estradas locais de acesso as estações, que por um lado dinamizou a vida da freguesia, ligando toda a extensão ao trem, e por outro, facilitou a disseminação de doenças - cólera, varíola, malária - antes restritas às populações ribeirinhas (SILVA L, 2016).

Segundo a autora, a transferência da sede do município acontece em um momento de surto de varíola, de Villa Iguassu para Maxambomba em 1891, já que a região havia se tornado um centro econômico. Em 1880, a região contava com grande número de comerciantes e produtores de café e logo após, laranja, demonstrando a vocação comercial do local. No mesmo ano da transferência da sede municipal, o povoado de Maxambomba ganhou o *status* de cidade.

A nova cidade, ao contrário do restante do município, aumentou sua densidade demográfica, configurando-se como uma região rural com ares urbanos devido ao comércio desenvolvido. No ano de 1916, a citricultura passa a estabelecer-se como atividade principal na região, o local ganha uma prefeitura, e Maxambomba vira Nova Iguassu. Em 1917, a freguesia de Jacutinga, agora distrito por causa da República, também passa a se chamar Nova Iguassu, tendo como eixo “como eixo a estrada de ferro e não mais os rios.” (SILVA L, 2016, p. 143)

A nomenclatura Jacutinga desapareceria como designação de uma porção do território de Iguassu no momento em que a citricultura se tornara a principal atividade econômica do município e a área mais próxima da baía passava por um processo acelerado de ocupação urbana sem urbanização. As linhas férreas que cortavam a Baixada, ainda sem o Fluminense, imprimiam lógicas diferenciadas de usos no território. A racionalidade dos usos dos rios, totalmente assoreados, foi abandonada e com ela uma forma de regionalização. (SILVA L, 2016, p. 143)

De acordo com Lúcia Silva (2017), os autores que versam sobre a história da Baixada Fluminense costumam fazer um corte temporal que demonstraria a transição

---

<sup>54</sup> Segundo Lúcia Silva (2016, p. 55) o termo Baixada aparece “na documentação na documentação dos ministérios da Agricultura (porque era onde estava alocada a Inspeção das Obras Públicas) e dos Negócios do Império (que tinha sob sua alçada o Município Neutro) principalmente depois da década de 1870.”

da Baixada rural para a Baixada urbana. Eles consideram que, entre 1890 e 1910, houve um “esvaziamento” da região, justamente por conta das epidemias e da quebra do modelo econômico vigente. Porém, a autora defende que não há estudos suficientes para afirmar que o processo de urbanização, a partir da década de 40, com a imigração de proletários, acontece sobre um território vazio.

Faltam estudos que investiguem as dinâmicas populacionais para entender os processos locais, como o deslocamento e o crescimento natural da população, entendendo que a diminuição da população não ocorreu uniformemente. Bem como, avaliar o impacto da imigração em relação aos encadeamentos locais. A autora também argumenta que o declínio populacional, chamado de “esvaziamento”, não teria se iniciado em 1890, e sim em 1872 ou antes, justificada pela construção da estrada de ferro, que teria deslocado o eixo econômico da Velha Iguassu para a Nova Iguassu. Podemos perceber tais fatos na tabela 1:

**Tabela 1: Evolução da população da Grande Iguazu 1779-1940**

População do território da Grande Iguazu, segundo freguesias/distritos – 1779-1940									
Freguesia Base Pizarro 1822	1779	1821	1840	1872	1890	1900	1910	1920	1940
Piedade de Iguassu	9.882	4.167	-	4.485	3.576	-	-	2.001 (Cava)	3.048 (Cava)
Jacutinga	3.540	3.700	6.061	6.546	6.567	-	-	12.382 (N. Iguassu)	34.680+7.434 (N. Iguassu +Belford Roxo)
Marapicu	1.821	4.202	6.586	4.999	4.456	-	-	3.063 (Queimados)	3.974 (Queimados)
São João de Meriti	1.616	2.264	2.402	2.323	2.970	-	-	8.255+3.611 (Pavuna+ S. Matheus)	39.569+22.341 (Meriti+ Nilópolis)
Palmeiras	*	*	*	1.618	2.143	-	-	1.261 (Sta. Branca)	1.232 (Bonfim)
<b>Total</b>				<b>19.971</b>	<b>19.712</b>	-	-		
Pilar de Iguassu	3.895	4.372	-	3.410 (Pertencente à Estrela)	2.517 (Pertencente à Estrela)	-	-	2.823	24.711+3.617 (Caxias+Estrela)
<b>Total</b>	<b>20.054</b>	<b>18.705</b>	<b>15.049</b>	<b>23.381</b>	<b>22.229</b>	<b>18.629</b>	<b>32.105</b>	<b>33.963</b>	<b>140.606</b>

Fonte: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1884, 1870), Rio de Janeiro (1851), Brasil (1874, 1898, 1905, 1916, 1926, 1951).  
 Nota: - sem informação; \* não existia a freguesia e seu território fazia parte de Piedade de Iguassu. Os nomes entre parênteses correspondem às novas denominações do território, distritos.

**Fonte:** SILVA L (2017, p.421)

Ao analisarmos a tabela, nota-se que entre os anos de 1872 e 1890 existe uma diminuição populacional, fundamentando a teoria do esvaziamento. Todavia, aumentando o período da análise, de 1890 a 1920, identificamos um aumento populacional e não um recuo. O que reforça o que já fora anteriormente mencionado. Quando analisamos o intervalo até 1940, o crescimento fica ainda mais latente, mas

esse período já engloba a urbanização na região. Da mesma forma, é possível perceber as diferenças dos processos locais de aumento e diminuição populacional.

Enquanto algumas freguesias como a de Piedade de Iguassu sofrem um pequeno declínio populacional entre 1890 e 1920 (de 3.576 para 2.001), a freguesia de Jacutinga, que passou a ser a sede do município, vê a sua população crescer (de 6.567 para 12.382). Percebe-se também que, entre 1872 e 1890, o maior declínio acontece na freguesia Pilar de Iguassu, pertencente ao Município de Estrela, provavelmente devido a perda do protagonismo do Porto Estrela em face da construção da Estrada de ferro.

Para Lúcia Silva (2013), esse discurso do “esvaziamento” da Baixada Fluminense e sua posterior urbanização desestruturada, aumentando as carências e o índice de violência local, confirma a condição imposta de periferia do Rio de Janeiro, que até então não existia. A Baixada, até então tida como uma potência econômica fundamental ao crescimento do Estado, passa a ser vista como um sertão abandonado a ser desbravado, como uma natureza selvagem a ser domada e um antro de doenças que devem ser combatidas por uma política vigorosa de higienização e saneamento. E é o prefeito Arruda Negreiros que vai iniciar esta tarefa a partir de 1930, época do cultivo de laranjas, seguindo os caminhos de Pereira Passos. Enquanto Pereira Passos fora considerado o Haussmann<sup>55</sup> Tropical, Arruda Negreiros foi considerado o Pereira Passos da Baixada.

A riqueza gerada pela citricultura e a atuação política dos citricultores foram os responsáveis pela modernização da estrutura urbana de Nova Iguaçu, antiga Maxambomba. Muito do que conhece sobre a história da região advém de memorialistas descendentes de famílias que participaram do ciclo da laranja e apresentam esta fase como uma fase áurea da Baixada Fluminense. O cultivo da laranja era visto como barreira à ocupação urbana que ocorria em volta da malha viária, que teria “proletarizado” o território. Isso deu ao município certa singularidade em relação aos demais municípios da Baixada Fluminense por ocasião da integração da região na constituição da metrópole do Rio de Janeiro. Nova Iguaçu foi, entre as décadas de 20 e 40, o maior produtor de laranjas do Estado, sendo responsável diretamente por sua recuperação econômica (SILVA L, 2017).

---

<sup>55</sup> O Barão de Haussmann foi prefeito de Paris, responsável pela modernização da capital francesa no século XIX. Para melhor compreensão ler: HARVEY, David. Paris: capital da modernidade. Trad. Magda Lopes. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

Para Sonali Souza (1992), a laranja tornou-se o símbolo de um “ontem planteico” da região por causa da idealização das relações sociais que se estabeleceram no período, uma vez que os estudos não demonstram as relações de trabalho na produção de laranjas. Para os grupos tradicionais as marcas de carência e violência, hoje atribuídos ao território, são consequências da chegada dos imigrantes que, sem recursos, se estabelecem nos lotes. Esses “desconhecidos”, “de fora” seriam os responsáveis pelas mazelas da então próspera Iguazu. Porém, enquanto as nostalgias dos tempos floridos dos laranjais inspiram as memórias da elite local que passa a se tornar anônima na massa de desconhecidos, para os trabalhadores das chácaras de laranjas, estes foram tempos “duros”, conforme depoimento recolhido pela autora:

Minha mãe ouviu falar da laranja, que a laranja tava dando dinheiro. Chegavam as notícias, tava todo mundo vindo p'ra cá. Viemos num trem, "maria-fumaça". Chegamos à noite. Saltamos em Austin e fomos para Cabuçu à pé. Ficamos todos num quartinho onde pernoitamos... [O entrevistado ficou emocionado e mudou de assunto, posteriormente esclareceu que foram trabalhar para a Companhia Normandia]. Alguns colonos às vezes tinham casa e tudo, com luz! Viemos morar em Austin. Todos tinham que trabalhar. Na verdade, ninguém tinha direito nem de chupar uma laranja. (SOUZA S, 1992, p.65)

O aumento da população local, inclusive a chegada de migrantes, inicia-se com a citricultura que atraiu italianos, portugueses, mineiros e fluminenses para a região. De 1920 a 1940, o distrito de Nova Iguazú teve um acréscimo de cerca de 23 mil habitantes, pois a região passou a atrair a população camponesa de outros territórios. Ou seja, é já na citricultura que se estabelecem as relações que serão apontadas como consequência da proletarização na década de 60.

Uma nova elite, dos donos das chácaras se estabelece em relação com a antiga elite iguaçuana, dando continuidade ao mundo agrário, mas trazendo inovações como fragmentação da terra e a instituição de novas relações de trabalho - sistemas de parcerias e contratação de trabalhadores permanentes e temporários. Trabalhavam nas chácaras homens, mulheres e crianças, a maioria por empreitada. Após a decadência do ciclo da laranja, esses trabalhadores, dispensados de seus postos continuaram na região em lotes das chácaras, em “lotes agrícolas” mais distantes ou em ocupações (SOUZA, 1992),

Lúcia Silva (2017, p. 216) argumenta que o modo de produção de laranja era visto como algo moderno, modificando, pela estrutura necessária ao seu cultivo e

beneficiamento, os modos de vida na região. Com a laranja chegava o tão sonhado progresso “materializado em escolas, saneamento, abastecimento de água, iluminação pública e postos de saúde”. Sebastião Arruda Negreiros foi prefeito de Nova Iguaçu, entre 1930 e 1936, e interventor estadual no município. Durante sua gestão protagonizou reformas de renovação urbana de acordo com o interesse de grupos políticos ligados à citricultura, devolvendo à região da Baixada uma relação com a metrópole que havia sido perdida após o “esvaziamento” da região por causa da decadência econômica e das doenças endêmicas.

Todavia, não é toda a região que passa a ser vista com bons olhos pelo Estado e pela metrópole. A Baixada Fluminense é religada à metrópole, na condição de periferia, após as reformas urbanas e iniciativas de saneamento por parte dos governos federal e estadual na década de 40. Durante as reformas, o Distrito de Meriti - hoje Duque de Caixas, São João de Meriti e Nilópolis - experimentou grande aumento populacional com uma ocupação urbana desordenada de imigrantes buscavam se estabelecer em torno da estrada de ferro Leopoldina. Essa região aos poucos foi se tornando “cidade-dormitório” do Rio de Janeiro, enquanto a sede de Nova Iguaçu, a paisagem continuava a ser rural por causa da produção e exportação de laranjas. Conforme enfatiza Lúcia Silva (2017, p.218):

O grande município, durante a gestão de Arruda Negreiros, convivia com duas dinâmicas de ocupação: nas franjas, principalmente no 8o Distrito (D. Caxias), intenso processo de ocupação urbana desordenada, enquanto o distrito de Nova Iguaçu experimentava o apogeu da citricultura, onde o grupo político local investiu massivamente na estrutura urbana da sede municipal, ao mesmo tempo em que os demais distritos pouco ou nada via desses recursos. Aliás, este foi o argumento utilizado para a emancipação de Duque de Caxias em 1943.

Tal fato ratifica a importância que Nova Iguaçu tem para a Baixada Fluminense, explicitada no interesse por sua história e memória, e as relações identitárias hierarquizadas que hoje se percebe na região. A divisão entre as formas de ocupação e atividades desempenhadas nos distritos de Nova Iguaçu, também existia na disputa pelo poder local, com um grupo hegemônico ligado a citricultura e um grupo de comerciantes e profissionais liberais. No primeiro momento, Arruda Negreiros assume o poder local realizando a sua gestão de acordo com os interesses dos citricultores, depois temos um representante de Caxias, o líder marginal Tenório Cavalcanti, o “homem da capa preta”.

Lúcia Silva (2017) relata, que durante a década de 20, o poder político da região era disputado por dois partidos, um ligado ao Governo Federal (Partido Municipal) e outro ao Governo Estadual (Partido Republicano), sendo o primeiro grupo responsável pelo executivo durante toda a década. Mas, após a 'revolução de 30, que colocou Getúlio Vargas no poder, houve uma modificação destes arranjos políticos, dividindo o território entre o grupo ligado às famílias tradicionais que viveram a "Velha Iguassu" e os citricultores, novos atores que entram em cena apenas no final da década de 20. Além disso, também tinha como terceiro polo de força política os comerciantes que se estabeleceram na região. Como podemos perceber, a Baixada foi palco de disputas políticas que envolviam as esferas estadual e federal, inclusive na própria constituição geográfica do território e no modo dela pertencer a metrópole.

Arruda Negreiros tornou-se um nome importante porque, embora não fosse nem de família tradicional, nem citricultor e nem comerciante, conseguiu, em cinco anos de gestão, corresponder as demandas das três grandes forças políticas locais. Ele foi nomeado para prefeitura como interventor por indicação do prestigiado político iguaçuano e ex-prefeito, Manoel Reis, que possuía articulação política com o presidente constituído Getúlio Vargas. O prefeito-interventor realizou importantes reformas na malha viária do município de modo a integrá-lo à capital federal e às demais regiões do Rio de Janeiro, facilitando escoamento das laranjas e a chegada dos frutos vindo da Zona Oeste (Campo grande, Bangu e Santa Cruz) para as *packing houses* (locais de beneficiamento) iguaçuanas (SILVA L, 2017).

As reformas de Arruda Negreiros são importantes para entender a atual configuração territorial de Nova Iguaçu e o fato de concentrar a maior parte da população rica ao lado esquerdo da linha férrea. Foi esse o lado escolhido para ser palco da construção do Hospital de Iguassu, projeto importante para arrefecer os ânimos políticos opositores, uma vez que materializava o imaginário de modernidade dos citricultores (SILVA L, 2017). O lado direito, que concentra a população pobre, foi o local que recebeu investimentos para desenvolvimento do comércio. Do lado "pobre" de Nova Iguaçu, ficava a Prefeitura, a Câmara, a Catedral de Santo Antônio e a Praça Ministro Seabra (alvo de reforma). Já do "outro lado", como é referido o "lado rico", ficavam a Caixa D'água, o Fórum, a praça João Pessoa e o hospital. A vida "pulsante", a agitação cidadina ocorria no lado pobre, pois era a zona comercial da cidade. É o lado onde fica hoje a "Rua da Lama", que é objeto deste estudo.

A Praça Ministro Seabra ficava na rua da via férrea, onde hoje é a Praça da Liberdade, em frente da estação. A praça foi aumentada, ajardinada e ganhou iluminação elétrica, além de bancos. No centro foi colocado o obelisco comemorativo do Centenário de fundação do município. Era em torno dela que “a cidade pulsava”, pois era o local onde se concentravam os bares, restaurantes, o bilhar e o Cine Verde, único cinema da cidade. Era também a principal zona comercial da cidade. A população trabalhadora que vivia da laranja utilizava aquela região como centro de compras, pois havia mercados (armazéns), sapatarias/chapelarias, farmácias, açougues, casas de tecidos e alfaiatarias, padaria, oficinas mecânicas e os poucos consultórios médicos. O entorno da praça contava com 267 estabelecimentos comerciais e era lugar de baldeação, passagem obrigatória da estação do trem para as diversas localidades do município” (SILVA L, 2017, p. 226).

Nova Iguaçu era uma cidade “rural moderna”. Seu centro comercial era frequentado pela elite, que costumava ir ao cinema e aos restaurantes, e pela população rural, que buscava produtos, serviços e alento nos botequins. A praça do “outro lado”, o lado da moradia dos citricultores, era um espaço pouco frequentado e, por vezes, palco de eventos políticos. Foi o lado que recebeu também reformas de saneamento e abastecimento de água. Como veremos mais a frente, o lado pobre, principalmente o entorno da Dutra, onde fica a “Rua da Lama”, sofre ainda hoje com a falta de infraestrutura urbana, ocasionando enchentes constantes em ocasião de chuvas.

Conforme explicita a autora, temos, de um lado, o “espaço privilegiado dos citricultores” e, no entorno da “Praça da Liberdade”, um lugar de convívio e tensão entre as classes (SILVA L, 2017, p. 230). Ainda hoje é possível perceber na arquitetura das casas e na própria disposição dos polos gastronômicos a divisão social e identitária. Em entrevistas com comerciantes da “Rua da Lama”, uma das questões para o esvaziamento dos bares era a de que as pessoas no início do mês (com dinheiro) preferem frequentar os bares “chiques” do “outro lado” e no final do mês elas “caem na Lama”.

A comparação de Arruda Negreiros com Pereira Passos foi produzida pelo importante periódico regional “Correio da Lavoura”, acionando um imaginário de modernidade rural-urbana pertencente ao grupo de citricultores. Com a reforma da malha viária, a construção do hospital e a reforma das duas praças e quatro ruas do perímetro urbano em volta da Estação ferroviária, o prefeito de Nova Iguaçu, atendeu as demandas da elite local e foi considerado um grande gestor e propulsor da modernização da região. Ele teria, segundo o periódico, tornado Nova Iguaçu a “Califórnia brasileira”, aumentando a demanda da elite local por reformas urbanísticas,



um plano diretor que seria colocado em prática apenas com a instituição do “Estado Novo”.

Califórnia é, inclusive, o nome do bairro à beira da Rodovia Presidente Dutra, no qual localiza-se a “Rua da Lama”. É interessante essa associação com a Califórnia enquanto potência estadunidense na época, com território gigantesco, desenvolvimento econômico e urbano expressivos, misturando agricultura e indústria. Ela demonstra a ambição da elite iguaçuana e contrasta com o que acontece após a decadência do ciclo da laranja.

O fato do Município de Iguassu ter sido o maior produtor de laranja do Estado do Rio de Janeiro, respondendo por 34% da produção do estado colaborou amplamente para que houvesse um acúmulo de riqueza por um grupo social, que ocupava o executivo. Levando a uma expressiva transformação urbana na década de 1930. A laranja era item de grande arrecadação estadual e sua produção era vista como fruto da modernização dos modos de cultivo e beneficiamento do produto, levando a melhoria nas condições de vida e o tão esperado progresso, devendo ser materializado em escolas, saneamento, abastecimento de água, iluminação pública e postos de saúde.

Mas, na verdade, Arruda Negreiros não realizou uma reforma urbana ampla, como Pereira Passos no Rio de Janeiro, e muito menos Haussmann em Paris. O grupo o qual “representava” acabou por eleger duas Praças como cenário de poder e palco de atuação de uma pequena reforma urbana, portanto ele não é o idealizador destas mudanças, age apenas como realizador de uma ideia de modernidade deste grupo. São elas: as praças da área central do distrito-sede (a cidade de Nova Iguaçu) e a construção do hospital.

O fato de Arruda Negreiros ser comparado de alguma forma a Haussmann pode consistir no fato de ser um momento de grande crescimento econômico e mudança de status social da região, devido à alta produção de laranja, que impulsionou as transformações, como investimento em infraestrutura, mesmo assim, só na década de 1940 o município volta a ser integrado ao Rio de Janeiro, mas numa condição inferior.

A missão de Arruda Negreiros foi, portanto, a de garantir a representatividade e a manutenção dessa classe dominante (citricultores) no poder. Durante os anos 1930 esse grupo foi se consolidando através do interventor Arruda, o que acabou dando visibilidade também aos seus opositores, ocupantes de outra faixa territorial.

Havia uma obsessão pelo tema do “melhoramento urbano” para o grupo dominante local.

A comparação de Arruda com Pereira Passos, o “Hausmann Tropical” nem foi pela questão de um “bota-abaixo”, mas sim pelo que representou para o local todas essas mudanças. Fazendo com que o ideal de que o progresso e a modernidade, passariam pela citricultura e por tudo aquilo que girava em torno dela. Mas foi pouco o tempo de duração desse “sonho moderno”, uma vez que, com a Segunda Guerra Mundial, as exportações de laranja despencaram (mais da metade era para exportação), desbancando a atividade.

Ainda em 1940, iniciam-se os processos de desmembramento das terras e loteamento. Somou-se à decadência do cultivo de laranja o fato de que começou a haver uma pressão do mercado imobiliário para a formação e venda de lotes para os imigrantes que estavam vindo para a capital em busca de oportunidades nas indústrias. A Baixada da Guanabara, como Iguassu, também era conhecida, possuía infraestrutura de transporte acessível para estas pessoas, o que fez aumentar a busca da região para habitação.

Além disso, a inflação do período valorizou as terras, tornando-se opção para o chacreiro como modo de reaver o prejuízo pela falta de mercado para a laranja. Souza (1992), também adverte que o enriquecimento com a venda das chácaras foi restrito a elite citricultora, porque o pequeno e médio chacreiro foi, por vezes, forçado a tomar a decisão de lotear - incêndios criminosos e expulsão fazem parte deste cenário. Já alguns grandes produtores, conduziram o processo de loteamento, inclusive instituindo companhias imobiliárias para lotear suas terras. O declínio do cultivo de laranjas corresponde ao declínio de um mundo simbólico, ainda acionado por alguns memorialistas da região e pelas famílias tradicionais:

As áreas de citricultura não recobriam todo o município, concentrando-se no distrito-sede. Todavia, o sucesso e as expectativas geradas por esse cultivo sustentaram, parece-me, a ideia de um mundo agrário, ou melhor, as representações socialmente consagradas e difundidas de uma cidade e município que eram pensados como agrários; sua desarticulação, dentro do contexto das transformações acima mencionadas, implicou a ruptura da ideia de um mundo, de um símbolo que o representava enquanto agrário, o que concorreu para a revolta de uns ou para a idealização do passado por parte de outros. (SOUZA, 1992, p.81)

É por causa desta memória idílica que o discurso da periferização da Baixada Fluminense ganhou força, porque os discursos demonstram que houve uma ruptura

de um mundo agrícola urbano moderno próspero e feliz para um mundo feito por proletários sem recursos que se estabeleceram na região em lotes sem nenhuma estrutura. Souza (1992) defende que há continuidades, sobretudo nas relações de exploração dos setores menos abastados, e descontinuidades como a utilização agrária da terra. As décadas de 40, 50 e 60 serão de expansão urbana, crescimento industrial e emancipações nas terras iguaçuanas. A Iguaçu dourada, das flores perfumadas dos laranjais teria ficado no passado, restando a penas um discurso nostálgico do recanto bucólico e próspero, como é o imaginário que temos do “campo” em contraposição à “cidade”. Nas palavras do poeta paraibano Mestre Azulão:

[...]

A cidade foi crescendo  
E ficando mais bonita  
Cercada de laranjais  
Que outra jamais imita  
Foi nesta prosperidade  
Se tornando uma cidade  
Moderna e Cosmopolita

Os bons tempos se passaram  
As populações cresceram  
Arrancaram os laranjais  
Seus donos também morreram  
Venderam suas vivendas  
Até as grandes fazendas  
Também desapareceram

Transformaram os laranjais  
Em grandes loteamentos  
Construíram muitas casas  
E prédios de apartamentos  
Os lugares preferidos  
São hoje os mais poluídos  
Lotados e barulhentos

[...]

Tú hoje, Nova Iguaçu  
És um boi esquarterado  
Pela ambição política  
Que destruiu seu passado  
Em procura de um espaço  
Cada um tira um pedaço  
Para melhorar seu lado

[...]

(AZULÃO, 19--)

A partir da década de 40, com o fim da citricultura, e o crescente processo de urbanização e industrialização que estavam ocorrendo no país, Nova Iguaçu se tornaria palco de uma “plateia de estranhos”, que Sennet (1988) atribui à formação das cidades modernas. Não mais um urbano agrário regido por “valores tradicionais”, mas a modernidade chegando de forma agressiva e desordenada (na visão dos antigos moradores). Priscila Maia e Adrianno Rodrigues (2009), realizaram um estudo das condições que levaram à fragmentação do território iguaçuano, formando os municípios que mais tarde seriam reunidos como um grande território ligado à metrópole - a Baixada Fluminense.

De acordo com os autores, entre os anos 40 e 50, algumas indústrias procuraram se estabelecer nas terras da Baixada, seguindo a Avenida Brasil<sup>56</sup> e a Rodovia Presidente Dutra<sup>57</sup>, atraindo pessoas para a região. Ademais, a Baixada além de próxima ao Rio, possuía trem de tarifa única, que facilitava a mobilidade dos trabalhadores na capital que vinham à procura dos lotes baratos.

Nova Iguaçu tornou-se uma referência central pela estrutura de comércio e serviços que oferecia, assim como o município de Duque de Caxias, emancipado em 1943. Neste contexto de urbanização da Baixada, Nova Iguaçu e Duque de Caxias foram consideradas cidades-satélites, enquanto Nilópolis e São João de Meriti, emancipados em 1947, eram consideradas cidades-dormitórios. Segundo os autores, foram as políticas de investimento seletivos que impulsionaram as emancipações das terras iguaçuana - Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis - primeiro, e depois da pausa da ditadura, a retomada em com Belford Roxo e Queimados (1990), Japeri (1991) e Mesquita (1999). Durante a fase citricultora, Nova Iguaçu ganhou toda a atenção do poder político em todos os níveis, principalmente na área residencial ocupada pelos mais abastados: exportadores, comerciantes e profissionais liberais. Maia e Rodrigues citam a criação do muro da estação como um modo de divisão

---

<sup>56</sup> Inaugurada em 1946, possui 58,5 quilômetros de extensão e corta 26 bairros do Rio de Janeiro. A Avenida Brasil conecta o centro do Rio aos principais bairros “periféricos”, da Rodoviária Novo Rio à Santa Cruz, na Zona Oeste. É o maior trecho em extensão urbana da BR-101, que liga a cidade ao Norte e ao Sul do Brasil.

<sup>57</sup> Inaugurada em 1951, pelo presidente Eurico Gaspar Dutra, tinha a importante função de ligar a então capital do Brasil, o Rio de Janeiro ao parque industrial de São Paulo. A Via Dutra possui 402 quilômetros e é considerada a rodovia mais importante do Brasil. De acordo com a administradora, CCR Nova Dutra, a via transporta 50% do PIB do país. Disponível em: <http://www.transportes.gov.br/curtas-do-mtpa/6642-rodovia-presidente-dutra-completa-67-anos-nesta-sexta-feira-19-1.html>. Acesso em: Fevereiro de 2019

intermunicipal entre ricos e pobres. Tal concentração de recursos gerou uma “consciência emancipacionista” nas lideranças dos demais distritos.

Sonali Oliveira (2006) aponta como motivos para a emancipação de Caxias: a extensão territorial de Nova Iguaçu, que não permitia uma administração eficaz de todo o território, e o desenvolvimento industrial do distrito com a construção da Rio-Petrópolis e a chegada da Fábrica Nacional de Motores (FNM). Com a liderança local insatisfeita por não dispor dos serviços públicos e da atenção política, buscou a emancipação concretizada pelo Decreto Lei Estadual n. 1055/1943. Mais tarde, por motivações políticas, Nilópolis, então Distrito de Nova Iguaçu, e São João de Meriti, Distrito de Duque de Caxias, conseguiram emancipação através dos movimentos de reconstituição das terras do Estado.

Os desmembramentos dos territórios de Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis, todos na década de 40, fizeram com que o município sede perdesse uma área de aproximadamente 523 Km<sup>2</sup>. De acordo com Soares (1960), as sedes municipais de São João de Meriti e Nilópolis deveram sua condição oficial de cidades ao papel acolhedor do excesso de população do município do Rio de Janeiro. Neste sentido, eles podem ser qualificados como verdadeiros subúrbios dormitórios pois apresentavam neste período elevado grau de absorção pela metrópole carioca (OLIVEIRA S, 2006, p.53).

Após a Carta Constitucional de 1988, as emancipações passaram a ser processos de competência do Legislativo Estadual, facilitando nova fragmentação do território devido às diferenças políticas, econômicas e sociais das regiões. Belford Roxo foi emancipado em 1990 com uma população de cerca de 344 mil habitantes, tendo a *Bayer do Brasil S.A* em suas terras consideradas as mais pobres e violentas. Também em 90, Queimados é emancipado com quase 100 mil habitantes e “um dos maiores distritos industriais do Estado”, devido à precariedade de serviços públicos prestados à região. No ano seguinte é a vez de Japeri com cerca de 66 mil habitantes, por força da elite local que pretendia criar um núcleo administrativo. Por fim, há a emancipação de Mesquita, em 1999, que tentava se emancipar desde a década de 50. Para Sonali Oliveira (2006) Nova Iguaçu foi o município mais fragmentado do país, perdendo cerca de 500 mil habitantes e parte de sua receita, contudo continua sendo a “capital da Baixada”.

Para Priscila Maia e Adrianno Rodrigues (2009), se o Rio de Janeiro é o centro do Estado, Nova Iguaçu é o centro da Baixada. Possui estrutura capaz de atender a seus moradores e aos de outros municípios sem que estes tenham que se deslocar

para o Centro do Rio. O intenso “fluxo de pessoas, mercadorias e informações” na região ratificam sua importância como capital dentro da capital. Até a década de 80, Nova Iguaçu passou por exponencial crescimento demográfico, atraindo imigrantes mesmo quando, após a fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro, e a descentralização das atividades industriais no Sudeste, o número de migrantes caiu na capital.

Durante as décadas de 70 e 80, Nova Iguaçu aumentou em 42,8 % o número de estabelecimentos industriais nos ramos da química, metalurgia, alimentos e transportes. Após a fragmentação, e a perda de grande parte das indústrias para outros municípios, Nova Iguaçu firmou-se no setor terciário como estratégia para reforçar sua centralidade e minimizar as perdas. Hoje é referência de centro comercial da Baixada, principalmente para os municípios mais próximos. Duque de Caxias ainda é percebido como um polo distante. Se Iguaçu é Baixada? É, em sua geografia, economia, cultura e história. Nova Iguaçu é Baixada e toda a Baixada carrega um pouco de Iguaçu. Como diz Mestre Azulão:

Mesmo assim Nova Iguaçu  
Faz um grande desafio  
As outras grandes cidades  
De tamanho e poderio  
Que seu nome é respeitado  
Como orgulho do estado  
Na área do Grande Rio

Este amigo de vocês  
Azulão que se ufana  
Em ser filho do Nordeste  
Da terra paraibana  
Poesia é sua arte  
Pois aqui mora e faz parte  
Da cultura iguaçuana

(AZULÃO, 19--)

Para Lúcia Silva (2016), há muito ainda o que se estudar sobre a Baixada Fluminense para que se entenda a complexidade deste multiterritório. Conhecida como local de violência e de carência, características atribuídas principalmente ao processo de urbanização acelerado e sem auxílio do poder público, a Baixada um gigante desconhecido. Entender Nova Iguaçu é importante neste processo, porque são as terras da antiga Iguassu que compõem hoje boa parte da Baixada Fluminense. Sua sede, na Fazenda de Maxambomba que ocupava a antiga Freguesia de

Jacutinga, era lugar de fazenda e quilombos, tornou-se terra de laranjais e lugar de comerciantes e tropeiros. Mais tarde, cortada pela Dutra, atrairia imigrantes, maioria nordestinos.

Terra do lado pobre, de maioria negra, que sofreu com enchentes, epidemias e o descaso do poder público que sempre privilegiou o lado rico. Os problemas que são atribuídos hoje a Baixada, já estavam lá no século XIX, mas o modo de percebê-la mudou, talvez pela ausência de criação de um território simbólico que confrontasse os discursos políticos-midiáticos que rebaixaram o *status* da região. A identidade de Nova Iguaçu e as relações que hoje se estabelecem nestas terras têm como *lócus* um imbricado depósito de materialidades, imaginários e modos de fazer. Como argumenta Lúcia Silva (2016, p. 136), entender este território em suas “formas pretéritas de organização espacial”, é um modo de entender as mazelas que seus habitantes enfrentam hoje. Não entender seu espaço, é aceitar a imagem da Baixada como “periferia da periferia”, que sofreu uma ruptura com um passado idílico quando os pobres nordestinos nela chegaram.

## 2.2 A Baixada Polissêmica

O que ocorre, de fato, é que, quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo - estou possuído pelo outro.

*Bakhtin*

Aquilo que conhecemos sobre um território é fruto de uma “memória coletiva”, formada com as diversas narrativas que buscam atribuir-lhe sentido. As experiências cotidianas, embora ricas em processos comunicativos de construção de identidades, nem sempre são registradas e/ou oficializadas a fim de contribuir para a formação do imaginário sobre um lugar e do desenho do território simbólico. A Baixada Fluminense, conhecida como território das carências e da violência, periferia do Rio de Janeiro, fora outrora parte do Recôncavo da Guanabara, espaço importante para o desenvolvimento econômico da província do Rio de Janeiro.

Até alcançar este estigma de periferia, a Baixada Fluminense passou por

muitas transformações. Lançando-se um olhar sobre o que temos de registro histórico e midiático sobre este território, é possível perceber que a mudança de valor atribuído ao local é fruto de uma série de fatores políticos, econômicos e sociais. Entre os muitos elementos que compõem a formação da Baixada Fluminense temos: a complexa formação político-geográfica com desmembramentos, junções e emancipações; as redes de autores que disputam a sua história; as imagens disseminadas pela mídia, que apresentam ao país um recorte da “realidade” do lugar; e as redes culturais-artísticas, que criam um território simbólico.

Vimos anteriormente que a Baixada começa com o Município de Grande Iguaçu, que, longe de ser uma única coisa, era a terra de fazendeiros europeus e de resistência negra; terra das atividades agrícolas e da dinâmica de escoamento de mercadorias através dos portos. Mais tarde, seria também a terra de proletários imigrantes, de indústrias e roças, de terras emancipadas. Ainda hoje, basta andar nas ruas de Nova Iguaçu para perceber o quanto o moderno e o arcaico se misturam, carrões importados dividem espaço com carroças.

Não só o moderno e o arcaico, mas uma série de costumes e comportamentos diferentes dividem o espaço, revelando a multiterritorialidade presente. É assim que os imigrantes paraibanos apontam “aquilo ali é coisa dos baianos”, e vemos o filho de mineiros que toca sertanejo, mas ama rock dividir, o espaço com descendentes de nordestinos que apreciam MPB porque acham mais *cult*.<sup>58</sup> Geopolítica, histórica, midiática e cultural, a Baixada é múltipla, polifônica e polissêmica (ENNE, 2002).

Para Enne (2002), nas diversas construções discursivas elaboradas pelos múltiplos agentes que se encarregaram de construir a memória do território, o termo Baixada Fluminense resguarda elementos dos processos de paráfrase e polissemia de um discurso. A paráfrase enquanto manutenção de um sentido partilhado e a polissemia enquanto o deslocamento deste sentido. Para a autora, os processos de paráfrase aparecem no discurso da Baixada Fluminense enquanto um conjunto de terras, ou seja, é a configuração geográfica o sentido partilhado do território, ainda que não seja completamente unânime. Mas, para essa mesma unidade, diversos sentidos são atribuídos, porque um território é constituído de fluxos e fixos (SANTOS, 2006). São os processos sociocomunicacionais que atravessam os territórios e os constituem os responsáveis pela diversidade de sentidos.

---

<sup>58</sup> Referências retiradas de observações e entrevistas feitas em campo a Rua da Lama, em Nova Iguaçu.



Enne (2002) demonstra os compartilhamentos e deslocamentos de sentido através de uma prévia análise da constituição do nome “Baixada Fluminense”. Geograficamente, o termo “baixada” tem o sentido de “planícies entre montanhas”, enquanto “fluminense” advém de “flúmen” que é “rio” em latim. Juntando os dois, no sentido denotativo temos que a Baixada Fluminense tem esse nome porque trata-se de planícies baixas recortadas por rios.

E foi justamente esta configuração geográfica que favoreceu a atividade econômica de transporte fluvial de mercadorias e o estabelecimento de portos, responsáveis até o século XIX pelo desenvolvimento econômico da região e da província. E a essa mesma configuração geográfica é atribuído um sentido negativo, porque, com o início da construção das ferrovias e o assoreamento dos rios, as enchentes e o alagamento das terras foram o motivo das epidemias que teriam esvaziado a região.

Portanto, a concepção da “Baixada Fluminense” como um conjunto de “terras baixas cortadas por rios”, aceita por quase todos os agentes aqui citados, já traz embutida uma concepção polissêmica acerca do sentido do segundo termo da expressão, já que a ideia de que fluminense está associada aos rios pode ser pensada de forma positiva ou negativa, dependendo do enfoque (ENNE, 2002, p.55).

A autora aprofunda a questão da polissemia acerca do termo “baixada”, demonstrando os vários critérios utilizados para assim designar a **Baixada Geográfica**. A própria configuração territorial depende da perspectiva sociopolítica lançada sobre o espaço. A composição apresentada como a mais frequente seria a da Baixada Fluminense, constituída por onze municípios, a saber: Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Nilópolis, São João de Meriti, Belford Roxo, Mesquita, Japeri, Queimados, Paracambi, Magé e Guapimirim. Todavia, apenas os oito primeiros teriam feito parte do Município de Grande Iguassu, “terra mãe” da Baixada. Este contexto histórico cria a nível social uma hierarquia entre os municípios acima considerados, tendo Nova Iguaçu como centro, seguido de Duque de Caxias (onde ficava o porto Estrela), São João de Meriti e Nilópolis, os primeiros a se emancipar. Podemos ver no mapa a seguir (FIGURA 3), os onze municípios, bem no Centro, os “quatro principais”: Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis.

**Figura 3:** Baixada Fluminense “histórica”

Fonte: ENNE (2012, p.56)

Após as primeiras emancipações das terras iguaçuanas em 40, outras se seguiram, criando os municípios de Belford Roxo, Mesquita, Queimados e Japeri. Os três primeiros constituindo um terceiro nível de hierarquia na atenção à sua história e ao seu valor sociocultural. Japeri, o mais distante dos municípios originados de Iguaçu, e os municípios de Paracambi, Magé e Guapimirim, embora comumente atribuídos a Baixada, são vistos como território à parte por possuírem uma configuração territorial diferente dos demais, pois geograficamente ficam no “sopé da serra” e não nas planícies alagadas. Além disso, estes municípios não terem passado por um processo de urbanização acelerado da mesma forma que os demais. Tal fato remete ao segundo critério mencionado pela autora para dar sentido à Baixada Fluminense que é o da urbanização.

A metropolização do Rio de Janeiro nas décadas de 60 e 70 foi um processo fundamental para entender o “rebaixamento” da Baixada à periferia da periferia do Rio de Janeiro. Ao aceitar “anexar” as terras alagadas à região metropolitana, o recente Estado da Guanabara observou a classificação formulada pelo FUNDREM - Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Os municípios com características urbanas mais definidas como Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Nilópolis e São João de Meriti, o “centro de referência da Baixada” (ENNE, 2002), foram então incorporados à metrópole do Rio de Janeiro, razão pela qual esta região, hoje com oito municípios por causa das emancipações, seja considerada a Baixada Fluminense por parte dos acadêmicos.

Em uma reflexão sobre a proposta de classificação de Maurício de Abreu (1997 apud ENNE, 2002), fica claro o quanto este processo de metropolização estigmatizou a Baixada Fluminense, marcando-a no imaginário carioca como um lugar “tão distante”, sendo que esta distância é muito mais imaginada do que física.

Neste sentido, outro autor recorrentemente citado é Maurício de Abreu, que propõe uma classificação em que o eixo central, desempenhando o papel de núcleo urbano, seria a área central da cidade do Rio de Janeiro. A partir desse eixo, desenvolveu-se a concepção de “Região Metropolitana”, que seria constituída por 14 municípios, distribuídos em quatro áreas: núcleo (que compreenderia o centro do Rio de Janeiro e a área periférica central – como Rio Comprido e São Cristóvão, por exemplo -, a zona Sul e a zona Norte), a periferia imediata (composta pela zona suburbana I – Ramos, Penha, Méier, Engenho Novo etc e por áreas como Jacarepaguá, Ilha do Governador, Paquetá, Niterói e Barra da Tijuca), a periferia intermediária (compreendendo a zona suburbana II – Bangu e Anchieta – e a zona rural – Campo Grande e Santa Cruz) e, finalmente, os subúrbios periféricos I (composto por Duque de Caxias, Nilópolis, Nova Iguaçu e São João de Meriti) e os subúrbios periféricos II (o município de São Gonçalo) (ENNE, 2002, p.61).

Para André Rocha (2013), a representação hegemônica da Baixada Fluminense como periferia e lugar de miséria e violência social está diretamente vinculada a formação da metrópole carioca e na mudança de cenário provocada pelo processo de urbanização desestruturado na Baixada, até então uma região agrícola. A construção de vias de transporte que cortavam a região como a via Dutra, expansão das linhas férreas e os loteamentos das fazendas, terras oferecidas à baixo preço, favoreceram a ocupação do território por imigrantes que vinham trabalhar no Rio de Janeiro.

Portanto, seriam características da área, a partir da sua indexação à metrópole, a “ausência de infraestrutura urbana” e a “reprodução das camadas populares”. Acrescenta-se a isso, a violência física e simbólica imposta pelos grupos políticos que comandavam a região. A Baixada Geográfica, cujo nome seria alusão às planícies recortadas por rios, viraria a baixada “rebaixada” na condição de metrópole do Rio de Janeiro.

De acordo como CEPERJ - Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro<sup>59</sup>, geograficamente a expressão Baixada Fluminense corresponde às diversas planícies que vão “desde

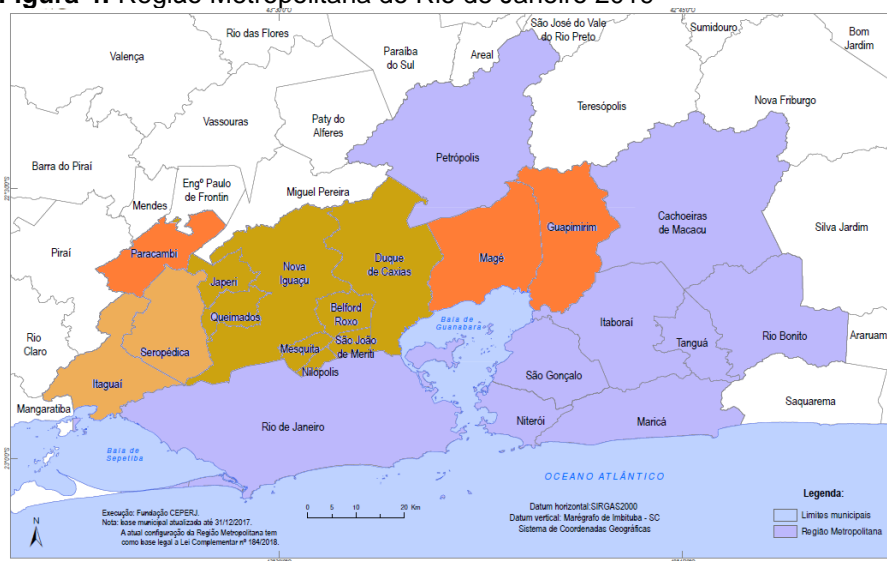
---

<sup>59</sup> O GRANDE RIO E A BAIXADA FLUMINENSE. Divisão regional. Informações sobre territórios. CEPERJ. Disponível em: <<[http://www.ceperj.rj.gov.br/ceep/info\\_territorios/divis\\_regional.html](http://www.ceperj.rj.gov.br/ceep/info_territorios/divis_regional.html)>> Acesso em: Fevereiro de 2019

a linha de costa até as falésias dos Tabuleiros (no Norte Fluminense) e até as encostas das Colinas e Maciços Costeiros (que antecedem, na direção do interior, as escarpas da Serra do Mar)". Sendo assim seriam "baixadas", "terras baixas" e "fluminenses", "cortada pelos rios" as Baixada dos Goytacazes ou Campista, Baixada dos Rios Macaé e São João, Baixada da Guanabara e Baixada de Sepetiba.

Todavia, sob os enfoques político e histórico, a SEDEBREM - Secretaria de Estado de Desenvolvimento da Baixada e Região Metropolitana, passou a considerar a partir de 2005, como Baixada Fluminense, os municípios de Nova Iguaçu, Queimados, Japeri, Paracambi, Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti, Duque de Caxias, Magé, Guapimirim, Itaguaí e Seropédica. Nem onze, nem oito, mas treze municípios porque acrescidos de duas regiões mais à oeste que são Itaguaí e Seropédica.

**Figura 4:** Região Metropolitana do Rio de Janeiro 2019



**Fonte:** CEPERJ, modificada pela autora (2019)

Todos os municípios coloridos no mapa, pertencem atualmente à região metropolitana do Rio de Janeiro. Vemos em marrom, os oito municípios derivados da Grande Iguaçu, considerados como um bloco regional comum pelo FUNDREM, segundo o grau de urbanização, violência e densidade populacional. Para o órgão estadual, extinto em 1989, a Baixada Fluminense estaria restringida às UIIO (Unidades Urbanas Integradas a Oeste), correspondentes a seus municípios núcleos (Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis). Questão diretamente ligada ao sentimento de pertença e à identidade da população. (SILVA L, 2013).

Em laranja, os três municípios comumente associados à Baixada pelos acadêmicos da região, por sua aproximação histórica em termos de desenvolvimento desigual dentro da metrópole, os dois à esquerda, pertencentes ao antigo Município de Estrela. E, na cor bege, os dois municípios - Seropédica e Itaguaí - correspondentes à uma expansão para “zona oeste”, que comporiam uma “região política” porque era de interesse dos órgãos estaduais e municípios como a CEPERJ (ENNE, 2002; ROCHA A, 2013).

Para André Rocha (2013), na configuração hoje aceita pelo Governo Estadual, com 13 municípios na Baixada Fluminense, há uma representação hegemônica da Baixada como território que engloba os municípios de se desmembraram de Nova Iguaçu e o município de Magé. Os demais municípios, embora listados como pertencentes à região, encontram-se numa dinâmica que o autor denomina de “geopolítica da inclusão-exclusão”, reconhecendo-se ou não como Baixada Fluminense, conforme interesses políticos e econômicos.

Deste modo, enquanto Seropédica busca uma legitimação como pertencente à Baixada, os demais municípios - Itaguaí, Paracambi e Guapimirim buscam a autoexclusão para associar-se a regiões turísticas próximas e assim compor a sua imagem. Guapimirim se reconhece como pertencente à Serra Verde Imperial, Paracambi tenta se colocar como parte da Região do Vale do Café e Itaguaí busca se associar à Costa Verde. Todavia, as quatro prefeituras participaram do fórum FIRJAN em 2011, 2012 e 2013, para se discutir ações conjuntas para o desenvolvimento da estrutura urbana da Baixada.

Ou seja, os limites geográficos da Baixada Fluminense são imprecisos, dependem da perspectiva e dos interesses políticos e socioeconômicos do grupo que representa a região: acadêmicos, memorialistas, jornalistas, órgãos governamentais e políticos. Não há como pensar a Baixada geográfica de forma dissociada de sua história e dos “fluxos e fixos” que a compõe. Como afirma André Rocha (2013), “Imaginar, representar e conceber a Baixada é uma forma de exercer uma política espacial que não é naturalizada na forma, mas num contexto dialógico entre o território e sua representação.”

Utilizando a tríade de construção social do espaço de Lefebvre (2006), o “espaço concebido” da Baixada Fluminense é uma mistura de projetos políticos locais, que modificam as fronteiras de acordo com os investimentos governamentais; de imagens disseminadas pela mídia, que teve grande participação no conhecimento

atribuído sobre a Baixada; e da força realizada por memorialistas e acadêmicos para resgatar uma história da região, cada qual privilegiando um “lado” da história. Mas entre o “espaço concebido”; o “espaço percebido”, que consiste na materialidade das relações estabelecidas; e “o espaço vivido”, com toda a práticas sensíveis que atribuem significado à materialidade experimentada; há uma lacuna que somente novas representações são capazes de diminuir.

A própria constituição do nome Baixada Fluminense (SILVA L, 2013) e a anexação do território a metropolização do Rio (SILVA L, 2017) são fatores que demonstram a construção do “espaço concebido” da Baixada. A *Baixada Geográfica* conversa com a *Baixada Histórica*. Enquanto Recôncavo da Guanabara, a região, associada a todos os municípios do entorno da baía como Niterói, São Gonçalo e Itaboraí, era delimitada por um fato geográfico que dava inteligibilidade à sua formação. Como enfatiza a autora, “a baía e os rios eram utilizados como referências espaciais para organizarem os lugares” (SILVA L, 2013, p.53).

A criação da Grande Iguassu e sua posterior fragmentação com a criação de Estrela, acabou desvinculando uma margem da baía de outra. Em toda a porção oeste ficava Iguassu que possuía uma dinâmica econômica um tanto diferente. A expressão Recôncavo foi caindo em desuso e em 1870, toda a planície embrejada passou a ser considerada como Baixada pela Inspeção de Obras Públicas que buscavam realizar obras de saneamento para higienizar a cidade. É neste momento que a Baixada passa a ser percebida como ameaça à metrópole.

Baixada Fluminense era então toda a planície que se estendia de Itaguaí a Campos. Até a Comissão Federal de Hildebrando de Góes, criada em 1933, as comissões estaduais e federais dividiam suas atividades nas regiões da Baixada da Guanabara e Campista. Foi a comissão de Hildebrando que oficialmente a dividiu em quatro seções: Sepetiba, Guanabara, Araruama e Goitacás (SILVA L, 2013, p. 56).

Ainda assim, à porção oeste, correspondente à Iguassu era promissora, e Baixada da Guanabara resguardava a relação horizontalizada entre a cidade e a região. Porém, a partir da década de 50, e após, nas décadas de 60 e 70, com a criação da região metropolitana do Rio de Janeiro, a então Baixada da Guanabara passa a ser mencionada como Baixada Fluminense, e ganha a condição de subalternidade à cidade do Rio. Vale ressaltar que a partir de 60, temos dois Estados que seriam fundidos mais tarde: O Estado da Guanabara e o Estado do Rio de Janeiro, ao último se reservava o termo fluminense.

O loteamento dos antigos laranjais favoreceu o crescimento urbano com a aglomeração de pessoas “sem recursos” que trabalhavam no centro. A violência do poder local, a qual Alves (2003 apud SILVA L, 2013) analisa em sua tese tornam-se a marca desta região. Sendo assim, o termo Baixada Fluminense surge como um conceito que endossa pretensões políticas de colocar a região na condição de periferia, desconsiderando as diferenças internas e as apropriações das populações migrantes.

Para entender melhor o processo de metropolização que “rebaixou” a baixada, vamos recorrer ao trabalho de Lúcia Silva (2017). A formação da região metropolitana do Rio de Janeiro foi palco de um conflito entre os governos federal e estadual para criação da região. A cidade do Rio de Janeiro, que fora capital do país, ganhou a condição de cidade estado, Estado da Guanabara, em 1960, com uma força política oposicionista ao governo. O Estado da Guanabara nasceu logo após a capital do país mudar-se para Brasília e durou apenas 15 anos, tendo quatro governadores. Foi na situação de calamidade gerada pelas fortes chuvas de 1966, que o dissenso entre Governo Federal e o Estado reiniciaram, ambos criando órgãos para atuar na urbanização ou remoção das favelas.

Negrão de Lima criou, em março de 1968, a Companhia de Desenvolvimento de Comunidades (Codesco) com o sentido de urbanizar as favelas que não ficassem em área de risco. Já o governo federal, em maio do mesmo ano, instituiu a Coordenação de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana do Grande Rio (CHISAM), através do decreto 62.654/68, cujo objetivo era a erradicação das favelas, não só na cidade, mas no seu entorno (SILVA L, 2017, p.5).

Costa e Silva era o presidente, o CHISAM deveria atuar na área metropolitana a ser criada, abrangendo o Estado da Guanabara e o Estado do Rio, denominado Grande Rio. A discussão, a partir de então, era a canibalização dos recursos do Estado da Guanabara para as regiões economicamente mais fracas e a gestão compartilhada vista como intervenção federal. A autora afirma que o Documento Básico da criação da região metropolitana não mencionava ou pensava a Baixada na constituição da metrópole, mas sim, a criação de uma área metropolitana sob a égide do Estado da Guanabara.

A fusão entre as duas áreas era pensada como problema político e econômico (Intervenção federal e distribuição de recursos), por isso optou-se por criar a área no modelo cooperativo entre os municípios. Todavia, alegando falta de dados para uma

análise mais apurada da constituição da região e colocando-se como a mais preparada financeira e tecnicamente para assumir o controle administrativo da metrópole, a cidade-estado ficou à frente das negociações sem a participação dos demais municípios que ficaram na retaguarda.

De acordo com a historiadora, o termo Baixada Fluminense só é mencionado uma vez no documento, demonstrando sua condição de sub-urbe. Mas ela também cogita o fato de o termo levar no nome Fluminense uma característica do Estado do Rio de Janeiro, quando havia uma preocupação do Estado da Guanabara de garantir sua hegemonia. Havia esforços para garantir a centralidade da Guanabara, impedindo novas semânticas. O que mais tarde iria acontecer com a fusão dos dois Estados e a predominância de fluminense.

Rebaixar a Baixada e as demais regiões do Rio como regiões abandonadas, carentes e violentas era garantir uma condição de subalternidade do próprio Estado do Rio de Janeiro. É após a fusão dos Estados, com a formação do FUNDREM, que o termo Baixada Fluminense passa a ser utilizado repetidamente para se referir à região da antiga Iguassu.

Ainda quanto à Baixada Histórica, a tese de Enne (2002) aborda os embates na construção da história e das representações da Baixada Fluminense por redes de memorialistas (história como narrativa seguindo a cronologia da história nacional) e redes de acadêmicos (visão dos excluídos). Os primeiros, mais “positivistas” e apegados a um passado de glória da região e os segundos, reivindicam um lugar de fala mais neutro. A autora relata que a rede de memorialistas, com suas nuances, tende a omitir o que acontece após a proletarização do município da década de 50, que teria aumentado o índice de violência e trazidos consequências econômicas negativas para a região. A complexidade destas redes não será abordada devido aos limites deste trabalho<sup>60</sup>, mas é importante citá-las para entender a multiplicidade de perspectivas que envolve o registro histórico da região e a sua influência na constituição de seu imaginário.

A identidade da Baixada Fluminense, em especial o município de Nova Iguaçu, é fruto de diversos fluxos e renegociações entre os agentes que registram as memórias e a inscrevem na história. A mídia teve um papel importante neste processo

---

<sup>60</sup> Para aprofundamento ler a tese “Lugar, meu amigo, é minha Baixada”: Memória, Representações Sociais e Identidades” de Ana Lúcia Enne (2002)



de construção desta identidade, reforçando os estereótipos da região, mesmo quando, a partir da década de 90 tenta desconstruir a imagem da violência.

Conforme relata Enne (2002), ela participou da construção do caderno *Globo Baixada*, em 1990, que recorreu a memorialistas para tratar o viés histórico do território, uma vez que a ideia do caderno era desconstruir a imagem de violência através de matérias sobre cultura e comportamento e serviços. Tal recurso não teve boa recepção por parte dos acadêmicos que estudavam a região, uma vez que a visão histórica de memorialistas excluía as histórias de resistência, os conflitos e as práticas políticas, econômicas e culturais que marcaram a construção do espaço. Ademais, os registros positivos eram sempre colocados no viés de “novidade” e “exceção”, como se antes dos cadernos da Baixada, não houvesse aspectos positivos no território.

A autora revela que para os moradores da Baixada, tanto a visão estigmatizada quanto a idealizada, não fazem sentido, mas os estudos voltados para o território se dedicam pouco em entender a questão da identidade e mais em tentar desmistificar o estigma de violência e carência, resgatando a autoestima da região. Neste ponto, há uma convergência entre os agentes, de gerar identidades positivas, embora alguns se preocupem internamente em apontar as mazelas, carências e lutas.

O importante é pensar que dentro da Baixada, temos muitas Baixadas porque um complexo de lugares interpostos, cada lugar com suas práticas sociais, relações com material ali encontrado. Para quem vivência o território, importa que se fale dos problemas estruturais urbanos, mas não que os coloque como característico de um único lugar. Mas também é importante que se fale das flores e não só de espinhos. A composição da identidade dos próprios moradores e sua relação com o restante do Rio passa pelas imagens construídas, da qual a mídia é a grande disseminadora.

Enne (2002), dedica parte da tese a realizar um apanhado das representações da Baixada Fluminense na imprensa carioca, acreditando que a mídia é um dos agentes sociais mais influentes na construção e preservação das memórias da sociedade. Neste ponto, a *Baixada Histórica* se confunde com a *Baixada Imaginada*. De acordo com a autora, a análise de jornais impressos é importante para entender a imagem que foi sendo criada desde a década de 50, no início reforçando os discursos políticos de local violento, abandonado pelo poder público, de população carente es em recursos. Para tal escolhe três jornais de grande circulação, um de posicionamento mais sério, o *Jornal do Brasil*, e dois de linha sensacionalista, *O Dia* e *A Última Hora*, além dos cadernos da Baixada, *O Dia Baixada* e *O Globo Baixada*.

Segundo levantamento e análise empreendida pela autora, até a década de 50, a Baixada teve pouca visibilidade na grande imprensa, aparecendo apenas duas ocorrências no mês de abril de 1950, uma sobre um passeio que caiu do trem e outra sobre um assassinato em Xerém. Enne (2002) situa historicamente a década de 50, como momento de conflito entre os “posseiros” ou “camponeses” e os “proprietários” e “grileiros”, que retiravam os camponeses com extrema violência das terras para promover os loteamentos. Também é o momento em que os memorialistas, tentando resguardar a memória da região, passam a enaltecer o passado, sobretudo a citricultura, contra a urbanização e proletarização da região.

Durante a década de 60, a Baixada começa a ganhar espaço na imprensa com temas ligados à violência, principalmente pela atuação do líder político Tenório Cavalcanti, reconhecido como justiceiro pelo povo. É a época em que a Baixada ficará conhecida como “faroeste fluminense”. Tenório, com sua capa preta e acompanhado da metralhadora “lurdinha”, ganhou as páginas dos noticiários, afirmando a Baixada na condição de “terra sem lei”. Tenório era um líder político influente<sup>61</sup>, imigrante nordestino, estabeleceu-se em Duque de Caxias, onde ganhou fama por ser bom pistoleiro.

Com um pouco mais de 20 anos de idade, Tenório administrava uma fazenda no Distrito de Caxias, envolvendo-se em conflitos armados por causa das brigas pelos lotes, cada vez mais valorizados por causa da construção da Rodovia Rio-Petrópolis. Entrou para a cena política como vereador em 1936, em 1945 afiliou-se a União Democrática Nacional - UDN, partido opositor à Vargas. A fama de Tenório aumentou após fundar o diário *Luta Democrática* em 1954, que abria espaço para as reivindicações da Baixada e criava um ar místico para este líder “genuíno” do povo.

A imagem de Tenório, como um político justiceiro que defendia os interesses do povo, foi ratificada pelo jornal que não se preocupou em esconder a relação do político com a violência. A capa preta, que lhe conferiu a alcunha de homem da capa preta, servia para encobrir o seu principal ornamento: a famosa metralhadora chamada Lurdinha. Estes dois adereços marcaram a imagem pública de Tenório Cavalcanti e conferiram identidade a sua estética política, comumente lembrada como um ícone da violência na política da Baixada Fluminense. Esta estética era reforçada pelo jornal, que publicava diariamente a charge *Vida, Paixão e Drama de Tenório*, contando a cronologia, narrada em versos, dos duelos e emboscadas em que Tenório se envolveu,

---

<sup>61</sup>É possível encontrar uma pequena biografia de Tenório Cavalcanti no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC - da FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cavalcanti-tenorio>. Acesso em: Março de 2019.

ressaltando que sempre que matava o fazia em legítima defesa. O jornal também enfatizava a imagem de Tenório como um político que teve que usar a violência para lutar pela sua liberdade e pela liberdade do povo. (DE SOUZA, 2011, 262-263).

Para De Souza (2011), a imagem da violência era, em Tenório, revestida de liberdade, pois o “líder marginal” matava para proteger o povo, num contexto em que já havia grupos articulados de extermínio, compostos por policiais, políticos e civis. O *slogan* do *Luta Democrática* era “Um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar” (p.265), afagando o eleitorado que era das camadas mais pobres e conferindo um caráter político à violência.

Para Alves (2003; 2015), a violência estrutural na Baixada Fluminense tem início na época da ditadura, durante a qual todos os prefeitos nomeados foram interventores, e está calcada na articulação de três elementos: “1) o aparato policial que compõe os grupos e que assassina; 2) o financiamento por grupos econômicos; e 3) o suporte de políticos que garantem o funcionamento do grupo e se valem dos seus serviços.” (ALVES, 2015, p.7). “Bandido bom é bandido morto” era a máxima comprada pelo senso comum que justificaria a ação violenta na região endossada por seus moradores. Por causa do viés político justiceiro conferido à violência, é dos grupos de extermínio, com exceção de Tenório, que agia “sozinho”, que saíam os vereadores e prefeitos, líderes políticos da região.

Para Monteiro (2005), o surgimento do líder marginal na Baixada Fluminense (considerando os oito municípios oriundos de Iguassu) e sua aceitação social são frutos do processo de ocupação popular desassistido pelo governo que culminou em redes de resolução de problemas comandadas por uma liderança política “sui generis” ou marginal. Para entender como estas lideranças se estabeleceram, o autor realizou entrevistas com donos de loteamentos.

Cabe revelar, que nas entrevistas realizadas na Rua da Lama com moradores da região, a maioria imigrantes nordestinos que se instalaram na década de 60, a menção às lideranças marginais que põem ordem à região aparece espontaneamente, ratificando a tese do autor. Esses líderes populares são avessos às ações políticas reivindicatórias tradicionais, por entenderem que tais ações são ineficientes para trazer benefícios.

O autor lembra o quanto a passagem do Brasil agrário para o Brasil industrial mudou a configuração dos territórios, sobretudo o “tipo humano” que passa a habitar

nas cidades. Para um antigo morador de Nova Iguaçu, com a industrialização, o “lixo humano” que migrou para as cidades em busca de emprego “invadiu” a cena da Baixada Fluminense.

Após a decadência da citricultura, as terras loteadas tornaram-se morada de imigrante que buscavam moradia a baixo custo, e encontravam nos lotes baixadenses oportunidade de ter um pedaço de terra próprio. Entretanto, sem uma “política oficial de assentamento”, a “autoconstrução se estabelece como regra” (p.492). Em cima dos “cemitérios” de “antigas tradições agrícolas” estabelece-se uma periferia urbana cuja estrutura seria desenhada pelos próprios moradores.

Para o habitante de um loteamento o horizonte era dúbio: ao mesmo tempo em que se considerava um privilegiado por possuir algo de sua propriedade e estar finalmente distante do aluguel, das condições (segundo a visão dessas mulheres e homens) adversas de uma favela e das incertezas da agricultura, encontra-se inseguro em um local estranho e no qual tudo se encontra por fazer” (MONTEIRO, 2005, p. 493).

Esta afirmação é interessante para entender um pouco da identidade da Baixada, uma vez que seus moradores, ainda que em situações precárias de serviços urbanos, se consideram como “superiores” aos moradores das favelas. Sem preocupação estética, os moradores construíram, com a ajuda de parentes, as casas e a infraestrutura básica dos bairros, cavando valas, retirando o mato, cobrindo os pontos de ônibus, colocando iluminação etc. Muitos destes loteamentos eram irregulares, mas havia omissão do governo quanto a ilegalidade do negócio em prol do interesse de extinção das terras agrícolas. A “noção de autoconstrução”, inclusive dos equipamentos urbanos perpetuou-se como regra a ser observada por todos os que vinham se estabelecer na região.

Lembro-me de quando minha avó e minha mãe me contavam sobre a vida em Nilópolis antes de minha chegada. Minha avó chegou em Nilópolis na década de 60, não havia iluminação, nem rede de esgoto ou água canalizada. O terreno, lote de uma unidade superior, era um barranco, e a casa foi construída por meu avô, uma “meia-água”, um cômodo pequeno somente, sem banheiro. A casa só terminou de ser construída na década de 80, quando minha mãe se casou. Antes do grupo político que é hegemônico no local iluminar e sanear a região, eram os moradores que estabeleciam frágeis estruturas para uma convivência decente.

Também me recordo que passei a infância em Cabuçu, sub-bairro de Nova Iguaçu, que há dez anos não tinha rede de esgoto. Havia valões a céu aberto nas

ruas, e na minha infância, costumávamos correr nos brejos e caçar rãs. A segurança era feita por moradores, cresci ouvindo histórias de justiça com as próprias mãos: estupradores amarrados em postes e decepados; assaltantes e assassinos linchados em locais públicos. Não havia lei, mas havia regras sociais bem definidas e seguidas pela maioria.

O descaso político, como ouvi em relatos na rua da Lama, levou aos novos moradores a buscar suma “rede de resolução de problemas práticos”. A Prefeitura não os enxergava e eles não pagavam os impostos, a invisibilidade era mantida. Essa rede não é algo concreto como uma associação, mas a resposta popular a problemas que necessitam de atenção. É para Monteiro (2005, p. 498) um “idioma político próprio da Baixada Fluminense”.

A solução está em: roubar a luz da Light, fazer “gato de água”, não porque não se quer pagar, mas porque as empresas não legalizam. Construir posto de saúde e fazer vaquinha para pagar médico, levar o lixo até o local em que passa o caminhão, e por aí vai. Como relatou uma moradora “[...] a gente mesmo é que deve arrumar a sujeira. Isso é a nossa casa e na nossa casa quem arruma a sujeira é a gente mesmo (p. 500).

É assessorando esta rede de resolução de problemas práticos que surge o líder marginal, como alguém da comunidade que se transforma numa referência da população na busca da resolução de problemas porque consegue articular com o poder público ou articular uma grande quantidade de pessoas. O autor enfatiza que esse líder é diferente do benfeitor assistencialista, também presente na Baixada, com interesses meramente políticos e somente nos períodos de eleição. Mas ele é aquele que incentiva, que mobiliza, que lidera a população nos momentos emergenciais. Ainda que alcance um cargo político, não é visto como político porque próximo ao povo e sem interesses escusos. O autor afirma que, parte dos líderes marginais foram paulatinamente tomando conta de cargos legislativos municipais, e nos municípios emancipados de Nova Iguaçu.

Ao contrário desse “benfeitor”, o líder marginal baixadenses encontra-se radicalmente ligado à população a qual passa a servir, evidenciando-se por fazer funcionar de forma mais eficiente a rede de resolução de problemas práticos, consegue ele ganhar a confiança da maior parte de seus pares para os quais aparece ou como o solucionador informal de problemas frequentes cuja resolução escapa a uma solução imediata oferecida pela rede de resolução de problemas práticos, ou como um elemento capaz de aproximar o poder público do conjunto da população desses bairros, seja por meio da

proximidade dele com um político municipal, seja com a própria elevação desse líder marginal a um cargo público. (MONTEIRO, 2005, p. 501)

Para o autor, apesar de característico da Baixada, essa liderança marginal só é localizada pela imprensa em casos extremos, como no caso de construção de redes de água clandestinas ou, mais evidente, na organização de “grupos de extermínio” para “limpeza do bairro”. Como no caso apresentado de Adriano Viana, da favela Nova Jerusalém em Caxias, que fez justiça com as próprias mãos, assassinando dois traficantes que ameaçaram sua família. O jovem levou um tiro nas pernas e, diante do interrogatório não se amedrontou contando detalhadamente como ele e alguns amigos executaram os bandidos que agiam na região há dois anos. Monteiro (2005), faz questão de esclarecer, a partir do fato contado, a diferença entre os grupos de extermínio, mantidos por policiais e comerciantes e a dinâmica da liderança marginal da Baixada.

O assassinato de dois bandidos e a fuga de outros, ocasionada por um jovem catador de 20 anos, inspirou os moradores da região a fazerem a própria segurança local. Com o apoio da população e de ONGs, Adriano foi solto por agir em legítima defesa. Não há comoção pela morte dos bandidos na Baixada. O autor demonstra, com bases em depoimentos, que há um nível de violência suportável, os moradores não se importavam em conviver com bandidos desde que não barbarizassem com trabalhadores, crianças, idosos, estuprando, roubando e matando qualquer um. A violência possui um “trunfo” legítimo diante do descaso do poder público com essa gente invisível. Ouvei, na Rua da Lama, que, por duas vezes, essa “limpeza” foi realizada na região, nas décadas de 70 e, mais tarde em 90, com extermínio de uma bandidagem que não sabia respeitar as regras locais.

Na década de 70, com o aumento das ações dos grupos de extermínio instituídos, a Baixada continuou sendo destaque na imprensa pela onda de violência atreladas ao poder político no território. De acordo com Enne (2002), as manchetes sobre casos de violência eram disseminadas sem a preocupação de discernir os crimes políticos dos grupos de extermínio e os crimes em geral, de modo que a região passa a ser conhecida como um “local perigoso”. As ações dos ditos “justiceiros” misteriosos passam a ser veiculadas com mais intensidade, mostrando corpos com bilhetes e ligações reivindicando autorias.

O papel da imprensa era, na visão de Alves (2003 apud ENNE, 2002, p.117), ambígua, pois, ao mesmo tempo em que segregava a região, taxando-a de “câncer

vizinho” ou “identificando-a como outra sociedade, terra sem lei, lugar onde a feiura se associa ao crime”, fazia pressão sobre os órgãos responsáveis para aprofundar as investigações. É também na década de 70, que um estudo da UNESCO, apontará “Belford Roxo” como “o lugar mais violento do mundo”, estigmatizando de vez a Baixada. Ainda segundo a autora, é uma época em que são criados os Institutos históricos de Nova Iguaçu e de Caxias, em busca de melhorar a imagem da região resgatando sua memória.

Conforme afirma Pinheiro Júnior (2007), os olhos do Estado Novo se voltaram para a Baixada Fluminense neste período porque a região era um grande reduto de militantes dos partidos de esquerda. A ação sindical em Nova Iguaçu e Duque de Caxias era forte, basta lembrar que a Fábrica Nacional de Motores - FNM e a Refinaria de Duque de Caxias – FEDUC tinha forte associação ao PCB (Partido Comunista Brasileiro). Em 1971, Caxias é declarada “Área de Segurança Nacional” e todos os seus prefeitos passam a ser interventores nomeados pelos militares no poder.

Vista deste ângulo, a violência instituída na Baixada foi reflexo das lutas políticas de uma população engajada na busca por direitos. Não era um processo natural da região, mas fato alimentado pela repressão do regime militar que buscou desestruturar e enfraquecer qualquer tipo de oposição política.

Em Nova Iguaçu, a ação dos movimentos populares em busca de melhores condições de serviços urbanos (Movimento das Associações Pró-Melhoramentos de Bairro) também foi importante para marcar a região como “perigosa” ao Governo que se instituía no país. Os movimentos associativos, junto com movimentos estudantis, sindicais, e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja católica sob o comando do bispo Dom Adriano Hypólito serviriam de fundamento para a criação e atuação do Movimento Amigos de Bairro - MAB<sup>62</sup>, a partir de 77. Pinheiro Júnior (2007) argumenta que a repressão militar aumenta na região a partir do momento que D. Adriano passa a acolher militantes da esquerda, levando Nova Iguaçu a ser uma “cidade esconderijo” de perseguidos e torturados.

Em 76, o bispo de Nova Iguaçu é preso, torturado, abandonado nu e pintado de vermelho, fato que levaria a efetivação do MAB e ao aumento da repressão com espancamentos, interrogatórios e ameaças às lideranças. Com encontros recorrentes, os participantes do MAB pensavam ações para a organizações dos bairros e

---

<sup>62</sup> Página do Facebook do MAB - Federação das Associações de Bairro de Nova Iguaçu: <https://www.facebook.com/mabnovaiguacu/>

pressionavam as prefeituras a ouvir os moradores, quebrando o esquema político de clientelismo.

Durante os anos 80, houve um aumento do tamanho das matérias relacionadas à violência na Baixada Fluminense. Segundo relata Enne (2002), em abril de 1980, o JB apresentou uma chamada durante a Semana Santa apontando que a “Baixada teve 71 mortes no final de semana”, mortes por causas variadas como acidente de trânsito, morte natural, morte por falta de assistência médica e as ocasionadas por violência. É a década em que aparece a figura misteriosa do “Mão Branca”, “justiceiro” que exterminava a “bandidagem” na região e colocava um cartaz ao lado dos cadáveres.

A autora menciona que, embora a atuação do “Mão Branca” ganhe repercussão jornalística, para os agentes que trabalham com história e memória na Baixada, o fato é uma “lenda urbana”, uma brincadeira criada por um dos memorialistas da região. Em conversa com o jornalista Domingos Meirelles, é informada de que os cartazes teriam sido confeccionados por um repórter da *Globo*.

A década de 80 foi a década de retomada à democracia e na Baixada Fluminense, rica em movimentos sociais, essa retomada foi seguida de criação de instituições em prol da promoção da cultura do local e do “orgulho da Baixada”. Em trabalho posterior, Enne (2012) analisa o quanto a cultura será utilizada como estratégia política na Baixada na produção de novos simbolismos para a região. As “casas de cultura” nascem no final dos anos 80, em associação com os movimentos sociais existentes no território, como o movimento negro, o movimento feminista, as CEBs, as associações de moradores, entre outros.

A cultura ganha lugar central como forma de expressão popular e lugar de aprendizagem, garantindo lugar de fala aos excluídos. “Cultura como projeto político”, utilizada para incentivar práticas cidadãs, ações de resistência e ativismo político. O intuito era “instrumentalizar os sujeitos, via cultura, para a prática política, para a luta por melhorias em suas condições de vida” (ENNE, 2012, p.178).

Enne (2012) acredita que as casas de Cultura trabalhavam com as três concepções consagradas do termo: como conhecimento acumulado (viés iluminista), como alma e autenticidade de um povo (viés romântico) e com produção de sentidos (viés contemporâneo). A justificativa é que, nestes locais, acreditava-se que a cultura era um caminho a ser trilhado para a iluminação do povo de modo a sair do modo de alienação social, mas também se buscava aquilo que seria original dos movimentos



da Baixada, ao mesmo tempo que buscava criar sentidos para a região, fortificando a ação política dos agentes populares.

Nas casas, eram criados projetos e eventos destinados à população em geral, comunicados através da atuação de veículos comunitários e nos cadernos da Baixada que começaram a circular no final da década. É em 1989, que uma destas casas, o Cecip (Centro de Criação em Imagem Popular), vai criar a TV Maxambomba em Nova Iguaçu.

As casas de Cultura possibilitaram a criação de novas imagens da Baixada, mais positivas. No entanto, no início dos anos 90, estas casas não conseguem se manter financeiramente, repercutindo nos jornais como a edição de março de 1992 do Globo Baixada que trazia no título “Cultura busca dias melhores”. Com a impossibilidade de se manterem, as casas de cultura buscam outro tipo de estrutura como as Organizações Não-Governamentais, com lógicas de trabalho mais sistematizadas. Mas com a nova estrutura, há um deslocamento da cultura como intermediária para a ação política para a utilização da cultura como elemento de construção narrativa e simbólica do real, não para instrumentalizar o coletivo, mas para “empoderar” o sujeito.

A dissertação de Nascimento (2009), sobre a atuação da TV Maxambomba, é interessante para mostrar que Nova Iguaçu era capaz de produzir imagens sobre si mesma através de uma TV Comunitária, que começa com projeções na rua, mas que não foi capaz de envolver a população e nem de garantir sua manutenção sem o apoio Governamental. A TV Maxambomba teve uma vida curta de 1989 a 1998, foi criada pelo CECIP, com a intenção inicial de educar a população para a transformação social. Era, como as demais TVs comunitárias, um espaço contra a mídia hegemônica, contando com o apoio aos sindicatos, movimentos de base da Igreja Católica e associações de moradores.

Embora possuísse o viés político-educacional de levar informação para conscientização da população, a participação popular real na TV Maxambomba só começa a acontecer a partir de 1992, com a criação dos Repórteres de Bairro (RB), estratégia para aumentar o entrosamento e a participação do público que, até então, só participava ao final das exposições, com a câmera aberta para as discussões. Mas também para garantir a sustentação das atividades visto que não poderiam competir em qualidade técnica. Com O RB foi possível abrir o projeto para as temáticas importantes pela ótica dos moradores, não só apresentando os problemas estruturais,

mas temas culturais e questões do cotidiano. As exposições eram importantes momentos de sociabilidade, mais do que aprender iam para se encontrar:

Todo mundo sabia que naquele dia tinha exposição, então as pessoas iam para a rua, e se encontravam, iam bater papo, assistir o vídeo. Assim, era um espaço de encontro...e de reencontro também. Porque encontro com o outro, mas encontro com esse lugar que eles vivem e que  tão...que é discriminado. As pessoas falavam: você mora longe, você mora mal, isso se ouve, isso acontece até hoje (NASCIMENTO, 2009, p.128-129).

A TV Maxambomba investiu na formação destes agentes comunitários, a maioria jovens, porém as diferentes perspectivas geraram divergências e rompimentos. As Associações e sindicatos não ficaram satisfeitos com as pautas mais "jovens", mais leves, e muitos deixaram de participar das exposições. A partir de então a TV passou a investir mais em programas feitos por moradores.

As atividades encerram no fim da década de 90 por falta de incentivo do Governo, e devido a redução dos investimentos em projetos pelas agências de cooperação internacional por causa da ineficácia das agências financiadoras em apresentar resultados, perdendo credibilidade. A autora acredita que, em 12 anos de atuação na Baixada, a TV Maxambomba foi menos um espaço de comunicação alternativa do que um local de afirmação e reconstrução de identidades individuais e coletivas.

É, portanto, nos anos 90 que uma imagem positiva da Baixada começa a ser disseminada pela imprensa, sobretudo nos cadernos da região. Há uma mudanç semântica no ermo, pois adjetivos como "recanto", "lazer" e "bucólico" são associados à região, seguindo a linha editorial proposta pelos cadernos.  também na década de 90 que o potencial econômico e de consumo da região começa a atrair empresas e os bons olhos da média, a Baixada Fluminense  "redescoberta" (ENNE, 2013).

Para a autora, a linha vermelha, inaugurada em 1992, aparece como um marco no deslocamento semântico da Baixada Fluminense. A via diminua a distância física entre a região e o centro, mas também era diminuída a distância simbólica com a valorização do território por investimentos públicos e privados, garantindo a modernização das estruturas urbanas e a oferta de serviços de encontro a aumento do poder aquisitivo da população. Era importante falar bem da Baixada e vender sua imagem para os possíveis investidores.

A surpresa dos repórteres de caderno da Baixada com as belezas do lugar até então tido como "terra sem lei", demonstrava o quanto as construções discursivas da

mídia de uma Baixada da violência foram prejudiciais a região. Porém, ainda que imagens positivas passassem a ser construídas, elas eram apresentadas como anormalidades do lugar, sempre relacionado à carência e a violência, como sugere a matéria do JB em 1990, selecionada por Enne (2013): “O outro lado da Baixada”, com o subtítulo esclarecedor: “A região mais pobre do estado derrota as estatísticas negativas com beleza e trabalho”. Ou seja, a terra sem lei continua lá, só que possui um “outro lado”.

A autora também cita a reportagem do JB em 1996, que revela a pesquisa realizada pelo IBGE, na qual Nilópolis aparece em 3º lugar no ranking de qualidade de vida na região metropolitana do Estado, atrás do Rio de Janeiro e Niterói. Nilópolis é apresentada como a “cidade-surpresa”. E, o mesmo jornal após dois anos utiliza o mesmo discurso ao afirmar que “Nilópolis surpreende” por estar em 2º lugar nos índices de saneamento e alfabetização, superando o Rio de Janeiro.

Enne (2013) continua a análise sobre os novos discursos sobre a Baixada através da seleção de nove reportagens. Em ambas a linha discursiva demonstra que há uma Baixada “famosa pelos índices de criminalidade”, que se encontra em desenvolvimento, atraindo investimentos para atender a uma “classe média mais exigente”, “com hábitos modernos”. A reportagem veiculada pela *Isto É* em 1995, atribui a formação de um “lado chique” da Baixada à migração da classe média da metrópole para a região. Já *O Globo*, no mesmo ano, procura demonstrar as vantagens para a instalação de indústrias no local, “preço relativamente baixo dos terrenos”, “proximidade do município do Rio de Janeiro” e a “confluência na região de vias de transporte”.

O Jornal *Folha de São Paulo* anunciou também em 95 que o “Rio redescobre a Baixada Fluminense” e que “Na busca de alternativas para a recuperação econômica do Estado, empresários, investidores e governo estão apostando em uma das regiões mais problemáticas e conturbadas do Rio de Janeiro, a Baixada Fluminense” (p.19). “Apostar” numa região que “continua contando seus mortos” (JB, 1998), mas possui 3,5 milhões de habitantes e “é hoje um dos polos de desenvolvimento do Rio de Janeiro” (EXTRA, 2002).

A identidade da Baixada foi sendo construída através de um processo complexo de negociações entre agentes e agências, tendo a mídia como aparato importante na construção do imaginário tanto interno quanto externo ao território.

Seguindo a linha de Simmel, Enne (2002) acredita que é importante o papel do conflito na relação entre as redes de criação de memória e história da região.

A Baixada é una, mas também fragmentada, seu sentido não está terminado, mas em construção, em negociação. Falta dar espaço de fala, e poder de negociação a atores como os imigrantes nordestinos, invisíveis ao poder público, mas também aos que resgatam à história local. Até porque a identidade destes novos habitantes na terra já estava ligada aos eu local de origem. Os imigrantes traziam consigo sua bagagem histórica e nada conheciam sobre o local, conhecer o processo de construção da baixada é importante para “dar liga” às relações com o território.

A imagem midiática negativa estigmatiza não somente o lugar, mas o morador, principalmente aos “novos habitantes” que não participaram da época de ouro. Muitas vezes, para fugir das classificações depreciativas, os moradores da Baixada evitam dizer que moram na região ou comparam com as demais regiões do Rio, apontando seus benefícios. Para a autora, falta uma abordagem mais “culturalista” nos estudos, o que avançou bastante na última década com o CEFETEQ (Centro Federal Tecnológico de Química) virando um polo da IFRJ (Instituto Federal do Rio de Janeiro) e com a chegada de um campus da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) em Nova Iguaçu. Mas ainda falta lançar olhares mais solidários com as práticas culturais dos migrantes e com o cotidiano do povo.

Andreza Santos (2017), em sua dissertação “Quando a Baixada também é Brasil: Um Estudo de Caso da Baixada Imaginada em Senhora do Destino”, realiza um desses estudos que demonstra o “lado nordestino” da Baixada, mas através da perspectiva midiática, utilizando a novela que tem como cenário principal a cidade de Duque de Caxias. Fiz questão de colocar o nome inteiro do estudo porque a autora soube expressar bem o que significou representar a Baixada em uma telenovela nacional: mostrar que este território também faz parte do Brasil, e mais, que faz parte do Rio de Janeiro, cenário favorito de nossas novelas.

As telenovelas foram e são importantes mediadoras para a constituição da identidade nacional e para a socialização na “sociedade de consumo”, ensinando as distinções materiais e simbólicas entre os grupos sociais (HAMBURGER, 2005). Andreza Santos (2017, p.20), enfatiza o quanto nos cenários das telenovelas, a Zona Sul do Rio de Janeiro tornou-se “imagem consagrada da modernidade e desenvolvimento do Brasil”, uma “vitrine do país”, deixando de lado os territórios à margem deste imaginário de modernidade.

Para a autora, o contexto de criação de *Senhora do Destino*, novela de Aguinaldo Silva (2004), era propício a criação de novas representações dos “subúrbios” cariocas, devido ao fenômeno de ascensão de brasileiros à classe econômica C e ao lulismo. Lembrando, que Enne (2002) também aborda que é a partir da década de 90, com a busca das empresas pelos consumidores da Baixada, que a semântica atribuída à região começa a se modificar.

Eu mesma já havia sinalizado em trabalho anterior, o quanto a criação posterior da categoria “nova classe média brasileira” havia inspirado autores a deslocarem as narrativas das telenovelas em direção às periferias cariocas para mostrar a “ascensão da classe C” e legitimar esta categoria social. A novela inicia com a saga dos nordestinos rumo ao Rio de Janeiro, no contexto histórico visto anteriormente, de urbanização da Baixada na década de 60.

Fazendo, pois, referência a uma saga clássica de nordestinos que chegaram à região nos anos 1960 e antes, *Senhora do Destino* não deixa de ser parte de um movimento mercadológico que, juntamente com outros atores políticos e econômicos (ROCHA, 2014), se atenta ao ingresso de milhões de brasileiros aos padrões de consumo de produtos valorizados pela mídia. Dessa forma, sendo uma forma de valorizar uma classe popular em ascensão, a trama carrega em seu discurso um forte apelo popular, familiar e religioso que acabam por compor um imaginário de povo brasileiro. (SANTOS A, 2017, p. 20).

Visando a valorização do emergente trabalhador, que com mérito alcançou melhor *status* social, *Senhora do Destino* (2014), conta a história de uma migrante nordestina, Maria do Carmo (Suzana Vieira), com cinco filhos que encontra Duque Caxias um lugar para construir seu império. A narrativa se inicia com a vinda da imigrante em 68, durante a ditadura, que encontra, assim que chega ao Rio, uma situação de conflito entre militares e a militância da esquerda. É presa injustamente e ajudada pelo bicheiro Giovanni Improtta (José Wilker) e pelo jornalista Dirceu de Castro (José Mayer), o último preso e torturado por seus ideais comunistas. Após sua liberação, é deixada em Caxias com os militares afirmando ser o “lugar para desova de corpos inimigos”.

Depois da chegada tumultuada, recebe de seu irmão uma casa, em lote doado por Tenório Cavalcanti. Decide, então, montar uma loja de materiais de construção, prevendo que as pessoas buscariam aqueles terrenos vazios para morar e que o local viraria uma bela cidade. Assim consegue virar uma grande empresária e prosperar com muita luta. O irmão que financia o projeto é motorista de um barão morador da

Zona Sul, ex-motorista da dona de um jornal de esquerda fechada pelos militares (SANTOS A, 2017).

Como podemos observar, a novela é repleta de referências históricas ao momento que a Baixada Fluminense vivia nas décadas de 60 e 70. Militantes de esquerda sendo perseguidos, bicheiros que investem e mandam no local, lotes distribuídos por políticos pistoleiros, imigrantes nordestinos chegando. A atividade que faz Maria do Carmo prosperar é a venda dos materiais com as quais os migrantes vão construir suas próprias casas e erguer parte da estrutura urbana necessária para viver, diante da omissão do poder público local.

As lideranças marginais (MONTEIRO, 2005) importantes para o desenvolvimento local e o assistencialismo prestado por políticos, de dentro e de fora, com interesse no eleitorado da região, também aparecem no drama. A figura do bicheiro Giovanni Improtta é emblemática para mostrar a ilegalidades legais na Baixada Fluminense, uma vez que o personagem, com sua rede eterna de contato, é o responsável pela resolução de problemas que deveriam ser resolvidos pelas autoridades públicas como o resgate de uma pessoa sequestrada, a investigação de crimes, garantindo a manutenção da ordem. Tais fatos inscrevem que a forma legal de agir não é eficiente neste território e a ilegalidade é uma forma positiva de gestão dos problemas, o que não acontece na Zona Sul, o núcleo antagônico da novela (SANTOS A, 2017).

Porém, mesmo mostrando as mazelas e carências da região, o foco da narrativa é mostrar o quanto esse povo nordestino, muitas vezes ignorado, foi importante para o crescimento da Baixada. Tal tese revela o contrário das reportagens dos jornais da década de 90, que atribuíam a mudança de “ares “e o “progresso” da Baixada Fluminense aos migrantes da metrópole, e das histórias que narram os imigrantes nordestinos como causadores dos problemas econômicos da região (ENNE, 2013).

Para Andreza Santos (2017, p.39), Maria do Carmo, na telenovela, é apresentada como um símbolo da baixada, a baixada que é mulher, nordestina, que venceu com muita luta e que acolhe os que precisam, “como a Baixada é para os nordestinos, Maria do Carmo para os pobres da Vila São Miguel”:

Apesar de ser seu filho Reginaldo o aspirante a novo mito da Baixada, é Maria do Carmo 64 quem o consegue, mesmo que sem essa intenção. Substituindo a figura de Tenório Cavalcanti, que era quem mandava em Caxias quando ela

chegou ao local, é a vez de Maria do Carmo fazer sua história na região. História essa mais bem-sucedida que a anterior. É ela, senhora de seu destino, quem redime e dá cor a uma região antes estigmatizada pela violência e ausências. Dessa forma, se a Baixada de Tenório não passava de um fim de mundo onde corpos eram desovados, um ermo sem eira nem beira no meio do nada, Maria do Carmo, com sua força e sua garra, catalisa o símbolo desenvolvimento econômico e da ordem ao local como uma mãe acolhe a seus filhos, ela acolhe e ajuda a todos os que a cercam, e por isso é reconhecida como a mãe dos pobres no fictício município onde que mora. (SANTOS A, p. 39-40)

*Trabalho árduo*, que necessita muita disciplina e pensamento prospectivo, amparado e motivado pela *fé* e pelo *amor à família* são as características que Jessé de Souza (2010) considera o tripé dos “novos batalhadores brasileiros” para alcançar melhores condições de vida. Esse tripé é apresentado pela trama como traços das personalidades Maria do Carmo, e afirmado como um “modelo” social que está calcado pelo discurso do mérito. Isso fica bastante evidente na divisão do território da Baixada em dois núcleos: a Vila de São Miguel e a Comunidade da Pedra.

Enquanto o local de moradia de Maria do Carmo é composto, em sua maioria, por pessoas batalhadoras como ela, a Pedra é a periferia de Caxias, marcada por violência, drogas, “imoralidades”, carências estruturais e educacionais. Há batalhadores na Pedra, mas são exceção. Vila de São Miguel é a todo momento comparada à Zona Sul do Rio de Janeiro, mostrando que a região continua sendo o parâmetro de progresso e que a Baixada está chegando lá. Já Vila de São Miguel é o lugar das gírias, do funk, do hip-hop, das roupas curtas, de gravidez na adolescência. Temos aí duas representações da Baixada, a da violência e carência e a do progresso econômico, mostrando as contradições do território.

Cidade vivida, cidade sentida, cidade em processo (AGIER, 2011). Entre legalismos e ilegalismos, samba e hip-hop, ricos e pobres, violência e harmonia, pode-se dizer que a Baixada de Aguinaldo é uma Baixada híbrida, que mescla uma já consolidada representação hegemônica com uma tendência a uma valorização ideal (ENNE, 2004; ROCHA, 2014; SANTOS A, p. 58).

A típica divisão entre a Baixada Fluminense e a Zona Sul do Rio de Janeiro, marcada pelo imaginário de um lugar do calor humano e da solidariedade contra o lugar do individualismo e da frieza (ROCHA N, 2013), também é apresentada na trama. O cenário da Zona Sul é a “princesinha do mar”, Copacabana, uma cidade cosmopolita, com barões e baronesas, e uma elite carioca reservada, polida e conservadora vivendo em seus prédios de luxo, muitas vezes de aparência. Do outro

lado, em Duque de Caxias, pessoas espontâneas, solidárias, que amam festas e colocam sempre a família em primeiro lugar.

A desvalorização do morador da Baixada por habitar neste território é evidenciada no conflito entre os personagens dos dois núcleos. Mesmo tendo mais dinheiro e uma vida boa e estável, Maria do Carmo é julgada como inferior por suas origens e por morar em Caxias. Andreza Santos (2017) também percebe a existência de uma “estética da Baixada” em torno da inscrição corporal das personagens.

Nesse sentido, arriscaria dizer que há toda uma estética da Baixada – muito percebida em torno de uma inscrição corporal 228, como percebeu Freire (2005), mas não fechada a ela – que a faz contrastar com a Zona Sul. Tendo as mulheres do núcleo da Vila São Miguel, de um modo geral, um apelo mais sensual – em comparação com as mulheres do núcleo Zona Sul – é na Baixada que se usa roupas curtas, justas e até coloridas; que se fala alto e onde tem sempre um barraco familiar acontecendo em público. Mesmo Maria do Carmo, que está sempre muito bem arrumada e maquiada, tem um estilo que a difere das mulheres da Zona Sul. Sempre com brincos chamativos, vestidos floridos e sandálias combinando com a cor da roupa, Do Carmo contrasta com o modo de vestir e até de se comportar de mulheres como Gisela, Maria Eduarda e Laura, por exemplo, que preferem se vestir em tons monocromáticos, que falam baixo quando estão em público e optam por brincos e adereços mais simples no cotidiano”. (SANTOS A, 2017, p. 111)

A frase enunciada por Maria do Carmo ao fim da novela, reforça a ideia do autor de que o Brasil do progresso está situado além da Zona Sul do Rio, ainda que este continue a ser o padrão: “Belém de São Francisco, Baixada Fluminense. É o Brasil, minha gente. É o melhor lugar do mundo para viver, trabalhar, amar e ser feliz” (SANTOS A, 2017).

A frase mostra que o Brasil é diverso e inclui estes territórios invisíveis, feito de pessoas invisíveis socialmente como os imigrantes nordestinos. A Baixada também é contraditória, diversa e tem suas singularidades, porque o progresso econômico, com o empenho de gente simples, ocorre em meio à felicidade dos ensaios nas escolas de samba, dos almoços festivos em família regados a risadas e escândalos, da solidariedade entre vizinhos.

Para terminar, gostaria de mostrar uma outra baixada, que é apresentada em *Senhora do Destino* (2004) e que será a próxima questão a ser abordada, é a *Baixada Cultural*. Parte do enredo acontece na quadra da Escola de Samba Vila de São Miguel, dirigida pelo ex-bicheiro, que prepara um desfile em homenagem a Maria do Carmo. Lugar de inserção política, de negócios escusos, mas de muita sociabilidade, a escola



de samba revela a inclinação dos moradores para a festa. Beber, comer, cantar e dançar juntos são mais do que momentos de alívios da tensão do dia a dia, mas parte da rotina dos moradores de Caxias, a alegria é a norma.

O samba é uma brincadeira séria, pois é nesta arte que a Baixada se revela e ganha repercussão com uma imagem para além da violência e da carência, o “samba é um importante elemento que inverte a relação centro-periferia e dá o tom de brasilidade à Baixada” (SANTOS A, 2017, p.53). A Baixada também é lugar de poetas, cantores, de um povo que ama dançar, que se expressa nestes momentos de festa, que mistura ritmos, corpos, identidades e imaginários.

### 2.3 A Baixada Cultural

O Poeta que aprisiona  
seus versos dentro de gaiolas  
é tão culpado  
quanto o homem  
que cria pássaros dentro de  
gavetas

*Cezar Ray - Desmaio Publiko*

Para Maffesoli (2004), o imaginário da noite tem invadido a arena social nestes tempos pós-modernos, com todo o seu potencial criador de novos espaços e formas de viver. O autor sugere, com base em escritos como “Noite escura” de São João da Cruz, que é nas trevas do caos criador que o mundo se ordena, para da ordem voltar ao conflito e, no vazio deixado pela descrença no que foi constituído, transformar o que nos cerca. É na noite que as angústias transbordam e, na descida à taça, temos a chance de morrer e voltar, recriando a vida. Como diz o autor, “a angústia persegue o criador” (p. 74), desta angústia e inquietação com as coisas da vida, nascem as poesias, as canções, as danças, expressões capazes de gerar empatia, de sensibilizar para ver o outro e criar formas de “estar junto com”.

A “sombra negada pela cultura ocidental”, que traz em si a diversidade, as forças arcaicas, o contraditório e o ambíguo, retorna primeiro nas artes e depois em toda a vida cotidiana. Por um longo espaço de tempo, a arte foi pensada como expressão humana de iluminados que nos levava a reflexão, sobretudo política, da vida, a arte de vanguarda. A arte sai de um regime ético e poético para um momento estético na qual deixa de ser a representação do mundo para constituir o próprio

mundo, e, após, para uma revolução técnica que exalta o anônimo e o banal. As práticas artísticas nos tempos pós-modernos não são mais exceções às demais práticas, a arte se integra à vida (RANCIÈRE, 2005).

Conforme Enne (2002) abordou há mais de dez anos, a ausência de trabalhos sobre as expressões culturais na Baixada Fluminense ainda é uma realidade. E, mesmo quando a cultura aparece como objeto, há um enfoque que privilegia a cultura enquanto arte de vanguarda, ou seja, enquanto criação de manifestações artísticas para desenvolver uma crítica política. A arte como meio e não como um fim em si mesma, e a cultura como arte e não como os modos de ser e fazer de um povo. Um destes trabalhos é sobre o Daniel's Bar, que reunia a boemia de Nova Iguaçu na década de 90 (ONOFRE, 2011). Tal como a Lapa reunia a boemia carioca, Nova Iguaçu também tinha seus poetas, cantores, artistas, produtores culturais que, em torno da mesa do bar, discutiam política e criavam símbolos e representações sobre a Baixada Fluminense.

O *Daniel's Bar* ficava na Praça Santos Dumont, no bairro Juscelino, hoje situado em Mesquita que se emancipou de Nova Iguaçu no final da década de 90. O bar funcionou durante os anos de 1989 e 1996, reunindo a juventude intelectual que utilizava este e outros bares do centro iguaçuano como espaços de discussão e criação de cultura, como diz Onofre (2011, p.6), esses espaços “eram mais que espaços de socialidade”. Conforme relata o autor, os bares de Nova Iguaçu, desde a década de 70, tinham como característica ser o *locus* de pertencimento e identidade da juventude boêmia da região. Através de publicações das atividades culturais e formas de lazer noticiados pelo periódico *Correio da Lavoura*, de uma extensa pesquisa documental e de entrevistas com antigos frequentadores, Onofre (2011) vai montando o cenário da “cultura iguaçuana”.

Onofre (2011) afirma, logo no início do trabalho, que utilizará o conceito de cultura de Chartier (2010) e Burke (2011), relativizando o binarismo comum entre “cultura popular” e “cultura erudita” e acreditando ser a cultura mais do que o fazer artísticos, mas os modos de fazer cotidianos. No entanto, a produção cultural do Daniel's bar é uma produção artística desenvolvida por intelectuais e militantes da região. Foi exatamente sobre as atividades do Daniel's bar que fui questionada sobre se haveria “fazer cultural” na Rua da Lama, uma vez que os bares da Lama são voltados para o entretenimento da classe trabalhadora e não teriam a mesma

conotação de um Daniel's bar de produzir símbolos e imagens para a Baixada Fluminense. Na Rua da Lama haveria consumo e não produção.

Onofre (2011), ao montar o cenário cultural iguaçuano, afirma que havia três salas de cinema em Nova Iguaçu: o Cine Pavilhão, o Cine Verde e o Cinema Santa Rosa, constituindo um pequeno circuito do Gênero cuja programação saia semanalmente no *Correio da Lavoura*. O autor explica que não havia indício, no jornal, da atividade de cineclubes, tão importantes a partir dos anos 2000. Lembro-me das histórias que minha mãe contava sobre as idas às antigas salas de cinema e lamentava o fechamento das mesmas no final dos anos 90. Eram lugares de descoberta do mundo e de vivência com os amigos. Na opinião dela, bem diferente do que seriam os cinemas hoje: caros, e excludentes e disseminadores de histórias superficiais. Minha mãe não pertencia à elite, era uma mulher simples, filha de empregada doméstica e empregada doméstica também, o que demonstra que os cinemas eram lugares democráticos.

O periódico pesquisado também continha uma coluna para dar visibilidade às atividades realizada pela elite local, Lírio Informal, escrita pelo jornalista Lírio. Alguns dos restaurantes e clubes citados como locais de sociabilidade deste segmento são: o *Country Club*, *Rotary Club*, *Hollywood Disco Club*, *La Dolce Vita*, *Churrascaria Minuano*. Cabe destacar que, nas entrevistas realizadas com moradores do entorno da Rua da Lama, *La Dolce Vita* e a *Churrascaria Minuano* são citados como locais de intensa atividade cultural, trazendo artistas consagrados da MPB e do Brega e frequentado também pelos imigrantes nordestinos, igualmente apreciadores de “boa música” e da vida boêmia. Os dois restaurantes se encontram à beira da Rodovia Presidente Dutra, próximos à Rua da Lama.

Já são tradicionais em todo o Grande Rio, atraindo colunistas famosos e amantes da boa música, as noites de serestas da Minuano, a melhor churrascaria da região, que sabe preparar como nenhuma outra os pratos tradicionais do Rio Grande do Sul [...] É no km 14 da Rodovia Presidente Dutra, em 7.500 m de área que está o templo da música popular brasileira [...] Nesse tempo já desfilaram e continuam desfilando os grandes astros de nossa música popular como Nelson Gonçalves, Ademar Dutra, Silvio Caldas, Nelson Ned, Perla, João Roberto Kelly, Emilinha Borba, Cláudia Barroso, Helena de Lima, Carlos Alberto, Gregório de Barros e muitos outros” 3 (CENSO DEMOGRÁFICO DE NOVA IGUAÇU, 1974, p.21 apud ONOFRE, 2011, p.11)

Em reportagem do Jornal Extra<sup>63</sup> (2013), é possível perceber o quanto Nova Iguaçu foi importante no cenário cultural carioca entre as décadas de 60 a 90, assim como a Lapa fora a partir dos anos 20. A matéria conta a íntima relação entre a rainha do rádio, Dalva de Oliveira e Nagib Amun Farah, morador de Nova Iguaçu. Quadros, fotos, figurinos e faixas de Rainha do Rádio compõem os itens do acervo guardado com carinho pelo amigo que conheceu a cantora aos 14 anos no programa da Rádio Clube Brasil. A cantora passava noites bebendo com o amigo e outros artistas na Rua Coronel Francisco Soares, transversal da Luiz Sobral (Rua da Lama) no bairro Califórnia. “Ou a Dalva vinha dormir na minha casa, em Nova Iguaçu, ou eu ficava na dela, em Jacarepaguá. Assistíamos às novelas, e ela fazia macarrão com carne assada. Usava cinco latas de extrato de tomate!”. A frase marca a intimidade da cantora com o território da Baixada.

Conforme demonstra Onofre (2011), a Baixada também foi palco, nas décadas de 70 e 80, dos famosos bailes *soul e black musical*, que apresentavam sobretudo as músicas tocadas nas discotecas norte-americanas e os *bailes de cocotas*, que atraía os jovens com as músicas com o rock tocado nas rádios. Oliveira (2018), ao apresentar o cenário da música black no Rio dos anos 70, mostra a divisão entre os “black” e os “cocotas”.

Nos bailes black, havia uma afirmação da identidade negra na música, na dança e na indumentária exuberante e elegante, que misturava elementos da cultura africana com o modo de se vestir dos artistas negros americanos. Já os “cocotas” representavam jovens de uma classe média que gostavam de rock e praia, caracterizados pelas calças de cintura baixa e cabelos parafinados no estilo John Travolta.

Já nos anos 90, entra em cena os bailes *funks* nas diversas casas noturnas como a Rio Sampa, inaugurada em 6 de dezembro de 1990, à beira da Rodovia Presidente Dutra, como um espaço de eventos para a boemia iguaçuana que frequentava a *Churrascaria Rodeio*, também famosa por seus espetáculos musicais.<sup>64</sup>

---

<sup>63</sup> LINS, Marina Navarro. Nacib Farah, de Nova Iguaçu, foi um dos maiores amigos da cantora Dalva de Oliveira. É ele quem mantém seu acervo. Notícias. **Extra**. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/nacib-farah-de-nova-iguacu-foi-um-dos-maiores-amigos-da-cantora-dalva-de-oliveira-ele-quem-mantem-seu-acervo-10168120.html>. Acesso em: Março de 2019.

<sup>64</sup> Retirado do site institucional da Rio Sampa. Disponível em: <http://riosampa.com.br/Institucional/Acasa>>. Acesso em Março de 2019.

Como veremos adiante, a Rio Sampa foi fundamental para o aumento da frequência de público na Rua da Lama após seu esvaziamento, por causa da violência no local.

É o momento também em que, na Rua da Lama, é aberta a primeira casa noturna a tocar funk, a *Arubar*, que vai modificar o cenário da Lama. Na fala nostálgica dos moradores antigos da Lama, e na crítica aos modos de vida da juventude pós-moderna, é possível entender por que Onofre (2011, p. 12) afirma que havia um grupo de jovens artistas, militantes, políticos e intelectuais que buscavam lugares alternativos com “um tipo de consumo cultural diferente dos bailes de música funk e das discotecas”.

Para o autor, o Daniel's Bar, neste contexto, surge para ser mais do que um espaço de consumo, mas de produção de cultura como elemento de transformação social e de construção de uma nova imagem da Baixada Fluminense, e da afirmação da própria identidade no território. Era o lugar referencial de encontro dos que “pensavam” Nova Iguaçu, universitários, escritores, artistas diversos, políticos militantes e funcionário público.

Lembrando que, no final dos anos 80, com a queda do regime ditatorial, a militância de esquerda, forte na Baixada, ganha espaço para se expressar. É o momento em que surgem as Casas de Cultura, conforme já foi abordado, utilizando a cultura para educar para a cidadania. Na cabeça do dono do bar, o músico pernambucano Daniel Guerra, o negócio era mais do que “vender cerveja e ter música ao vivo” (ONOFRE, 2011, p.24), num lugar onde o bar é parte da cultura e extensão do quintal de casa.

O bar foi palco de ação de uma geração que já movimentava e articulava seus encontros e atividades em espaços de bares desde a década 70 e 80. Dessa geração saíram músicos, escritores, poetas, atores, produtores culturais e personagens políticos que atualmente exercem diferentes atividades na região. No bar de Daniel Guerra foram realizados diversos festivais de música, de teatro, encontros literários, além de ser um dos locais por onde circulava a discussão da vida política da cidade – se levarmos em consideração o envolvimento do público consumidor com a militância política 71 - da região e de assuntos de maior abrangência, relacionados a vida política do país. No tocante as atividades do bar, diversas eram as atividades realizadas dentro do Daniel's Bar, que iam além das atividades estritamente comerciais. O local era frequentado e aberto a distintos interesses: desde a juventude cidadina envolvida com militância política e cultural, ou simplesmente os que apenas estabeleciam relações comerciais de consumo.” (ONOFRE, 2011, p.24)

O bar não tinha atendimento, garçons e cliente se confundiam, porque o foco era a criação e difusão da arte local diante do descaso do governo e na ausência de aparelhos culturais. Foi palco de um ciclo de debates de Luiz Carlos Prestes, então

candidato a deputado federal pelo PDT; criou o festival de música *Festbar* que premiava compositores locais e lançava novos nomes da MPB no mercado. Peças teatrais, *stand-ups*, exposições fotográficas, saraus literários, encontros musicais de *reggae*, *soul*, *rock*, samba faziam parte deste cenário. O grupo literário “Desmaio Publiko”<sup>65</sup>, listado como um coletivo cultural da região no mapa de cultura do Rio de Janeiro também surgiu no Daniel’s Bar, levando para as mesas de bar sua primeira fanzine de poesias.

O bar encerrou suas atividades em 1995, quando o proprietário do terreno decide não renovar o contrato com Daniel Guerra a fim de criar uma loja no local. O evento de encerramento rendeu matéria jornalística no caderno Baixada do jornal *O Dia*, que caracteriza o lugar como “ícone da esquerda festiva”, deixando de ser um espaço de cultura para as tornaram local comercial. Também os artistas que frequentavam o lugar lamuriavam a perda de tão importante espaço cultural com suas poesias: “Choremos: chega ao fim o último remanso boêmio desta cidade devastada, a última sombra de vida inteligente, adeus a última quimera, estamos dando adeus às pombas” (ONOFRE, 2011, p.33-34).

Após o fim do bar, o músico Daniel Guerra tentou transportar a ideia para o já existente Daniel’s Trailer, no entanto, a empreitada não teve sucesso, pois não foi capaz de aglutinar a boemia intelectual e artística iguaçuana. Creio que a curta duração do Daniel’s Trailer, um ano, além de outros fatores, tem a ver com a importância do território na construção social da identidade e do pertencimento. Ao se deslocar, ainda que com a mesma proposta, se inscreve em um novo território com seus “fluxos” e “fixos” (Santos 2006) singulares.

Onofre (2011) conta, que ao fim, Daniel passou a dedicar-se exclusivamente à carreira de músico, criando o grupo de música nordestina *Pimenta do Reino*. Vejo a trajetória de Daniel Guerra como importante para ratificar que o nordestino não trouxe em sua mala um atraso econômico e cultural para a Baixada como apresentavam os discursos dos memorialistas da região e dos jornalistas sobre a região.

---

<sup>65</sup> Verificar em: DESMAIO PUBLIKO. **Blogspot**. Disponível em: <<http://desmaiopubliko.blogspot.com/>>. Acesso em Março de 2019.

DESMAIO PUBLIKO. Nova Iguaçu. **Mapa de Cultura RJ**. Disponível em: <<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/desmaio-publiko#prettyPhoto>>. Acesso em Março de 2019

Onofre também salienta que a geração de artistas que frequentavam o *Daniel's Bar* nas décadas de 80 e 90, passaram a integrar os mecanismos de cultura da esfera pública com a consolidação da secretaria de cultura após os anos 2000. Também passaram a articular-se com a juventude que encabeçava os Cineclubes e as ONG's voltada para cultura na região. Outros voltaram a exercer suas atividades no "anonimato", tocando em bares e restaurantes enquanto produziam seu trabalho autoral de forma paralela como o caso do cantor Roberto Lara, cuja letra da música "Homem Invisível" retrata o artista da Baixada: "O homem invisível / Mora em Nova Iguaçu / Bem depois, bem depois / Da Avenida Brasil / E é secreto o que é / O que faz o que produz" (LARA, 2007 apud ONOFRE, 2011, p.36).

Em trabalho posterior, Onofre (2015a), almejando dar visibilidade a este homem invisível da Baixada Fluminense, aborda a questão dos coletivos culturais, tendo como objeto de estudo o *Cineclube Buraco do Getúlio*<sup>66</sup>. O autor inicia sua exposição contando sobre sua ligação com a Baixada Fluminense e sobre a falta de experiências culturais de seu círculo social na infância, entendendo cultura "como ir ao teatro, ler livros, entender de filmes" (p. 9).

Nasceu no bairro Califórnia, onde fica a Rua da Lama, mas ao longo do trabalho não faz nenhuma menção ao lugar. Relata que, após alguns anos de afastamento do lugar de origem, retorna na condição de professor de história e empreende uma pesquisa sobre a vivência cultural de jovens de uma escola pública do bairro Califórnia, que reafirmam a ausência de cultura no local.

---

<sup>66</sup> O Cineclube Buraco do Getúlio foi fundado em julho de 2006 e desde então realiza sessões de curtas nacionais, integrando com apresentações e música, dança, teatro e circo. Suas sessões aconteciam no Ananias Bar, onde surgiu a ideia (próximo à Estação de Nova Iguaçu, do "outro lado") e na Escola livre de Cinema (em Austin). Desde 2015, suas sessões acontecem na Praça dos Direitos Humanos (Próximo ao Shopping e à Prefeitura, lado pobre" de Nova Iguaçu).

Para conhecer melhor: BURACO do Getúlio. **Facebook**. Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/buracodogetulio/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/buracodogetulio/posts/?ref=page_internal)> Acesso em Março de 2019. Ou ainda: BURACO do Getúlio. Blogspot. Disponível em:<<http://buracodogetulio.blogspot.com/>>. Acesso em Março de 2019.

**Figura 5:** Capa do Facebook do Cineclube Buraco do Getúlio



**Fonte:** Facebook Cineclube Buraco do Getúlio

Onofre (2015a, p.10) atribui este sentimento de ausência de cultura à falta de aparelhos culturais que sirvam a fruição cultural, demonstrando um abismo entre a capital do Rio e a Baixada. O autor descreve a situação dos aparelhos culturais existentes, comparando com a estruturada Zona Sul, e critica que haja apenas seis salas de cinemas “para uma região de aproximadamente 4 milhões de habitantes, e, dentro de shoppings que não deixam margem para outras possibilidades de consumo fora do *mainstream*”.

Mas, acredita que são as tais ausências, as fomentadoras de alternativas culturais na região, das quais pouco se tem conhecimento. Também atribui o sentimento de ausência à falta de fomento para artistas locais pelo poder público, que vê a cultura como “eventos”, produzindo *megashows* com artistas nacionais como a “Festa do Aipim”.

Há conflitos nítidos: enquanto o setor cultural se mobiliza (historicamente) na luta por políticas públicas para a área em que atuam – propondo políticas de incentivo e fomento, fóruns, conselhos e associações – o poder público se porta alheio aos anseios, produções e reivindicações da classe artística; argumentando não existir verba, fundos e meios para atender as propostas de artistas locais, embora, de maneira paradoxal, promova empunhando a bandeira da cultura, eventos com pagamento de altas cifras para artistas de fora em festas temáticas como “Rodeio” ou a já mencionada “Festa do Aipim” que ocorre na área de proteção ambiental de Tinguá. (ONOFRE, 2015a, p. 11)

Além de entender cultura como produção de eventos, o autor também critica o fato de os órgãos públicos colocarem a cultura na mesma pasta destinada ao turismo e ao lazer, concebendo-a como “moeda de troca”. É a cultura sendo utilizada como



aparato mercadológico para o desenvolvimento local, tal como ocorreu na reconstituição do território da Lapa.

Conforme argumentam Fernandes e Herschmann (2018, p. 9-11), a questão da construção de “economias, indústrias e cidades criativas” vem sendo considerada no país desde a gestão de Gilberto Gil como ministro da Cultura, de forma pouco crítica com base em resultados positivos da implementação de políticas públicas voltados para a área em outros países. A ideia que rege o discurso sobre as indústrias criativas é a de que a retomada do desenvolvimento econômico com a “crise dos modelos industriais”, a “saturação do setor de serviços” e o “advento do digital” só seria possível com a construção de “clusters locais inovadores”. A crítica realizada à disputa das cidades pelo investimento no consumo cultural é que os projetos utilizam um modelo “exógeno” e pouco democrático”, retirando o protagonismo dos atores locais na ressignificação dos territórios, o que é comum ao pensamento de Onofre (2015a).

A iniciativa de tornar a cidade mais atrativa a visitantes e movimentar a economia, com o apoio das indústrias criativas, pode ser percebida na recente empreitada da Prefeitura com a iniciativa privada de realizar um mapeamento das Áreas de Gastronomia e Entretenimento (AGEs), inicialmente dez áreas já selecionadas, e disponibilizá-las através de um aplicativo construído por alunos do CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica. A comida e música, elementos aglutinadores de pessoas, são o foco desta estratégia de impulsionamento do lugar, aliados à tecnologia digital que hoje permite e conectar pessoas, produzir e disseminar informações de forma mais barata.

A informação deste mapeamento me foi transmitida por um gerente de bar na Rua da Lama, depois busquei maiores informações, mas pouco foi encontrado no site da Prefeitura. Mas, há uma matéria do Jornal Extra de junho de 2018<sup>67</sup>, sobre o projeto. A reportagem cita o Boteco do Portuga (situado na Rua da Lama), e os recém-inaugurados casa de shows *Lalu Lounge* e *Centro de Convivência Nordestina* como locais importantes neste cenário.

De restaurantes luxuosos a bares e botequins, Nova Iguaçu oferece muitas opções aos consumidores, que podem escolher entre comidas de vários países ou simplesmente o bom e velho petisco – três bares da cidade disputaram o tradicional concurso “Comida di Buteco” e o grande vencedor

---

<sup>67</sup> PREFEITURA DE NOVA IGUAÇU. O Circuito Gastronômico e Cultural de Nova Iguaçu. Notícias. **Jornal Extra**. 26 de junho de 2018. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/eu-sou-nova-iguacu/o-circuito-gastronomico-cultural-de-nova-iguacu-22822031.html>>. Acesso em Março de 2019.

de 2018 foi o Boteco do Portuga, primeiro bar fora da capital a vestir a faixa de campeão. (EXTRA, 2008, grifo nosso)

Tal investimento, embora com um objetivo mais mercadológico do que cultural, vai permitir registrar um pouco da memória destes locais onde nascem as expressões artísticas da Baixada. Essa falta de materialização da memória dos movimentos culturais, das festas e dos agentes individuais e coletivos é outra crítica de Onofre (2015a) ao poder público da região. Não há como enxergar a Baixada Cultural sem que seja dada a devida visibilidade às trajetórias culturais presentes e passada. Hoje, com as tecnologias digitais de informação, as novas gerações de produtores culturais ainda conseguem alcançar alguma visibilidade através das mídias sociais como *Facebook*, *Instagram*, *Youtube* e com a criação de *Blogs*. Ao contrário dos antigos agentes, que pouco conseguiram materializar sua memória em livros, vídeos, discos e documentos.

Para Onofre (2014), a nova geração conseguiu erguer uma rede de sociabilidade e solidariedade artísticas contando com a integração entre digital e o real para mobilizar e integrar as pessoas, gerar conteúdos e construir uma nova imagem da Baixada, aumentando a oportunidade destes artistas em ganhar reconhecimento local, estadual e nacional. O material disponível nestas redes apresenta a memória cultural e os conflitos existentes na região, como a busca de legitimidade das expressões culturais de diversos grupos da Baixada. Cita como exemplo a discussão acalorada entre Mesquita e Nova Iguaçu pela legitimidade dos eventos para o Dia Mundial do Rock.

Enquanto Mesquita era reconhecida como “passarela do rock”, por privilegiar artistas locais em suas festas, Nova Iguaçu era acusada de realizar um grande festival com artistas de fora. “Dessa forma, podemos entender as redes como espaços de conflitos, violência, ameaças, festa, sociabilidade e quase sempre nunca de maneira unilateral, sempre a partir de diferentes difusões” (ONOFRE, 2014, p.5). Todavia, como o próprio autor salienta, esse rico material, embora divulgado pelos agentes de forma direta sem intermediação, dificulta a pesquisa por estar disperso na rede, pulverizando a memória local e correndo o risco de desaparecer junto com as mídias sociais que o abriga.

No mundo vivido, longe de terem espaços culturais como teatros, cinemas, editoras e estúdios para criarem cultura, a antiga e a nova geração de artistas locais utilizavam-se dos bares, calçadas e praças para difundir suas ideias e representações

da vida. A cultura, enquanto arte, não era ausente, apenas existia em um *lócus* diferente, integrando o pensamento criativo nas práticas cotidianas destes espaços informais.

A Baixada é elemento estético e identitário da produção destes artistas e coletivos nascidos nas portas de bar. Cabe salientar, conforme indica Onofre (2015a), que estes artistas locais não viviam, em sua maioria, da arte que produziam, mas participavam dos coletivos como consumidores e produtores porque entendiam que manifestar o pensamento através da arte, qualquer forma, era necessário. Também é fator fundamental, o conflito entre a produção cultural destes artistas militantes que se contrapunham ao passado de glórias anunciado por grupos mais ligados às famílias tradicionais com referência ao plantio de laranjas na região. Como percebe no momento que o grupo do Coletivo *Cineclube Buraco do Getúlio* está decidindo o nome da casa que os abrigará:

Os que argumentavam que a residência artística deveria ter relação com o passado da cidade, embasavam-se na concepção de que “Casa Laranja” seria um nome significativo, principalmente Cassiano B. Do outro lado do debate, estava Moisés T, estudante de história, argumentando que o passado cítrico da cidade seria o passado da elite: dos grandes citricultores, fazendeiros e coronéis, que ao longo da construção da história local, colocaram a margem da memória os trabalhadores que sucumbiam as péssimas condições das lavouras, que submetiam a condições desumanas de trabalho e moradia. Tentando contrapor a argumentação historiográfica de Moisés T, alguns membros do grupo responderam que intitular de “Casa Laranja” um mesmo concordando que o termo “laranja” pertence a um passado sem nenhum vínculo afetivo com seus antepassados (não pertencentes a antiga elite iguaçuana) significava “re-significar” – termo que discutiremos mais adiante – um elemento que historicamente foi abordado de maneira hegemônico pelas classes dominantes. (ONOFRE, 2015a, p. 21)

A partir das singularidades de produção de cultura na Baixada Fluminense, o autor cria a categoria de análise “Baixada Cultural” que compreende as ações culturais realizadas nestes espaços informais como bares e praças e nos esforços de agentes e coletivos em impulsionar a dimensão cultural por meio de políticas públicas, abrindo espaço para a discussão através da organização e participação em Fóruns, Seminários e Simpósios.

Onofre (2015a) admite que a instabilidade das dinâmicas culturais e a dificuldade de articulação entre os diversos agentes e agências que compõem o território da Baixada, dificulta a estruturação destas atividades culturais bem como seu mapeamento por meio de pesquisa. Cita como exemplo o fato de os dois maiores polos culturais da *Baixada Geopolítica* - aquela composta pelos municípios que saíram

da Velha Iguassu - Duque de Caxias e Nova Iguaçu, não contarem com uma rede de transporte eficiente para conectar os dois lugares, propiciando que os grupos interajam e facilitando o fluxo de público para o consumo dos eventos.

Para conseguir mobilizar o maior número de pessoas, fortalecer os grupos e garantir a integração entre os coletivos culturais dos diversos municípios da Baixada, como “Mate com Angu em Duque de Caxias, Buraco do Getúlio em Nova Iguaçu, Cinema de Guerrilha em São João de Meriti”, entre outros, como as gravadoras de selo independente - Pirão Discos - e os coletivos de poesia e literatura, teatro e dança, bem como os festivais de música, é instituído um calendário cultural.

A partir deste calendário, agentes e agências conseguem participar das expressões culturais de todo o território da Baixada Fluminense sem fragmentar o público (ONOFRE, 2015a, p. 24). Tal fato empodera os artistas que, antes de adentrar estes movimentos, não tem noção da dimensão do fluxo cultural existente na região, por causa da escassez de materiais que contem a história da Baixada Cultural. Quando existem, pertencem a acervos privados dos artistas.

Apesar de o autor detectar que há uma rede de solidariedade que motiva e possibilita a promoção da cultura produzida por artistas locais na Baixada Fluminense, há também uma percepção de que cada artista se isola em seu grupo, não demonstrando a união necessária para que uma rede mais sólida se estabeleça. A divergências internas nos coletivos e operação individual de projetos semelhantes faz com que haja uma rotatividade grande os agentes envolvidos nos projetos, a falta de continuidade dos coletivos e a baixa assiduidade e participação do público interessado em manifestações artísticas.

Há uma ajuda mútua, na troca de materiais para que os eventos aconteçam, na divulgação e na troca de experiências, mas não há uma organização. Tal fato já havia sido apontado anteriormente por Enne (2012) quando analisa a mudança da utilização da cultura pelas Casas de Cultura da década de 80 com as ONG's de viés cultural da década de 90, que enfatiza a criação de símbolos e a trajetória dos sujeitos em vez da militância cidadã.

Alguns artistas e coletivos baixadenses buscam, em outros territórios, alcançar um espaço de visibilidade negado pela Baixada Fluminense por causa da falta de visão estratégica e união dos produtores culturais locais, como a *Transfusão Noise Records* que, segundo Onofre (2015a), transferiu sua sede de São João de Meriti para o Centro do Rio e diverge dos demais coletivos por não apresentar uma estética da

Baixada em seu conteúdo artístico. Perspectiva muito parecida com a que me afirmou um músico integrante de um grupo de pagode que toca na Rua da Lama, dizendo a falta de união entre os músicos aumenta a falta de oportunidades e reconhecimento na região, eles eram mais reconhecidos fora do que dentro do território no qual vivem e produzem sua arte.

Tenho com alguns, assim, mas eu nunca fui muito... a transfusão na verdade nunca foi muito aceita, sabe? Tipo, hoje em dia, a gente completa 10 anos eu sempre zoo que tipo que são 10 anos de invisibilidade na Baixada, sabe. A gente sempre foi invisível lá pra uma galera. Sempre, sempre. É uma realidade que é um fato, assim. Tipo, isso sempre aconteceu, sabe? A gente nunca teve espaço nos lugares pra lá. Eu já tive espaços enormes em cidades que sei lá... Cruzeiro em São Paulo, Cachoeira Paulista, Sorocaba, um monte de cidade onde a gente teve espaços maiores e pessoas consumindo discos e falando com a gente, coisa que na Baixada não rola. Essa galera cultural é muito mais... muito fechada, muito... cada um no seu grupinho. Na sua panelinha, assim, muito isso demais eu acho. Sempre achei. No centro não é tão diferente assim, mas você consegue entrar em alguns meios com mais facilidades, pelo menos eu consigo. Na Baixada eu acho a galera muito impenetrável. Muito fechada. (ALMEIDA, LÊ. Entrevista concedida ao Rede Escuta Baixada, 2013. Acessado em março d 2015)." (ONOFRE, 2015a, p.46)

É na noite, nas portas dos bares, ou dia e noite em praça pública que a cultura se faz em Nova Iguaçu, e em toda a Baixada, beneficiando comerciantes e artistas. Foi assim que surgiu o *Buraco do Getúlio*, que mais do que projetar filmes era importante como espaço de trocas de ideais, de sociabilidade intensa nos shows pós-sessão, pois é no "outro" que este artista pode se encontrar, se legitimar e se fortalecer.

É na porta do bar e nas praças que surgem novas narrativas afetivas sobre a Baixada nas letras das músicas, nas poesias, nas produções audiovisuais, nas fotografias em produções independentes que negociam com o poder público e com a iniciativa privada as condições para disseminar sua arte com alguma autonomia. É utilizando o potencial dos bares que a Prefeitura de Nova Iguaçu pretende criar postos de trabalho e impulsionar a economia na região. É na porta do bar que pessoas comuns se sentem parte de um lugar, criam as pontes e as barreiras que as aproximam ou distanciam de valores, imaginários, identidades e comportamentos dos grupos que compõem o território. É nas noites invisíveis da Baixada Fluminense que a vida de um povo anônimo flui, sem que saibamos de suas histórias.

Mostrar o homem invisível da Baixada é o objetivo de outro trabalho de Onofre (2015b), aprofundando a análise sobre o coletivo sonoro *Pirão Discos*<sup>68</sup>, criado em

---

<sup>68</sup> Verificar em:

2013 por quatro músicos independentes: Marcelo Peregrino, Iuri Andrade, Léo Peixe e Maurício Galo. A produtora musical não possuía os contornos comerciais típicos das gravadoras tradicionais, deixando os artistas livres para decidir as temáticas de produção, fugindo ao enquadramento do *mainstream*. Sem site, CNPJ, contratos ou sede, a Pirão Discos ajudava a compor o território da Baixada através da disseminação de sua MPB - Música Popular da Baixada. Os costumes, glórias e mazelas do povo, as belezas e “feiras” naturais, passam a ser elementos constitutivos da estética das produções que mostravam a Baixada tal como é, cheia de contradições e amada (ONOFRE, 2015b).

A imagem do trem também aparece com repetição nas letras das canções, afirmando a importância deste meio de transporte na reconfiguração do território e dos modos de vida que ali se constituíram. O trem, símbolo do início da modernização de Nova Iguaçu, da constituição de um urbano-rural na época da citricultura. Culpa pela decadência da Velha Iguassu, dos portos e fazendas de cana-de-açúcar, e pelo esvaziamento do território devido ao aumento do assoreamento dos rios que haveriam provocados surtos de varíola na região.

O trem que diminuiu a distância de Iguaçu para os locais de distribuição de produtos agrícolas, mas também a distância dos trabalhadores para o centro do Rio. Em torno da Estação, um muro que coloca ricos de um lado e pobres do outro. Pobres imigrantes do Nordeste, de Minas, da metrópole que se estabelecem nos lotes vazios deixados pelos laranjais. O trem que carrega os corpos da massa trabalhadora, que é apontado como lugar de gente feia<sup>69</sup> e pobre.

Mas, segundo Onofre (2015b), se o trem possui uma imagem negativa por ser um transporte superlotado e sucateado que carrega gente pobre, também é lugar de alívio e sorriso, com as músicas, conversas a fio com desconhecidos, comemoração de aniversários, rodas de samba, carteados, cultos, apresentação de dança, compra de amendoim, chocolate, cerveja, empada, pipoca, picolé e toda a sorte de coisas. A solidariedade dos camelôs de trem, sua agilidade em entender o que o público quer

---

PIRÃO DISCOS. **Facebook**. Disponível em:

<[https://www.facebook.com/pg/piraodiscos/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/piraodiscos/about/?ref=page_internal)> Acesso em Março de 2019.

PIRÃO DISCOS. Nova Iguaçu. **Mapa de Cultura do RJ**. Disponível em:

<<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/pirao-discos>> Acesso em Março de 2019.

<sup>69</sup> Assim que me mudei para Campo Grande, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, comecei a ouvir pessoas do ramal Santa Cruz, que corta a Zona Oeste a acusar o Japeri, que corta a Baixada, como ramal de gente feia e com cara de pobre.

ouvir, “é macia, é gostosa, tijolão da bananada só paga um real”, “amendoim com casca e sem casca, o passatempo de sua viagem”, “eu não sei falar. Eu não sei cantar. Eu só sei latir: Halls, Halls, Halls”.

Por outro lado, o trem que leva é o mesmo que traz, e o momento da volta, além dos corpos suados e cansados, traz também alívio e sorrisos; principalmente às sextas feiras e vésperas de feriado, quando os trabalhadores subvertem à sua sub-dignidade: retiram o disputado ar dos pulmões e burlam as leis estaduais transformando o martírio do trem lotado num espaço de comunhão, no qual vendedores ambulantes de cerveja e salgadinhos - como se fossem ágeis minhocas em solo arenoso – cortam o emaranhado de braços, pernas e corpos grudados. (ONOFRE, 2015b, 3399)

O trem aparece nas letras das músicas ora como meio de fuga, ora como espaço de redenção, espaço onde todos compartilham a mesma vida trágica, e a diversidade de identidades, sonhos, anseios. No trem, assim como na Baixada, e na Rua da Lama, há espaço para os apelos do *hip hop* com as temáticas do estigma das periferias, para as letras sexualizadas do *funk* e para os embalos do samba, que movimentam o povo na preparação dos desfiles da G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis, localizada na cidade que carrega no nome (Nilópolis), e da G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio, de Duque de Caxias. O trem também é inspiração para um dos projetos do *Instituto Enraizados*<sup>70</sup>, o *Enraizados no Vagão* que transmite sua poesia marginal com performances nos transportes públicos, nas praças e em instituições diversas.

O *Instituto Enraizados* se define como uma associação de *hip hop* que trabalha para a construção de uma sociedade mais justa e para isso atua no desenvolvimento crítico dos jovens através da formação para a arte. O *Enraizados*, que se tornou uma entidade associativa não governamental em 2015, nasceu na década de 90 e é reconhecido através de prêmios internacionais como uma das principais organizações de *hip hop* do país. A sede do *Enraizados* fica em Morro Agudo, em Nova Iguaçu, e segundo matéria divulgada pelo próprio instituto, se “prepara para ser o principal aparelho de cultura da Baixada Fluminense”<sup>71</sup>, formando 220 jovens artista por ano.

---

<sup>70</sup> Verificar em:

INSTITUTO ENRAIZADOS. **Facebook**. Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/institutoenraizados/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/institutoenraizados/about/?ref=page_internal)>. Acesso em Março de 2019. **ENRAIZADOS**. Disponível em: <<http://www.enraizados.org.br>>. Acesso em Março de 2019.

<sup>71</sup> ENRAIZADOS se prepara para ser o principal equipamento de cultura da Baixada Fluminense. Disponível em: <<https://www.enraizados.com.br/index.php/enraizados-se-prepara-para-ser-o-principal-equipamento-de-cultura-da-baixada-fluminense/>>. Acesso em Março de 2019.

Criado e conduzido pelo ator *Luiz Carlos Dumont* e o rapper *Dudu de Morro Agudo (DMA)*, o projeto é alvo de elogios no trabalho de Enne (2012).

Acreditamos que um caminho para conjugar as perdas e os ganhos das novas formas de fazer políticas culturais seria o resgate, dentro de novas perspectivas, de uma vertente militante e cidadã. Nesse sentido, gostaríamos de citar um exemplo que consideramos bem-sucedido, em que percebemos as possibilidades de intermediação entre formas diferentes de percepção da ideia de cultura, sem perder de vista sua centralidade. Trata-se da rede Enraizados, de Morro Agudo, Nova Iguaçu, sobre a qual já temos falado em outros trabalhos. (ENNE, 2012, p. 190)

Para a autora, o Instituto Enraizados soube articular o ganho de visibilidade midiática através da espetacularização da cultura, para alcançar auxílio de bolsas de fomento e patrocínio com a militância cidadã. Por isso mantêm uma atuação forte nas redes sociais e materializa suas produções em videoclipes, livros, e matérias que contam com espaço próprio para divulgação como o *Jornal Enraizados*, o site institucional, o *Facebook* e o canal do *Youtube*. Ao mesmo tempo, promove a formação de artistas locais com uma perspectiva crítica e contra hegemônica através de cursos, seminários, palestras e programas de intercâmbio. Na perspectiva da autora, longe de utilizar a cultura apenas como um meio de ganhar espaço e patrocínio, o Enraizados possui uma preocupação real em manter o engajamento dos líderes e da população local, “buscando novas formas de fazer midiático e apropriação cultural” (ENNE, 2012, p. 191).

E assim, a Baixada Fluminense, a partir da cultura, vai sendo apresentada como lugar de resistência de um povo que ama seu território, que enxerga suas mazelas, que faz cultura na porta de bar, que lança um novo olhar a partir da arte, para a própria condição social. A Baixada vai sendo, através de agentes e coletivos, como o *Enraizados*, ganhando espaço de fala no mundo<sup>72</sup>, ainda que continue a ser a Baixada rebaixada no Estado que a acolhe. Nas letras de seu *rap* marginal, Dudu do Morro Agudo não se exime de mostrar a violência que é constituinte do cenário a região, mas mostra também que ela é ocasionada pelo descaso público em todos os

---

<sup>72</sup> O Instituto Enraizados promove intercâmbios culturais entre artistas, e nesta troca de conhecimentos, Dudu de Morro Agudo foi parar no Consulado dos Estados Unidos para uma palestra sobre “a influência da música negra americana na cultura brasileira.”. Consultar: DUDU de Morro Agudo palestrou no Consulado dos Estados Unidos. Notícias. Enraizados. Disponível em: <http://www.enraizados.org.br/blog/2018/02/25/dudu-de-morro-agudo-palestrou-no-consulado-dos-estados-unidos/>. 25 de fevereiro de 2018. Acesso em Março de 2019.



níveis e que há um povo que não se furta de lutar. “O povo que toma vergonha na cara / que bate de frente, que nunca se cala / que usa a mente, que bota a cara / Que toma o poder / que faz acontecer / Faz festa, protesta / Pinta o corpo e a testa / Vira o jogo, taca fogo / bota pra fuder” em um Estado cuja segurança “tem base na cartografia”<sup>73</sup>.

**Figura 6:** Sarau Poetas Compulsivos no Buteco da Juliana em Nova Iguaçu



**Fonte:** Facebook *Instituto Enraizados*

Mas, se a violência é um problema estrutural neste lugar de Barões e grupos de extermínio, é a música e a vida que ela traz consigo, a solução para os problemas. Por isso, um dos projetos do *Enraizados* é o *Festival Caleidoscópico*, que surgiu em resposta à violência na região, ocupando as ruas com grafite, poesia, dança, música, biblioteca coletiva, feira criativa, futebol, cinema etc. Este e outros festivais produzidos por artistas e coletivos locais, bem como os polos gastronômicos, que, sem intenção de serem locais de produção artística, são espaços de sociabilidade e criação de imaginários sobre a Baixada, são importantes para a ocupação das ruas, no lugar da tão disseminada violência.

<sup>73</sup>Letra da música “Dos Barões ao Extermínio” de DMA, o videoclipe pode ser visto em: Dudu de Morro Agudo - Dos Barões ao Extermínio [Lyric Hulle]. Canal Hulle Brasil. **Youtube**. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=A5FizgvC\\_N0](https://www.youtube.com/watch?v=A5FizgvC_N0)>. Acesso em Março de 2019.

A marginalidade deve ocupar sim as ruas. Mas a marginalidade dos amantes da noite, dos amantes da dança, da bebida, da música, dos que rompem com o projeto que abstrai o tempo, o espaço e o corpo. A Baixada tem voz, rosto, afetos e eles precisam ser vistos, ouvidos e sentidos: “Se escutar é opcional / se a minha voz não falante / a rima é excepcional / leva a cultura adiante / da baixada pro mundo / é nossa voz ecoando / então respeita meu bonde / que o comboio tá passando”<sup>74</sup>.

---

<sup>74</sup> Letra da música “Comboio”, de álbum e grupo de rap de mesmo nome, composto pelos rappers DMA, Léo da XIII e Marcão da Baixada, O álbum, de 2013, foi vencedor do torneio de hip hop, *Take Back The Mic*, em Miami. O videoclipe pode ser visto em: COMBOIO. #Comboio - [videoclipe oficial]. Canal Instituto Enraizados. **Youtube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rw4BQeVshfs>>. Acesso em Março de 2019.

### 3. DAS VEZES QUE FUI À LAMA

Não nos espantemos de que o voo incerto dos vaga-lumes, à noite, faça suspeitar de algo como uma reunião de espectros em miniatura, seres bizarros com mais, ou menos, boas intenções.

*Didi-Huberman*

Pensemos na noite enquanto símbolo. A noite enquanto imaginário é povoada de seres não vivos como mortos, zumbis, monstros. É o momento da fuga, dos amantes, da vadiagem, dos assaltos e assassinatos. A escuridão esconde os desvios e suscita os medos. Ainda que seja de amplo conhecimento, a agitação das noites na grande metrópole, o medo e a insegurança provocados pela sensação do escuro persistem. Do mesmo modo também, a rua enquanto símbolo, suscita a desconfiança e o medo, porque é espaço público, espaço estranho, espaço do caos. A rua a noite é o espaço da prostituição, das drogas, dos crimes. Mas também é o espaço para criar laços, encontrar amores, cantar as mágoas e as alegrias que o cotidiano nos impõe na rotina pesada dos corpos trabalhadores.

A desconfiança maior resiste no trajeto, nas passagens entre territórios que, feito uma casa, nos protegem contra o caos por serem um espaço construído, organizado em cujas qualidades me reconheço e reconheço o outro. Para Obici (2008) podemos criar território a partir do sonoro, não só através da música, mas pela delimitação de um espaço de consumo, que possui sua sonoridade singular. De outro modo, La Rocca (2015) afirma que a ambiência é o resultado do entrelaçamento do corpo com o espaço, o que exige uma cartografia social para uma melhor compreensão de seus significados.

Em meio à noite na Baixada Fluminense, lugar cujo imaginário criado pela literatura e pela mídia está repleto de cenas de violência, um “ponto de luz”, dos muitos que existem, mostra uma vida noturna repleta de energia e alegria. Estes “pontos de luz”, como vaga-lumes na noite, reconfiguram o território, construindo um ambiente com múltiplos sons, cores e gestos numa região considerada “cidade-dormitório” e sem vida, ou com uma vida marginalizada e cheia de carências. Esse “ponto de luz” é a Rua da Lama, talvez nem seja mais hoje o lugar mais procurado dentre os muitos *points* que Nova Iguaçu hoje oferece, mas, sem dúvida, é o que há mais tempo resiste transformando o medo da noite em prazer.

### 3.1 Relatos de um encontro

Tem dias, em que a noite confunde a gente.  
 O sujeito chega, puxa a mesa da bodega, se aconchega e, de repente, nem sabe mais por que águas a própria alma navega.  
 Meio ambiente E a lucidez segue assim em interminável refrega com a pobre da insensatez.  
 O dia chega e diz não.  
 A noite, sopra um talvez.  
 Já a doida madrugada, feroz e destrambelhada, em completa embriaguez, diz: agora, meu amor.  
 E as pernas entorpecidas se arvoram em merecida e lúdica caminhada.  
 No meio da noite, a estrada nem parece com a balbúrdia que se encontra de dia.  
 É luz piscando nos olhos, botequins pelas esquinas, um certo ar de festejo, a boca aberta pro beijo, decotes, saias, meninas...  
 O cheiro delas escorrendo pelo brilho das estrelas, tomando o cérebro inteiro e impregnando as narinas.  
 A noite deveria ser algum tipo de canção dessas que nunca termina.  
 Com acordes absolutos penetrando pelos tímpanos e se apossando do espírito  
 ou algum tipo de verso majestoso e impenetrável.  
 Algo assim inenarrável. Um experimento empírico por sua essência, abstrato.  
 E a madrugada, não o dia, deveria ser seu quarto para acomodar os partos insanos da poesia.

*O Cheiro da Madrugada / Vicente Portella*

Ah, os encontros! Os encontros são sempre cheios de surpresas, geralmente são precedidos por desencontros que os fazem ter um sabor especial e um poder transformador. Tive um grato encontro na Rua da Lama com o meu passado! Em uma das visitas ao lugar para observar as dinâmicas sociais, encontrei uma velha amiga do ensino fundamental, já “alta” àquela hora da noite, umas onze e meia. Foi incrível a sensação de o tempo não ter passado! Parecia que tínhamos terminado a oitava série ontem, e lá estávamos nós, separadas por dezoito anos desde os tempos em que ríamos do nada e compartilhávamos amores na porta da escola.

Minha antiga amiga estava lá, na Lama, e me contava que depois do fundamental saiu de onde morava e se estabeleceu ali em Nova Iguaçu, próximo à Rua da Lama. Perguntei como era o lugar e ela respondeu que era precário, que sofreu com enchentes na região, mas que havia melhorado muito, inclusive com relação a violência. Perguntei também se ela costumava frequentar o lugar, já que morava tão perto. Ela disse que não, pois mudou-se casada, tinha filhos e com o marido machista que tinha era impossível sair de casa para se divertir. Mas, agora

estava separada. Era uma nova mulher e iria curtir tudo o que deixou de curtir estes anos todos, aguentando traições e repressões em casa.

Apoiei minha amiga, eu já havia entendido, em minha caminhada pessoal e mesmo acadêmica<sup>75</sup>, que a separação era um processo doloroso, mas que trazia renovação. Quando eu me separei também fui à Lama para ouvir música, dançar, beber e rir da vida. Então entendi um pouco mais aquele lugar. Era um lugar de encontro, de encontro consigo mesma e de encontro com o “outro”, que me faz entender quem eu sou ou quem eu posso ser. Pode ser um lugar de “gente perdida”, mas é só se perdendo que há como se encontrar.

Inúmeros são os pensamentos decorativos que produzem livros decorativos, cuja única utilidade é a de serem colocados, muito evidentemente, sobre a mesa do salão, ou de ornar, por metro, uma biblioteca que dá testemunho do que os situacionistas chamavam de inteligência sem uso. A consideração da extravagância societal permite escapar a essa falha. Não negar ou denegar os “vícios” da vida atual é lembrar que há uma força (vis) inegável nos desvios, nos excessos e em outras atitudes extremas. (MAFFESOLI, 2014, p.16)

Perder a consciência na estesia da música que embala a dança; na entorpecência dos sentidos no meio da confusão de corpos, ritmos, luzes e sons; na embriaguez do álcool e das paixões; é abrir a possibilidade de reencontrá-la despida de modelos que nos acorrentavam, de padrões que nos entristeciam. É abrir a possibilidade de responder a vida de outro jeito e poder contar novas histórias. Minha amiga estava certa, naquela noite ela precisava beber.

Naquele momento ela precisava viver cada minuto sentindo o coração bater forte, falando bobagens, encontrando pessoas iguais a ela, que, ao mesmo tempo que tinham um motivo, estava, ali por nada! E por nada, se encontravam, e por nada, criavam seus espaços, e por nada, dividiam os espaços, e por nada construíam aquele território, e por nada, reconstruíam suas histórias e as de outras pessoas. Essa Lama pode ser considerada suja e terapêutica.

---

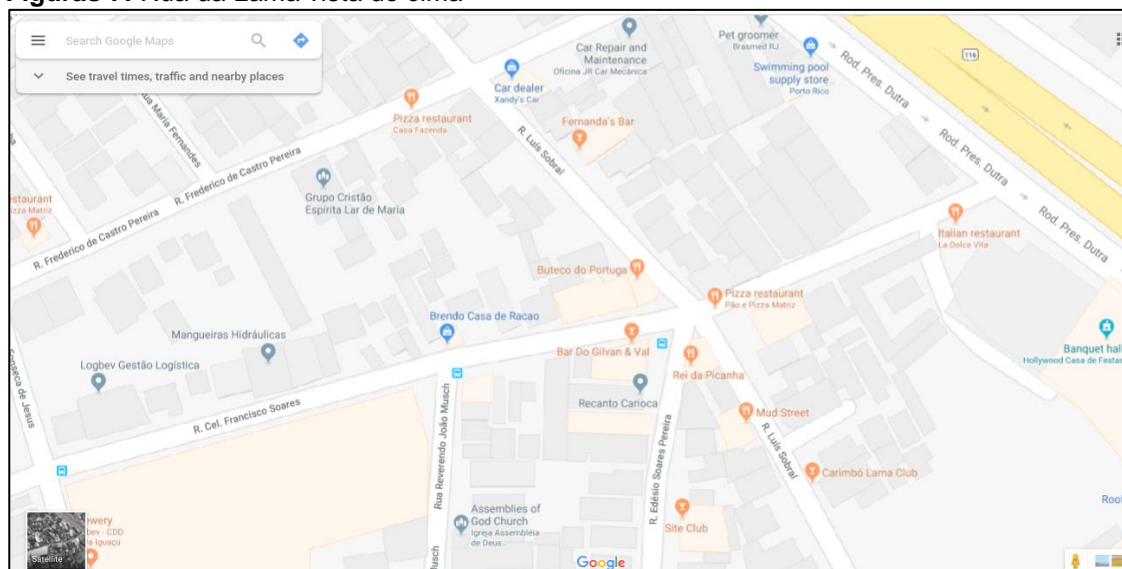
<sup>75</sup> Lembro que fez parte das minhas leituras durante o Mestrado o livro *Modernidade e Identidade* de Anthony Giddens (2002) no qual reflete sobre os contornos da “alta modernidade” a partir de *Segundas Chances*, de Judith Wallerstein e Sandra Blakeslee, que realizam um estudo sobre o divórcio e um novo casamento. O divórcio é causa de mal-estar pela instalação de sentimento de insegurança, raiva, tristeza. Mas também é um momento de oportunidades e crescimento emocional. Após o luto a pessoa precisa estabelecer um “novo eu”. Podemos dizer que essa busca de nova identidade passa pela reconfiguração da imagem (cortar o cabelo, fazer dieta) e pela descoberta de novos *hobbies* e lugares.

### 3.1.1. A primeira vez que fui à Lama<sup>76</sup>

Na primeira vez que se vai a um lugar, com o intuito de observá-lo, tudo parece diferente, o estranhamento é quase inevitável. Teoricamente a Rua da Lama tem uma localização oficial, está situada na Rua Luís Sobral, na transversal com a Cel. Francisco Soares, no bairro Califórnia<sup>77</sup>, em Nova Iguaçu, próximo à Rodovia Presidente Dutra. É difícil encontrar ônibus que passe no lugar, quem se aventura a andar do Centro de Nova Iguaçu para o famoso *point*, passa por muitas ruas desertas, escuras e silenciosas.

Passa-se pelo espaço da tribo do *rock*, um *pub* que promete no letreiro em sua fachada ser mais que isso, até avistar as luzes dos bares que estão, não em uma rua, mas em um miolo, um centro com cinco pontos de chegada. Aos poucos, e a maioria depois de onze horas da noite, dos vários pontos vai chegando gente a pé, de van, moto, táxi e carro. As mesas dividem espaço com veículos que ficam sob a proteção de guardadores do local.

**Figuras 7:** Rua da Lama vista de cima



Fonte: Google Maps

<sup>76</sup> A primeira visita realizada à Rua da Lama com intuito de investigação para a Tese aconteceu em Agosto de 2015. Nas três primeiras visitas, utilizei o gravador de voz do smartphone para gravar minhas impressões do local e um cadernos para anotações mais importantes que se transformaram nestes relatos de visitas.

<sup>77</sup> Há controvérsias, no mapa o lugar aparece com bairro Maria da Luz, todavia, os moradores e as páginas dos bares apontam como bairro Califórnia.

Em cada ponto de chegada há um bar, os cinco maiores ficam de esquina: *Fractal Music Beer*, *Churrasquinho do Jorge*, *Buteco do Portuga*, *Pão & Pizza Matriz* e *Rei da Picanha*.<sup>78</sup> Tanto o *Fractal* quanto o *Buteco do Portuga* têm suas estruturas suspensas em um nível mais alto em comparação a rua. O primeiro impressiona com seu jogo de luzes e design arrojado, da rua é possível ver o palco no qual se toca música ao vivo: MPB, samba, *pop music*... a noite inteira.

Dos cinco, o *Buteco do Portuga*<sup>79</sup> é o menor, com aparência de lugar aconchegante, um cardápio que varia de petiscos a caldos, e na maioria das mesas uma caneca de chope ou uma cerveja *long neck*. Já o *Churrasquinho* e o *Rei da Picanha* tomam a rua com suas mesas e garçons disputando a clientela que chega, no último, rola de tudo quanto à música: MPB, sertanejo, pagode, forró... No *Churrasquinho* não rola som, mas é o que concentra a maior parte das pessoas no início da noite. *Pão & Pizza* é *point* do pagode, fica no nível da rua, mas é todo cercado com grades.<sup>80</sup>

---

<sup>78</sup> Verificar:

FRACTAL MUSIC BEER. **Facebook: fractalmb**. Disponível em: <https://www.facebook.com/FRACTALMB/>. Acesso em Março de 2019.

CHURRASQUINHO DO JORGE. **Facebook: Churrasquinho\_do-Jorge**. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Churrasquinho-do-Jorge/1563038467073770> . Acesso em Março de 2019.

BUTECO DO PORTUGA. **Facebook: portugabuteco**. Disponível em: <https://www.facebook.com/portugabuteco/>. Acesso em Março de 2019.

PÃO E PIZZA MATRIZ 2.0. **Facebook: paoepizzmatrizoficial**. Disponível em: [https://www.facebook.com/paoepizzamatrizoficial/?\\_\\_tn\\_\\_=%2Cd%2CP-R&eid=ARAwJ5qLtBabrCzBR4Slb\\_IIXq5w3RPz1PRkfNI52N\\_RNwCSIboiCNQY27TZ5E5CN33ai-OBf4xp6x1h](https://www.facebook.com/paoepizzamatrizoficial/?__tn__=%2Cd%2CP-R&eid=ARAwJ5qLtBabrCzBR4Slb_IIXq5w3RPz1PRkfNI52N_RNwCSIboiCNQY27TZ5E5CN33ai-OBf4xp6x1h). Acesso em Março de 2019.

REI DA PICANHA. **Facebook: reidapicanharestaurante**. Disponível em: <https://www.facebook.com/reidapicanharestaurante/>. Acesso em Março de 2019.

<sup>79</sup> O Buteco do Portuga foi recentemente vencedor do *Comida Di Buteco 2018*, sendo o primeiro bar a ganhar o prêmio fora da capital. PIERRE, Eduardo. Vencedor do Comida di Buteco no Rio é da Baixada Fluminense. **G1 Rio**. 30/05/2018. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vencedor-do-comida-di-buteco-no-rio-e-da-baixada.ghtml>. Acesso em Março de 2019.

<sup>80</sup> Há alguns meses o dono reformou o lugar, retirando as grades e fechando para que os frequentadores tivessem mais privacidade.

**Figuras 8:** Rua da Lama



**Fonte:** Acervo da Autora

Além destes bares que ficam no centro, é possível avistar nas ruas laterais, bares menores com nomes sugestivos como *Escritório do Dutra*<sup>81</sup>. Há bares com mesa de bilhar, videogame, som e gente animada. Ao lado dos bares também há carrocinhas que vendem lanches e duas casas de show, o *Sheik Bar Nigth Club*<sup>82</sup> e *Arubar*<sup>83</sup> e uma boate voltada para o público LGBTQIA+, a *Open Bar Site Club*<sup>84</sup>. As duas primeiras possuem uma programação que inclui pagode, funk e dancing. São espaços mais reservados, mas cuja música se mistura com as dos demais bares.

De fato, após a meia noite, no centro do local não é possível distinguir músicas, ouve-se uma infinidade de sons misturados: pagode, funk, MPB, forró, falação, motores e buzinas, mas, se para os moradores o barulho é um incômodo, para os que estão em busca de lazer em grupo, ele é parte da celebração. O envolvimento com o lugar pode ser sentido através de depoimentos de frequentadores dos diversos bares, o trecho que segue foi retirado de uma página da internet com mais de 35 mil visualizações, feita especialmente para *Sheik Bar*.

Eu, Júlio Ramalho, tive a oportunidade de conhecer o Sheik Bar, que está dando uma visão diferente da Baixada (Nova Iguaçu), localizado na Rua da Lama, o Sheik Bar é um diferencial no segmento “dancing”. DJ Peter coloca

<sup>81</sup> O bar fechou durante a pesquisa.

<sup>82</sup> O Sheik Bar fechou durante os anos da pesquisa e voltou a funcionar, apenas a parte de baixo, com bar e videogame no final de 2018.

<sup>83</sup> ARUBAR MUSIC LOUGE. **Facebook:** [arubarmusic](https://www.facebook.com/arubarmusic/). Disponível em: <https://www.facebook.com/arubarmusic/>. Acesso em Março de 2019.

<sup>84</sup> SITECLUB NOVA IGUAÇU. **Facebook:** [siteclub.novaiguacu](https://www.facebook.com/siteclub.novaiguacu/). Disponível em: <https://www.facebook.com/siteclub.novaiguacu/>. Acesso em Março de 2019.

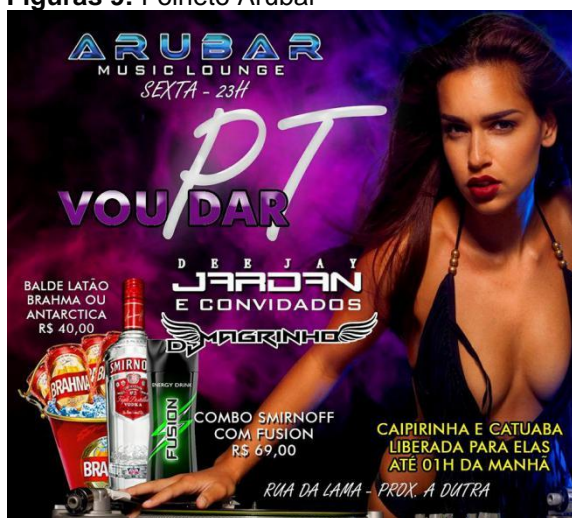


todo mundo para se mexer, com um som muito bom, um mix de funk até o pop, hot pop e outros, ao som do DJ ninguém consegue ficar, (inclusive que está escrevendo). Com uma frequência de pessoas bonitas, o Sheik bar, tem como objetivo principal dar segurança e atendimento “VIP” a seus clientes, onde a gente percebe que, as pessoas ficam bem à vontade, ou seja, um lugar muito bom para você se divertir esquecer os problemas, dançando, paquerado e acima de tudo sabendo que você está um ambiente seguro.

As portas das casas de noturnas concentram a galera mais jovem, com toda a sensualidade aliada à juventude expressa nas roupas que permitem a exibição de seus corpos. Sensualidade gravada nos folhetos de divulgação dos shows, que enfatizam a mistura bebida e mulheres seminuas. Nos demais bares o que se observa é a predominância de casais, mas também há grupos de amigos todas as idades, e dificilmente alguém fica sozinho.

De um modo geral, as pessoas vão ao local trajando roupas casuais, jeans e malha, algumas passam a impressão de que se arrumaram para sair de casa, com um *look* mais apurado, e outras aparentam estar no quintal casa. A sensação de estar no quintal ou no portão da casa (hábito comum na Baixada) comendo, bebendo e conversando com amigos é forte quando se está sentado num dos bares à beira da rua. Os baldes de cerveja e o churrasco dominam o lugar, mesmo nos lugares que anunciam a venda de massas, como o *Pão & Pizza*. Enquanto se come, passam pessoas vendendo flores, amendoim, carrinhos, e até mesmo carrancas de madeira... lembrando o interior do Japeri.

**Figuras 9:** Folheto Arubar



**Fonte:** Facebook: arubarmusic

À primeira vista, a Rua da Lama parece uma grande confusão, um lugar de mistura, talvez por isso alguns a considerem o lugar da ralé, do povão. Talvez seja o

lugar do “sujeito social da não-sentença” do qual Bhabha (1998) escreveu, aludindo ao devaneio semiológico de Barthes. Sujeito que rompe com a continuidade e com as polaridades, que opera com o imprevisível, com o indeterminado. Essa bagunça aparente é a vida social acontecendo, nos fluxos orientados pelas emoções e afetos, pelo momento. É uma confusão porque foge de uma ordem pré-determinada que divide as pessoas segundo a lógica de sua posição econômica-social. É na bagunça que percebemos que o que nos “liga” é a vontade de “estar com” quem se sente que deva estar no momento (MAFFESOLI, 1998).

Conforme já havíamos discutido, ao falar das festas de São João na Baixada, a Rua da Lama é lugar de negociação das identidades, ou, seguindo a linha maffesoliana, um lugar de “estar com”. É um lugar de festa, e, como bem lembra Miguez (2012, p.206), a festa como a língua e a religião são fundamentais para a compreensão da cultura de um país tão festivo quanto o Brasil, cujas festas religiosas são comemoradas mensalmente por religiosos e “pagãos”. É uma festa diária, na contramão do “bom senso” de reservar as forças durante a semana para a rotina de trabalho. Conforme ressalta o autor, é pela festa que os escravos renovavam suas forças, reinventavam identidades e resistiam. E é pela festa que se torna possível descobrir pessoas das quais muito se fala e pouco se conhece.

### 3.1.2. Mais uma vez na Rua da Lama<sup>85</sup>

Dentre os rituais que marcam a festa de Ano Novo estão as promessas de mudanças para o ano vindouro, ser feliz é uma destas metas que figuram no *top of mind* dos desejos. Como de praxe, em nosso país, se a passagem de ano aconteceu numa quinta-feira, a festa emenda final de semana nos quintais das casas, nas casas de festas e nas ruas. Na Rua da Lama não foi diferente, apesar do conhecimento de que os moradores da Baixada sempre viajam no Ano Novo para o litoral e da chuva forte que impediria o tomar da rua pelas mesas dos bares, decidi arriscar, mas logo descobri que os festeiros não chegam antes da meia-noite...

Da primeira vez, vi muitas famílias nas mesas consumindo e conversando. Desta vez foi diferente, talvez a chuva (ou as viagens) tenham espantados as famílias com crianças que frequentam o local antes da meia-noite, daí só restaram os

---

<sup>85</sup> A segunda visita oficial à Rua da Lama para compreensão do local aconteceu em Janeiro de 2016, logo após as festividades de Ano Novo.

*baladeiros*. Logo na chegada, uma profusão de sons. Distingui um sertanejo, pagode e funk, eram o que estavam mais alto. Fomos praticamente arrastados a entrar na *ARUBA'R*, cujo garçom que estava na rua desesperado atrás de pessoas para entrar na casa garantiu serem damas liberadas (não precisaríamos pagar) com direito a drinques de graça.

Ao passar pelo ritual da revista, subimos uma escada larga com dois seguranças no topo, e lá estava a pista, vazia, para nossa decepção. Não há diversão sem gente. O jeito era apelar para a bebida, um balde de cerveja, a bebida favorita dos considerados pobres. O DJ gritava como se o espaço estivesse lotado. Luzes, fumaça, mas nenhuma animação, somente alguns jovens em casais nas mesas dos cantos perto da sacada, conversando e olhando a movimentação da rua, aliás bem animada com pessoas dançando e namorando na calçada.

As mesas eram redondas com tampo de madeira, e estavam dispostas em torno da escada e a pista em frente a um palco onde ficava o DJ e seu equipamento. O chão estava molhado por causa da chuva, a casa tinha um tom verde, de modo que a minha primeira sensação foi a de estar em um lugar sujo. Mas logo que se começa a curtir o som, e as pessoas que estão em volta, àquela sensação esquisita, de vontade de assepsia, passa. A assepsia não permitiria o uso do corpo na dança e na pegação que pude notar naquela noite. As pessoas reboavam até o chão, se tocavam, se beijavam. Na casa de show, o único som que rolava era o funk, mas dava para ouvir de longe o pagode que tocava do outro lado da rua, no *Pão & Pizza*, o *point* do pagode.

Da sacada dava para ver o *point* do pagode lotado. Pessoas dançando, cantando. Enquanto isso já havia passado da meia noite e meia e os jovens começavam a subir as escadas da casa de show. Meninas com suas saias e vestidos curtos e meninos de jeans e malha. Iam tomando lugar junto às mesas e para minha surpresa timidamente dançavam no lugar. Ainda assim, o local do outro lado da rua parecia mais atrativo, faltava terminar o balde de cerveja e partir para lá. Percebe-se logo que, na Rua da Lama, migrar de um lugar para o outro é prática comum.

O *Pão & Pizza Matriz*, um lugar igualmente escuro e molhado, coberto por lonas, mas com mesas e cadeiras. Um palco no qual tocava um animado grupo de pagode, as vezes revezando com o funk no aparelho de som. Havia também um lugar reservado, a caminho do banheiro, para os que pedem pizza. Este, com o ambiente

claro, com toalha nas mesas, neste lugar havia apenas dois casais que sentados olhavam a animação na pista.

Na parte escura, onde fica o palco, não se notava muita conversa, o som estava alto e as pessoas se jogavam na dança, algumas de forma mais tímida, outras como se estivessem em um palco só delas. Notavam-se ali pessoas de idades variadas, diferentemente da casa de show na qual só entravam jovens. Jeans e malha prevaleciam na vestimenta, e as mesas estavam lotadas de bebida, muita cerveja nos baldes, mas não havia comida. Comida havia nas mesas do *Churrasquinho do Jorge* e do *Buteco do Portuga* nos quais não há música.

No cenário descrito, não estamos diante de atores coletivos que intervêm na urbe através do cinema, do teatro, da pintura, mas de bares comerciais, que dividem o espaço com os que vendem seus artesanatos, com os grupos e cantores que divulgam seu trabalho e com a performance dos corpos em suas danças. Conforme assinala Fernandes (2012) “as corporeidades dos sujeitos (indivíduos e espaços urbanos) em interação produzem sentidos que fragmentam os discursos hegemônicos e programáticos tradicionalmente reproduzidos sobre o território urbano”.

Se há a presença da lógica comercial, há também o encontro dos corpos naquele local que é capaz de transformá-lo numa nova territorialidade, ainda que temporária, pois se reinscreve a cada noite. São “territorialidades sônico-musicais” (HERSCHMANN e FERNANDES, 2012) que transformam um lugar “morto” durante o dia, perto de uma via expressa (a Via Dutra), em um lugar de “musicabilidade” (FERNANDES, 2011).

No geral, o que se vê, é tudo muito comum, banal, mas um comum banal partilhado, que tem sentido, que reúne, que confere identificidade, que constrói imaginário. As músicas com temas recorrentes de amor, sexo e traição e a sensualidade das danças indicam a proeminência do sentir, do afeto, da paixão. O aspecto dionisíaco da festa (MAFFESOLI, 2005a). Uma sociedade precisa desse prazer orgástico do lazer para manter-se viva, ele faz parte de sua estruturação, pois:

[...] uma cidade, um povo, um grupo mais ou menos restrito de indivíduos que não consegue expressar coletivamente sua imoderação, sua demência, seu imaginário, se desestrutura rapidamente [...] é necessário para que uma sociedade se reconheça enquanto tal, que ela possa pôr em jogo a desordem das paixões. (MAFFESOLI, 2005a, p.19)

Como pensador das relações na pós-modernidade, Maffesoli recoloca o trágico, as paixões, o afeto, o corpo no debate. Uma vez que o princípio de ordenação moderno não deu conta do dinamismo das relações.

De acordo com Maia (2012):

Uma cidade pode ser representada por suas construções, ou melhor, suas eternas reconstruções, suas várias ocupações materiais e por suas cenas cotidianas que pulsam, latejam e, assim, lhe dão vivacidade. Viver em uma cidade é uma forma de construir paisagens para sustentar a narrativa das vidas que passam por ela. A questão se concentra em como compartilhamos essa paisagem, em como inventamos o nosso espaço fragmentado de maneira cotidiana. A dimensão do sensível invade as representações que formamos da sua paisagem e de seu povo. É importante aqui sentir e compreender o caminhar do homem comum que ocupa e circula a cidade. Os espaços se tornam lugares de afetos e/ou desafetos. Quando estes espaços são apropriados pelos homens comuns tanto em sua materialidade quanto em sua imaterialidade surgem os territórios. O espaço é a própria cidade significada, ou seja, construída simbolicamente por seus atores sociais. (MAIA, 2012, p. 132)

O território da Baixada Fluminense é mais do que a imagem que lhe queiram atribuir. Se o que prevalece no imaginário coletivo é a Baixada da violência, observando de perto, vemos um lugar repleto de territorialidades que se interpõe e de pessoas reconstróem sua identidade a cada dia nas suas relações banais. Se hoje a Baixada, por concentrar boa parte da tão aclamada “nova classe média” tem atraído investimentos (ROCHA N, 2013), estes investimentos devem dialogar com um povo que tem orgulho de ser o que é, mas que também se reconstrói a cada dia.

Não apenas na resistência política de movimentos diversos, mas também nos churrascos que tomam as ruas e nas praças e bares sempre lotados. Um povo que vai para a Lapa, para a Barra, para a Zona Sul, mas tem prazer de ir festejar na Rua da Lama e demonstra o valor da socialidade, da ligação desinteressada que os fazem se sentir vivos.

E é essa a sensação que nos invade nestes festejos banais, nos quais apenas nos colocamos no mesmo espaço para, junto com o outro, celebrar a própria experiência de estar vivo: sentir-se vivo. O pesquisador também faz parte deste “estar com” porque só assim pode compreender com o corpo, com a razão sensível, as identificações compartilhadas no espaço. Se há um sentido para a vida, ele manifesta-se no ordinário, no comum, no banal, nos compartilhamentos sensíveis que geram as familiaridades fundamentais de um grupo. Alguns grupos duram apenas uma noite, mas uma noite é suficiente para modificar os sentidos, para construir novos significados para a tarefa cotidiana de viver.

Por isso, Maffesoli (1998) nos convida a olhar o comum, não o exótico, mas o ordinário. E assim inspira a buscar no comum as explicações que tanto nos inquietam, como o que nos faz querer estar com o “outro”. Esse “outro” que desperta desconfiança, mas também que nos define.

De minha parte, acredito que seja exatamente isso que convém pôr em questão. De um modo fenomenológico ou compreensivo, talvez se deva considerar o senso comum não como um momento a ultrapassar, não como um “pré-texto” que prefigura o texto verdadeiro que pode ser escrito sobre o social, mas como algo que tem sua validade em si, como uma maneira de ser e de pensar que basta a si própria e que não carece, quanto a isso, de nenhum mundo preconcebido, fosse qual fosse, que lhe desse sentido e respeitabilidade. (MAFFESOLI, 1998, p. 170)

Sobre esse mundo comum, o autor destaca que suas principais expressões a “intuição” e a “metáfora” que “tocam no coração das coisas”. Traçar novos mapas, mapas sensíveis, que olhem para lugares como a Rua da Lama como um lugar digno de ter suas histórias registradas, exige teorias que não engessem a realidade e considerem as transitoriedades de nosso tempo. Entender que o *comum* partilhado só pode ser compreendido com um olhar generoso e desprovido de pré-conceitos. Só assim para deixar de lado as críticas ao “outro” que não quer se enquadrar na lógica das identidades dadas, para entender o consumo da cerveja, do *funk*, do pagode, do churrasquinho; para entender o sentido do local, da dança, das andanças, do barulho.

Enfim, para entender a importância da festa e como fazer para entrar nela. Conforme li em um blog: “[...] não se samba porque a vida é mole. Se samba porque a vida é dura. O sentido das celebrações, ao menos para mim, é esse. Festa e fresta são quase a mesma coisa e não concebo uma sem a outra.”<sup>86</sup>

### 3.1.3. A terceira vez que vou à Lama<sup>87</sup>

Era a terceira vez que eu estava na Rua da Lama, pela primeira vez levando comigo alguém para conhecer o lugar. Antes de chegar, um pequeno trajeto a pé do Centro de Nova Iguaçu até o local onde “acontece tudo o que não presta” (conforme

---

<sup>86</sup> Frase de Luís Antônio Simas, citado por Karina Kuschnir. Disponível em: <https://karinakuschnir.wordpress.com/2015/12/31/passos-suaves-minusculas-promessas/>

<sup>87</sup> A terceira visita oficial para a compreensão do local ocorreu em Outubro de 2016.

nos alertaram mais tarde os próprios frequentadores do lugar). Neste trajeto, diferente do primeiro que fiz há um ano, “pontos de luz”, alguns pequenos bares que reuniam pessoas com música e bebida se mesclavam com ruas escuras e desertas. Nesta deriva, na qual literalmente nos perdemos, ouvimos pessoas prestar-nos a informação de que estávamos em um local perigoso, pouco aconselhável para se transitar a noite.

A sensação de medo, gerada pelo território vazio e escuro passava quando nos aproximávamos destes “pontos de luz”, habitados, vivos, contudo, logo adentrávamos de novo no escuro. Perto do local ouvimos três advertências, pois para chegar à Lama deveríamos passar por um estacionamento de caminhões e adentrar em uma das ruas laterais, e a primeira rua não era a melhor opção. Melhor seria andar mais e adentrar na segunda rua.

Novamente a sensação de medo, mas entrando na segunda rua finalmente as luzes e o som. Não lembro bem se era pagode, *funk*, forró ou uma mistura dos três como é costume no lugar, mas lembro-me bem da sensação de alívio por estar em um “território sonoro”, cujas cores, odores e sons que o qualificam, delimitam e o fazem reconhecível conferem a sensação de segurança requerida.

Antes de comunicar, de ser musical, de agradar ou de informar, o som produz *meios*. São esses *meios* produzidos por todo tipo de parafernália sônica maquínica que estão atravessando e constituindo *territórios sonoros*. De repente, dorme-se no ônibus, no metrô, porque a sonoridade do motor, a situação de seu corpo no banco lhe significam, criam um estado de afeto, uma assinatura que lhe proporciona algo, dormir. Não só isso, um pensamento, a transição de um afeto, um estado que se constitui. (OBICI, 2008, p.75)

Entramos por uma das ruas laterais do complexo de bares que ficam ao centro da Rua da Lama, no fim da rua uma praça vazia e ao longo vários bares, menores do que os que situam no meio do território. Esses barezinhos são aqueles nos quais, conforme nos informou um gentil garçom que procurava atrair pessoas para seu bar praticamente vazio, as pessoas adentram após saírem dos “grandes”. Esta é a rua na qual se situa o *Site Club*, uma boate LGBTQIA+. Assim que chegamos uma cena inusitada, ao menos para a minha visitante que afirma nunca ter presenciado tal situação. Uma travesti enorme é cumprimentada por um rapaz que passa de carro, pede uma carona e entra no veículo. Através da reação da minha desavisada acompanhante logo entendi que ela levaria a sério a frase repetida por vários frequentadores que “ali tudo acontece”.

Aliás, tais afirmações como tantas outras que ouvimos naquela noite parecem revelar bem o quanto o território que une também estabelece distâncias. Obici (2008), apoiado na definição de território de Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, discorre que o território sonoro opera tanto a função de propriedade quanto a de qualidade. Ou seja, estabelece espaços de distanciamento, criando “muros sônicos” ou criando modos de escuta e expressividade.

Não eram incomuns frases do tipo “aquele bar é o dos playboyzinhos”, “aquele espaço é o mais social”, “este lugar é para a família”, “ali só tem o que não presta”, “aquele lugar é o dos mais favelados”, “ali é onde ficam os mais jovens querendo namorar”, “os bares ali são do povo sem dinheiro”. De fato, em minhas primeiras incursões eu já havia observado que havia uma separação entre públicos pelo estilo do ambiente e da música tocada, ou a falta dela.

Em cada ambiente possível neste território, observa-se que o conjunto da configuração física, os sons, os tipos de consumo, pessoas e comportamento qualificam o lugar e o distinguem. A observação dos corpos, suas gestualidades, deslocamentos e disposição no espaço, sugerem serem fatores imprescindíveis à pesquisa, a fim de entender os significados que agenciam e atribuem ao território. Conforme indica La Rocca (2015), a relação entre corpo e espaço na cidade produz a ambiência que define e forma o imaginário sobre o lugar. As influências são bilaterais e recíprocas, tanto o local influencia e molda a maneira como o corpo se manifesta, quanto o corpo em sua estética e gestualidade caracteriza o local.

A moda vestuária é o resultado de um vasto simbolismo de pertença e de particularização dos espaços, uma forma de apego ao lugar de referência, como os gestos e a postura corporal são os componentes simbólicos criados pela atitude de estar em um determinado lugar e produzir uma tal ambiência. (LA ROCCA, 2015, p.177)

Nos lugares destacados qualitativamente como “da família”, “mais social”, “dos playboys” encontram-se os bares que não tocam música como o “Churrasquinho do Jorge” e o “Buteco do Portuga”, nos quais observamos famílias, casais e grupos de amigos sentados em torno da mesa, comendo, bebendo e conversando. O “Buteco” foi o bar apontado como o dos “playboyzinhos”. Neste bar conversamos com um grupo de jovens, que afirmaram não ser a Rua da Lama sua primeira opção de lazer, embora também não soubessem direito informar outras opções. Mencionaram outro complexo de bares em Nova Iguaçu, com “pessoas mais sociais”.



O “Fractal Music Beer”, que fica acima do nível da rua, assim como o “Buteco”, também é apontado como um “bom lugar para se ficar”. Um taxista do local informou que, quando frequenta a rua para lazer, sempre vai ao “Fractal” por poder ouvir uma “boa música” (MPB ao vivo, às vezes um forrózinho), em um ambiente “mais social” e menos “bagunçado”. Não entramos neste estabelecimento para conversar, por ser um lugar que não permite muita mobilidade. Estávamos andando de um lado para o outro conversando. Mas foi possível observar as pessoas sentadas, conversando, comendo e bebendo e perto dos artistas algumas pessoas dançando, mas com movimentos contidos.

Não há como não reparar que a palavra “mais social” se repete nas colocações, sempre contrapondo ao lugar “da perdição”, “da bagunça”, “onde tudo acontece”, “que não presta”, “dos favelados”. É a organização, a limpeza, a iluminação, a falta de música ou música considerada de “boa qualidade”, a contenção dos corpos, as roupas mais formais, que caracterizam os ambientes “mais sociais”. Enquanto os lugares mais escuros, sem organização das mesas, onde há mistura de corpos *seminus*, que se deixam levar pelo movimento ao som predominantemente de funk e pagode, são os lugares dos “não sociais”.

Conforme afirma Siqueira (2015, p. 25) “o corpo é mediador ente o sentir subjetivo e o grupo social” e a expressão deste sentir se adequa ao outro e ao lugar tanto quanto os transforma. O corpo protagoniza a ação, mais contido dando ênfase ao cognitivo, às conversas e a “apreciação” da música ou liberado dando ênfase ao sensível. Não que os aspectos cognitivos e sensíveis estejam separados, pois, como indica Fernandes (2015), o corpo não é mais visto como mero “depositário do espírito”.

Mas, no “plano de expressão” deste corpo, aparecem os sinais escolhidos para produzir os efeitos desejados em quem recebe a mensagem. Ouvir a música com o corpo ou com os ouvidos é uma escolha que comunica, que cria laços e distinções. Embora tenha outros fatores que contribuam para o entendimento, com relação ao corpo, “ser mais social”, conforme muitos disseram, é estar contido no espaço (resultado do processo civilizador).

Corpo é comunicação: comunicação portadora de uma ideia de estrutura tempo-espacial e de um volume, o qual ocupa e se desloca intercambiando sentidos com a cidade, por vezes reconfigurando-a, redesenhando-a, requalificando-a. (FERNANDES, 2015, p.193)

Esse é um dos motivos da produção de várias ambiências na mesma região. Som e corpo misturam-se a todo aparato físico e constroem o território. Talvez por isso a Rua da Lama seja reafirmada como um lugar democrático, para todos os bolsos e gostos. Mas, de um modo geral, ainda que observando e ouvindo sobre os distanciamentos, ela também é vista como o “quintal de casa”, no sentido de que, estando ali, seus frequentadores estão à vontade.

Assim que chegamos ao local, percebi que havia sido inaugurado um novo bar na rua lateral “Ki Sabor”<sup>88</sup>. Um bar pequeno, um palco, e mesas nas ruas. De início começamos a conversar com uma família muito simpática, moravam perto da Rua da Lama e disseram estar sempre ali com a família. A mulher, frequentadora antiga, me contou que eles haviam ido ao shopping em Nova Iguaçu de tarde e presenciaram seguranças barrando jovens que haviam marcado um “rolézinho”.

Daí engajamos numa conversa sobre discriminação a partir da roupa, do comportamento e da cor da pele. Ela comentava que se sentia bem por estar ali, naquele bar em que só tinha amigos, sentia-se acolhida, diferente de estar em um lugar no qual é preciso “fazer pose” para não atrair olhares negativos e reprovadores.

Ali, naquele lugar, ela era identificada como uma igual, poderia beber, fumar, dançar, falar alto, falar do seu dia a dia. Ainda que entendamos que nunca cessamos de representar, naquela representação, seus gestos eram mais livres, não tinha que “fazer pose”, não tinha que se esforçar tanto para conter as emoções. Podemos conjecturar que, por ser moradora da região, já conhecia e havia naturalizado os códigos corporais que ali apareciam. Conforme expõe La Rocca (2015), as expressões cotidianas são materialização do ritmo estabelecido pela “apropriação coletiva” dos lugares através dos diversos estilos de vida. A rua é o palco onde encenamos a vida.

Neste momento retomamos a discussão sobre a Baixada. Este lugar geográfico por vezes esquecido e abandonado, este lugar imaginário relegado à violência, à carência e ao caos, é também palco onde se encena a vida em sua complexidade e interconexões. Onde o imaginário do medo existe, mas também o da solidariedade e do calor humano. Onde de fato a violência existe, mas também existe a festa e a busca do prazer num lugar “onde tudo acontece”, onde há “tudo o que não presta”. E este “tudo o que não presta” também tem horário: meia-noite.

---

<sup>88</sup> Na última visita à Rua da Lama o bar havia fechado as portas.

Meia-noite quando as famílias vão embora e observa-se a movimentação dos bêbados e dos jovens emaranhando seus corpos uns nos outros nos cantos escuros das ruas. É a hora da lotação nos pequenos bares. Hora também das brigas e confusões. Dos possíveis tiros (o taxista havia mostrado a marca deixada por um na fachada do bar). Mas que, nem por isso, espanta as centenas de pessoas que ali circulam a semana inteira. Mil territórios possíveis porque a geografia é só um suporte.

Habitar o espaço não significa aqui considerar o aparato urbanístico como uma máquina complexa de moradia, mas levar a sério os caminhos dos lugares vividos, as formas de vida e a centralidade do corpo como uma forma de existência e, portanto, de habitar o social [...] A cidade, nesse sentido, deve ser pensada como uma variedade de lugares onde o ato existencial de práticas coletivas dá força e vigor ao imaginário urbano. (LA ROCCA, 2015, p. 180)

No mesmo bar em que encontrei a família com a qual mais delongamos a conversa, por causa da generosidade com a qual nos acolheu, e cuja mulher apresentou a face de acolhimento pela proximidade com o outro, que ali se encontrava, ocorreu uma situação que, novamente, revelava o jogo entre proximidade e distanciamento presentes. A família em questão era amiga dos artistas que iriam apresentar-se naquela noite e nos apresentaram ao grupo. Logo “de cara”, cometi uma gafe ao perguntar se eles eram um grupo de pagode, o rapaz responsável pelo grupo de pronto respondeu “não tocamos pagode, tocamos samba”. Naquele momento senti que iríamos adentrar num discurso sobre diferença.

O samba, e ele fez que questão de enfatizar, era um diferencial do grupo, tendo em vista que inúmeros artistas que montaram grupos em Nova Iguaçu optaram pelo pagode. Mas, conforme salientou o rapaz, nem todos sabem apreciar o som de qualidade. Ele estudava música e buscava se aperfeiçoar. Antes tocavam em outros bares do local, mas nestes tinham que se enveredar pelo pagode, pois é o que as pessoas queriam ouvir. Naquele ritmo e letras incessantemente reproduzidas nos meios de comunicação é que se reconheciam.

Janotti Junior (2015) ao discorrer sobre a questão da cultura *pop* declara que a classificação tanto serve para desqualificar como para afirmar sensibilidades cosmopolitas. Tanto o pagode como o forró agregaram sensibilidades e valores globais, mas que são reterritorializados em seus usos. Apesar de serem produtos de alta circulação, seus usos distintivos geram múltiplas possibilidades econômicas.

Daí entender que o que se passa nestes espaços, justamente os considerados dos menos “sociais”, também tem valor. A apreciação das sensibilidades globais ali acionadas, as identificações com o conteúdo das canções, em detrimento da apreciação técnica de um “bom samba”, operam distinções que são socialmente construídas, mas muitas vezes vistas como naturalizadas.

Quando a cultura pop aciona a degustação das expressões culturais contemporâneas como performances, modos de agenciamento entre atores humanos e artefatos midiáticos que transformam a própria ideia de cultura, observa-se que: “Os objetos são entidades a serem provadas, que se revelam no e pelo trabalho do gosto, indissociáveis da atividade coletiva e história que faz deles objetos com os quais nos ligamos”. (HENNION, 2011, p. 265) Objetos aqui são ao mesmo tempo objetos do desejo a que são direcionadas energias e agenciamentos dos sujeitos individuais e coletivos, bem como objetos midiáticos que materializam gostos e afetos nas formas como nos relacionamos, e somos relacionados, por eles. (JANOTTI JÚNIOR, 2015, p.51)<sup>89</sup>

Na roda de samba, no pagode, no funk, no MPB ou simplesmente sentados na mesa dos bares que não tocam música, vemos os afetos e gostos materializados na atmosfera do local, na sua ambiência. Territórios sonoros, zonas de conforto construídas, não só com os sons, mas com os corpos.

Num panorama, um caos, mas um caos que revela a vivacidade do território, lembrando o que Didi-Huberman (2011, p.19) destaca, ao revelar na carta de Pasolini, a comparação entre a vivacidade dos jovens aos vagalumes que se amam sem se importar com o mundo em sua volta, “continuam vivendo, preenchendo a noite com seus gritos”.

### 3.2 Afundando o pé na Lama<sup>90</sup>

---

<sup>89</sup> Aqui também caberia a discussão traçada por Bourdieu em *A Distinção: crítica social do julgamento*.

<sup>90</sup> Os relatos deste subcapítulo são frutos das visitas, ao todo oito, realizadas durante os meses de Agosto de 2018 à Janeiro de 2019, após um período de gravidez e pós-parto da autora. Durante as visitas, foram realizadas entrevistas informais (alguns moradores, frequentadores, artistas e responsáveis de estabelecimento não quiseram ter a entrevista gravada e nem assinar o termo) e entrevistas formais com três moradores antigos da região e com informantes dos estabelecimentos *Fractal Music Beer*, *Pão e Pizza Matriz* e *Churrasquinho do Jorge*, seguindo o método “bola de neve”. Foram realizadas três visitas diurnas, para conversar com moradores e “sentir” o lugar durante o dia. Duas incursões noturnas não possuem relato especial porque foram realizadas para complementar informações. Os relatos são fundamentados não apenas nas entrevistas e conversas, mas na deambulação da autora no local, todos os bares foram frequentados pela autora ao menos uma vez. Nas duas últimas visitas fiquei até o amanhecer para acompanhar melhor o fluxo de pessoas na madrugada.

Cada povo possui sua própria hipocrisia, que chama a sua "virtude". O que existe de melhor neles não se conhece e nem jamais se poderá conhecer.

*Nietzsche*

Entender o que Maffesoli diz quando anuncia que a “profundidade está nas superfícies das coisas” (2008, p.5) não é tarefa fácil! Acostumados a buscar uma essência ou uma verdade atrás de cada atitude ou palavra que absorvemos nos ambientes. É comum ao pesquisador investigar tudo o que foge à banalidade, porque as raízes profundas das dinâmicas sociais estariam em algum lugar que não nos é apresentado de início.

Quando olhei a Rua da Lama a primeira vez, entendi que ali havia uma “mistura”, própria das culturas latino-americanas, como o *sancocho*<sup>91</sup> citado por Rincón (2016), ou a nossa feijoada, tem tudo ali e aquilo é bom e não tem receita certa, de modo que a mistura nem sempre é a mesma. A cada noite mergulhada naquele multiterritório, via a vida acontecendo sem uma receita certa, do meio da Lama eu olhava ao redor e escolhia o ponto de luz que meu olhar atraía, para de lá vislumbrar todos os outros.

Embora houvesse firmado o compromisso de seguir a pesquisa sem dissecar a vida social, como se faz com um cadáver, separando as partes para entender seu funcionamento individual e depois compor o corpo, o vício do modo de pesquisa analítico levou-me, influenciada pelos primeiros discursos, a separar os grupos e as identidades que partilhavam o espaço. Nas primeiras conversas com os frequentadores dos bares, entendi, nos discursos, que haveria locais mais sociáveis, *Fractal*, *Churrasquinho do Jorge*, *Buteco do Portuga* e *Rei da Picanha*, ocupados por um grupo que acredita gozar de um *status* social que exige comportamento polido e “moral”. Existiriam os locais da “bagunça”, ocupados pelos que querem dançar, cantar alto e beber a noite toda, como o *Pão e Pizza Matriz* e o *Arubar*, o e os locais da “perdição”, ocupados pela ralé, sem dinheiro e sem educação, os que querem bebida, sexo e drogas para anestesiar sua condição social - essa seria a Lama.

Eu frequentava de segunda a segunda quando eu era solteira os barzinhos das laterais, aí agora eu frequento assim os barzinhos que tem mais o pessoal, como é que eu vou dizer...porque tem diferença, tem um pessoal que gosta

---

<sup>91</sup> Segundo Rincón (2016) seria uma sopa da culinária colombiana, que mistura a carnes, legumes e especiarias.

de sentar num barzinho pra bater um papo, comer um tira gosto, tomar uma cervejinha e tem um outro pessoal que gosta mais da bagunça, que vem aqui comer e ir pra Rua da Lama, quer ficar no videokê zoando, brincando, uns arrumam confusão, outros não.

*Moradora 1*

A Lama é o inferno! O povo faz o que quer na muvuca, ali é mais civilizado. Imagina você chega com a sua família e tem dois homens se beijando! É Sodoma e Gomorra!

*Moradora 2*

Eu não sou daqui não, mas já frequentei muito. Aqui é o seguinte: se for pra levar família tem que ficar no Portuga ou no Jorge que é mais sociável, o rapaz que quer impressionar a namorada junta um dinheiro e vai no Fractal, final do mês que você tá mais duro vai ali no Rei da Picanha. O Matriz é pro povo da bagunça mesmo, quer beber e dançar e ali na Sobral é o povão mesmo, ali tem de tudo.

*Frequentador*

Entendi então, a partir dos discursos, que, em sua coerência, organizam o pensamento e orientam as práticas sociais, que haveria diferenças marcantes na ocupação do território e que a “mistura era aparente”, vista numa visão macro e pouco aprofundada do local. Haveria razões para as diferenças na ocupação daquele espaço que não estavam aparecendo no olhar da superfície? Segui obstinada a entender o que estaria “por trás” destas diferenças. Qual seria a lógica organizativa do espaço?

Precisava entender se era econômica, etária, educacional, configuração familiar, ou simplesmente uma questão de “gosto”, de “estilo” como supõe as teorias que dão conta do comportamento do consumo moderno. E lá estava eu, caindo nos determinismos que havia rechaçado no início da pesquisa. E não foi sem surpresa, que olhar de novo para a superfície das coisas, me fez voltar ao caminho da cartografia sensível que entende que o popular só pode ser entendido com corpo, alma e sentimento. Como pensou Varela (2001) é o corpo em movimento, incorporado ao espaço, construindo enquanto caminha que é capaz de conhecer. É isso que aparece nos relatos seguintes, relatos de memórias, que, misturados à discursos, trazem um lampejo das experiências que organizou nas narrativas.

### 3.2.1 O “pica” do bairro e a boate gay

Era a quarta vez que eu ia para a Rua Lama. Desta vez determinada a entrar em todos os lugares e a procurar os donos dos bares para pedir entrevistas. Estava na hora de aprofundar o conhecimento sobre aquele espaço tão diverso e entender sua “lógica” organizativa, as estratégias dos comerciantes para atrair e manter o

público, sondar sobre a história do local e sobre as identificações e imaginários que fazem dele um lugar, singular, único, na Baixada Fluminense. Levei um novo companheiro de pesquisa, acostumado com os Carnavais, festas e corpos.

Ele poderia ter a sensibilidade de ver o que eu não tinha visto até então. Havíamos ido de ônibus de Campo Grande até o centro de Nova Iguaçu, numa viagem demorada de duas horas, mas que não havia retirado dele o interesse que conhecer a famosa Lama da Baixada. No caminho passamos pelos polos gastronômicos “do outro lado”, com muitos bares estilosos, iluminados e pessoas comendo e bebendo às mesas. Pedi que ele prestasse atenção naqueles bares bonitos e pessoas bem vestidas, para comparar com a nossa humilde Lama.

O céu em Nova Iguaçu estava limpo. Chegamos no ponto da estação por volta das 23h, e atravessamos do lado “rico” para o lado “pobre” a fim de pedir um carro no aplicativo para nos levar até a Rua da Lama. Me sentia um pouco mais segura de atravessar a estação escura ao lado de um homem, uma vez que mulheres são mais vulneráveis sozinhas a noite. Beirando a estação, andamos até próximo à praça da liberdade, seguindo os pontos de ônibus para ficar em um lugar mais movimentado e assim poder mexer no celular.

Algumas poucas pessoas ainda esperavam o ônibus para chegar em casa, com o aspecto de cansadas. Pedimos o carro a primeira vez e foi difícil encontrar motorista, numa segunda tentativa, a foto e o nome de uma mulher apareceu no aplicativo, seu carro estava em Mesquita do outro lado. Íamos acompanhando a movimentação, quando de repente o carro para e a motorista liga: - está tudo parado aqui, parece que houve um assalto, vou voltar. Na terceira vez conseguimos.

No caminho do centro de Nova Iguaçu para a Rua da Lama, o motorista, ao ser indagado se conhecia a Rua da Lama, foi-nos contando sobre o quanto o povo de nova Iguaçu é festeiro, que não há tempo ruim, nem crise. Mas, agora havia novos polos de diversão, como uma feira nordestina perto do shopping recém-inaugurado do outro lado, que haveria diminuído o movimento por ali. Com a violência crescendo, as pessoas preferem ficar perto de casa em vez de sair e se arriscar.

Também a Lama estaria decaindo, pois não haveria investimento em novos atrativos, que era um lugar muito “pé de chinelo” em frente às novas opções para quem quer curtir a noite como a *Lalu*, próxima a Via Light, que tinha um visual mais

requintado e uma programação mais *top*. A *Lalu Lounge*<sup>92</sup> se define como “Luxuosa como a noite, verdadeira como a lua”. O vídeo ao fundo da página inicial do site é emblemático: mulheres loiras, homens brancos com suas barbas bem-feitas, jogo de luzes, drinks e DJ’s, num ambiente estilizado.

Chegando à Lama, resolvemos andar um pouco para que eu pudesse mostrar o lugar ao novo visitante. Levei-o à rua lateral, a Luís Sobral, onde tem os bares menores e o *Site Club*. Estava procurando o bar pequeno onde eu havia entrevistado o grupo de samba anteriormente e percebemos que foi fechado. Estávamos com fome e paramos na pracinha que tem no final para comer alguma coisa, lá tem barraquinha de hambúrguer que é mais barato.

A praça estava iluminada, tinha muitas famílias com crianças brincando, estranhei a situação, nunca havia explorado aquela pracinha. Tinha uma vida acontecendo ali que não era a das festas. Ainda que eu tentasse desconstruir a imagem da baixada violenta, meus próprios medos e preconceitos me levaram a estranhar aquelas crianças brincando tão tarde na rua.

**Figura 10:** Pracinha



**Fonte:** Acervo da Autora

Na barraquinha, tivemos a oportunidade de conversar com a atendente que trabalhava ali praticamente todos os dias. Ela nos revelou que também já frequentou muito os bares da Lama, mas agora estava preocupada em trabalhar e estudar. Disse que era comum as pessoas irem ali para comer ou no início ou no fim da noite, depois de beberem bastante e que a praça ficava sempre movimentada. Sobre a violência no

---

<sup>92</sup> Verificar em: LALU LOUNGE. Disponível em: <http://www.lalulounge.com.br/#intro>. Acesso em Março de 2019.



local, afirmou que havia tempos não presenciava situações perigosas no lugar, apenas confusão de gente bêbada.

Ela foi a ponte para conhecer um senhor muito interessante, que se auto intitula o “pica” do bairro”, uma referência ao falo, símbolo do poder masculino e da violência moderna que preenche o vazio deixado pelo tempo abstrato, que hierarquiza (LEFEBVRE, 2006). É comum ouvirmos por aqui, que algo muito bom, muito excepcional é “pica”. Que pessoas notórias, que possuem qualidades apreciadas e que tudo resolvem são “pica”. Para Maffesoli (2014), o falo é a força se impõe, é o pai que racionalmente corta o cordão umbilical com a mãe, imagem do afeto.

Vou trazer um molequinho de dois anos aqui para perguntar quem sou eu, ele vai falar Ademar, aí vai perguntar o que Ademar é ...pica, o melhor

[...]

Chama seu irmão, ô chama seu irmão, eu não existo! Eu sou um duro cara, fudido, mas eu digo pra você e você, jamais na minha vida eu vou te prejudicar, se eu puder te adiantar eu adianto, nunca vou te prejudicar, nunca! Não dei pra porra nenhuma!

Natal, faz fila aí filha da puta, aí fica aqui os putinhos, daí a mulher vem e... caralho, choro pra caramba nem aguento!

### **O Senhor dá presente para as crianças?**

O que!? Vem cá ô! (chamando um rapaz). Ó ô tamanho deste jerico aqui, o que que eu faço com as crianças aí cara?

- Você traz alegria pra elas, pro meu sobrinho também.

Seu sobrinho tem quantos anos?

- Um ano, um ano não... deve ter uns dois...vai fazer três anos

O que ele fala pra vocês escutar, bem alto! Fala, caralho, fala é de casa pô, Ademar, pica, é o melhor

- Ademar, é o melhor, é pica do bairro

E de que eu chamo sua mãe?

- De Macaca, minha mãe é negona grandona, aí ele manda chama “vovó é macaca”, eles são amigão, são vizinhos.

O senhor Ademar<sup>93</sup> mora ali há 52 anos, conhece todos os donos dos bares e as histórias do lugar. De forma muito simpática nos acolheu, embora demonstrasse ser assustadoramente racista ao chamar uma senhora preta de “macaca”. Ele

---

<sup>93</sup> Nome fictício, a fim de preservar o entrevistado.

começou logo a enumerar emocionado seus feitos para ajudar aquele lugar que afirmava amar. Para Ademar, aquela pracinha iluminada onde crianças brincavam sem medo, tinha iluminação porque ele havia colocado, assim como os portões, a pintura e até algumas árvores havia sido a esposa que plantou anos atrás.

Militar aposentado - ele nos mostrou a carteira - exigia “respeito” e “ordem” no local, aconselhava jovens e colocava ordem na utilização da praça. Não me restou dúvidas de que eu estava diante de um “líder marginal”, com toda a violência aceita socialmente que essa liderança possui (MONTEIRO, 2005). Marginal no sentido de não-oficial, não é uma autoridade constituída, mas goza de prestígio social pelo que faz para a comunidade, já que “não adianta pedir nada pra político”. Na conversa, Ademar até confessou que pensa em vir como político mais à frente, caminho natural de muitos líderes marginais na Baixada.

Aqui 99% dos moradores é proprietário, aí vem você morar aqui agora e fazer uma zona. Isso aqui era uma lixeira meu amigo, aquele pé de pitanga ali bonitão minha mulher que plantou um galinho assim, as árvores meu falecido sogro plantou tudo, eu vou deixar você chegar aqui agora e acabar com tudo? Não existe isso! Tem uma coisa, quer fazer seu aniversário, fala, Ademar, ala, olha lá, onde tem aquele pedaço amarelo com a bandeira, é um portão de correr minha filha, eu abro lá você entra com o caminhão e põe as porra todinha lá dentro (se referindo a quadra da praça), mas se botar música de putaria eu rebento essa porra toda, (risos)...Meu amor pra cá meu amor pra lá tudo bem, agora quero fudê, pau na buceta não deixo porque 99% dos moradores é proprietário cara, se tú liberar uma vez como é que fica isso, uma zona! Não é isso! Aí, ali mora um médico famoso [...]

Para Seu Ademar, que é morador antigo do bairro, a segurança ali aumentou muito, o lugar “já foi muito pior”, “era muito pó” ali na Luís Sobral nas décadas de 80 e 90, uma “bandidagem ferrada” no local. Foi quando aconteceu a “primeira limpa” na região com a morte de mais de dez “bandidos” por grupo de extermínio organizado pelos próprios moradores<sup>94</sup>. A ordem então voltou a reinar, à maneira não-oficial de resolver os problemas tão característica da Baixada. Essa “limpa” acontece quando os “líderes marginais” a julgam como necessária e serve para mostrar que o lugar não é “terra de ninguém”.

A regra serve sobretudo aos jovens que “devem respeitar o lugar que mora”, e não devem se drogar à vista de todos, muito menos “mexer com os moradores”. A

---

<sup>94</sup> Situação comum em terras baixadenses, vide “ALVES, José Cláudio Souza. **Dos Barões ao Extermínio. Uma história da violência na Baixada Fluminense**. Duque de Caxias, APPH-CLIO, 2003.”

liderança e as ações na comunidade servem para dar legitimidade a sua autoridade e aos conselhos, inclusive impedindo que pessoas de fora assaltem por ser uma pessoa conhecida, como ele diz “mais vale a porra do conhecimento que a porra do dinheiro”.

Há uma nota no trabalho de Monteiro (2005) sobre a questão dos grupos que promovem a “limpeza nos bairros”, que demonstra o quanto este mecanismo é visto com bons olhos pelos habitantes da Baixada, bem diferente da “comoção” gerada pela morte de traficantes nas favelas cariocas. As mortes de delinquentes e marginais da região é vista com um “certo alívio” e como necessária diante do descaso com a questão da segurança pelo poder público, desafiando inclusive as crenças religiosas destes moradores.

Mais um ponto para se pensar as contrariedades das práticas cotidianas que não obedecem às classificações puras. A Baixada tão religiosa<sup>95</sup>, reduto dos movimentos de esquerda, das resistências das minorias, também é a Baixada da ordem imposta pela violência. Tornando urgente um debate sério sobre a violência na região e a necessidade de políticas públicas e ações que desconstruam estas práticas. Abaixo, um trecho de uma entrevista concedida a Monteiro (2005, p. 527)

Esses caras matam quem precisa morrer mesmo. Obedecer a essas frescuras

De defesa dos direitos humanos é piada para gente como a gente que aqui não tem direito a nada. Dizer que quem entra na casa de quem trabalha, estupra a mulher e as filhas dos outros e mata trabalhador tem direito chega a ser maldade.

Seu Ademar continuou nos contando que nunca foi de frequentar a Rua da Lama porque nunca gostou de bagunça. Enfatizou que serviu ao Exército na época da ditadura e não se sente bem em certos lugares. Ele conhece os donos dos bares, alguns são militares também. Os donos dos bares grandes não moram ali e por isso fica mais fácil encontrar os gerentes. Quando disse que queria entrevistar alguns, ele foi me apontando em quais lugares eu não deveria entrar porque são lugares da perdição, “rola muito pó, putaria”, referia-se a estabelecimentos na Luís Sobral, a Rua da Lama seria somente ali, “tem um ali que é foda, é o pior”. Perguntei sobre o *Site Club* e as travestis que transitavam “montadas” pelas ruas, “O dono é o

---

<sup>95</sup> Só a Diocese de Nova Iguaçu, que cuida dos municípios de Nova Iguaçu, Queimados, Paracambi, Japeri, Nilópolis, Mesquita e Belford Roxo possui 54 paróquias e mais de 340 comunidades católicas. Lembrando que a Diocese é reconhecida por sua militância e tem participação ativa através das comunidades de base (CEB's) na resolução de problemas na Baixada.

Julius, gente fina, militar também, e olha com ele não tem bagunça, não tem mesmo, pode ir lá, fala do Ademar pra ele...meu amigo pô!” E foi assim que entramos pela primeira vez na boate gay.

Certos de que seríamos bem recebidos, fomos ao encontro do Julius, que está sempre presente à frente da boate que fundou no ano de 2000, para acolher os meninos *gays* que queriam ter um espaço para ser quem eram. O dono da boate é um senhor simpático, Seu Ademar havia enfatizado que Julius era militar e hétero, por isso impunha respeito. Julius, nos confirmou apenas ser hétero, e nos convidou a conhecer o espaço, ele tem consciência de sua importância e afirmou ter construído o local pensando no bem que faria aos que não possuem lugar, nem voz.

O dono da *Síte*, fala com orgulho, que cuida de seus clientes como pai, e como pai também exige ordem e respeito dentro e fora da boate. Como pai, dá conselhos sobre o quanto é importante ter o próprio estilo e lutar para ter um lugar no mundo. Na boate acontecem *shows* com *drags queens* de renome, sempre enfatizados nas páginas do *Facebook*, há espaços para quem curte funk, eletrônico ou pagode e os quatinhos, onde os meninos têm oportunidade de “se montar” e expressarem sua alma feminina.

Julius nos deu cartão da boate com o nome de dois documentários que foram feitos sobre o local para que pudéssemos conhecer melhor sua história. Encontramos na internet um dos documentários de nome “Borboletes da Vida”<sup>96</sup>, produzido pela Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) em 2004, e um programa realizado em 2011 pela DiverCidade Maravilhosa - DCM TV<sup>97</sup> em comemoração do aniversário do Julius. Em ambos os vídeos as *drags* e travestis fazem referência à boate como espaço de liberdade e oportunidade e ao Julius como pai. Como declara a *drag* Andréa Becker para o programa da DCM: “Eu tive caso com Dom Pedro I, não é Julius? Andei de carro de boi, sou pré-histórica. Julius, eu considero você, eu te amo, você é nosso pai.” No mesmo programa, Julius conta de forma detalhada a história do bar:

---

<sup>96</sup> ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS. Borboletes da Vida - Documentário produzido pela ABIA (2004). **Youtube: nuances - Grupo pela Livre Expressão Sexual**. Publicado em 10 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A0aWrCcrpXk>.> Acesso em Março de 2019.

<sup>97</sup>DCM TV. DCM TV - Programa 003. **Youtube: DiverCidade Maravilhosa**. Publicado em 09 de agosto de 2011. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WiV\\_PG3K\\_Kg](https://www.youtube.com/watch?v=WiV_PG3K_Kg). Acesso em março de 2019.

Faz muito tempo atrás eu tinha uma estofaria na Coronel Francisco Soares, ao lado funcionava uma boate, então eu tinha ficado viúvo há pouco tempo, então eu tinha três filhos e a situação da estofaria estava fraca, resolvi botar uma carroça de cachorro-quente e de hambúrguer, a mesma que está lá fora, já vai fazer dezenove anos atrás, isso foi em 1992 mais ou menos. Aí o pessoal começou a frequentar a carrocinha comendo hambúrguer e falou, ah bota uma mesa aqui que a gente vem pra cá e começa a...a participar, aí botei uma mesa, aí a finada (Ria Nely), Jorge Barbosa que é hoje dono da *Del Mundo* falou, ah vamos botar mais umas mesas aqui e vamos fazer um campeonato de dama e um campeonato de dominó, aí a gente fazia todo domingo um campeonato de dama e de dominó. Aí falou vamos recolher a metade dos sofás e da metade pra frente eu fiz um bar e a carroça de cachorro-quente onde o pessoal começou a frequentar normalmente, como a gente foi melhorando mais um pouco, eu tirei tudo de baixo aí fiz umas pilastras aqui em cima, aí subi um telhado onde eu passar a trabalhar com as estofaria em cima, um baile em baixo e a carroça de hambúrguer na frente. Isso há, em 1993, era meu aniversário, resolveram comemorar meu aniversário no dia 26 de julho de 1993, então encheu o bar de uma maneira enorme, tanto que a boate do lado, ela veio, não tem ninguém, ela ficava totalmente vazia e todo mundo no meu bar. Isso (Elizete Mesquita), com muita raiva, ela achou-se magoada e fechou a boate, disse que não ia mais funcionar a boate que ia fazer uma Churrascaria, que não trabalharia mais no mundo GLS, não trabalharia mais com os gays. Aí os gays se reuniram e agora pra onde é que a gente vai? Eu disse, gente, semana que vem vai existir uma boate aqui. Tirei todos os sofás, que eu trabalhava com estofaria, em cima eu construí as paredes e passou a ser uma boate em cima e um bar embaixo. Beto Vogue, que hoje é meu amigo não tem como, é uma vovó, mas é meu amigo incondicional, tá sempre aqui todos os anos, todo ano ele diz que não vem mais, mas todo ano ele faz iluminação e todo ano vem. Aí ele foi trabalhar comigo, tocávamos no 3 em 1, onde a gente gritava lá de baixo agora o show fulano de tal, era de fita, depois comprei um *tape deck reverso*, do aniversário do Beto em 95 comprei o meu primeiro *CDJ* e passei a funcionar como *Julius Bar*, foram sete anos na Coronel Francisco Soares. Em 1990, não, em 2000 me transferi pra cá, no dia 14 de outubro de 2000, inaugurei a *SiteClube* porque lá tava pequeno, havia muitas mesas pro lado de fora. Isso tinha uma frequência, *Jornal do Brasil* teve lá, *O Globo*, uma frequência de mais de mil e duzentas pessoas ficavam na rua, não cabia, então o que que eu tive que fazer? Transferir pra um espaço maior, aonde foi difícil aceitação neste local porque era um local residencial onde as pessoas não aceitavam, então o pessoal, fizeram abaixo assinado pra eu sair, mas eu mostrei com a minha capacidade, com a minha irreverência que eu poderia fazer uma boate num lugar residencial e que eles seriam respeitados pelo povo GLS, que o povo GLS era umas pessoas inteligente, educada e sabia se comportar. Como há pessoas do mundo hétero que não tem comportamento, como no mundo GLS também tem alguns, então eles, eu consegui me impor, mostrei a eles, na época (Dom Gláucio) me chamou lá no vigésimo pra querer fechar a boate, eu dizia olha só eu vou mostrar ao senhor que não é isso que pensam. Então fiz um trabalho irreverente ao poder público, à polícia, mostrando que eu ia conseguir fazer que todos respeitassem, então me impus na Rua da Lama, fui o primeiro a vir pra cá, onde era um lugar somente de hétero e mostrei pra ele. Hoje eles me agradecem e dizem que se eu fechar a boate a Rua da lama não funciona. No dia da Parada, havia mais de quatro, cinco mil pessoas GLS aqui no meio da rua e todos os bares acabaram com tudo somente com o grupo GLS. Hoje eles recebem, gostam, aceitam e eram os primeiros a criticar e hoje eles dizem que é o melhor. Todos os meus vizinhos vêm na minha casa, que são hétero, tão aqui, mas foi uma luta muito difícil, onde já tentaram me derrubar umas quatro, cinco vezes, eu não tinha nada a ver com o mundo GLS, foi um crescimento que eu fui crescendo degraumentemente pra atingir hoje o que eu

atinjo e é por isso que eu demonstro e trato todo mundo com o mesmo carinho porque eu sei que é difícil e eu fui subindo degrau por degrau. Eu não quero ser maior do que ninguém, eu quero tentar ser eu mesmo e dar o melhor sempre de mim. Eu fiquei cinco dias do meu aniversário deitando aqui, separando de tudo, dedicando inteiramente a Site Clube, dormindo aqui, ficando aqui para que eu fizesse do meu aniversário um evento maravilhoso para todos. Eu hoje eu vivo, tudo o que eu tenho agradeço ao mundo GLS, eu dou é porque também eu ganho, eu não posso dizer que não ganho, eu ganho bem. Graças a Deus, eu tenho uma boa retribuição pela maneira que eu sempre tratei todo mundo, então tudo que eu tenho veio do mundo GLS. Então se eu encontrar qualquer um eu posso tá com a mulher mais gostosa do mundo, vou cumprimentar um gay, um travesti numa pista, vou cumprimentar um gay num banco, vou cumprimentar no meio da rua. Nunca vou ter vergonha de falar ou de abraçar qualquer gay no meio da rua de dia ou de noite. Então eu tenho uma concepção, na minha vida que eu não importo o que os outros pensam, importa o que eu sou e o que eu vou ser sempre. Então eu vou respeitar todos e vou ser respeitado por todos da mesma maneira, quando você dá respeito, você recebe respeito, quando você dá carinho, você recebe carinho. Todo mundo que vem pra cá, ah eu vou fazer um, os que vem, voltam. Ah, se falam mal ou bem tão sempre falando da SiteClub, e a SiteClub já fez história, ela é uma história no mundo GLS, ela construiu cada degrau, viu cada um nascer, cada um que foi, viu as primeiras pessoas. Todos os que hoje fazem show no mundo GLS passaram na SiteClub, de Rose BomBom à Suzy Brasil<sup>98</sup>, a Tamy, a Desirée, são todos meus amigos pessoais, então é por isso. É todos, é Brendon, todos, se eu for citar é um mundo, então é todos. É uma geração de todos, dos novos e dos velhos [...]

Hoje eu posso me consagrar um grande nome do GLS porque eu fiz amigos, todos os que vieram decorar, vieram fazer a iluminação vieram de graça, artistas que vieram fazer show vieram de graça porque, porque eu fui humilde e soube respeitar o direito de cada um [...]. (JULIUS, entrevista à DCM, 2011, *grifos nossos*)

A importância da *Site Club*, da qual Julius tem consciência, é fator que demonstra que também há uma Baixada *gay*, cuja militância é expressiva desde a década de 70. Câmara (2015) relata que o primeiro espaço *gay* oficialmente constituído no Rio de Janeiro foi a “Turma OK”, na Lapa. Criada no ano de 1961 e atuou até o AI5, em 68, quando cessou as atividades, retornando em 1972. Espaços de sociabilidade *gay*, a maior parte masculina, já se evidenciavam desde a década de 50, nas praias de Copacabana e Ipanema, e nos espaços invisíveis da cidade como a Praça Tiradentes e os entornos da Lapa.

Também na Baixada Fluminense, as residências, as praças e os espaços culturais serviam de pontos de encontros de homossexuais e artistas *drags*. No entanto, os grupos militantes só começaram a se constituir na década de 70, sendo o

<sup>98</sup> Reconhecida como a “drag mais desbocada e abusada do país”, já foi ao Programa do Jô, está atuando numa peça chamada “Fortuna pra Dois” no “Teatro Miguel Falabella” e faz shows nas noites cariocas. É interpretada pelo professor de biologia Marcelo Souza. Ver em: SUZY BRASIL.

**Facebook: eusuzybrasil.** Disponível em: <https://www.facebook.com/eusuzybrasil/>. Acesso em março de 2019.

primeiro grupo o “Somos - Grupo de Afirmação Homossexual”, de São Paulo fundado em 78, mesmo ano que no Rio surgia o “Jornal Lampião da Esquina”, assumidamente imprensa gay, com viés político.

O primeiro grupo militante do Rio de Janeiro surgiu na Baixada Fluminense, em São João de Meriti, no ano de 1979. Era o GAAG - Grupo de Atuação e Afirmação Gay, formado em sua maioria por mulheres negras e lésbicas. No mesmo ano, surgiu, também na Baixada, a “Associação de Gays e Amigos de Nova Iguaçu e Mesquita (Aganim)” (CÂMARA, 2015). De acordo com Rodrigues<sup>99</sup> (2004), no GAAG, eram discutidos temas ligados ao preconceito e ações para esvaziar os termos pejorativos utilizados pelos heterossexuais. Foi importante para a fundação do “Somos/RJ”, que compartilhou durante alguns meses a mesma Caixa Postal em Caxias. A autora destaca que, na época, ser gay na Baixada era ser como fora da Lei, então estes espaços de sociabilidade funcionavam como espaços de liberdade e de encontro com iguais, proporcionando uma consciência do grupo.

Em artigo posterior, Rodrigues (2010) pontua que a tolerância brasileira para com os grupos homossexuais e transgêneros só existem a nível do discurso, porque a maior parte das ações dos grupos militantes é mais recreativa do que política. Argumenta que, ao contrário do contingente de pessoas arrastadas pelas Paradas Gays, o movimento LBGTQ nacional “não é capaz de mobilizar qualquer contingente significativo caso se trate de manifestação política, de protesto ou reivindicação, desprovida de trios elétricos, bebida e farra”. (RODRIGUES, 2010, s/p).

A *Aganim*<sup>100</sup>, por exemplo, atua hoje nas campanhas de prevenção de DST's e AIDS, na inclusão de homossexuais no mercado de trabalho e no combate ao preconceito por meio de políticas públicas. Organiza também a *Parada da Diversidade de Mesquita*, sempre noticiada em jornais como o *Extra*<sup>101</sup>, que reúne celebridades, militantes e famílias na região. Também, Nova Iguaçu possui uma *Parada Gay*, da qual Julius é um dos organizadores, levando o grupo para a *SiteClub* no fim da festa.

---

<sup>99</sup> Rita de Cássia Colaço Rodrigues, Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense - UFF, possui uma extensa bibliografia sobre a militância homossexual na Baixada Fluminense e no Rio de Janeiro.

<sup>100</sup> AGANIM - Associação dos Direitos LGBT. Facebook: AGANIMRJ. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AGANIMRJ/>>. Acesso em Março de 2019.

<sup>101</sup> CRUZ, Cíntia. Parada da Diversidade de Mesquita comemora dez anos neste domingo com shows gratuitos. Notícias/Rio. Extra. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/parada-da-diversidade-de-mesquita-comemora-dez-anos-neste-domingo-com-shows-gratuitos-23044503.html>>. Acesso em Março de 2019.

Como pudemos perceber no relato de Julius sobre a fundação da boate, não foi sem luta que os homossexuais conseguiram algum espaço, ainda que esteja longe do ideal de respeito mútuo que tanto enaltece. A *SiteClub*, acolhendo os gays na Baixada, mostra sua importância ao ser um lugar de reconhecimento, de construção de identidades, de invenção de modos de ser. É lugar pra se divertir, se conhecer, namorar, “viver uma vida em harmonia” porque “já tem muitos problemas na rua”, como diz Julius.

É na bolsa dos meninos *gays* que chegam as mulheres que se revelam na pista de dança, uma antiga moradora da região me revelou em uma das diversas conversas informais que tive em minhas visitas conhecer um militar capitão da aeronáutica que se monta, e teve um amigo que ia de Bonsucesso para Nova Iguaçu porque tinha os quatinhos para se montar, ele estava “se descobrindo mulher” e às vezes, bêbada, ia pra casa montada, de modo que os pais acabaram descobrindo a sua orientação sexual.

Eu sou bicha boy, entendeu? E eu me visto de mulher porque assim, eu quero, é..., como é que se diz, me extravasar um pouco, entendeu? Então eu que me extravasar um pouco por quê? Porque esse negócio de ser incubado isso não dá, então pra mim, a mulher, entre parente, meu, a mulher numa parte está dentro da minha bolsa entendeu? Então o que que acontece, eu quero botar ela um pouco pra fora, eu quero botar um pouco pra fora de mim porque eu me sinto bem assim. Eu não sou um travesti, mas eu me sinto, eu quase me sinto porque, porque eu já estou pegando e botando a mulher pra fora. (BORBOLETES DA VIDA)

De dia eu ainda ando igual a um rapazinho, boto boné, vou em Nova Iguaçu, porque eu acho que a ente andar assim 24h não dá certo não! Em pleno calçadão de Nova Iguaçu andar do jeito que eu tô, haha, não dá, haha. Vai levar pedrada, alguém vai falar alguma gracinha, não vai dar certo, entendeu? Eu acho que vou me aborrecer, vou voltar, porque eu volto, não sei o que vai acontecer com a minha atitude [...] Deus me livre pegar o trem, ônibus, assim do jeito que eu tô sozinho. (BORBOLETES DA VIDA)

O que é ser uma bicha boy? É aquela que de manhã é o bofinho, que vai, que fala assim pois não senhor, tudo bom? E a noite chaga aí, E aí mona vamo ferver? E joga o cabelo prum lado, joga o cabelo pro outro, traz sempre uma mulher instantânea na bolsa né ? [...] (BORBOLETES DA VIDA)

Entramos na boate apara explorar seus ambientes, não acostumada a transitar em casas de shows noturnas, fiquei atordoada com o jogo de luzes num ambiente muito escuro e com o som alto que saia da aparelhagem de um DJ. Era o ambiente de música eletrônica. Ao fundo ficava o palco, onde aconteceria mais tarde o show de uma *drag queen*. À direita um bar, aonde alguns grupos de amigos bebiam e meninos jovens se escoravam com seus copos de cerveja na mão. No centro da pista, um



pouco a esquerda de quem entra, havia um queijo, apenas uma travesti se aproximou para utilizar. De frente para o palco, do outro lado da pista, o famoso *dark room*. Após o bar, bem no cantinho, havia uma escada, era o ambiente onde tocava pagode, mas estava desabilitado.

Fomos explorar o outro lado, o ambiente do *funk*, na entrada dávamos de cara para um bar, onde também havia alguns jovens mais tímidos encostados bebendo. Os mais ousados dançavam um pouco mais a frente junto às travestis, montadas. As roupas, em sua maioria eram simples, alguns pareciam que tinham comprado num brechó de Igreja ou ganhado de mulheres que não as utilizavam mais: saínhas de babado, tops, shortinho jeans, blusas coladas com sutiã aparecendo. Nem todos tinham corpos femininos, na verdade, no que pudemos perceber, a maior parte não tinha seios ou silhueta feminina. Na *Site* não há luxo, a bebida avistada em algumas mesas jogadas no canto era o litrão de cerveja

**Figura 11:** SiteClub



**Fonte:**

Facebook: SiteClub

Neste ambiente, havia, de frente para o bar, na parede oposta, um grande espelho, na frente do qual algumas travestis dançavam, jogando o cabelo, exibindo seus corpos e se admirando. É como se aquele espelho reforçasse aquela identidade construída com as roupas femininas, elas não dançavam para os outros, na frente do espelho dançavam para si mesmas. Há uma ligação muito forte entre o espelho e a

identidade, quando não gostamos de nós mesmos não conseguimos no olhar no espelho, assim como não olhamos nos olhos que “são o espelho da alma”.

Pessoas com transtornos psicológicos se veem distorcidas nos espelhos, pois se constroem através daquele espaço heterotópico. Para Foucault (2013, p. 116), o espelho é heterotópico porque é real e irreal ao mesmo tempo, um lugar sem lugar, no qual me olho onde estou ausente e “do fundo desse espaço virtual do outro lado do vidro, eu retorno a mim e recomeço a dirigir meus olhos a mim mesmo e a me reconstituir ali onde estou.”

Hoje, graças a Deus as pessoas, elas engolem, talvez não aceitem pela ideologia do povo, talvez iguaçuanos eles têm esses problemas muito fortes ainda na Baixada, que acha que, tem mais discriminação do que lá embaixo. Lá embaixo você pode andar pintado, montado, é uma coisa às vezes normal, é uma coisa até pitoresca em Copacabana, mas em Nova Iguaçu não é um pitoresco. Nova Iguaçu já acha que é uma afronta, um meio de você agredir as pessoas. Quer dizer ninguém aceita as pessoas como elas são. Então aqui é um novo mundo pra eles, é um mundo deles vivem e se sentir o que eles são realmente. Aqui eles expõem a verdadeira cara, entendeu? Com respeito e com dignidade, mas eles põe a verdadeira cara, eles botam o que eles são realmente. Aqui os que são hétero no meio da rua as vezes são muito mais mulheres do que os que são travestis, entendeu? Então aqui eles põem tudo os que eles querem pra fora. Isso eu faço da minha casa, uma maneira de você viajar no seu próprio mundo, no seu próprio eu, na sua própria condição de ser. Não é isso que eu faço que eles sintam aqui. (JULIUS - BORBOLETES DA VIDA)

No caminho para a boate encontramos um amigo do meu ilustre visitante e companheiro de pesquisa, era um assíduo frequentador do lugar. Morador da Zona Oeste, informou que vinha de longe porque ali era o lugar da liberdade. Ele parecia conhecer a todos, inclusive nos apresentou uma *drag*, linda, alta, exuberante, que de forma muito simpática nos informou que amava aquele lugar, que o Julius era um cara incrível e deveríamos ficar à vontade na casa.

O rapaz mostrava cada espaço com entusiasmo e afirmava que ali não tinha frescura, ninguém o julgava se ficava com homens, travestis ou mulheres, estava ali para ser feliz e viver a vida. Comentou que “homens de respeito”, advogados, médicos, militares, que ninguém diria ser *gay* ou travesti, ali entravam de um jeito e se transformavam. Tamanha complexidade merece um estudo a parte para entender as formas de socialização e de construção da identidade LGBTQIA+ naquele lugar.

Foi neste dia que uma nova visão da Rua da Lama foi se descortinando. Quando cheguei ali a primeira vez acreditava que tudo era a Lama, numa mistura de cores e sons. Mas a Rua da Lama não era tudo. Havia uma divisão muito específica! A Lama era aquela rua lateral, a Luís Sobral, a rua da bagunça, da perdição, da boate

gay comandada por um pai que dá carinho e impõe ordem, de bares de fim de noite que mais parece Sodoma e Gomorra. A Rua que desembocava na praça, a pracinha que esse senhor cuidava, investindo em refletores, pintura, portão e festas para a molecada. Suas informações foram cruciais para entender a dinâmica do lugar, para entender a integração entre comerciantes, frequentadores e moradores.

### 3.2.2 Entre a ordem e a desordem

Resolvi ir à Rua da Lama sozinha desta vez! Sai da aula no campus da UFRJ e fui verificar pessoalmente a tal da “Segunda sem Lei”, que o *Pão e Pizza Matriz* promove, para “terminar com o resto da minha cerveja, vendo o que tem, vamos fazer um pagode a preço baixo e *vamo* fazer pra terminar a bebida, o que tem eu vendo”, conforme relatou o nosso informante. Queria perceber também, se neste dia, tido como dia da preguiça, por ser início da semana para o trabalho, depois do descanso do final de semana, haveria movimento local. Cheguei cedo, por volta das 18h, e peguei os garçons da casa montando o cenário para um *Halloween*, com lanternas penduradas, velas e muito jogo de luz. Reparei que o lugar estava diferente, havia uns três meses que eu não ia na Lama. No início, o *Pão e PizzaMatriz* tinha dois ambientes, um espaço cercado por grades com mesas de bar, daquelas de ferro, e um ambiente cercado por vidro, com a condicionado, onde funcionava a *pizzaria*.

**Figura 12:** “Segunda sem Lei”, *Pão e Pizza Matriz*



**Fonte:** Acervo da Autora

Sempre percebi que a *pizzaria* ficava vazia enquanto as pessoas se espremiavam entre as cadeiras, acho que o informante percebeu o mesmo, Eles retiraram as grades, fecharam o lugar para ficar mais reservado aos clientes e para acabar com a malandragem de quem comprava cerveja mais barata em outros lugares e enfiava no balde. Arrancaram os vidros, acabando com o espaço da *pizzaria*, aumentando o espaço para a dança, e para os namoros.

Retiraram também as mesas velhas com cadeiras e colocou mesinhas altas de madeira para acomodar os baldes de cerveja e combos, sem cadeiras, porque o intuito é mexer o corpo. O lugar estava evoluindo, bem diferente do *Fractal*, que sempre achei o mais bonito e estava com a fachada acabada. A parte de cima, também uma *pizzaria*, havia fechado - coisas de família, disseram as más línguas. O fato, constatado pela fala do informante do *Matriz* é que eles estavam driblando a crise como muito esforço, investimento e conhecimento do público.

A evolução do lugar é interessante para observar a mudança de público pela qual a Lama passou, desde a década de 90. Um dos garçons já havia me contado que, anteriormente, naquela região, havia muitos restaurantes com um público muito família, mas que a chegada do *funk* com o *Aruba'r* havia modificado a dinâmica local,

introduzindo o som alto, que atraia um público jovem, chegado muito mais à bebida e à azaração do que à comida em família.

Em umas das minhas idas à Lama, eu conheci o casal que criou o *Aruba'r*, não são do Rio e hoje não moram na Baixada, afirmaram que levaram o *funk* para o local que carecia de atrativos para o público jovem e cuidam pessoalmente da casa noturna da qual se orgulham ser uma das pioneiras. E foi o barulho do *funk* que motivou o *Matriz* a fazer barulho com o pagode.

O *Aruba'r* quase quebrou a gente, não tinha funk nem pagode aqui, como o som deles era alto atrapalhava a gente que era em volta, porque o som deles era muito alto ficava “tom tom tom”, o pessoal ficava irritado e dizia que não dava pra ficar, daí começamos a competir com o funk. (INFORMANTE MATRIZ)

\*\*\*\*\*

**Há quanto tempo você está aqui na casa?**

12 anos

**Você presenciou muitas mudanças no lugar?**

Muitas não, mudou muito assim o tipo de cliente né?

**Daqui?**

Daqui é isso

**Mudou como?**

Era mais família e agora tá vindo mais o pessoal da bagunça né, pagode funk, era mais é comida e música ao vivo, assim MPB, aí o pessoal foi sumindo e nós foi mudando

[..]

Vou te falar, melhorou muito meu movimento aqui porque coloquei pagode, o pessoal aqui gosta mesmo disso!

**Pagode aqui e funk do outro lado?**

O que fez a gente se transformar numa mini casa de *show* foi isso aí, o *Aruba'r* o bar do lado de lá, não fosse eles [...] (INFORMANTE MATRIZ)

De acordo com o informante, o *Matriz* era *Pinos Restaurante* e chegou a ter uma equipe com vinte e cinco garçons, dois *maitres* e cinco cozinheiros. Hoje não há mais cozinheiros porque o negócio virou bebida e som. Quem procurava o lugar para comer e ouvir um MPB não vai mais. O próprio dono do local, ia mais quando era restaurante porque “odeia funk e pagode”.

Continuando o relato, “há uns cinco ou seis anos atrás tocava tudo, inclusive MPB, e o público era outro, era casalzinho comemorando, pessoas que vinham fazer

festa, agora é o povo da bagunça mesmo”. Bagunça, mas não confusão. Fazem questão de deixar bem claro que é um lugar de respeito, “ó quase ninguém acredita, mas aqui dá mais de mil pessoas e não tem uma discussão, muito raro ter uma briga, muito raro”. É um espaço que acolhe um público composto de casais, pais com seus filhos, até bebês são levados para ouvir um pagodinho, como afirmou o informante: “é tudo misturado, desde o bebezinho ao velho de 70, 80 anos”.

Cara, eu acho que pra mim hoje eu vou te falar, eu dei a volta por cima, trabalhando do jeito que eu tô trabalhando, Graças a Deus, tô dando a sorte, não teve briga, não teve morte, não teve nada, pode ir à delegacia, em qualquer lugar que não tem nada no nome dessa casa.

[...]

**Tem um público cativo que está sempre vindo?**

Tem, a gente conhece muita gente aqui já, tempo que tem aqui né, o pessoal gosta, a gente não coloca *funk* com esse negócio de proibido, xingando, essas coisas não, não aceito não, de vez enquanto o *DJ* coloca, eu falo não vai tocar isso não (risos), fica feio né? (INFORMANTE MATRIZ)

A estratégia utilizada pelo lugar para que não aconteçam brigas é fechar antes do horário crítico: “Muitos saem daqui e vão, não sei como, pra Lama, eu fecho! Deu quatro e meia da manhã eu fecho, pode estar lotado que eu acabo, eu tenho horário, porque depois deste horário que começa os bêbados, as brigas”. Antes da *Rio Sampa* fechar - já reabriu - quando acabava o *show*, o pessoal atravessava a *Dutra* e ia para a Rua da Lama terminar a noite, “tudo bêbado, mistura com os bêbados daqui não dá certo, entendeu? por isso fechar cedo evitava que acontecesse alguma coisa dentro da casa. Para o nosso informante, o povo de Nova Iguaçu é festeiro, frequenta de segunda a segunda, “uns são tranquilos, outros meio rebeldes, o pessoal da madrugada é....”.

Moradoras antigas da região, que encontrei durante o dia sentadas na calçada conversando, já haviam relatado que as brigas costumam acontecer de manhã, “quando a cachaça começa a subir pra cabeça”. Elas estavam insatisfeitas com os jovens que faziam os portões e muros de suas casas de motel e banheiro. Mas falaram muito bem dos bares que ficam no centro, inclusive o *Pão e Pizza Matriz*. “A Lama é que era o Inferno!”

O último estágio da pessoa é ali. Chega bem, começa a beber e sai cambaleando pra rua da Lama porque tem mais mulher, tem travesti, tem drogas, entendeu? Se tá procurando alegria com a é ali! O povo bebe até 9,

10 h da manhã. Pode tá fudido, mas bebe até o último centavo!  
(INFORMANTE MATRIZ)

Conforme vimos, o público do *Pão e Pizza Matriz* é um público diverso, conhecido da casa, que estabelece uma relação próxima com os clientes, tão próxima que às vezes é complicado se tiver que cobrar a entrada para pagar o artista, porque os conhecidos sempre querem entrar de graça. Grupos de renome, como o grupo de pagode *Swing e Simpatia*, saíram dali, de Nova Iguaçu, tocavam no *Matriz* e sempre retornam. “Luciano Becker vem aqui, do *Swing e Simpatia*, eles vêm direto aqui, eles são daqui, eles moram perto”. E reforça, “eu vou te falar, eles são humildes pra caramba, são gente boa mesmo, do nada a gente tá aqui eles aparecem”.

A humildade é um valor muito apreciado pelos responsáveis da casa, que brincam com o exagero do público mais jovem, consumidor dos combos de vodca. Eu havia notado que agarrado na garrafa de vodca havia uma vela do tipo cascata - é uma vela aquilo ali? - Perguntei. “É uma cascata, o pessoal gosta de presepada (risos), isso que eu tô te falando, eles não compram uma comida, mas compra a vodca, o combo, paga caro, não reclama e bebe até...”, e ainda, “só pra dizer que tá com combo na mesa porque gosta de se amostrar”.

Os combos costumam sair mais domingo e segunda, segundo afirmaram, porque nestes dias o dinheiro já está acabando e a vodca bebe a noite toda e também por causa do público mais jovem. Já sexta e sábado é dia de maior saída dos baldes de cerveja. Questionados sobre quem bebe mais, se as mulheres ou os homens, o informante respondeu: “Hoje tá parada dura entre homem e mulher, mulher chega e pega combo de vodca cai pra dentro!”.

Notando que a humildade era um valor, e que havia implícita nos discursos uma crítica moral ao fato de as pessoas gastarem seu dinheiro com bebida e festa em vez de comida, e ainda reclamarem da crise. Uma moradora já havia afirmado: “o povo deixa de pagar a conta de luz pra beber dois litrão”, revelando a falta de compreensão destas festas fora de hora. Busquei relatar a percepção que tive quando entrevistei pela primeira vez os frequentadores dos bares. Mas mal eu havia começado a falar, meu interlocutor entendeu aonde eu chegaria e rebateu de pronto:

**As primeiras vezes eu conversava muito com o pessoal que ficava nos bares né? O pessoal que fica ali no Portuga e tal...**

Tem muita gente que fala aqui, ah! Porque eu num vou no pagode, porque num vou, vejo muita gente assim. Vou lá no Fractal, vou num sei o que, aí começa aqui rolar onze horas, aí quando vai ver tá tudo atravessando, tá tudo

aqui, aquele pessoal de nariz em pé. É porque fica bêbado e não quer fazer vergonha, mas gosta mesmo é da putaria!

**Da última vez eu entrevistei uma rapaziada no *Buteco* e eles falaram “aqui é mais família, mais social...”**

Rico né? Achando que é gente, tudo mentira

**Público vai migrando, né?**

Lá atrás, lá do outro lado, eles vão quando recebem um dinheiro ou tá com pessoal que tá com um dinheirinho, porque lá o poder aquisitivo é totalmente diferente. Aí tem muita gente daqui que vai pra papagaiar, aí vai lá uma vez. Aqui não! Aqui eles vêm a semana toda. Aí vai lá uma vez e acha que aqui não presta, dá pena! Vai toda no salto e chega em casa não tem um emboço na parede, é a realidade. Pessoal fica cheio de não me toques, não tem um emboço, eu ando assim, não tem nada, eu não preciso. [...] eu não gosto de ficar me mostrando pros outros, tenho medo, ainda mais de madrugada, não ando com dinheiro no bolso tenho uma mania feia... (INFORMANTE MATRIZ).

Neste momento entendi que havia um discurso de ordem, outrora percebido nos relatos dos frequentadores, carregado de uma carga moral, que organizava ou orientava os modos de utilizar o lugar. Mas este discurso contrastava com as práticas de uso do lugar, havia um fluxo de movimentação que já me havia sido descrito por um informante do *Churrasquinho do Jorge*. Não era a condição econômica, nem a educação mais conservadora que levava ao público a escolher um lugar e a desdenhar do outro, mas o momento.

Uns frequentavam a “bagunça” quando jovens, outros frequentam quando já estão bêbados e sem os filtros do status social, outros ainda quando estão com pouco dinheiro, ou ainda porque era dia de “soltar as frangas” e não de ficar quieto comendo. A aparente ordem guiada pela razão era desafiada pela desordem da vida. Um garçom do *Rei da Picanha*, contou-me nesta noite que “sabe menina, tem um negão que sempre vem aqui e ninguém dá nada por ele, o cara chega com roupas simples, é muito simpático. Tú tem que ver o carro do negão! E ninguém dá nada por ele!”

**São três tipos de público né? Tem o pessoal do *happy hour*, que chega cedo, que sai das empresas daí vem direto pra cá, ou outros bares também que tem na redondeza e que abre no mesmo horário da gente, que é a partir das sete horas. Então assim, o pessoal sai, largou vem pra cá comer um churrasquinho e tomar cerveja que é o público do *happy hour*. Aí tem um público que é entre oito e meia e nove horas, que é o pessoal da família, né? Não é que o pessoal do *happy hour* não seja família, eles são também, mas é o pessoal que sai do trabalho, antes de chegar em casa, para aqui pra tomar uma cervejinha e ir pra casa. Aí entre nove e meia e dez horas é o pessoal que já chegou em casa, chegou do trabalho aí toma o banho liga pra esposa e diz vamo jantar fora hoje, e é o pessoal mais de família que vem, vem com as crianças, vem com os filhos e é um outro público já diferenciado, ele quer mais comida mesmo entendeu? E tem o terceiro público, que é a madrugada, a madrugada já é mais pesado né? A**



madrugada é o pessoal que já vem de outros lugares por exemplo, não vem... o pessoal tá vindo lá do outro lado, lá eles beberam e não comeram - ah vamo passar no Churrasquinho do Jorge e vamos comer? E para aqui pra comer, então **eles já vêm já meio já animado**, com bebida, mais animado um pouco, vamos dizer assim né? E os outros bares também noturnos que abre aí, e diz, - ah, vamo lá pra Rua da... voltando o assunto desde o início, como diz vamo lá pra Rua da Lama procurar alguma coisa pra comer e a gente fica aberto, aí é aonde o pessoal chega na madrugada depois de uma hora duas horas da manhã - ah vamos lá pra Rua da Lama que tá aberto que sabe que aqui tá aberto a madrugada toda. Ah, a Rua da Lama fica aberta a madrugada toda! O Churrasquinho do Jorge não fecha mais cedo, aí vem e acaba encontrando a gente aberto, aí vem pra Rua da Lama e vem pra cá, o pessoal acaba comendo aqui, aí já é um público mais animado, **um público solteiro que tá procurando uma balada, um povo que já vem da bagunça já, já vem mais animado** (INFORMANTE CHURRASQUINHO DO JORGE, *grifos nossos*)

A pluralidade na qual se funda a existência - porque existo no outro e para outro - se revela muitas vezes naquilo que não é dito, o “inaudito”. Sabemos que o silêncio fala. Como afirma Maffesoli (2014), consoantes não faladas são necessárias para entender as palavras, assim como notas não tocadas constituem a arquitetura sinfônica. Aos “cordatos” essas presenças ausentes dos discursos “esclarecidos” não importam, mas são elas que revelam que há um “rei clandestino”<sup>102</sup> que governa a vida em fluxo. Há a “história manifesta” que orienta os modos de agir e pensar fundamentados pela abstração que constitui o espaço moderno: o indivíduo, o progresso, o racionalismo. Mas há as “histórias secretas” que nos movem do interior, “é a dos afetos, dos instintos, dos sentimentos de pertença, das atrações/repulsas”, que revelam a “erótica social”.

Na visão maffesoliana, a história social vai se inscrevendo em um vai e vem entre o anômico e o canônico. Ordem e desordem se sobrepõem, ora prevalecendo uma, ora outra. Para o discurso moral, que tenta defender a ideia de identidade que assegura a unicidade do indivíduo autoconsciente de seu papel social, aquilo que foge à regra é desvio, é vício, é erro a ser corrigido, sempre no outro. Na prática, o corpo segue o ritmo e é a emoção do momento que rege o reconhecimento do meu corpo no corpo social, no corpo do outro, no território.

Por vezes, o mesmo corpo contido que se reconhece enquanto corpo sóbrio, “sociável” nas mesas dos bares que não tocam música ou que tocam MPB e pop rock é o corpo que levanta para pedir a “moda sertaneja”. O corpo que em outro momento quer explorar a sensualidade do pagode e do funk, e que vai cair nos videokês da

---

<sup>102</sup> Metáfora que tomada da Obra de Simmel, “Sociologie et épistémologie” (1981)

Lama para cantar sua alma. “O tempo acabou. É hora do espaço. O tempo é a marcha. O espaço é a dança. É a hora da dança, dizem sem precisar de palavras os corpos rodopiando entre as cenas urbanas [...]. Danças sobre as ruínas do moderno” (SUSCA, 2018).

Depois de passar um tempo no *Pão e Pizza Matriz*, fui ao *Fractal* para tentar uma entrevista, pois já havia tentado outras vezes, sem sucesso. Confesso que poucas vezes também, me senti atraída a entrar no *Fractal* para beber algo porque o estabelecimento traz em si um aspecto de lugar “chique” e mais “caro” do que os demais, ainda que, pelo abandono da parte de cima (onde era uma pizzeria), a fachada tenha ficado deteriorada. Já havia falado que é o único, exceto as casas noturnas, que fica acima do nível da rua, possui um ambiente um pouco acima do nível da rua.

**Figura 13:** Fractal Music Beer



**Fonte:** Acervo da Autora

Em sua página do Facebook se define como “a melhor opção de entretenimento para música ao vivo da Baixada Fluminense, seja pela qualidade de seus equipamentos, seja pelos brilhantes músicos, sempre escolhidos após análise técnica e comportamental”. É possível observar através das imagens postadas que há uma preocupação em evidenciar os músicos, sempre acompanhadas de textos que reafirmam a qualidade da música e do atendimento.

Afirmam como diferencial o fato de ter música ao vivo todos os dias, música de todos os ritmos, e, de incentivar artistas iniciantes a seguirem carreira, abrindo o espaço para tocarem durante o dia. A comunicação feita para a divulgação da casa

está alinhada ao discurso de nosso informante que, perguntado sobre as estratégias para atrair o público, respondeu:

Aí depende do dia. Sexta e sábado a gente coloca uma pessoa pra abordar quem tá passando na rua, nos outros dias já não tem isso, ou o garçom chama ou já é cliente, porque aqui é o único bar que trabalha com esta linha. Tem ali a *Picanhamas* é um cara que fica tocando a percussão e o tam tam né? Tem o Pão e Pizza que ali é só pagode. Aqui já não! Aqui rola tosos os ritmos, no *Arubar* é só funk e os outros dois não tocam nada. O nome da casa já diz, é *Fractal Music Beer*, música e cerveja, a galera vem escuta música e bebe pra caramba! (INFORMANTE FRACTAL)

Continuamos conversando sobre os públicos diversos que frequentam a região e sobre a mudança o comportamento do público ao longo dos anos. Haveria maior requisição hoje de ritmos mais “populares” como o sertanejo, pagode e *funk*. Cabe lembrar que a referência destes estilos como “populares” por nosso informante, está ligado ao fato de que eles são do gosto da grande massa de consumidores. A distinção feita que “rebaixa” estilos massivos por serem mais “mainstream” não levam em consideração que, músicas como o *rock* e o MPB, também possuem aspecto serial (JANOTTI JUNIOR, 2007).

Para o meu interlocutor, há também uma diferença no perfil do público que depende do horário e do dia da semana, "sexta e sábado, é mais família e tal, MPB, Pop Rock, essa pegada! Depois das 22h, a galera vem pra cá e pede mais sertanejo, samba, pagode. Aí nos intervalos rola *funk*, a galera pede muito também [...]". O pagode e o funk que são apontados por frequentadores que se dizem “sociáveis” como ritmos do “pessoal da bagunça” são pedidos nos intervalos e fins de noite para divertir o ambiente.

Os modos de audição parecem ligados às disputas que envolvem as ideias de consumo musical e audição, ou seja, entre uma escuta atenta, ligado aos padrões de uma “fruição artística”, e uma escuta desinteressada, associada a algumas ideias negativas que rotulam a “música de entretenimento. (JANOTTI JUNIOR, 2007, p.12)

Para Janotti Junior (2007, p.13), as diferenças estabelecidas entre os consumidores de determinados estilos musicais são fundamentadas tanto nas “sensibilidades e cognições sonoras” de cada um como nas suas “apropriações mercadológicas”. O que a distinção obscurece é o fato de a música ser um elemento de fruição, que nos coloca em contato sensível com o coletivo e com o nosso íntimo.

Na música e na dança as emoções extravasam, tocam o “outro” e no colocam na contramão das separações cotidianas.

Não é “ser família” que impede alguns de dançar *funk* ou pagode, mas, talvez a sensação de ordem, de sobriedade, necessários a certa noção do papel de família, que estar sentado à mesa curtindo *pop rock* promove. Todavia, é apenas uma sensação, basta alguns mergulhos numa taça de vinho que o “popular” traz a desordem, expondo os sentimentos que me ligam sensivelmente com o outro.

Nesta noite, já no *Rei da Picanha*, consegui conversar com um artista que tocavam no lugar, o “sertanejo roqueiro”. Era um menino novo, 19 anos, que estava ali a primeira vez para tocar junto com a família. Ele e o pai vivem de música já há algum tempo, e a mãe costuma acompanhar os dois na noite. Vindos de Minas Gerais, os pais se estabeleceram no bairro da Posse, em Nova Iguaçu - onde era a Iguassu Velha - e afirmam gostar muito do lugar, que é um lugar calmo e acolhedor. O rapaz não completou os estudos, mas pretende quando tiver oportunidade. Afirmou que viver de música na Baixada é muito difícil, quando começaram usavam equipamentos alugados pelos bares, mas não conseguiam lucrar. Juntaram e compraram o próprio equipamento que carregam no carro para os bares em que vão tocar.

Um fato que me deixou curiosa e rindo dos meus próprios estereótipos é que o rapaz, nascido no Rio e filhos de mineiros, quer comprar uma fazenda, mas seu estilo do coração é rock. Estranhei o rapaz gostar de rock, mas ele me contava com entusiasmo suas referências quando perguntei: Por que você toca sertanejo? A resposta foi que nem todos os bares deixam o artista escolher o repertório e ele se encaixou naquilo que seria mais viável para o momento. Janotti Junior (2007) também discorre sobre as complexas relações entre o artista e o mercado da música. A autonomia do artista se revela tanto nos processos criativos quanto nas estratégias comerciais de entrega deste produto, gerando uma tensão entre a liberdade para criar e o sucesso no mercado. No caso do artista em questão, entre sua liberdade para tocar o que quiser e a necessidade de sobreviver de música. Nesta tensão, cria-se dentro dos limites, porque deixar de criar, de incutir autenticidade ao trabalho é mal visto pelo público. Se é nos desvios que criamos, cabe ao artista da Lama entrar no jogo da ordem e da desordem.

### 3.2.3 Amanhecendo na Lama

Eu sabia que a noite seria longa. Nunca havia passado uma noite inteira na rua, minha mãe foi uma mulher super protetora, tinha medo dos perigos da rua, principalmente à noite e nunca permitiu que eu me “jogasse na noite” para me divertir. Casei-me cedo, com uma pessoa já cansada das noitadas, tive filhos e acreditava na orientação que ter filhos e família te separam da vida mundana. Numa imagem bem conservadora, ser mãe é se sagrada, separada, segregada do prazer do mundo para a difícil tarefa de educar. Me apeguei muito cedo também a lógica do trabalho, pois “Deus ajuda quem cedo madruga” e não tem como acordar cedo passando a noite na rua. Minha vida teve um enredo bem diferente das imagens que vi na Lama, pessoas com carrinho de bebê dentro do *Matriz* até o pagode acabar.

É fato que não vi crianças depois das 4h na Rua da Lama, nos bares laterais, mas havia casais. Lembrei que minha mãe me levava para os pagodes da vida quando criança, ela costumava me contar que eu ficava no carrinho comendo batata-frita toda feliz enquanto ela sambava. Mas eu cresci e deixei de viver a noite, tive medo da noite, mas desta vez eu ia ganhar a noite ou ela iria me ganhar.

Levei meu amigo de pesquisa, para não caminhar a noite toda só. Como cheguei mais cedo que ele fui procurar o senhor Ademar, que estava feliz porque seu candidato tinha ganhado as eleições. Mostrou-me novamente o documento militar que mostrava seu serviço durante os anos da ditadura, e falava entusiasmado que a ordem voltaria a reinar neste país. Foi comum durante o período de eleições, nas vezes que visitei a Rua da Lama, as pessoas falarem espontaneamente de suas opções políticas. Havia os ferrenhos defensores da “ordem e do progresso”, não por acaso os mesmo que acham a Lama - os barzinhos laterais, povão, “pé-de-chinelo” o lugar da perdição - e também o lado que afirmava que tudo era hipocrisia. Para estes, o comportamento não batia com o belo discurso moral engendrado pelos que acreditam que sabem o que é melhor para o outro.

Este magistério moral — pois é efetivamente de moralismo que se trata — é perigoso. O fato é que, esquecendo o que velhas memórias ensinaram ao senso comum— a saber, que “o inferno está cheio de boas intenções”! —, esquecidos da saudável lucidez de um Heráclito (“brincadeira de criança, as opiniões humanas”), os moralistas de todas as tendências transformam em verdade absoluta os valores culturais de um mundo cuja perenidade está longe de ser urna certeza. (MAFFESOLI, 2004, p. 12-13)

A complexidade da vida, cheia de contradições, não cabe no pensamento que dita as verdades sobre os comportamentos e ações. Como diria Lefebvre (2006), o espaço abstrato não dá consegue enquadrar as dinâmicas cotidianas, o espaço vivido em seus planos bem arquitetados. Maffesoli lembra (2004) que é em nome do “bem” as inquisições queimaram mulheres na fogueira, exterminaram populações, acabaram com as vidas que se contrapunham ao regime cultural aceito território.

É em nome do bem, e de um comportamento moral aceito que não se pode transitar na Lama com os filhos porque conforme afirmou uma moradora “é muito travesti, aí são cenas que criança não pode ver”. Não poder ver por que o olhar toca aquilo que vê, “o olhar faz aparecer o risco do pecado”, então olhar o outro numa situação que não considero moral me ameaça. (LE BRETON, 1998, p. 229). E assim a noite começou me abrindo os olhos para o que não se poderia ver, eu tinha que seguir o fluxo!

Era a primeira vez que eu chegava tão tarde na Lama, quase meia noite. O tempo estava quente, muitas famílias estavam tomando ar nas calçadas. Ainda havia pais brincado com as crianças na pracinha, onde estava tocando um funk das antigas. Sentei no barzinho que tem perto da praça, havia três roqueiros numa mesa ao lado batendo um papo cabeça sobre política e tomando cerveja. Estranhei a cena, nunca havia avistado roqueiros na região - imaginei que eram pelas camisas de banda. Chegaram dois meninos e compraram vodca, mais tarde os encontrei transitando entre a Site Club e o Pão e Pizza Matriz, e por fim estavam na Lama, em frente Billa's Bar, onde rola funk até de manhã. A meninada tem mesmo disposição! Neste instante, meu parceiro chegou e fomos para “miolo” da Lama.

Eu já havia me tornado conhecida do lugar, alguns garçons me viram e começaram a acenar. Alguns me chamaram para perguntar como estava a pesquisa e me atualizar sobre o que descobriram: ali havia um córrego com peixes, laranjeiras, campo de futebol, moradores antigos caçavam jacaré, e o tio de um dos garçons criava bode e cabras. O passado rural da região se descortinava.

Foi neste dia que encontrei uma informante muito importante para a pesquisa, sua avó havia vindo de Pernambuco com alguns familiares na década de 60 e fundou o bairro Maria da Luz, do lado da Lama. Ela casou-se com um português e, aos poucos, foram chamando mais parentes para habitar o local, inclusive uma das vilas

possui seu nome. Andrea<sup>103</sup> me afirmou que morou ali durante muitos anos, e que, tirando a enchente era um bom lugar para se viver, um lugar tranquilo porque se “se criar, morre”.

Da mesma forma que outros frequentadores, me contou que hoje fica mais no *Portuga* e no *Fractal* por causa das crianças, mas já gostou muito da bagunça. Conversando sobre a minha pesquisa, Andrea comentou, com ares de aprovação que achava muito bom porque a Baixada é muito desvalorizada, que a violência existe em todo lugar e que a mídia é responsável por disseminar o medo. Afirmou que prefere ouvir rádio porque pra ela o problema é ver a televisão mostra a imagem que quer. Por isso defendo que novas imagens devem ser criadas e comunicadas sobre a Baixada, porque, como diz Lefebvre (2006):

**A imagem fragmenta; ela é um fragmento do espaço.** Recorte-montagem, eis a primeira e a última palavra da arte das imagens. O erro e a ilusão? Encontrar-se-ão também no olho dos artistas e no seu olhar, no “objetivo” do fotógrafo, no lápis do desenhista e em sua folha branca. O erro se introduz nos objetos que o artista distingue e os grupos de objetos que ele efetua. Se existe ilusão, o mundo óptico e visual dela faz parte integrada-integrante, predador e presa. Ele fetichiza a abstração, norma imposta. Ele separa a forma pura de seu impuro conteúdo, o tempo-vivido, o tempo cotidiano, aquele dos corpos, de sua espessura opaca, de seu calor, de sua vida e de sua morte. À sua maneira, a imagem mata. Como todos os signos. Às vezes, contudo, a ternura e a crueldade de um artista transgredem os limites da imagem. Algo aflora, uma outra verdade e uma outra realidade que as da exatidão, da clareza, da legibilidade, da plasticidade. O que vale para as imagens como para os sons, para as palavras, para o tijolo e o concreto, para todos os signos. (LEFEBVRE, 2006, p.84, grifos nossos)

Pela primeira vez vi uma linha de ônibus atravessar a Lama, Jacutinga o nome, fazendo referência à antiga Província. Sentei um pouco no *Picanha* para olhar o movimento, o *Buteco* estava cheio, com muitos casais, crianças, um público mais velho, duas jovens tiravam selfie. Estranhei que o *Matriz* estava vazio, na verdade o movimento parecia menor. Um garçom do *Churrasquinho* havia me informado que estava tudo vazio porque as pessoas estavam guardando dinheiro para curtir o Carnaval. “Aqui?”, Perguntei. Ele disse que não, a Lama abre, mas não enche, ou as pessoas viajam ou vão para o “Tropical”. No *Picanha* ia rolar um pagode, na verdade o gerente informou que de sexta a domingo é “pagode de raiz”. Ali as pessoas estavam mais à vontade, de chinelo e bermuda, com comida e torre de *chopp* ou balde de cerveja na mesa. Muitas famílias com crianças também.

---

<sup>103</sup> Nome fictício

Neste dia, ratifiquei, pela fala de garçons e gerentes, o que eu já havia notado, “para lotar a casa basta colocar o *chopp* a 3,99 e o balde a 19,99”. Música, bebida e companhia é o que não pode faltar à noite. Estar com o outro para compartilhar o que move a vida, as pulsões vitais: comer, beber, sentir. Pude, neste dia, conversar com mais um grupo de artistas, os que iriam tocar “pagode raiz”. Eles eram de Engenho Pequeno, o rapaz que falou comigo afirmou que tocava “samba”, não pagode. O samba é que é raiz! Perguntei sobre a vida de quem vive de música, meu interlocutor enunciou uma frase que me tocou, “artista na Baixada é visto como vagabundo”. As pessoas estão estressadas e querem ouvir uma boa música para relaxar, mas não valorizavam o trabalho do artista que parece ser pura diversão.

Implícito está o pensamento moderno de que a diversão seria uma recompensa ao trabalho duro destes trabalhadores que ali frequentam, quem vive na diversão é “vagabundo”. O artista também atribuiu a falta de melhoras das condições de trabalho e de valorização à desunião entre os artistas da região, questão que já havíamos visto quando foi discutido a falta de integração entre os coletivos culturais e artistas e a transitoriedade dos projetos. O grupo de samba estava tocando com um equipamento cedido por uma famosa cervejaria.

**Figura 14:** Rei da Picanha



**Fonte:** Acervo da Autora

Saí da Picanha e resolvi andar um pouco pelo lugar. O *Arubar* estava fechado para obras, então lembrei que, em uma das visitas diurnas, eu encontrei um grupo de moradoras sentadas na calçada que conversavam com a dona de um bar um pouco afastado do miolo, e afirmaram se tratar de um bar muito família, de muito respeito, sem confusão. Resolvi que iria visita o *Bar da Bárbara*, ele fica no final de uma outra ruazinha lateral, a qual os jovens costumam fazer de “banheiro e motel”. Fiquei meio



apreensiva de atravessar a rua, como havia pouco movimento estava vazia e escura, mas lá embaixo um “ponto de luz” me deu confiança.

O bar estava praticamente vazio, dois amigos bebendo cerveja de garrafa num lugar que curiosamente misturava cadeiras de madeira com cadeira de escritório forradas. Conversamos com a responsável que uma pessoa muito conhecida e respeitada, a ponto de afirmar que muita gente não frequenta o bar se ela não tiver lá. Ela disse que vai muita família em busca dos caldos que serve, da bebida num ambiente calmo e do videokê, aparelho que descobri ser um sucesso na Lama. Aventurei-me a cantar uma música com meu parceiro de rua/pesquisa, é muito boa a sensação de cantar, como bem diz o ditado “quem canta, os males espanta”. Ao cantar, falamos com o sentimento e não com a razão.

**Figura 15:** Bar da Bárbara



**Fonte:** Acervo da Autora

Saímos de uma Rua Lateral para a outra, fomos à *Site Clube*, já era por volta de 3h da manhã. Na boate paramos no ambiente de música eletrônica primeiro, havia um grupo de amigos junto ao balcão muitos animados, dançando, brincando e bebendo. No meio da pista algumas travestis dançavam com seus *boys* e no canto esquerdo outros meninos dançavam de forma tímida.

O *dark room* estava movimentando aquela noite, tanto que meu parceiro teve a curiosidade de olhar, mas não conseguiu ver nada. As luzes e o som ainda me deixavam um pouco tonta, mas permaneci um tempo para observar. Percebi pela primeira vez, que faltavam meninas *gays* no local, era um espaço *gay* tipicamente masculino. Encontrei uma lésbica mais tarde, mas foi no *Bar do Gilvan*, estava acompanhada de uma amiga e disse não gostar muito das travestis.

Duas cenas me chamaram a atenção neste ambiente, uma travesti velha em pé de frente a uma mesinha de bar, no canto direito perto do palco. Estava sozinha e olhava fixamente pra frente, usava uma meia, saltos, uma saia, uma blusa colada ao corpo e um xale por cima. Tinha uma maquiagem carregada e parecia triste. Todo o tempo que passamos na boate, estava ela lá, na mesma posição, como uma estátua ou elemento decorativo do lugar, via a vida acontecer e contemplava.

A outra cena foi a de uma travesti, bem vestida, corpão com formas arredondadas, cabelos longos que entrou e foi cumprimentada por muitos dos que ali estavam. Percebi que havia ali uma rede de relações que merecia ser investigada, porém eu não teria tempo. Nem todas têm a mesma posição dentro da casa, percebe-se no comportamento, nas roupas, nos cabelos, nas maquiagens e no modo como se relacionar entre elas e com os meninos.

Fui até o ambiente do *funk*, e, da mesma forma que da primeira vez, havia algumas travestis de frente para o espelho, dançando e jogando os cabelos. No meio algumas, dançavam com os meninos. Outros meninos e travestis estavam dançando mais contidos próximos às paredes, onde ficam as mesinhas. Foi neste ambiente que encontrei os dois meninos que haviam comprado vodca no barzinho próximo da praça. Dançavam com outro grupo de meninos, fechados em uma roda. Nem todos os meninos presentes no ambiente interagiam com as travestis, ao que parecia alguns iam ali porque é um lugar acessível, escuro, que dá uma maior liberdade para o corpo se expressar.

As roupas eram simples, meninos de bermuda ou calça, camisa e boné e as travestis variavam, algumas mais produzidas do que outras, provavelmente as que carregam a mulher na bolsa se produzem menos. Enquanto pesquisadora, cobro-me por não ter interagido mais com as travestis que transitavam no espaço, creio que foi um pouco tarde que descobri que elas são peças-chave para o entendimento da Lama. Há um interdito, não decretado, não-dito, mas observável, como é comum na

formação do espaço social, no modo como as travestis transitam pela região (LEFEBVRE, 2006). Sigamos o fluxo!

Saí da *Site Club* e voltei ao miolo da Lama para observar como era a dinâmica do lugar depois, quando se aproximava das 4h da manhã. A música já tinha acabado no *Picanha* há um tempo e as pessoas tinham migrado para o *Matriz*, para aproveitar o pagode. O *Churrasquinho* começava a encher novamente, o *Buteco* já estava fechando, e *Fractal* tinha ainda um público animadinho, dançando, fechando a noite. Um informante do *Churrasquinho*, que virou um amigo durante a pesquisa, havia me descrito como funcionava o fluxo do lugar e como as pessoas vão circulando entre ambientes de comida, de música e de “bagunça”.

**Você sente alguma diferença de público também entre os bares?**

Sim, sim, cada um tem uma clientela diferenciada, tem pessoas que descem do carro e desce, assim, ah vamos pro *Churrasquinho do Jorge*, aí outro pessoal já desce do seu carro, ah vamos pro *Portuga*, ah vamos ali pro *Rei da Picanha* então existe uma diferença sim, porém todos frequentam tudo.

**Vão circulando?**

Vão circulando

**Eu pergunto por que uma vez eu conversado com os frequentadores, os meninos que estavam no Buteco do Portuga disseram, “porque aqui é mais sociável” do que o pessoal que fica na casa de show, eu percebo que eles fazem uma diferença entre eles assim, de ser um público mais sociável porque está quietinho tomando um *chopp* do que o povo que estar lá dançando...**

É porque existe a mistura né? Como em todo lugar tem, você vai na discoteca e tem a menina que é quietinha, tem a menina mais animada, qualquer lugar é assim. Então aqui na redondeza tú tem a *Arubar*, lógico que o público do *Churrasquinho do Jorge* é diferente do *Arubar*, mas tem um pessoal que dá uma passadinha no *Arubar*, como tem um pessoal de lá que dá uma passadinha aqui também. Eles comem aqui e depois vão pra lá pô, entendeu? Ou as vezes sai de lá e vem aqui

**Os objetivos que são diferentes?**

Isso aí...isso aí, mas na verdade o mais importante de tudo é que quem frequenta lá frequenta aqui, quem frequenta aqui frequenta ali, quem frequenta ali frequenta aqui, mas tem aquele público que é fiel mesmo, que sai do carro como eu falei antes, sai do carro vai diretamente pra eles e ficam neles. Como tem gente que vem pra cá só ficam aqui, não vai pra eles entendeu? Tem pessoas que vai pra ali, só vai pra ali, então tem toda. Quando você for entrevistar os outros bares, gerentes, eles vão falar a mesma coisa né, cada um vai puxar sardinha pra sua brasa, isso aí é normal (risos)

**E depois da meia-noite é todo mundo lá né?**

Depois de meia-noite, aí vem o fator da Rua da Lama né? Quando acaba o nosso movimento aqui né? Que cada um tem o seu horário de fechar. Por exemplo, a gente tem o hábito de fechar durante a semana duas, três horas, *Portuga* também é nesta faixa, *Rei da Picanha* também é nesta faixa, praticamente é nosso horário fixo pra fechar. Aí o pessoal da Rua da Lama que já é aquela parte lá, a tão famosa Rua da Lama, eles ficam esperando a

gente fechar pra pegar o nosso público. Porque eles não têm outra opção, eles não têm pra onde ir, o que que eles fazem, eles dizem, ah vamo encerrar a nossa noite na Rua da Lama.

#### **Aí fica até 6h da manhã?**

Seis horas da manhã nada, seis, sete, oito, nove, dez horas. Aí lá já é tipo assim, já é outro tipo de clientela, que é totalmente diferente deste ponto aqui nosso das esquinas, que é o pessoal que vem de outros lugares também, pessoal ANIMADÍSSIMO, que as vezes nem é muita comida é mais é... bagunça mesmo, já é uma parte mais pra bebida mesmo, pra balada mesmo, pra zoação, ali já é mais um local... (INFORMANTE CHURRASQUINHO DO JORGE)

Meu companheiro e eu observamos o seguinte nesta noite específica: As pessoas paravam pra comer no *Churrasquinho* e no *Buteco* no começo da noite ou no fim, vimos alguns também nas carrocinhas de lanche espalhadas pelas ruas laterais e na pracinha. O programa de alguns acaba por aí, principalmente os que iam com a família inteira, incluindo crianças. Descobri posteriormente também, que o *Buteco* tem um valor afetivo para os moradores da região. *Fractal* e *Picanha* também eram opções para comida e bebida, mas com música, cada um a seu estilo. O público, nestes espaços, era misto com famílias, casais, crianças e grupos de amigos. Parte do público destes espaços se juntaram ao público do *Matriz* durante a madrugada. Por volta das 5h, com todos os estabelecimentos do miolo fechando as portas, víamos um pessoal na porta dos bares esperando transporte e outra parte, a maior parte jovens e casais, migravam para a Lama, lama mesmo, a ruazinha da lateral que alguns moradores haviam apontado como o “inferno”.

**Figura 16:** Churrasquinho do Jorge



**Fonte:** Acervo da Autora

Nesta ruazinha lateral, os dois bares perto do miolo já estavam movimentados: O *Bar do Gilvan* e o *Billa's Bar*, entre eles havia o *Billa's Burger*. Sentamos no *Gilvan* para observar a movimentação, ficava no início da rua e dava uma visão ampla do espaço. Alguns bares que tínhamos mapeado no começo da pesquisa tinham fechado as portas, do lado esquerdo de quem caminha do centro para a pracinha, apenas estes dois estavam funcionando.

Do outro lado, o *Sheik Bar* estava reaberto, apenas em baixo com uma mesa de bilhar e um videokê, havia perdido a característica de casa de *show*. No *Gilvan* também havia uma mesa de bilhar, que reunia alguns jovens roqueiros em volta. Sim, roqueiros! Eu jurava que o pessoal do *rock* não frequentava a Rua da Lama, mas outros espaços no entorno voltados exclusivamente para o público. Mas eles estavam lá. Brincavam no bilhar e cantavam no videokê *pop rock* nacional, MPB e singles internacionais. No *Sheik* o clima era o mesmo, jovens disputavam para brincar no videokê, só que no *Sheik* não estavam cantando *rock*, rolava um pouco de tudo, até *Baba*<sup>104</sup>. Os figurinos variavam do sensual, com decotes e shorts curtos, ao desleixado. Alguns pareciam estar a alguns metros de casa, trajando shorts de tãctel, camisa de malha e chinelos.

**Figura 17:** Rua da Lama, a lama mesmo



**Fonte:** Acervo da Autora

---

<sup>104</sup> Música interpretada pela cantora pop brasileira Kelly Key, lançada em 2001, que conta a história da menina que foi esnobada e quando uma jovem sexy mostra ao rap o que ele perdeu.

Logo que chegamos, uma menina veio e se apresentou, ela achou que meu parceiro se parecia com um personagem de desenho animado, falou isso diversas vezes, a cada vez que alguém passava, chamava a pessoa e repetia. Disse de cara que era lésbica e roqueira, que estava ali com uma amiga para curtir a noite. Ela parecia conhecida no lugar, muitos que passavam a cumprimentavam. Entre lágrimas, sorrisos, bebidas e músicas, contou-nos suas decepções amorosas, seu gosto pelo uso da maconha, e a falta de aceitação do seu jeito de ser por parte de seus pais.

Ao falar da maconha, enfatizou o fato de ser uma droga leve, diferente de outras que alguns ali, no bar ao lado usavam. Ela fez referência ao *Billa's* porque manifestamos nossa vontade de ir até lá. “Não é um bom lugar, os travestis ficam tudo ali!”. Fiquei surpresa! De fato, já havia reparado que ao sair da *Site Clube*, as travestis montadas e os meninos que estavam na boate, ficavam ou dentro do *Billa's* bebendo e dançando *funk*, ou em frente, desfilando, brincando e flertando. Mas, por que este problema com as travestis? Para minha mais nova amiga roqueira, o problema era que “elas não eram confiáveis”.

Depois que o *Pão e Pizza Matriz* fechou as portas, parte de seu público foi para Lama e se dividia basicamente entre os bares do *Gilvan* e o *Sheik*, enquanto o público que saía do *Site Club* ia, em sua maioria, para o *Billa's*. Mais uma divisão se impunha naquele espaço, ao menos na aparência. Ficava nítido, com as palavras da menina lésbica roqueira, que se a Rua da Lama, a lama mesmo, era o pedaço da perdição, haveria níveis de perdição. Duas eram as principais fontes da perdição: o *funk* e a travesti. A travesti mais do que o *funk*.

O *funk* ainda poderia ser ouvido nos intervalos das casas de respeito para entretenimento, sem palavrões e imoralidades, era tocado a pedido do público a despeito de o “patrão odiar *funk*”. Como diz a letra dos funkeiros Amilcka e Chocolate “É som de preto, de favelado. Mas quando toca, ninguém fica parado”. É música pra dançar, mas não no espaço que une a juventude, sobretudo negra e carente, depravada e violenta.

O espaço social teria por último fundamento o interdito: o não-dito nas comunicações entre os membros da sociedade - o afastamento entre eles, corpos e consciências, e a dificuldade das trocas -, o deslocamento de suas relações as mais imediatas (a da criança com sua mãe) e de sua própria corporeidade, depois a restituição jamais plenamente realizada dessas relações em um “meio”, série de lugares especificados por defesas e prescrições? (LEFEBVRE, 2006, p.37)

O *funk* trazido na década de 90, quando o movimento desponta no Rio, para a Baixada, pelo casal que criou o *Arubar*, mudou a cena da Lama, incluiu o movimento, aumentou o público jovem que pedia para beber e dançar. Essa juventude, que é estigmatizada como depravada, irresponsável, violenta e imoral pelas gerações anteriores é a juventude que cai na Lama até não aguentar mais.

Sobre o comportamento do jovem pós-moderno, Maffesoli (2004) destaca seu desprezo pela lógica do progresso na vivência de um presenteísmo que joga o corpo na busca pelo prazer, no que tem de mais animal. “A imperfeição, vivendo no presente todas as potencialidades humanas, ainda que fossem as mais arriscadas, as menos morais, seria uma garantia de mais ser” (p. 166). Não que não houvesse a promiscuidade e a violência estivessem ausentes nas gerações anteriores, conforme ouvi em relatos da juventude de frequentadores antigos, o que não estava ausente era a ética do trabalho que para a nova juventude é secundária.

De acordo com Herschmann (2005), o *funk*, ao ganhar destaque midiático na década de 90, foi associado a atividades criminosas como arrastões. Em sua estigmatização, estava posto o fato de ser composto por jovens negros, oriundos de áreas carentes, cujos cenários estão tipicamente atrelados à violência. São jovens que vivem com intensidade o lazer, o sexo, a bebida, as drogas contrariando a lógica do trabalho e da produção.

Ainda que tenha havido certa glamourização do *funk* a partir da apropriação da cultura de periferia pelo mercado para consumo de camadas mais abastadas da sociedade, o *funk* carioca, ainda é considerado “alienante” em contraposição ao *hip-hop*, com suas críticas políticas engajadas. O *funk*, “bastardo” (RINCÓN, 2016) em suas criações que utilizam toda sorte de signo para fazer música, é apresentado como perigo ao comportamento social, a ponto de mobiliar campanhas de criminalização ainda hoje pelos defensores da moral e dos bons costumes.

Já as travestis, essas “não podem ser vistas”. O corpo travesti é o corpo maldito porque transgrede o enquadramento binário de gênero e ameaça a configuração nuclear de família, tão cara a nossa formação cristã-católica, também fere a masculinidade viril, que cria o espaço moderno, e as hierarquias que estruturam nossa sociedade patriarcal. Vimos, nas últimas eleições, estas questões aflorarem com vigor, com proeminência da militância cristã contra a “ideologia de gênero” e o



“kit gay”<sup>105</sup>, utilizados como aporte retórico pela campanha do candidato de extrema direita para chegar ao poder.

Em Outubro, uma transexual foi agredida com socos e uma barra de ferro após responder a comentários ofensivos feitos por quatro homens, num ponto de ônibus, enquanto voltava da *SiteClub*. Vimos que a construção deste espaço gay na Baixada foi uma conquista a duras penas, e que existe uma rede de solidariedade gay na região, com órgãos como a Aganim, que orientou a transexual agredida a registrar queixa. Ainda assim, a esses corpos são interditos a utilização de todos os espaços, porque dentro das invisibilidades impostas ao território baixadense, a visibilidade de seus corpos que incomodam. Invisibilidade maior porque estão ali, são vistos, mas não podem ser vistos.

— Além da vergonha e do medo, tem a sensação de não ser nada. Havia pessoas no ponto de ônibus e ninguém fez nada. Então, por que vou reclamar? Quem eu sou? As pessoas podiam impedir, mas deixaram eles me baterem — lamentou Julyanna, primeira transexual a cantar funk e conhecida no meio artístico como Garota X - Mulher Banana.<sup>106</sup>

Os espaços interditos, esses espaços malditos, heterotópicos, que dividem os corpos e os qualifica, dividem a cena, o espaço permitido para a ação da pessoa e a obscena, o que deve ficar oculto. A fronteira da Lama não é um muro, não é física, é simbólica. O centro do palco, o miolo da Lama, é composto pelos cinco grandes bares, um em cada esquina, onde acontece o ato principal que deve ocultar as práticas obscenas dos desordeiros da madrugada, dos jovens amantes das ruas, dos corpos travestis.

Todavia, conforme afirma Lefebvre (2006) “o espaço não diz tudo. Ele diz, sobretudo, o interdito (ou interdito). Seu modo de existência, sua “realidade” prática (incluindo sua forma) difere radicalmente da realidade (do ser-lá) de um objeto escrito,

---

<sup>105</sup> Como foi chamado o livro do projeto Escola sem Homofobia, parte do programa Brasil sem Homofobia, criado pelo Governo Federal em 2004, que orientava educadores a lidar com questões de gênero e sexualidade nas escolas. Material importante, uma vez que o Brasil lidera o ranking mundial de assassinatos de transexuais. CUNHA, Taís. Brasil lidera ranking mundial de assassinatos de transexuais. **Correio Brasiliense**. Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>> Acesso em Março de 2019.

<sup>106</sup>ZUAZO, Pedro. Transexual espancada na Baixada Fluminense passa por exame de corpo de delito. Extra. Polícia. 11 de Dezembro de 2018. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/transsexual-espancada-na-baixada-fluminense-passa-por-exame-de-corpo-de-delito-rv1-1-23148453.html>>. Acesso em Março de 2019.



de um livro”. Ordem e desordem brincam no espaço, dançam no discurso que aponta sempre o “outro”, mas eu não cheguei no final desta brincadeira.

Não acredito que passei noite na Lama, a noite me ganhou, não vi confusão, apenas um homem bêbado que saiu de carro xingando e quase atropelando o monte de jovens que o cercavam. Eles riam. São seis e meia e eu ainda estou sem sono, vou me despedindo da Lama e as pessoas vão ficando [...]

### 3.3 A Baixada da Lama

Além da tal rua de dois quilômetros, existia em Pirangi um beco sem saída, ao qual chamavam com razão de “Rua da Lama”. Apesar do lamaçal, as senhoras casadas temiam aquela rua de mulheres perdidas.

*Cacau - Jorge Amado<sup>107</sup>*

Era uma vez um povo que vivia à margem...

Vivia à margem da Rodovia Presidente Dutra, à margem da história de Nova Iguaçu, à margem do que é digno para ser considerado pertencente ao Rio de Janeiro, à margem da nobreza dos movimentos culturais engajados.

Era um povo composto por imigrantes portugueses, nordestinos, cariocas, que encontraram um pedaço de terra nos lotes dos antigos laranjais, desprovido de qualquer estrutura, e que resolveu, com pouca ajuda governamental, seus próprios problemas numa rede de solidariedade entre vizinhos.

Um povo que fez o próprio encanamento, que aguentou enchente após enchente, dos anos 60 até o ano passado, e mesmo perdendo o que tinha em casa, não perdeu a dignidade e nem a alegria de festejar as conquistas da vida.

Um povo que presenciou a violência se instalando entre os seus, com as drogas, os assaltos, os tiros. E que comemorou a morte e o sumiço da bandidagem através da “limpeza” do bairro pelas forças locais.

---

<sup>107</sup> No romance *Cacau* de Jorge Amado, escrito em 1933, há uma Rua da Lama, de infelizes prostitutas que acreditam no amor, que rezam para seus santos, ainda que o padre, em seus sermões, com muita hipocrisia as condenem ao inferno. É a história de um trabalhador rural que vai tomando consciência de sua condição e assim, pode lutar por sua classe. Amado, deseja, através do personagem que as prostitutas quebrem os santos e invadam as cozinhas das casas ricas e assim possam ter filhos. A perdição da Lama de Jorge Amado é a condição em que são jogados os trabalhadores pela elite que governa e emprega. Já a Lama de Iguaçu, vejo como um misto de perdição e redenção. Seus moradores, culpabilizados pelas mazelas estruturais do abandono do poder público, ali encontram um lugar para extravasar, para criar laços, para se fortalecer e sentir a vida pulsando na veia. Não sei se é a revolta que vai mudar o mundo, mas sei que é o afeto o elemento capaz de criar possibilidades de vida.

Esse povo não é um único povo! Há os que bebem no bar perto de casa durante o dia, os que gostam de se acabar nas danceterias à noite, os que socialmente bebem e comem nos bares “mais calmos”, os que nem se aproximam do “lugar da perdição”, os que só observam os outros caírem na Lama.

Há os que querem sair “desta terra perdida”, de “gente mal-educada” e “sem perspectiva de futuro” e os que amam o lugar em que “podem ser como são”, sem ter que controlar seu linguajar, seus gestos.

Alguns dizem que tudo é Lama ali, outros que a Lama é só o pedaço onde transitam as travestis, os drogados, os que viram a noite sem ter hora de ir embora. Que a Lama é o inferno, que a Lama é o lugar da alegria, que a Lama é o lugar que cabe todo mundo, que a Lama é libertadora.

Esse povo vive na Lama, viu a Lama nascer, dela participa, viu se transformar e ganhar o *status* de Polo Gastronômico Baixo Iguaçu, viu decair e esvaziar por causa da violência, por causa da crise, por causa da Lei Seca, por causa da chegada de novos bares. E viu a Lama de novo buscar um lugar no coração dos iguaçuanos e do povo da Baixada.

As memórias deste povo, quem registrará? Seus antigos moradores estão partindo, e com eles parte de um lugar que não à toa é chamado de “Lapa da Baixada”, porque era capaz de reunir todos os que queriam diversão, alento, relacionamentos, um lugar para expressar-se.

Dali saíram cantores, grupos musicais, artistas para o Brasil. E ali o Brasil do MPB e do Brega também transitou com Agnaldo Timóteo, Wanderléia, Waldick Soriano. Ali a Baixada gay ganhou espaço para resistir, para se revelar, para voar em direção a liberdade de se assumir sem medo.

Mas uma Lapa tão pobre, às margens da Dutra, num lugar que foi morada passageira de tropeiros, que é lugar de passagem de quem sai de um casamento, de um *show*, de um dia inteiro de trabalho, a Lama democrática, que serve ao fim do mês pra quem está “duro”, merece ter sua história contada?

A Lama não é Lapa. Não é! Não por causa da ausência de vida boêmia e de um grupo intelectualizado que ali fazia sua arte. Não pela ausência de abastados que iam em busca de drogas e sexo. Muito menos pela ausência de efervescência cultural expressa na diversidade de sons, figurinos, gostos e performances.

A Lama não é Lapa porque não contaram sua história. Porque, embora o território simbólico exista na cabeça e no coração do povo baixadense, ele não existe

oficialmente. Não foi resgatado pelos memorialistas, pelos acadêmicos, pela mídia. Não foi estrategicamente construído pela Prefeitura e pelos comerciantes como um lugar criativo.

A Lama não é Lapa porque Nova Iguaçu, embora gigante, e lutando contra todos os estereótipos que o rebaixam a condição de periferia do Rio, ainda é considerado um lugar “feio, distante, violento e sem recursos”. A violência continua sendo anunciada, principalmente depois da instalação das UPP’s - Unidades de Polícia Pacificadora<sup>108</sup> no Rio, que teriam levado toda a bandidagem a se esconder na Baixada Fluminense.

A Lama não tem que ser Lapa! Mas precisa ser mais do que um território invisível. Suas memórias passadas e presentes precisam ser registradas porque constituintes da composição do que é ser Baixada, com todas as mazelas e glórias, contradições e afirmações.

A Lama de Vitória (ES) é notada pela mídia<sup>109</sup>, ainda que nem sempre a repercussão seja positiva. Sexo, drogas, som alto e todo o tipo de transgressão é denunciado. Mas, ainda assim, ela é reconhecida, geograficamente, como rua, academicamente, como objeto de estudo, tema de documentário<sup>110</sup>. Mas é a Lama do entorno de uma universidade, frequentada por alunos e professores. E a nossa Lama? Por que ela é Lama? Qual é a sua importância neste território?

Uma das perguntas que eu fazia todas as vezes que eu ia a Lama era perguntar: por que a Rua da Lama se chama Rua da Lama? As respostas eram diversas, ninguém tinha certeza sobre o nascimento da Lama. Alguns afirmavam que era Rua da Lama, porque, literalmente havia muita lama quando chovia, outros numa versão mais alegre, afirmavam que era porque as pessoas bebiam, dançavam e saiam sujas de lama. Outros ainda asseguravam que era Rua da Lama no sentido pejorativo,

---

<sup>108</sup> Alves (2015, p. 4), apresenta os índices de violência na Baixada, e afirma que “a violência na Baixada Fluminense – RJ vem tornando-se cada vez mais intensa, mais profunda e complexa”. Após a chacina de 2005, na qual 29 pessoas foram assassinadas por policiais, o número de homicídios reduziu voltando a crescer após a implantação das UPP’s em 2012. Para o autor, o tráfico na baixada até então era pouco organizado, mas a partir de então as facções criminosas encontraram na Baixada uma “zona de reestruturação produtiva” reduzindo os custos da operação e delimitando novas áreas de controle.

<sup>109</sup> Verificar subcapítulo 1.3, página 59.

<sup>110</sup>DART, Úrsula. Uma Volta na Lama (de Úrsula Dart) 2010. Canal memória Capixaba. **Youtube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B6HT3vBZXz4>> Acesso em Março de 2019

havia era muito tóxico, era um espaço da bandidagem ou, ainda, porque naquele pedaço rola muita “putaria” e “baixaria” de gente bêbada.

**Última pergunta, sabe por que se chama Rua da Lama?**

Ah porque o povo vem pra cá, fica doidão, fica chapado, aí fica na lama, fica literalmente na lama, todos loucos. (MORADORA)

\*\*\*

**O sr. me contou daquela vez porque se chama Rua da Lama mesmo?**

Porque aqui rolava muito pó rapaz, não era lama não era pó mesmo

**Pó, pó, barro?**

Não, pó (cocaína, drogas)... **ah entendi....** maconha, cocaína

**O pessoal disse que é rua da Lama porque o pessoal enche a cara e fica na lama!**

MENTIRA! MENTIRA!

**Ou então porque tinha muito barro aqui...**

MENTIRA! Aqui tinha muito pó, porra!

(SR. ADEMAR)

\*\*\*

**E você tem ideia do porquê do nome Rua da Lama?**

Segundo algumas pessoas, que eu já perguntei, que fico curioso também, a gente procura saber, é que na época a rua era cheia de lama e tinha uns barzinhos do lado e era lama, não era asfaltado na época, isso há muitos anos atrás, era bem, bem antes dos 14 anos que estou aqui que as pessoas falam que era lama pura, a rua não tinha asfalto, não tinha paralelepípedo nem nada, existia os bares do lado e pessoal falava rua da lama, rua da Lama então que fala, o que contam, mas se verdadeiramente é isso aí eu não sei responder (INFORMANTE CHURRASQUINHO)

\*\*\*

**Por que é Rua da lama?**

Eu acredito que é porque quando chove tudo enche, quando a água abaixa fica um lamaçal d caramba aqui (INFORMANTE FRACTAL)

\*\*\*

A Rua da Lama começa naquela ruazinha que era fechada, a rua não tinha asfalto e o povo bebia jogava gelo no barro e saia com o sapato sujo de lama, bebia até as nove da manhã, se acabava mesmo. (INFORMANTE MATRIZ)

Apesar de não chegar a nenhuma conclusão sobre a origem do nome, as respostas demonstravam os valores atribuídos ao território, pelo conjunto de pessoas que o compunham - moradores, frequentadores, artistas, funcionários dos bares e comerciantes. Assim como a lama, mistura de água e terra, pode ser vista como algo sujo por conter na terra detritos de todos os tipos, também é utilizada como proteção ao sol, como elemento terapêutico. A lama também é alegria, crianças brincam de pular na lama, há eventos nos quais pessoas brigam na lama ou se jogam na lama

para encontrar coisas. Terra e água são elementos que nos integram, que revelam o orgânico que há em nós. Afundar na lama é nos conectar com a “baixeza” que nos constitui enquanto humanos, “baixeza” porque revela o transitório, o imanente a animalidade que foram cortadas dos planos de organização da vida social moderna. O homem é terra, é lama, é húmus, só poderia se encontrar nesta mistura de corpos, de sonhos, de desejos nos quais perde energia para recarregá-la através da vinculação com o outro.

Símbolo dos mais claros do desejo de se estabelecer na terra. Deter o tempo que passa, portador de nossas angústias, ao mesmo tempo encenando as figuras monstruosas dos sonhos infinitos, é efetivamente um paradoxo significativo, o de um enraizamento dinâmico. [...] Assim, o orgasmo musical e as drogas que lhe servem de coadjuvante são um "método" trágico de gritar e viver a eternidade. Uma eternidade imanente, enraizada no húmus. Numa palavra, uma eternidade humana. (MAFFESOLI, 2004, p. 160-161)

Se a Rua da Lama era todo o espaço ou apenas a ruazinha lateral, a resposta dependia do contexto. Em unanimidade, moradores e comerciantes afirmavam que a Lama era a ruazinha do lado, a Luís Sobral, mas que toda a região era conhecida pelo apelido que havia pegado fama. Ter essa referência, um nome é importante na criação do território simbólico. Mas a polissemia do nome, tão diversa quanto as práticas de uso do território, implica na estereotipação, para o bem ou para o mal. Perdição ou alegria, perdição e alegria. A lama é mais que uma referência geográfica, até porque não há registro oficial de uma “Rua da Lama”, a lama é uma referência simbólica, que traduz o imaginário da noite, cujo elemento mais sórdido está sempre implicado no “outro”.

#### **Rua da Lama é só aquela lá?**

Não, na verdade a Rua da Lama tudo isso é considerado a Rua da Lama, o pessoal fala assim é... onde que é o Churrasquinho do Jorge, porque o Churrasquinho do Jorge ele não é de fato na Rua da Lama ele é mais aqui pra parte da esquina, Rua da Lama na verdade é aquela dali

#### **Que é a Coronel alguma coisa?**

É a Coronel Francisco Soares, não Coronel Francisco Soares é essa, aquela ali é a Rua Luís Sobral, na verdade lá que é a Rua da Lama, essa parte aqui das redondezas aqui, a verdade é considerada devido aquela rua ser famosa, aí todo mundo fala assim

#### **Isso há 14 anos já era?**

Já, ah já, chamava, aí as pessoas falam assim onde é o Churrasquinho do Jorge, é na Rua da Lama, onde é o Fractal? Lá na Rua da Lama! Onde é o Tempero Nordestino? Lá na Rua da Lama! Onde é que é o Portuga? Na Rua

da Lama! A referência é tudo na Rua da Lama. Pronto! Na Rua da Lama! Tudo assim referência é rua da Lama. (INFORMANTE CHURRASQUINH DO JORGE)

A Luís Sobral ganhou o apelido de Rua da Lama, aparentemente, na década de 90, quando houve um movimento maior do tráfico de drogas na região. Segundo relatos dos informantes, os anos 90 foram marcados pelo aumento da bandidagem “havia um ninho de cobras perto do encanamento”. Os frequentadores também contribuíam para a fama do lugar “final de 90, a violência tava mais complicada, era muito PM, e eles na madrugada ficam tudo louco”.

A violência e a bagunça haviam afastado as famílias que frequentavam restaurantes e casas de *shows* antigas e importantes no cenário cultural de Nova Iguaçu, como *La Dolce Vita* e *Minuano*. Assaltos, mortes e intensa atividade do tráfico teriam esvaziado o espaço, por isso houve a tal “limpeza” no local. Foi também nos anos 90 que o *Arubar* leva o funk e que Julius cria o *SiteClub*, modificando um cenário “calmo e respeitoso”.

#### **E quando vocês chegaram aqui tinha outros bares?**

Na época tava meio devagar a Rua da Lama, eu lembro que na época eu não trabalhava aqui quando inaugurou aqui, tinha dado uma caída bastante. A Rua da Lama estava queimada por causa dos assaltos que tinha, aquela parte da Rua da lama, falta de segurança e estava meio caído o movimento então depois que o *Churrasquinho do Jorge* veio pra cá aí começou a voltar, família começou a voltar, daí abriu o *Rei da Picanha* também, começou a ter um movimento de novo, aí houve outros bares que começaram a abrir também, daí começou a voltar o movimento normal que era antigamente que tinha na Rua da Lama. (INFORMANTE CHURRASQUINHO DO JORGE)

A configuração atual da Lama, com os grandes bares do miolo, é recente, o Churrasquinho só se estabelece no local em 2001. Pelos relatos, o *Fractal* era antes o “Laranja da Terra”, uma danceteria, com um nome que reverenciava a vocação agrícola e os tempos de ouro em Nova Iguaçu. O *Arubar* era o *Amarelinho*, um lugar para beber e cantar no karaokê, a moradora relatou que iam muitas famílias para cantar, uma das principais diversões da noite, mas a entrada de “meninas” do *SiteClub* em busca de rapazes, afastou os frequentadores habituais. O *Churrasquinho do Jorge* era *Baixo Iguaçu*, segundo a moradora, “saiu no jornal e tudo saiu no jornal e tudo era Baixo Iguaçu era *neon* letreiro azul, mas o *Baixo Iguaçu* era só gente alta”. Voltou a afirmar que famílias abastadas frequentavam *Minuano* e *La Dolce Vita*, locais os quais

seu Antônio<sup>111</sup>, um dos primeiros moradores do Encanamento frequentavam pelo prazer de “ouvir música boa” dos representantes da Jovem Guarda e do Brega.

**Minuano era o que? Um bar?**

Era uma Churrascaria, aí do outro lado a *Rodeio* né? Onde é a Rio Sampa, Aí fizeram *Minuano*, *Fazenda*, *Rio Sampa* antigamente era *Rodeio*, era casa de *show*, vinha os cantores bons Agnaldo Timóteo, Wanderléia, Luiz Gonzaga, Rosemary, vinha tudo aí,

**E aqui? Tinha muito cantor que vinha pra estes bares aqui?**

Aqui não, agora tá vindo pra Rio Sampa, essa semana foi o Ferrugem, encheu...<sup>112</sup>

**Por que chama rua da Lama?**

É por causa da putaria mesmo, não tem lama nenhuma lá não, ali o nome era pracinha e mudaram pra rua da lama.

[...]

**O senhor ia muito ao centro de Nova Iguaçu?**

Eu ia com meu compadre tomar caldo de cana no japonês

**Não tinha o Calçadão?**

Não tinha nada tudo esburacado

Sua família continua aqui?

Continua eu e minha irmã só e meu sobrinho que mora ali

**Seus irmãos moram fora?**

Moram do outro lado

**O senhor gosta aqui deste lugar**

Gosto, graças a Deus eu estou com cinquenta e poucos anos aqui, nunca tive nada, todo mundo respeita a gente, minha família.

**Chegou a trabalhar em outros lugares aqui, na Zona Sul?**

Não! Trabalhei numa oficinazinha, só que depois saí logo, oficina barata, aí fui trabalhar de cobrador de ônibus e fechou também! Fiquei sempre em Nova Iguaçu, daí largava na sexta-feira saia eu e meu compadre bebendo, chegava domingo à noite

**Curtia né?**

É nem vinha em casa não, saia sexta-feira, deixava o dinheiro em casa pra num dar problema e o resto a gente tacava fogo!

**Aqui ou lá pra cima?**

Lá pra cima, lá pro centro, pra Fazenda, pra perto do cemitério.

**Fazenda era onde?**

Na Dutra

**Tem outro nome ou fechou?**

Agora acabou, Fazenda acabou, Minuano acabou, e La Dolce Vita na Dutra era o Fazenda.

---

<sup>111</sup> Nome fictício

<sup>112</sup> Foi o dia da reinauguração do *Rio Sampa*

**Ali vinha o pessoal mais riquinho?**

Muita gente de fora, muita gente de fora mesmo, porque vinha Wanderléia, Luiz Gonzaga, vinha Rosemary, vinha Waldick Soriano, vinha o pessoal tudo arrumadinho aí a gente se arrumava legal e ia pra lá!

**Então esses bares mesmo que tem no meio são tudo novo, década de 90 já?**

É isso, é....

**O senhor frequentava?**

Eu ia, o Minuano, não tinha briga, a gente saía e chegava de manhã, dormia na rua, nas calçadas, em cima das lajes dos outros, eu e ele [o compadre], a gente chagava a cavalo aqui e andava de cavalo no meio da rua. Tinha casa que criava cavalo e a gente andava.

**Já tinha o pessoal LGBTQIA+, já tinha as travestis que andavas aqui?**

O que?

**Os gays?**

Não, não não tinha não! Tinha só um que morava li na esquina só, mas faz anos se mudaram

**Era mais bar e cachaça?**

Bar, cachaça e sinuca (risos) (SEU ANTÔNIO)

Seu Antônio chegou na região em 1966, quando tudo era “um lamaçal”, não havia mais vestígios dos laranjais, “Aqui era um terreno cheio de galho sem fruta, quando cheguei aqui já não tinha mais laranja nenhuma”. As casas e comércios que existiam foram construídos pelo “português”, o que casou com a pernambucana que chegou com dez pessoas, entre filhos, irmãos e vizinhos. Se Antônio contava-me como solucionou os problemas das enchentes brabas que assolavam o lugar “O encanamento era velho, já tava aí, minha casa tava enchendo de água, daí eu cavei aqui e coloquei na manilha deles, não é todo mundo que fez isso não, mas eu coloquei”.

Seu Antônio trabalhava durante a semana e no fim de semana levava uma vida boêmia, vivendo nos bares e dormindo nas ruas. Segundo a moradora que acompanhava a conversa, a Andréa, que conheci no Portuga, as mulheres também farreavam. A tia dela ainda frequenta o Portuga, bebe o dia inteiro com as amigas. Percebi que havia um bar antes do *Portuga*, na Luís Sobral, só que “pra cima”, não “pra baixo”, na Lama, onde ficavam os moradores mais antigos. Neste dia também entendi o valor sentimental do *Portuga* para quem mora ali, no lugar fundado pelo português.



**Figura 18:** Luís Sobral, “parte de cima”, de manhã



**Fonte:** Acervo da Autora

Para Andrea, a Rua da Lama, depois de voltar a bombar nos anos 2000, voltou a decair por causa da desunião dos comerciantes que não se preocupam em melhorar a situação, em fazer uma comunicação melhor do lugar. Outros polos gastronômicos foram nascendo e ganhando força, como o Tropical, “no Tropical não tinha bosta nenhuma era uma praça,[...] agora não, agora já tem lá, agora tem uma adega, tem um bar estilo *Portuga*, mas melhorado, vai atravessar?”.

Mostrou também preocupação com a falta de registro da memória do lugar, que está decaindo, “espero que não vá embora de vez, senão vai ficar na memória” - E quando as pessoas que têm a memória morrerem? - Aí fica morto! Seu Ademar também já havia argumentado que o lugar não vai pra frente por falta de entendimento “Caiu, caiu sim, vou te dizer o seguinte... você dizer que eu não preciso de você e você não precisa de mim é mentira [...]”, referindo-se à forma individual de trabalhar na região.

Nas conversas com os informantes dos bares, havia um consenso nos discursos, de que o movimento havia caído por causa da crise econômica, que fez com que as pessoas deixassem de gastar na rua; do estabelecimento da *Lei Seca*, que se tornou um risco para os motoristas que procurava a região para beber, uma vez que o acesso é difícil; do fechamento da Rio Sampa e da Via Show (em São João de Meriti), porque as pessoas saíam das casas de *show* e paravam da Lama, ou iam antes para começar “os trabalhos”. Como quarto elemento da queda de movimento está a inauguração de outros espaços, mais chiques, mais modernos, mais próximos das casas das pessoas. Tanto que, conforme já vimos, a prefeitura começou a mapear

estas áreas, para divulgar e movimentar a economia. Todavia, este elemento não é um consenso, pois, tanto para o informante do Churrasquinho, quanto para o do Pão e Pizza, os outros polos só ameaçam em parte:

[...] aos bares que abrem, isso não é preocupação, porque tudo é novidade atrai as pessoas, só que ninguém tem o poder aquisitivo de se manter nessas casas que são bonitas sofisticadas e caras. O pessoal vai no início porque muita gente bonita né, muita gente bem vestida, muito legal muito, maneiro, mas não tem condição de toda a semana estar lá. Ele vai uma semana, vamos supor, o mês tem trinta dias né? Vamos botar assim, mas eles vão duas vezes ao mês lá, mas no resto do mês ele vem pra cá porque o poder aquisitivo aqui, as coisas é mais barata do que nestes lugares. Mas lá as pessoas estão mais bonitas, mais bem vestidas estas coisas todas, não que aqui não esteja não, aqui também tem pessoas bonitas, muito, mas o local, tipo assim quando abre a pessoa bota a melhor roupa, o melhor tênis, o melhor cordão, a melhor pulseira, é novidade! O pessoal quer ir pra, as moças começam a fazer os cabelos delas, então eles começam a ir no início, mas chega um tempo elas começam a parar, deixa de ser novidade. Aí pra onde o povo acaba parando? Onde tem muita opção, é Rua da Lama! Então os bares que abrem não incomodam muito não, o que incomoda é a crise, a crise que foi prejudicial pra gente. Os bares que abrem incomodam um tempinho porque tira um pouco da clientela, mas depois volta, porque é tudo conhecido aqui, a Rua da Lama tem uma fama muito grande, Graças a deus! Em termos de violência deu uma melhorada, a gente não tem muito assim incidente, existe um estressezinhas com um e com outro, uma discussãozinha que é normal qualquer lugar tem, até mesmo dentro da família tem, mas sério assim não! (INFORMANTE DO CHURRASQUINHO DO JORGE)

A quase ausência de violência no lugar hoje, presente em todas as conversas, contraria o imaginário sobre a Baixada e sobre a Lama. Inclusive a opção e escolher Nova Iguaçu engloba a questão da segurança porque “Nova Iguaçu é melhor do que Caxias, Belford Roxo, até melhor do que Nilópolis hoje né?”. Nova Iguaçu é visto, pelos que amam a cidade, como um lugar acolhedor. “É isso aqui, o calor humano né? É o bairro, é você, poxa, andar de chinelo à vontade, a gente conhece um ao outro né?”. Características que sempre são postas em contraposição à frieza da Zona Sul, expressa na materialidade dos seus altos prédios e nas relações, “lá, às vezes, você não tem cumprimento você tá no elevador as pessoas as vezes nem te cumprimenta mora no mesmo prédio e não dão um bom dia, um boa tarde”. Uma frase, em particular, me chamou a atenção, por expressar a intensa ligação entre o corpo e o território, entre o que a pessoa é dentro do espaço em que se constituiu.

É, é diferente, são prédios não são casas, então é diferente eu não me adaptaria morar lá eu, fulano, não gostaria de morar lá eu gosto é de Nova Iguaçu! Eu falei com ela também você ir pra Nova Iguaçu, passar um final de semana, você vai achar maneiro, vai achar diferente. Agora morar em Nova

Iguaçu eu falei pra ela você não vai se adaptar,, vai passar mal eu falei pra ela você vai sentir a falta do seu conforto a falta do seu Copacabana do seu bairro da sua área e eu se ficar aqui vou sentir falta do meu lugar então é ado / ado / ado / cada um no seu quadrado. (CHURRASQUINHO DO JORGE)

É na relação com o outro que afirmamos, ou mesmo negamos nossa própria existência. Nova Iguaçu, do calor humano e da falta de estrutura, de gente que batalha e se diverte, merece ser conhecida em sua complexidade. Assim como a tão emblemática de suas contrariedades, a Rua da Lama. Embora seja percebida pelos moradores a falta de investimento em atrativos e em comunicação feita de maneira integrada, para levantar a região, os comerciantes acreditam que apenas sua presença nas redes sociais já basta, porque “ela tem uma divulgação pelo nome próprio dela, mesmo pelo histórico que ela tem de anos. Outro informante afirmou sobre o tipo de divulgação que fazem “*Facebook*, dificilmente rola outro tipo de divulgação em três anos aqui eu nunca vi. Esse mesmo informante argumentou porque a Lama não seria a Lapa de Nova Iguaçu:

**Isso aqui é mesmo a Lapa de Nova Iguaçu?**

A Lapa tem uma riqueza cultural muito grande, você está escutando *rock* e dá dois passos é *reggae*, tú atravessa a rua é *funk*, vai pra ali é *MPB*. Tipo, a diversidade cultural é muito maior do que aqui, aí aqui um bar, é pé sujo do lado, do bar mais elitizado. Na Lapa, tú tá no centrão mesmo, cinco minutinhos você tá em Copacabana, Ipanema, fora as boates também que tem pra lá. (INFORMANTE DO FRACTAL)

Para outros, a Lama é a Lapa de Nova Iguaçu sim, com seus barzinhos um do lado do outro com cerveja e música ao vivo. Conforme já discutimos, comerciantes e governo souberam utilizar a vida cultural da Lapa como aparato mercadológico para promover sua imagem de lugar da boêmia da Baixada. (HERSCHMANN, 2007). Conforme Fernandes e Herschmann (2018) reconhecem, embora a construção dos lugares pela economia criativa no Rio, tenham deixado de fora a complexidade dos lugares, sendo pouco democrática, essa construção não deixa de ter um papel importante para o econômico, o político e o social. A construção de novas representações do espaço e a criação de novos espaços de representação (LEFEBVRE, 2006) é o que falta para uma nova leitura daquilo que é vivido e experimentado na Baixada Fluminense, em Nova Iguaçu, na Rua da Lama.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Coisas que refleti, escrevendo sobre a Baixada:

### 1- Caxias x Nova Iguaçu

Cresci em Nilópolis, minha mãe trabalhava no Hospital Geral de Nova Iguaçu, então conheço bem os dois lugares. Lendo sobre a história da baixada, lembrei os sentimentos associados a cada pedaço daquele pedaço de chão. Nova Iguaçu era um lugar para fazer coisas importantes como comprar roupas novas para datas especiais ou resolver algum problema cuja estrutura das cidades menores não permitia. Saúde era um destes problemas, sempre muito precária na Baixada Fluminense, o hospital que minha mãe trabalhava era referência para a região. Diversão também era coisa para se procurar em Nova Iguaçu, maior em dimensão territorial e em atrações noturnas. Eu sentia a centralidade de Nova Iguaçu para quem mora em Nilópolis e Mesquita, que fica no meio do caminho entre os dois, mas não imaginava que era de Iguassu que a Baixada tinha nascido.

Nunca participei muito de Mesquita, gostaria de sentir melhor sua importância para os moradores. Só lembro que em Nilópolis, lugar de gente “metida” por ser a princesinha da Baixada, casa da escola de samba *G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis*, Mesquita era considerada “perigosa”. O bairro *Chatuba*, famoso nos jornais pela violência, tem um pedaço em Nilópolis e outro em Mesquita, mas para nós, a *Chatuba* de lá é que era o problema! Talvez porque Mesquita tenha sido o último a se emancipar... Pra mim, Mesquita sempre foi passagem, uma vez passando de ônibus, a caminho de Nova Iguaçu, vi um almoço nordestino acontecendo na Rua. Fiquei curiosa. Quem sabe eu investigue mais pra frente!

Vimos que a Baixada nascente tinha dois polos: Nova Iguaçu e Caxias, e duas cidades satélites: Nilópolis e São João de Meriti. Uma vez a minha mãe brigou na escola porque a professora disse que Nilópolis se emancipou de Nova Iguaçu, mas minha mãe bateu o pé que foi de São João. O fato é que sempre senti Nova Iguaçu mais próximo, embora São João fosse do lado. Íamos também à São João de Meriti para comprar roupas. Eu acho que o calçadão dos municípios revela a vida que há neles. O de São João era tão cheio e variado como o de Nova Iguaçu. Mas não tinha a mesma estética, o mesmo clima. São João parecia mais bagunçado, como se a urbanização tivesse ocorrido sem planejamento. O centro de Nova Iguaçu parecia

mais bonito e seus bairros distantes guardavam as características rurais: cavalos, carroças, terrenos baldios. Sei bem, porque parte de minha família é do Jardim Cabuçu, que teve parte do território asfaltado há pouco tempo. Eu tinha família em São João também, não tinha vala e nem asfalto, não parecia cidade de interior e tampouco tinha uma arquitetura moderna. Li que São João e Nilópolis se urbanizaram “desordenadamente” antes de Nova Iguaçu, eram “cidades-dormitórios”, deve ser por isso.

Quando completei dezoito anos, fui trabalhar em Belford Roxo, nunca havia ido lá. Para chegar ao serviço, passava por uma estrada onde ficava a indústria farmacêutica *Bayer*. Atrás do serviço, as ruas não eram asfaltadas e os moradores sofriam com a enchente quando subia. Meus colegas de trabalho contavam muitas histórias sobre a ação do tráfico no lugar da violência que assolava quem morava nos morros. Um padre, amigo meu, assumiu uma paróquia ali para ajudar aquele povo simples que já conta com uma rede de solidariedade. Eu sei, porque li, que Belford Roxo tem música de resistência, também queria saber mais! O que mais lembro do território era ficar esperando, dentro do ônibus, o trem de carga passar demorava muito. E também do centro que não tinha cara de centro, o calçadão parecia uma feira...

Só fui uma vez em Japeri. Parecia um lugar muito distante, tipo daqueles que ficam “no fim do mundo”. Fui por causa de um evento na Igreja que eu participava, era um retiro, parece que Japeri é um bom lugar para se recolher em oração. Estávamos em um sítio, afastado do centro, o que contribuiu ainda mais para que eu sentisse Japeri como um lugar de “interior. Ouvimos histórias dos moradores bem diferentes das que estávamos acostumadas a ouvir como a de uma menina que morreu por picada de abelha. Em Queimados também fui poucas vezes, visitar familiares e cumprir compromissos da Igreja. Eu sempre ouvi que Queimados era um lugar abandonado, do tipo sertão despovoado. Imaginava uma terra árida, com casas muito pobres. Nada disso! Me espantei quando fui à Queimados. No centro não havia uma sujeirinha no chão! Casas grandes e pequenas, pobres e luxuosas. Tem Universidade, cursos, muitos comércios. Cai no preconceito que rejeito. Contraditório? A vida é assim e vamos aprendendo! Preciso conhecer mais de Queimados e Japeri.

E Caxias? Sempre senti que Caxias não pertencia à Baixada e que São João estava mais pra lá do que pra cá. A condução também não ajuda! Ir até Caxias é um sufoco! Ônibus demorado e muito tempo de viagem. Fui à Duque de Caxias algumas

vezes para fazer concursos, parecia que para o Rio a referência de Baixada era lá e não Nova Iguaçu - esse cenário mudou um pouco. Meu percurso em Caxias compreendia a Rodoviária e o caminho até a UNIGRANRIO. O centro é grande e bastante agitado. Em uma das visitas fui à Xerém, que fica mais no interior. Uma vez passei uma atividade em aula e meus alunos achavam que poderiam programar um “safari” pra Xerém. Eu ri! A pracinha de Xerém parece bem acolhedora, gostei mais de lá do que do centro de Caxias. No campus de biotecnologia da UFRJ, os universitários me contaram que a noite é calma, mas eles agitam! No início da pesquisa não consegui explicar essa sensação de não pertencer à Caxias, agora eu entendo. Acho que nossos sentimentos e a forma como vemos as coisas vem desse imaginário que Maffesoli (2018) fala que está aí, na atmosfera que nos circunda. É o que me falaram, o que vi, mas algo mais que eu senti e agora compreendo em parte.

## 2- É preciso falar mais sobre a Baixada

Quando comecei a pesquisa achei que iria falar sobre a Baixada Fluminense com muita propriedade. Conheço muito pouco sobre a Baixada e ainda estou longe de entendê-la! Não conheço nem sua história, nem sua geografia, nem as memórias de seu povo. Saber que existe uma Baixada *gay* e *trans*, a organizada e a desorganizada, que precisa ser ouvida e vista com outros olhos, foi uma gratificante descoberta. A Baixada possui, no geral, um público conservador, tanto da parte das famílias tradicionais que habitavam as fazendas da região, quanto das famílias nordestinas que migraram para fazer na Baixada sua morada. Percebi o quanto o público *trans* ainda é relegado às invisibilidades, limitando o uso do espaço, seu corpo não pode ser visto. Senti falta de ver, neste espaço limitado as mulheres *trans* e *gays*, mas foi fundamental descobrir que o movimento GAAG - Grupo de Atuação e Afirmação Gay, pioneiro na militância *gay* no Rio de Janeiro, nasceu na Baixada e era praticamente só de mulheres.

De uma forma geral, senti falta de conhecer melhor a Baixada das mulheres. Só no fim da pesquisa me dei conta que os protagonistas da cena que estudei eram homens: os artistas, os comerciantes, os moradores antigos, o público. Conversei com poucas mulheres, acho que conversei mais academicamente (nos textos lido) do que em campo. Há uma Baixada feminina e eu quero conhecer! Em umas das buscas que fiz sobre os grupos culturais na internet, me deparei com uma artista que me deixou muito curiosa, seu nome é Xota-K. Uma personagem criada pela Jeosanny Kim, em

2014, que faz apresentações falando abertamente sobre sexo e ministra oficinas de como “tocar siririca” e “fazer sexo oral”. No seu Facebook se apresenta da seguinte forma:

Xota, buceta, xana, xoxota, perereca e tantos outros nomes que são dados e inventados para aquela que representa a feminilidade em sua concepção mais direta, sem rodeios e sem mimimi, Xota K é um personagem que fala abertamente de seus desejos, taras, experiências e visões sobre o sexo (sem muito romance que é pra não perder o foco), afinal, gostamos de sexo sim, e precisamos falar sobre isso!

Ela e outras mulheres, poetizas, cantoras e militantes participaram da festa de 12 anos do Buraco do Getúlio. Os cineclubes foram outras valorosas descobertas. Os cineclubes e os demais movimentos culturais que tentam sobreviver sem recursos e que utilizam os bares e as praças como palco para criar de novas maneiras de se pensar a Baixada e de construir um lugar melhor. Mais do que isso, estes movimentos integram, criam laços, geram trocas que são elementos fundamentais para dar a liga que cria a pertença, a identificação. Eu sempre reclamei da falta de aparelhos culturais - teatro, bibliotecas, cinemas, museus, galerias - na Baixada Fluminense, é como se não tivéssemos direito a estes espaços. E, no fim, cai em nossa conta a tal “falta de cultura”, “falta de gosto” porque não colecionamos livros lidos, peças vistas, nomes de diretores, fatos históricos e exposições visitadas. No fundo, não achamos que estas coisas são mais importantes do que a experiência que fazemos no nosso espaço, nesta cultura bastarda com a qual nos expressamos. Essa cultura feita de misturas, de pedaços das vidas que nos atravessam nas mídias, nas instituições, no encontro com o outro. Preciso conhecer mais a Baixada artística engajada, mas também a Baixada ordinária, bastarda!

É preciso falar mais sobre a Baixada para que eu não tenha mais que justificar que meu lugar é um bom lugar, que tem pessoas que tem dinheiro e não querem sair de lá, que a demora no transporte e a violência são marcas de todo o Estado. Eu falei tão pouco da Baixada! Eu sei que há uma Baixada negra, em algum lugar há memórias dos negros que trabalharam nas fazendas de canas e nos laranjais. Sei que há resistência, conforme demonstrou o *Enraizados*, do jovem negro que busca um lugar de fala e uma oportunidade de mostrar que não é só mérito individual, tem que haver coletividade! Eu sei que há uma Baixada nordestina, que tão pouco apresentei. Ela revela seu rosto de várias formas, no almoço em Mesquita, nas feiras, nas festas da região. A Baixada tem a cara deste povo também, é não são uma coisa só - lembro

da menina, filha de paraibanos apontando, “depois vieram os baianos”, afirmando que eles eram um povo animado!

Vi tão pouco de Nova Iguaçu. Pincelei sua história. Nova Iguaçu é gigante, em todos os sentidos, e a Baixada é maior ainda. O que será que há escondido em Nova Iguaçu, lá em Rosa dos Ventos? - Sempre achei este nome engraçado! - Onde mal tem asfalto. Cabuçu, Marapicu, KM 32 - tenho lembranças vagas destes lugares, sempre passo por lá quando vou para o centro de Nova Iguaçu de Campo Grande, partes de vida urbana, partes de vida rural. As pracinhas parecem ser os elementos centrais, eu poderia estudar as pracinhas! Tudo começa no entorno da praça. Diferente das praças do Centro do Rio de Janeiro e da Zona Sul, nas quais a vida passa calma ou nem acontecem, essas pracinhas têm de tudo: barraquinhas, brinquedos, som alto, bebidas, jovens, crianças, velhos, adultos, camelôs, sempre em festa. E a reserva ambiental de Tinguá? A vida no verão não seria a mesma sem os sítios, churrascos, shows e piscinas com água da cachoeira. O que será que há escondido em Japeri? Em Nilópolis? Em São João de Meriti? Em Queimados? Em Belford Roxo? Em Mesquita? Em Duque de Caxias?

E as tribos urbanas? E os ritmos musicais? Os roqueiros, de todos os estilos, têm uma vida agitada na Baixada, nela toda. Virando as noites nos pubs, bares e no Estúdio B em Nova Iguaçu. A Baixada é roqueira também! Basta lembrar da passarela do rock em Mesquita e pela briga entre Nova Iguaçu e Mesquita pelo *Dia Mundial de Rock*. A Baixada também é dos skatistas, tem uma famosa Praça do Skate, em Nova Iguaçu, a “primeira pista pública da América Latina” inaugurada em 1976. E tem skatistas brigando por melhores condições das pistas, para treinar e representar o país, mas também para se reunir em grupo e se divertir. Tem a Baixada dos *rappers*, dos grafiteiros, dos representantes da cultura black. Também tem a Baixada dos funkeiros. Lembro que, por volta de 2001, saí uma vez escondida da escola para acompanhar um amigo que criou um grupo de funk e iria se apresentar numa rádio em São João de Meriti. Esses grupos eram moda na Baixada, eu mesma quase fundei o meu! E o samba? Não sei se é uma tribo, mas o samba tem força com duas grandes representantes no grupo especial: G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio, de Duque de Caxias e G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis, de Nilópolis. Há pouco tempo, por ocasião do carnaval, uma repórter da Globo afirmou, a pequena Nilópolis acaba de entrar para o mapa cultural do Estado. Como?! Acaba de entrar?! A Beija-Flor foi criada em 1948, possui 14 títulos, o primeiro em 1976 e o último em 2018. A vida nestas quadras pulsa



o ano inteiro, não só pela preparação para o Carnaval, mas pelos projetos que acontecem, envolvendo dança, música, moda, teatro. Se eu, que moro na Baixada, conheço tão pouco e me deixo levar pelos estereótipos que me são apresentados, imagina quem nunca pisou lá. Precisamos falar sobre a Baixada e precisamos logo!

## REFERÊNCIAS

**ABEP** - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. Disponível em <<<http://www.abep.org>>>. Acesso em Maio de 2017.

ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS. Borboletes da Vida - Documentário produzido pela ABIA (2004). **Youtube: nuances - Grupo pela Livre Expressão Sexual**. Publicado em 10 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A0aWrCcrpXk>> Acesso em Março de 2019.

ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma única história. In: **TED**. Disponível em: <[http://www.ted.com/talks/lang/por\\_br/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/talks/lang/por_br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html). Acessado em 10.> Acesso em: 10 de novembro de 2012.

AGANIM - Associação dos Direitos LGBT. **Facebook: AGANIMRJ**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AGANIMRJ/>> Acesso em Março de 2019.

AGUIAR, Neuma. **Hierarquias em Classe**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

ALVES, José Cláudio Souza. **Dos Barões ao Extermínio. Uma história da violência na Baixada Fluminense**. Duque de Caxias, APPH-CLIO, 2003.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. Campinas: Papirus Editora, 1994.

ARISTÓTELES. **De Anima**. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo. Ed. 34, 2006.

ARUBAR MUSIC LOUGE. **Facebook: arubarmusic**. Disponível em: <https://www.facebook.com/arubarmusic/>. Acesso em Março de 2019.

AVATAR. Direção de James Cameron. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2009. 1 DVD (162 min.)

AZULÃO. **Iguassu Velha, Maxambomba e Nova Iguaçu**. Rio de Janeiro: [s.n., 19--]

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 3. ed. Traduzido por Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BARBOSA, Livia. Cultura e Dilema: Ambiguidade, Ética e Jeitinho. In: ROCHA, Everardo (Org.). **Cultura & Imaginário: interpretações de filmes e pesquisa de ideias**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

BARBOSA JÚNIOR, Ademir. **O livro essencial de Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2014. Disponível em: <<<http://cabana-on.com/Ler/wp-content/uploads/2017/08/O-Livro-Essencial-de-Umbanda-Ademir-Barbosa-Junior.pdf>>>. Acesso em: Janeiro de 2019.

BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre Mito e Linguagem**. 2ª ed. Tradução de Suzana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013.

\_\_\_\_\_. Infância em Berlim por volta de 1900. In: BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única. Obras Escolhidas**. Vol. 2. 3ªed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987b.

\_\_\_\_\_. Sobre o Conceito da História. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas. Vol. 1. Tradução de Sérgio Paulo Rouaneut. 3ªed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a.

BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1998

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

\_\_\_\_\_. O Capital Social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afranio. **Escritos de Educação**. Petrópolis, 1998: Vozes.

BUTECO DO PORTUGA. **Facebook: portugabuteco**. Disponível em: <https://www.facebook.com/portugabuteco/>. Acesso em Março de 2019.

BURACO do Getúlio. **Facebook: buracodogetulio** Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/buracodogetulio/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/buracodogetulio/posts/?ref=page_internal)> Acesso em Março de 2019. Ou ainda: BURACO do Getúlio. Blogspot. Disponível em: <<http://buracodogetulio.blogspot.com/>>. Acesso em Março de 2019.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CÂMARA, Cristina. Um olhar sobre a história do ativismo LGBT no Rio de Janeiro “**Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro** . v. 9, 2015, p. 373-396. Disponível em: [http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e09\\_a22.pdf](http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e09_a22.pdf)> Acesso em Março de 2019.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CARVALHO, Gilmar. Vitória de Dionísio: festa, tradição e mercado. In: RUBIM, Linda; MIRANDA, Nadja. **Estudos da Festa**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 33-47.

CASTELLO, José. A espiral de Maffesoli. **Cultura. Valor Econômico**. 28 de Setembro de 2012. Disponível em: <<https://www.valor.com.br/cultura/2847574/espiral-de-maffesoli>> Acesso em: Janeiro de 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. GIARD, Luce; MAIOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano 2**. Morar, Cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1990.

CHURRASQUINHO DO JORGE. **Facebook: Churrasquinho\_do\_Jorge**. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Churrasquinho-do-Jorge/1563038467073770> . Acesso em Março de 2019.

COMBOIO. #ComboiO - [vídeo clipe oficial]. Canal Instituto Enraizados. **Youtube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rw4BQeVshfs>> . Acesso em Março de 2019.

**CPDOC / FGV** - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Biografia de Tenório Cavalcanti. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cavalcanti-tenorio> . Acesso em: Março de 2019.

CRUZ, Cíntia. Parada da Diversidade de Mesquita comemora dez anos neste domingo com shows gratuitos. **Notícias/Rio. Extra**. Disponível em:

<<https://extra.globo.com/noticias/rio/parada-da-diversidade-de-mesquita-comemora-dez-anos-neste-domingo-com-shows-gratuitos-23044503.html>> Acesso em Março de 2019.

CUNHA, Taís. Brasil lidera ranking mundial de assassinatos de transexuais. **Correio Brasiliense**. Disponível em: <<http://especiais.correiobrasiliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>> Acesso em Março de 2019.

DART, Úrsula. Uma volta na Lama. **Documentário**. Disponível em: <https://ruadalama.wordpress.com/tag/rua-da-lama/> Acessado em 30 de junho de 2015.

DCM TV. DCM TV - Programa 003. **Youtube: DiverCidade Maravilhosa**. Publicado em 09 de agosto de 2011. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WiV\\_PG3K\\_Kg](https://www.youtube.com/watch?v=WiV_PG3K_Kg). Acesso em março de 2019.

DESMAIO PUBLIKO. **Blogspot**. Disponível em: <<http://desmaiopubliko.blogspot.com/>>. Acesso em Março de 2019.

DE SOUZA, Claudio Araújo. O lugar de Tenório Cavalcanti na política do Rio de Janeiro: uma análise sobre o ano de 1954. **Mediações-Revista de Ciências Sociais** a. 16, no. 1, 2011, p. 256-274.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995

DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vagalumes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DI STASI, Michele. "La ruedesparades: lesondes tribos". In: **LES CAHIERS EUROPÉENS DE L'IMAGINAIRE**. LA Rue. Paris: CNRS EDITIONS, 2015, p. 266-267.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. Trad. Helder Godinho. 4º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. EUDF, 1983.

ENNE, Ana Lucia Silva. A "redescoberta" da Baixada Fluminense: reflexões sobre as construções narrativas midiáticas e as concepções acerca de um território físico e simbólico. **PragMATIZES** - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, [S.l.], apr. 2013. ISSN 2237-1508. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/10356>>. Acesso em: 05 jan 2019.

\_\_\_\_\_. Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações. **Ciberlegenda – Universidade Federal Fluminense**. Rio de Janeiro, N14,2004.

\_\_\_\_\_. Lugar, meu amigo, é minha Baixada: memória, representação social e identidade. 2002. **Diss. Tese** (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-graduação em Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

**ENRAIZADOS**. Disponível em: <<http://www.enraizados.org.br>> Acesso em Março de 2019.

FERNANDES, Cíntia SanMartin. Corpos sensíveis na dinâmica urbana: interações e sentidos. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira (Org.). **A construção Social das Emoções: corpo e construção de sentidos na comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

\_\_\_\_\_. Territorialidades cariocas: cultura de rua, sociabilidade e música nas "ruas galerias" do Rio de Janeiro. In: **Comunicações e Territorialidades: Rio de Janeiro em Cena**. Guararema, SP: Anadarco, 2012.

\_\_\_\_\_. Raison sensible, expérience sensible: la Galerie du Rock comme un espace de sociabilité. **SOCIÉTÉS**. Science & Motricité (Belgique. Imprimé). , v.109, p.63 - 76, 2010.

\_\_\_\_\_. Co(ro)minicabilidade e sociabilidade : a imagem e a estética como vetores de comunicação-comunhão. IV **ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, BA, 28 a 30 de maio de 2008.

INTERTÍCIO, o 'novo órgão' do corpo humano que a ciência acaba de descobrir. **BBC News Brasil**. 28 de Março de 2018. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43577663>> Acesso em: Janeiro de 2019.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura das bordas: edição, comunicação, leitura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

FOSTER, Edward Morgan. **Howards End**. New York: Vintage Classics, 1989.

FOUCAULT, M. De espaços outros. **Estudos Avançados**, v. 27, n. 79, p. 113-122, 1 jan. 2013.

**FGV- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS**. Centro de políticas Sociais. Disponível em: <<http://cps.fgv.br/>>. Acessado em: 14 de agosto de 2010

FRACTAL MUSIC BEER. **Facebook: fractalmb**. Disponível em: <https://www.facebook.com/FRACTALMB/>. Acesso em Março de 2019.

GEERTZ, Clifford A. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIBOUT, Christophe. "Le Parkour...faire trace dans la ville." In: **LES CAHIERS EUROPÉENS DE L'IMAGINAIRE**. LA Rue. Paris: CNRS EDITIONS, 2015, p. 244-247.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GRIPP, Eduarda Cricco Miranda Barcelos. Simbolismos, memórias e narrativas: redescobrimo a Rua da Lama da década de 1980. **Dissertação (Mestrado em Administração)**. Universidade federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. 2016.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo, Universidade de São Paulo, março de 2005. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38739>>. Acesso em Janeiro de 2019.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: do " fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil antenado: a sociedade da novela**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

HARVEY, David. **Paris: capital da modernidade**. Trad. Magda Lopes. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia SanMartin (Orgs). **Cidades musicais: comunicação territorialidade e política**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

\_\_\_\_\_; FERNANDES, Cíntia SanMartin. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. Ebook (gratuito), São Paulo: INTERCOM, 2014. Disponível em: <<<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/f1c7226546b1dadd519109a7319a6c55.pdf>>> Acessado em 30 de junho de 2015.

\_\_\_\_\_; FERNANDES, Cintia SanMartin. Potencial movente do espetáculo, da música e da espacialidade no Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, Ana P. G.; FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael. (orgs.) **Entretenimento, Felicidade e Memória: forças moventes do contemporâneo**. Rio de Janeiro: Anadarco, 2012.

HERSCHMANN, Micael. **Lapa, cidade da música**. Desafios e perspectivas para o crescimento do Rio de Janeiro e da indústria da música independente nacional. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007

\_\_\_\_\_. **O funk e o hip hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JANOTTI JUNIOR, Jeder. Cultura Pop: Entre o popular e a distinção. In: SÁ, Simone Pereira; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogerio (Org.). **Cultura Pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015.

\_\_\_\_\_. Música Popular Massiva e Comunicação: um universo particular. **Interin**, vol. 4, núm. 2, 2007, pp. 1-16. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5044/504450757007.pdf>. acesso em Março de 2019.

KELNNER, Douglas. Cultura da mídia e triunfo do espetáculo. Em: MORAES, Dênis de (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

LA ROCCA, Fabio. A encenação do corpo e suas formas expressivas na cidade. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira (Org.). **A construção Social das Emoções: corpo e construção de sentidos na comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

**LALU LOUNGE**. Disponível em: <http://www.lalulounge.com.br/#intro>. Acesso em Março de 2019.

LE BRETON, D. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4 e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006

LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do imaginário**. Porto alegre: Sulina, 2007

LINS, Marina Navarro. Nacib Farah, de Nova Iguaçu, foi um dos maiores amigos da cantora Dalva de Oliveira. É ele quem mantém seu acervo. Notícias. **Extra**. Disponível em: <<<https://extra.globo.com/noticias/rio/nacib-farah-de-nova-iguacu-foi-um-dos-maiores-amigos-da-cantora-dalva-de-oliveira-ele-quem-mantem-seu-acervo-10168120.html>>> Acesso em: Março de 2019.

MAFFESOLI, Miche. **Homo eroticus**: comunhões emocionais. Trad. Abner Chiquieri; revisão técnica Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

\_\_\_\_\_. I. A terra fértil do cotidiano. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia. v. 15. n36. 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4409>. Acesso em Novembro de 2018.

\_\_\_\_\_. Ética da Estética. In: **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Mistério da Conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005 (a).

\_\_\_\_\_. **A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Tradução: Rogério de Almeida. 2 ed. São Paulo: Zouk, 2005 (b)

\_\_\_\_\_. **A Parte e do Diabo**. Trad. de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

\_\_\_\_\_. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **O Tempo das Tribos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MAIA, João. Michel Maffesoli e a cidade partilhada. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 26, PP77-85. Abril de 2005.

\_\_\_\_\_. Réveillon de Copacabana: territorialidades temporárias. In: **Comunicações e Territorialidades: Rio de Janeiro em Cena**. Guararema, SP: Anadarco, 2012.

MAIA, Priscila Nunes Fraga; RODRIGUES, Adrianno Oliveira. A cidade (re)partida: um breve estudo sobre as emancipações da cidade de Nova Iguaçu e a formação da região da Baixada Fluminense. In: **15º Congresso da Associação Portuguesa de Desenvolvimento Regional. UniPiaget**, Cidade da Praia, Cabo Verde. 6 a 11 de julho de 2009

MAGELLA, Jonatan. Velha Iguassu/Nova Iguaçu. Poesia. **Baixada Fácil**. Disponível em << <https://baixadafacil.com.br/poesia/velha-iguassu-nova-iguacu-23L4.html>>> Acesso em Janeiro de 2019.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. (Introdução). São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARCÃO DA BAIXADA. **Baixada em Cena**. Rio de Janeiro: Pitanga Audiovisual, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2RBOtxjbpHc>>. Acesso em Janeiro de 2019.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Ofício de Cartógrafo: travessas latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

MCCRACKEN, David. **Cultura e Consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 33-63, Dec. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832007000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 05 de Agosto de 2018.

MIGUEZ, Paulo César. A festa: inflexões e desafios contemporâneos. In: RUBIM, Linda; MIRANDA, Nadja. **Estudos da Festa**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 205-216.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **Cultura de massas do século XX: o espírito do tempo I: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.

NASCIMENTO, Clarissa Staffa. 'Além da imagem' experiências e memórias populares através da TV Maxambomba. **Dissertação (Mestrado)**. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2009.

NOVA IGUAÇU. **Mapa de Cultura RJ**. Municípios. Disponível em: <<http://mapadecultura.rj.gov.br/cidade/nova-iguacu>>. Acesso em Janeiro de 2019.

PÃO E PIZZA MATRIZ 2.0. **Facebook: paoepizzmatrizoficial**. Disponível em: [https://www.facebook.com/paoepizzmatrizoficial/?\\_\\_tn\\_\\_=%2Cd%2CP-R&eid=ARAwJ5qLtBabrCzBR4Slb\\_IIXq5w3RPz1PRkfNI52N\\_RNwCSlboiCNQY27TZ5E5CN33ai-OBf4xp6x1h](https://www.facebook.com/paoepizzmatrizoficial/?__tn__=%2Cd%2CP-R&eid=ARAwJ5qLtBabrCzBR4Slb_IIXq5w3RPz1PRkfNI52N_RNwCSlboiCNQY27TZ5E5CN33ai-OBf4xp6x1h). Acesso em Março de 2019. PARISI, Vittorio. "L'artdu non lieu, l'artduliuecommun: pour une nouvelle poétiquesteshétérotopies". In: **LES CAHIERS EUROPÉENS DE L'IMAGINAIRE**. LA Rue. Paris: CNRS EDITIONS, 2015, p. 272-275.

PEQUENO **Catecismo da doutrina cristã**. Disponível em: <<<https://www.igrejacatolica.org/pdf/catecismo-da-doutrina-crista.pdf>>>. Acesso em: Janeiro de 2019.

PINHEIRO JUNIOR, Jefte da Mata. A Formação do Pt na Baixada Fluminense: um estudo sobre Nova Iguaçu e Duque de Caxias. **Dissertação (Mestrado em História)**. Universidade Federal Fluminense, 2007.

PIRÃO DISCOS. **Facebook: piraodiscos**. Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/piraodiscos/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/piraodiscos/about/?ref=page_internal)> Acesso em Março de 2019.

PRATT, Andrew. **An economic geography of the cultural industries**. London: LSE Research Online, 2007.

\_\_\_\_\_. The Cultural Economy: A Call for Spatialized 'Production of Culture' Perspectives. **International Journal of Cultural Studies** 7, no. 1, March 2004, p. 117–28. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1367877904040609#articleCitationDownloadContainer>> Acesso em Outubro de 2017.

PREFEITURA DE NOVA IGUAÇU. O Circuito Gastronômico e Cultural de Nova Iguaçu. Notícias. **Jornal Extra**. 26 de junho de 2018. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/eu-sou-nova-iguacu/o-circuito-gastronomico-cultural-de-nova-iguacu-22822031.html>>. Acesso em Março de 2019.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>>. Acesso em: 05 Janeiro de 2019.

OBICI, Giuliano. **Condição da escuta**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.



O'DOUGHERTY, Maureen. Middle Classes, Ltd.: Consumption and Class Identity during Brazil's Inflation Crisis. **Tese de Doutorado**, Departamento de Antropologia/City University of New York, 1997.

O GRANDE RIO E A BAIXADA FLUMINENSE. Divisão regional. Informações sobre territórios. **CEPERJ**. Disponível em: <<[http://www.ceperj.rj.gov.br/ceep/info\\_territorios/divis\\_regional.html](http://www.ceperj.rj.gov.br/ceep/info_territorios/divis_regional.html)>> Acesso em: Fevereiro de 2019

OLIVEIRA, Luiz Albert. Biontes, bióides e borgues. In: Novaes, Adauto (Org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

ONOFRE, Leonardo de Freitas. Baixada Cultural: os coletivos e as redes de produção cultural independente na região. **Trabalho de Conclusão e Curso (Especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação)**. Instituto Federal do Rio de Janeiro, 2015a.

\_\_\_\_\_. No balanço do trem: as múltiplas representações sobre a Baixada Fluminense através da música. **1º Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa**. Universidade de Lisboa, 2015b.

\_\_\_\_\_. Entre convergências sociais e virtuais: a produção cultural da Baixada Fluminense através das mídias. **ENECULT**. Universidade Federal da Bahia, 2014.

\_\_\_\_\_. A circulação de artistas e produtores culturais nos espaços dos bares no centro de Nova Iguaçu: o caso do Daniel's Bar (1989-1996). **Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História)**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto Multidisciplinar, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO Experimental org: Ed 34, 2005.

REGIS, Fátimas; MESSIAS, José. Comunicação, tecnologia e cognição: rearticulando homem, mundo e pensamento. In: REGIS, Fátima et al (Orgs.). **Tecnologias de comunicação e cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

REI DA PICANHA. **Facebook: reidapicanharestaurante**. Disponível em: <https://www.facebook.com/reidapicanharestaurante/>. Acesso em Março de 2019.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Outros territórios, outros mapas. In: **OSAL: Observatório Social de América Latina**. Ano 6 no. 16 (jun. 2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005

RINCÓN, Omar. O popular na comunicação: culturas bastardas + cidadanias celebrities. **Revista ECO-Pós**, [S.l.], v. 19, n. 3, p. 27-49, dez. 2016. Disponível em: <<[https://revistas.ufrj.br/index.php/eco\\_pos/article/view/5420](https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/5420)>. Acesso em: 05 janeiro 2019.

ROCHA, André Santos. Nós não temos nada a ver com a Baixada! - Problemáticas de uma representação hegemônica na composição do território. **Recôncavo: Revista de História da UNIABEU**, v. 3, no. 4, 2013, p. 1-22 Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/reconcavo/article/view/1063>. Acesso em Janeiro de 2019.

ROCHA, Everardo. **Jogo de espelhos: ensaios de cultura brasileira**. 3ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

\_\_\_\_\_. **Magia e Capitalismo**: um estudo antropológico da publicidade. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ROCHA, Natália de Andrade. **Ser ou não ser: nova classe média, consumo e comunicação**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. PUC-Rio / CCS, 2013.

\_\_\_\_\_. FERNANDES, Cíntia SanMartin. Rua da Lama: espaço de entretenimento e celebração em Nova Iguaçu. XXXVIII **INTERCOM – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 04 a 07 de setembro de 2015.

RODRIGUES, José Carlos. Uma paixão cega pelos meios visuais. In: **Comunicação e significado: escritos indisciplinados**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Mauad X, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ensaio em Antropologia do Poder**. Rio de Janeiro: Terra Nova Editora, 1992.  
RODRIGUES OLIVEIRA, Adrianno. De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-90's): economia e território em processo, Dissertação (**Mestrado em Planejamento Urbano e Regional**) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SPANG, Rebecca L. **A invenção do Restaurante**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Trad. Maria Cecília França. Série Temas, v. 29. São Paulo: Editora Ática S.A. 1993.

RUFINO, L. Pedagogia das Encruzilhadas. **Revista Periferia**, v.10, n.1, p. 71-88, Jan./Jun. 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/31504>> Acesso em Janeiro de 2019.

SANTOS, Andreza Patricia Almeida dos. Quando a Baixada também é Brasil: Um Estudo de Caso da Baixada Imaginada em Senhora do Destino. **Dissertação (Mestrado)**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2017.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

\_\_\_\_\_. "O território e o saber local: algumas categorias de análise". In: **Cadernos IPPUR**, Vol. XIII, N° 2, 1999

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal** Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, Daniel. A Boêmia da Baixada. **Blogspot**. Post de 25/05/2008. Disponível em: <http://danielsantos087.blogspot.com.br/> Acessado em 30 de junho de 2015.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SEBRAE. Painel regional: Baixada Fluminense. **Observatório Sebrae/RJ**. Rio de Janeiro : SEBRAE/RJ, 2015. Disponível em: <[http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RJ/Anexos/Sebrae\\_INFREG\\_2014\\_BaixadaFlum](http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RJ/Anexos/Sebrae_INFREG_2014_BaixadaFlum)> Acesso em Novembro de 2018.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. **Carne e pedra**. tradução de MarcosAarão Reis. - 3ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2003.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Construção Social das emoções e produção de sentidos na comunicação. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira (Org.). **A construção Social das Emoções: corpo e construção de sentidos na comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SILVA, Alessa Patricia Dias da. O imaginário da Lapa: apogeu, decadência e reconstrução. Orientador: Renato Cordeiro Gomes. **Dissertação** (mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2014.

SILVA, Lúcia. Baixada Fluminense como vazão demográfico? População e território no antigo município de Iguaçu (1890/1910). **Rev. bras. estud. popul. [online]**. 2017, vol.34, n.2 [cited 2019-05-05], pp.415-425. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-30982017000200415&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982017000200415&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em Novembro de 2018.

\_\_\_\_\_. Freguesia de Santo Antônio da Jacutinga: um capítulo da história da ocupação da Baixada Fluminense. **Revista UNIABEU**, Nilópolis, v. 9, n. 21, 2016. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/view/2280>.> Acesso em Novembro de 2018.

\_\_\_\_\_. De Recôncavo da Guanabara a Baixada Fluminense: leitura de um território pela história. Recôncavo: **Revista de História da UNIABEU**, Nilópolis, v. 3, n. 5, 2013. Disponível em: <<https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/reconcavo/article/view/1280>> Acesso em Novembro de 2018.

SIMMEL, G. Pont et Port. **Cahier de l'Herne**. Paris: Ed. de l'Herne, nº 45, 1983.

SITECLUB NOVA IGUAÇU. Facebook: **siteclube.novaiguacu**. Disponível em: <https://www.facebook.com/siteclub.novaiguacu/>. Acesso em Março de 2019.

SOCIÓLOGO Michel Maffesoli fala da retomada de manifestações juvenis. Cultura e Lazer. **GaúchazH**. 12 de Abril de 2013. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2013/04/sociologo-michel-maffesoli-fala-da-retomada-de-manifestacoes-juvenis-4105060.html>> Acesso em: Janeiro de 2019.

SOUZA, Amaury, LAMOUNIER, Bolívar. **A Classe Média Brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade**. Rio de Janeiro: Elsevier; Brasília, DF: CNI, 2010.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores Brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

SOUZA, Sonali Maria. **Da laranja ao Lote**; transformações sociais em Nova Iguaçu. Rio de Janeiro. **Dissertação (Mestre em Ciências Antropológicas)**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional, 1992.

SUZY BRASIL. Facebook: **eusuzybrasil**. Disponível em: <https://www.facebook.com/eusuzybrasil/>. Acesso em março de 2019.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **The poverty of theory and other essays.** London: Merlin, 1978.

VARELA Francisco J. **Conocer Lasciencias cognitivas:** tendencias y perspectivas. Cartografía de las ideas actuales. Barcelona: Gedisa, 2005.

\_\_\_\_\_; THOMPSON, Evan e ROSCH, Eleanor. **A Mente Corpórea:** Ciência Cognitiva e Experiência Humana. Lisboa: Instituto Piaget, 2001

ZUAZO, Pedro. Transexual espancada na Baixada Fluminense passa por exame de corpo de delito. **Extra.** Polícia. 11 de Dezembro de 2018. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/transexual-espancada-na-baixada-fluminense-passa-por-exame-de-corpo-de-delito-rv1-1-23148453.html>>. Acesso em Março de 2019.